

UNIVERSIDADE DO ALGARVE  
FACULDADE DE ECONOMIA

***Place attachment* dos residentes de uma vila  
piscatória em transição: A ligação dos residentes da  
Fuzeta com a Ria Formosa**

FLÁVIO MIGUEL DE SOUSA ALEIXO

Dissertação de Mestrado em Sociologia

Trabalho efectuado sob a orientação de:  
Professor Doutor João Filipe de Jesus Marques, Universidade do  
Algarve.

**FARO**  
**2019**

***Place attachment* dos residentes de uma vila  
piscatória em transição: A ligação dos residentes da  
Fuzeta com a Ria Formosa**

Declaração de Autoria do Trabalho

Declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Flávio Miguel de Sousa Aleixo

.....

© Copyright: Flávio Miguel de Sousa Aleixo.

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

## **Agradecimentos**

Não sei se pela idade que sinto ter, pelo estado de saúde que tenho ou simplesmente por estar muito afastado da minha zona de conforto, fazer esta “coisa” foi muito mais complicado do que eu tinha previsto. Agora, depois de terminada a façanha, devo alguns agradecimentos. Em primeiro lugar, ao meu filho mais velho, Luís Aleixo, que foi o único responsável pelos meus primeiros passos no longo e interminável caminho da Sociologia. Agradeço a todos os professores que partilharam o seu conhecimento comigo, especialmente nas aulas de mestrado. Agradeço ao meu orientador, o professor João Filipe Marques, por ter acolhido alguém de outro tempo e de outra área científica, pelos seus conselhos e pelas suas inúmeras correções. Agradeço também aos entrevistados, meus conterrâneos, sem os quais isto não teria sido possível e à empresa Passeios da Ria Formosa, pela cedência de algumas fotografias que ajudaram a enriquecer esta dissertação. Deixo para o fim o que me é mais importante: agradeço à minha “gigantesca” esposa, pedra basilar da minha existência e de tudo o que sou e faço.

Então a ria de Faro, quando está espelhada e serena como um lago dormente, é um deslumbramento vista ao clarão desses ocasos gloriosos, jorrando uma luz offuscante que se estampa na paizagem e no espelho das águas em matizes da mais caprichosa phantasia, em tonalidades polychronicas n'um predomínio do ouro ardente, até que o horisonte se inflamma n 'um intenso rubor sanguíneo, transfigurando magicamente a vasta lagôa, como se as suas águas crystallinas, luminosas, se tingissem de viva purpura, ao mesmo tempo que, no mais intenso da cyclopica labareda, os barcos vogando ou estanciados na esbrazeada superfície, salamandras enormes vivendo no fogo, assumem um aspecto phantastico envoltos n'aquelle incendio limpido e inofensivo.

Júlio Lourenço Castilho, O Algarve, Porto, 1894

*in* CMF, 2018

## Resumo

A análise pelas ciências sociais, da relação que os indivíduos estabelecem e mantêm com os lugares intensificou-se na segunda metade do século XX e o conceito de apego ao lugar é um dos mais utilizados para descrever essa relação. Este trabalho teve como objetivo principal a compreensão da relação que os residentes da Fuzeta estabelecem com a Ria Formosa aquando das suas atividades e experiências. No entanto, apesar da abundante utilização do conceito de apego ao lugar, a fase de desenvolvimento conceptual em que este se encontra e a inexistência de trabalhos em Portugal sobre o apego a Parques Naturais lagunares, como o Parque Natural da Ria Formosa, revestem este trabalho de um carácter exploratório e levaram à necessidade de propor uma definição própria e uma operacionalização mais globalizadora. Assim, partiu-se do entendimento de que o apego ao lugar são os apegos dos indivíduos aos lugares que decorrem de processos de atribuição de significados importantes e ligações afetivas aquando de atividades e experiências que estes desenvolvem, já desenvolveram ou esperam desenvolver com os elementos físicos, sociais ou culturais de um ou mais lugares, envolvendo também a preferência pelo lugar, a perceção da sua insubstituibilidade e os aspetos que podem aumentar, enfraquecer ou quebrar o respetivo apego. Foram entrevistados 26 residentes da Fuzeta que praticam uma ou mais atividades de lazer ou profissionais e os resultados indicam que estes têm um forte e multidimensional apego à Ria Formosa. Esse apego está relacionado com significados, valores, emoções, sentimentos, preferências e perceções de insubstituibilidade do lugar ancorados em elementos físicos, sociais e culturais do lugar ou em combinações desses elementos.

Palavras-chave: espaço, lugar, apego ao lugar, disrupção.

## **Abstract**

The social sciences' analysis of the relationship that individuals establish and maintain with places intensified in the second half of the twentieth century and the concept of place attachment is one of the most used concepts to describe this relationship. This work aimed to understand the relationship that Fuzeta residents establish with Ria Formosa during their activities and experiences. However, despite the abundant use of the concept place attachment, its current conceptual development and the lack of work in Portugal using this concept to analyze the attachment to lagoon Natural Parks, such as the Ria Formosa Natural Park, make this work exploratory in nature and led to the need to propose a new and globalizing definition and operationalization of this concept. Thus, it is understood that place attachment is the attachment of individuals to places that result from processes of attribution of important meanings and affective connections during activities and experiences that they develop, have already developed or hope to develop with the physical, social or cultural elements of one or more places, also involving the preference for the place, the perception of its irreplaceability and aspects that may increase, weaken or break its attachment. Twenty-six Fuzeta residents who practice one or more leisure or professional activities were interviewed and the results indicate that they have a strong and multidimensional attachment to the Ria Formosa. This attachment is related with meanings, values, emotions, feelings, preferences and perceptions of the irreplaceability of the place anchored in physical, social and cultural elements of the place or in combination of these elements.

Keywords: space, place, place attachment, disruption

## Índice Geral

	Página
Índice de Figuras	x
Índice de Tabelas	xi
<b>Capítulo I – INTRODUÇÃO</b>	1
1.1 Definição do Tema	1
1.2 Relevância do Tema	2
1.3 Motivação Pessoal	5
1.4 Objetivos	7
1.5 Estrutura do estudo e resumo dos capítulos seguintes	7
<b>Capítulo II – REVISÃO DA LITERATURA</b>	15
2.1 Espaço e Lugar	15
2.1.1 Espaço	15
2.1.2 Lugar	19
2.1.3 “Lugar” e “Significado”	22
2.1.4 A sociologia e o “lugar”	28
2.2 <i>Place attachment</i> (o apego ao lugar)	30
2.2.1 Abordagem conceptual	30
2.2.2 As disrupções	43
2.2.3 O Apego aos lugares naturais	48
2.2.4 Aspetos metodológicos na investigação do apego ao lugar	52
2.3 Ria Formosa e Fuzeta	57
2.3.1 Ria Formosa	57
2.3.2 Fuzeta	63
<b>Capítulo III – METODOLOGIA</b>	67
3.1 Desenho de investigação	67
3.2 Objetivos	69
3.3 Operacionalização	69
3.4 Técnica de recolha de informação	74
3.5 Plano de amostragem	76
3.5.1 Métodos de amostragem	76
3.5.2 Amostra	77
3.6 Tratamento dos dados	78
<b>Capítulo IV – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	80
4.1 Caraterização da Amostra	80
4.2 Apresentação dos resultados	81
4.2.1 A dimensão “Fatores que contribuem para o apego ao lugar”	82
4.2.1.1 As atividades	82
4.2.1.1.1 As atividades de lazer	82
4.2.1.1.2 As atividades profissionais	87
4.2.1.1.3 Outras atividades	90
4.2.1.1.4 Outros resultados	92
4.2.1.2 O meio físico e natural	93

4.2.1.2.1 A água/mar	94
4.2.1.2.2 A fauna e a flora	94
4.2.1.2.3 A “Barra”, a “Ilha da Fuzeta” e a “Praia dos Tesos”	96
4.2.1.2.4 O Salva-Vidas	97
4.2.1.2.5 A “Ponta das pedras”	97
4.2.1.2.6 A “Barra velha”	98
4.2.1.2.7 A lama, as salinas e os viveiros	98
4.2.1.2.8 A Ria	99
4.2.1.2.8.1. Insubstituibilidade da ria e da Fuzeta	99
4.2.1.2.8.2. A paisagem	100
4.2.1.2.8.3. Os sentimentos que a ria provoca	103
4.2.1.2.8.4. A natureza	104
4.2.1.2.8.5. A facilidade de acesso	104
4.2.1.2.8.6. O cheiro da Ria	104
4.2.1.2.8.7. O dinamismo natural da Ria	105
4.2.1.3 Os elementos socioculturais	105
4.2.1.4 As intervenções legislativas/fiscalização	107
4.2.1.5 A ligação ao passado	108
4.2.1.6 As expetativas	111
4.2.1.7 O que os visitantes mais apreciam	112
4.2.2 A dimensão “Fatores disruptivos do apego ao lugar”	114
4.2.2.1 O meio físico e natural	114
4.2.2.1.1 As intervenções do homem no mundo físico	115
4.2.2.1.2 O dinamismo do mundo natural	118
4.2.2.2 Os elementos socioculturais	120
4.2.2.3 As intervenções legislativas/fiscalização	123
4.2.2.4 As transformações individuais	127
4.2.2.5 As expetativas	127
4.3. Discussão dos resultados	129
4.3.1 Os fatores que contribuem para o apego ao lugar	129
4.3.2 Os fatores disruptivos do apego ao lugar	143
4.3.3 Contribuições teóricas e práticas desta investigação	145
4.3.4 Limitações dos resultados	146
<b>Capítulo V – CONCLUSÕES</b>	148
5.1 Conclusões	148
5.2 Recomendações	158
Referências bibliográficas	159
Apêndice 1 - Guião de Entrevista Semi-estruturada	
Apêndice 2 - Caracterização Sócio Profissional da amostra	
Apêndice 3 - Subcategorias criadas através da análise de conteúdo realizada	
Apêndice 4 - Atividades por entrevistado	
Apêndice 5 - Emoções e sentimentos comuns com outros trabalhos	
Apêndice 6 - Exemplos dos tipos de apego ao lugar identificados	
Apêndice 7 - Impactos dos fatores disruptivos do apego ao lugar mencionados pelos entrevistados e emoções e sentimentos envolvidos	

## Índice de Figuras

1.1 Episódio espetacular passado comigo na Ria Formosa	6
2.1 Diferentes modelos de apego ao lugar	38
2.2 O modelo tridimensional do apego ao lugar de Scannell e Gifford	41
2.3 Estágios de respostas psicológicas perante a transformação dos lugares ao longo do tempo	44
2.4 A Ria Formosa em toda a sua extensão	61
2.5 A Fuzeta e a parte da Ria Formosa envolvente	65
3.1 Esquema do modelo de análise do conceito apego ao lugar	71
3.2 Operacionalização do conceito apego ao lugar	73

## Índice de Tabelas

2.1 Dimensões e indicadores de alguns dos estudos quantitativos mencionados neste trabalho	53
3.1 Categorias e subcategorias e respectivas definições e delimitações	79
4.1 Subcategorias da subcategoria “Atividades de lazer”	82
4.2 Subcategorias da categoria “Meio físico e natural” da dimensão “Fatores que contribuem para o apego ao lugar”	93
4.3 Subcategorias da categoria “Elementos socioculturais” da dimensão “Fatores que contribuem para o apego ao lugar”	105
4.4 Subcategorias da categoria “Ligação ao passado”	108
4.5 Subcategorias da categoria “O que os visitantes mais apreciam”	113
4.6 Subcategorias da categoria “Meio físico e natural” da dimensão “Fatores disruptivos do apego ao lugar”	115
4.7 Subcategorias da categoria “Elementos socioculturais” da dimensão “Fatores disruptivos do apego ao lugar”	120
4.8 Significados, valores, emoções, sentimentos, preferências e percepção de insubstitubilidade referidos pelos entrevistados	130

## CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

### 1.1 Definição do Tema

O mundo físico onde decorre o mundo social é identificado, interpretado e repositório de significados e valores atribuídos pelos indivíduos. A abordagem desse mundo pelas ciências sociais passa pelos conceitos de espaço e lugar. O espaço é uma parte do mundo físico com características abstractas e não interpretado culturalmente (Gieryn, 2000). Transforma-se em lugar na medida em que começa a ser conhecido, a ser depósito de significados e valores atribuídos pelos indivíduos aquando das suas interações com os elementos físicos, elementos sociais e elementos culturais do lugar (Gieryn, 2000; Milligan, 1998). Assim, o mundo social decorre nos lugares e estes participam nesse mundo, não só através do processo de atribuição de significados e valores, mas também nos processos de manutenção desses significados e valores, da história e da cultura (Low e Altman, 1992; Eisenhauer, Krannich e Blahna, 2000; Gieryn, 2000; Hufford, 1992; Wilkins e Urioste-Stone, 2018) e de outras construções sociais, como a estratificação, a diferenciação social, o poder (Gieryn, 2000; Kim, LaGrange e Willis, 2013; Pineda, 2013), o controlo social (Gieryn, 2000) e as identidades (Gieryn, 2000; Gunderson e Watson, 2007).

A relação dos indivíduos com os lugares passa também pela criação de fortes ligações ou apegos com os mesmos, através da atribuição de significados, valores, emoções, sentimentos, preferências e a perceção da sua insubstituíbilidade, que decorrem das interações dos indivíduos com os elementos físicos, sociais e culturais. Neste sentido destaca-se o conceito de *Place attachment* ou apego ao lugar que, segundo Mantey (2015) e Styliadis (2018), é o mais utilizado e consensual para desenvolver a relação entre os indivíduos e os lugares.

A investigação sobre o apego ao lugar é multifacetada, multidisciplinar, multidimensional e multiparadigmática (Moulay, Ujang, Maulan, e Ismail, 2018). Encontra-se entre uma fase de desenvolvimento conceptual e uma fase de aplicação (Manzo e Devine-Right, 2014), não existindo ainda, segundo Lewicka (2011a) e Manzo e Devine-Right (2014), um corpo teórico que permita sustentar a forte aplicação que se tem dado ao conceito. No entender destes autores as muitas abordagens teóricas

realizadas em várias disciplinas continuam a não valorizar aspectos importantes na relação dos indivíduos com os lugares.

No mundo natural não existem significados e valores, pois são os indivíduos que os conferem aquando das suas experiências sociais e culturais e, por sua vez, são esses significados que depois definem os ambientes naturais (Greider e Garkovich, 1994). O modo como os indivíduos se relacionam com o ambiente natural resulta assim de construções sociais que derivam das experiências e interações, nas quais são atribuídos significados aos elementos físicos, sociais e culturais de certos locais que, são depois partilhados com os outros (Eisenhauer *et al.*, 2000; Wynveen, Kyle e Sutton, 2012 ).

Assim, para se compreender os lugares naturais e as relações dos indivíduos com esses lugares é necessário analisar os significados e valores atribuídos, bem como as ligações afetivas e preferências que contribuem para a transformação de espaço em lugar e, posteriormente para o apego dos indivíduos a esse lugar.

## 1.2 Relevância do Tema

Se, por um lado, as ligações significativas que as pessoas formam com outras pessoas, grupos, objectos e lugares são centrais na experiência humana, porquanto fazem parte da condição humana. Essas ligações permitem que os indivíduos se situem geográfica e socialmente e conferem-lhes uma perceção de protecção (Scannell e Gifford, 2014), por outro, os lugares têm grande impacto na vida das pessoas, seja através das memórias do passado, das atividades e outras experiências decorridas ou das perceções sobre atividades e outras experiências futuras nesses lugares (Woosnam, Aleshinloye, Ribeiro, Stylidis, Jiang e Erul, 2018).

Muitos autores têm defendido a importância de analisar sociologicamente as relações que os indivíduos estabelecem com o mundo físico, com destaque para Gieryn (2000) e Urry (2004), que se têm esforçado por defender a criação de uma sociologia do lugar. Segundo este último, o espaço e o lugar devem ocupar uma posição central na Sociologia.

Um levantamento bibliográfico efectuado por Lewicka (2011a), entre 1970 e 2010, permitiu identificar aproximadamente 400 publicações em mais de 120 revistas diferentes e no âmbito de variadas disciplinas, levando esta autora a concluir que as publicações relacionadas com a ligação das pessoas aos lugares têm tido um grande aumento. Os lugares mais estudados são os lugares de residência (Lewicka, 2011a), mas existem estudos que incidem sobre lugares turísticos (Correia, Oliveira e Pereira, 2014), estabelecimentos comerciais (Felippe e Kuhnen, 2012), lugares sagrados, locais de trabalho, recintos desportivos, lugares virtuais ou imaginários (Lewicka, 2011a), lugares naturais (Eisenhauer *et al.*, 2000; Moulay *et al.*, 2018), paisagens (Riley, 1992; Stedman, 2003), ambientes marítimos (Wynveen *et al.*, 2012) e espaços públicos (Mantey, 2015).

Concomitantemente ganham relevo os conceitos criados para a análise da relação entre os indivíduos e os lugares, como o conceito de “apego ao lugar”. Este tem sido desenvolvido por muitos autores, tendo adquirido múltiplas definições e grande complexidade (Moulay *et al.*, 2018). Por um lado, o apego ao lugar tem incluído aspetos afetivos e emocionais, ações, comportamentos, perceções e crenças (Casakin e Raizer, 2017; Low e Altman, 1992). Por outro, a maioria das análises incluem apenas os aspetos positivos (Brown e Perkins, 2014). No entanto, autores como Brown e Perkins (1992), Carrus, Scopelliti, Fornara, Bonnes e Bonaiuto, (2014), Devine-Wright (2014) e Reineman e Ardoin (2018), têm incluído também aspetos que podem enfraquecer ou quebrar o apego dos indivíduos aos lugares. O conceito de apego ao lugar já foi operacionalizado para analisar lugares naturais, nomeadamente lugares naturais em risco e desastres naturais (Manzo e Devine-Wright, 2014), lugares naturais através de atividades recreativas (Bricker e Kerstetter 2002; Gunderson e Watson 2007; Hufford, 1992; Reineman e Ardoin, 2018; Stedman, Amsden, Beckley, e Tidball, 2014; Tsaur, Liang, Weng, 2014; Wilkins e Urioste-Stone, 2018), atitudes e comportamentos de residentes e de operadores turísticos face a lugares turísticos, atitudes e comportamentos de turistas, desenvolvimento turístico e autenticidade de atrações turísticas (Adrião, 2000; Correia *et al.*, 2014; Schilar e Keskitalo, 2017; Stylidis 2018; Woosnam, *et al.*, 2018) e comportamento ambiental (Carrus *et al.*, 2014; Devine-Wright, 2014; Manzo e Devine-Wright, 2014).

Reineman e Ardoin (2018) partem da constatação das profundas transformações que o ser humano tem imposto à natureza, especialmente nas zonas costeiras, como a Ria Formosa, através do aumento da densidade populacional, da importância económica e ecológica destas zonas, da elevada suscetibilidade às condições atmosféricas e do rápido e inadequado desenvolvimento urbanístico, para defender como a compreensão das relações entre os indivíduos e os lugares naturais também permite explicar os comportamentos de preservação e proteção do meio ambiente e ajudar os planeadores e decisores nas transformações desses locais.

A Ria Formosa é a zona húmida mais importante do Sul de Portugal (Natural.Pt, 2018), possui um enorme valor ecológico, científico, económico e social, inclui diversos habitats e uma enorme diversidade de seres vivos, cuja biodiversidade é reconhecida internacionalmente (ICNF, 2018). No entanto, a Ria Formosa e a sua periferia são também uma das mais vulneráveis áreas de Portugal, tendo sido constituída como Parque Natural em 1987 (Domingues, Costas, Jesus e Ferreira, 2017). Desde 1980, pertence à lista de Zonas Húmidas de Importância Internacional (Perna, 2005), foi reconhecida como Habitat Natural de Flora e Fauna Selvagem de Importância Comunitária pela Diretiva Comunitária Habitats de 1992 (ICNF, 2018), integrada no programa Rede Natura 2000, como Zona de Protecção Especial e está classificada como Habitat de Aves Aquáticas, ao abrigo da diretiva comunitária AVES, de 2009.

Estes aspectos são elucidativos quanto à pertinência de abordagens sociológicas à relação dos indivíduos com os lugares, nomeadamente os lugares naturais, da utilização do conceito de “apego ao lugar” e da importância da Ria Formosa. Para além da motivação pessoal do autor, explanada no ponto seguinte, justifica-se assim o estudo da relação dos residentes da Fuzeta com a Ria Formosa através do conceito de apego ao lugar.

### 1.3 Motivação Pessoal

Nasci na Fuzeta e depois de uma aventura de 5 anos nas terras de Évora, voltei à Fuzeta, ainda infante, onde me mantive até hoje. A Fuzeta e a Ria Formosa sempre constituíram para mim unha e carne, gémeos inesperáveis, ambos locais de aprendizagem e de vivência, ambos locais de lazer e diversão, ambos locais de aventura e desventura e também de tristezas. Ambos minha morada.

Foi na Ria Formosa que aprendi a nadar e foi nesse palco que ganhei as minhas primeiras medalhas de natação. Foi na Ria Formosa que aprendi a lidar com um barco à vela e com um barco a motor, que usei para a atravessar e me encontrar, vezes sem conta, com o mar e, com especial carinho, com as ondas do mar. Foi num dos cordões de areia que separam a Ria do mar que aconteceu e se desenvolveu a minha primeira paixão. Atravessei inúmeras vezes a Ria a pé, a nado e de barco, de dia e de noite, aprendi a pescar e a caçar (caça submarina), apanhei berbigão, ameijoas, caranguejos, bocarras e langueirões e fiz o meu primeiro mergulho com escafandro. Foi também nessas areias que pernoitei inúmeras vezes, com amigos, alunos e sozinho e, mais tarde, com a minha família. Dormi na areia e ainda durmo e a ria ou o mar, dependendo do local onde me encontro, é a primeira coisa que vejo.

A minha alcunha preferida e a que utilizo para preencher perfis *online* e em jogos de computador ou para assinar algumas composições musicais próprias nasceu num pequeno-almoço entre o mar e a ria, sentado da areia com um grupo de amigos e depois de uma noite pouco dormida. Mas, das muitas histórias pessoais que poderia divulgar sobre a Ria Formosa e que revelam como esta faz parte da minha identidade, escolho uma bastante singular (e espectacular):

Num fim-de-semana de Setembro de 2010, nós, eu, a minha esposa e os meus três filhos, na altura com 5, 10 e 14 anos, acampamos relativamente perto da barra, num dos cordões de areia que separam a Ria Formosa do mar. Eu fui o primeiro a acordar, a maré estava baixa e a vazar e reparei que num dos charcos que água que se encontrava à minha frente começava a existir um grande alvoroço por parte de aves marinhas, especialmente gaiivotas. Ali fiquei até que o meu Artur, o de 10 anos, acordou. A água que constituía o charco já estava completamente separada do resto da massa de água da ria e continuava a diminuir. Decidimos investigar ao perto e, para espanto de todos,

percebemos que existia uma grande quantidade de cavalas que nadavam desesperadamente em busca de maior profundidade e a fugir das gaivotas. Esta espécie de peixe vive em cardume no mar e nunca entra na Ria Formosa. Com muitos pontapés, muita correria e um pequeno camaroeiro, eu e os meus dois filhos mais novos enchemos dois baldes de cavalas que comemos nas refeições seguintes (Figura 1.1). Provavelmente quem conhece a Ria perceberá melhor o acontecimento extraordinário que esta experiência encerra. As cavalas tinham entrado na ria pela barra durante a madrugada e com a maré cheia mas, quando a maré voltou a baixar, ficaram presas numa poça de água.



Figura 1.1 – Episódio espetacular passado comigo na Ria Formosa. Eu e os meus dois filhos mais novos a apanhar cavalas que ficaram presas num pequeno charco na Ria Formosa em 2010, perto da barra da Fuzeta. Fonte própria.

Quando embarquei, de modo mais ou menos forçado, no cruzeiro da Sociologia, estava longe de pensar que se tratava apenas de uma viagem de ida. Nunca me tinha passado pela cabeça a enorme dimensão do mundo social que nós construímos e muito menos, a sua reciprocidade, ou seja, o modo como esse mundo nos constrói a nós. Depois de me apaixonar pela viagem, suponho que era uma questão de tempo que virasse o meu imaturo olhar sociológico para um das minhas outras paixões, a Ria Formosa, ou

melhor, para o social da Ria Formosa, neste caso, do ponto de vista dos habitantes da Fuzeta.

#### 1.4 Objetivos

Esta investigação teve como objetivo principal compreender a relação que os residentes da Fuzeta estabelecem com a Ria Formosa, quando da prática de atividades e outras experiências, através do conceito de “apego ao lugar”. Foram também definidos cinco objectivos secundários, nomeadamente: i) Identificar e perceber quais são os significados e valores atribuídos pelos residentes da Fuzeta à Ria Formosa; ii) Identificar os elementos físicos, sociais e culturais envolvidos no apego dos residentes da Fuzeta com a Ria Formosa; iii) Identificar e perceber as emoções, sentimentos, preferências e a percepção de insubstituibilidade do lugar envolvidas no apego dos residentes da Fuzeta com a Ria Formosa; iv) Identificar e perceber os tipos de apego dos residentes da Fuzeta à Ria Formosa; v) Identificar e perceber os fatores disruptivos do apego dos residentes da Fuzeta com a Ria Formosa.

#### 1.5 Estrutura do estudo e resumo dos capítulos seguintes

Este trabalho está estruturado em cinco partes. Uma primeira de Introdução ao trabalho em si, seguida da Revisão de Literatura, onde se pretendeu em primeiro lugar abordar e articular os conceitos de espaço, lugar e apego ao lugar e, em seguida, apresentar resumidamente a Ria Formosa e a Fuzeta. Na terceira parte apresenta-se o desenho de investigação, incluindo os objectivos, o modelo de análise e a operacionalização do conceito de “apego ao lugar”, a técnica de recolha de informação utilizada, o plano de amostragem e a técnica de tratamento de dados que foi utilizada. Na quarta parte apresentam-se os resultados, a discussão dos mesmos e as limitações do trabalho e, na quinta parte, as conclusões e recomendações para futuras investigações.

A ausência de um corpo teórico do conceito de “apego ao lugar”, mencionada no ponto 1.1, e a escassa contribuição sociológica para o tema, comparativamente com outras ciências sociais, levaram à necessidade de realizar uma pesquisa abrangente sobre este

conceito e outros que visam conferir inteligibilidade à relação dos indivíduos com o mundo físico. Como consequência, tornou-se pertinente distinguir as abordagens que consideram o espaço físico enquanto palco do social, das abordagens que distinguem espaço de lugar, centrando neste último, todos os aspetos sociais e culturais do mundo físico.

Apesar de muitos sociólogos clássicos, incluindo alguns dos fundadores da sociologia, terem abordado o mundo físico, vários autores defendem que, durante praticamente todo o século XX, a sociologia deixou a análise do mundo físico para as outras ciências sociais, nomeadamente para a geografia (Low e Altman, 1992; Urry, 2004; Kim *et al.*, 2013). Também autores defensores de uma Sociologia da Natureza, como Jerolmack (2012) e Macnaghten e Urry (2012), referem o desinteresse da sociologia pela natureza, pois esta não está presente nos temas que classicamente foram abordados pela disciplina. No entanto, estes autores consideram que as experiências com o meio biofísico são profundamente sociais e, por isso, devem ser estudadas sociologicamente. Segundo Jerolmack (2012), os significados que as pessoas atribuem ao ambiente dependem dos contextos sociais em que ocorrem e refletem as suas definições. Para este autor, o grande desafio reside em demonstrar que os factos ambientais são parte constitutiva do social. Além disso e segundo Macnaghten e Urry (2012), cabe à sociologia explorar as dimensões sociais dos recorrentes apelos que os indivíduos sentem pelo natural e os modos como o social e o natural são reconstruídos nas sociedades atuais.

A distinção entre espaço e lugar só adquiriu relevância na primeira metade do século XX devido a contributos provenientes da geografia, da antropologia e depois da psicologia e da sociologia. Neste trabalho entende-se que o espaço é uma parte do mundo físico com características abstractas, não interpretado culturalmente (Gieryn, 2000) e que se transforma em lugar na medida em que começa a ser conhecido, através dos significados atribuídos pelos indivíduos ao lugar nas suas interações com o mesmo e nas interações com os outros (Gieryn, 2000; Milligan, 1998). Portanto, um lugar é uma localização geográfica com determinadas características físicas e repositório de significados e valores (Gieryn, 2000).

Na evolução das abordagens ao conceito de apego ao lugar destaca-se o livro com o título *Place Attachment*, publicado em 1992 e editado pelo psicólogo Irwin Altman e pela antropóloga Setha Low. Este viria a ser o primeiro marco na abordagem das relações entre os humanos e o mundo físico com através do conceito de “apego ao lugar”. Segundo Manzo e Devine-Wright (2014), esta obra enfatiza a importância do conceito de “apego ao lugar” e ofereceu-lhe uma estrutura conceptual que serviu de orientação a muitas investigações.

Na sociologia destacam-se as abordagens ao lugar de Giddens (1984, 1990), Milligan (1998), Gieryn (2000) e Urry (2004). Anthony Giddens criou o conceito de *Locales* para se referir ao uso do espaço para a interação entre os indivíduos e que essas interações, por sua vez, seriam essenciais para explicar o lugar. Mais tarde, ao refletir sobre as transformações operadas pela modernidade no tempo e no espaço, distinguiu espaço de lugar através de aspetos físicos e geográficos. Milligan (1998) centralizou a sua definição de lugar nos significados que os indivíduos atribuem aos lugares no decorrer das interações sociais. Gieryn (2000) destaca como as representações, os significados e os valores atribuídos pelas pessoas aos elementos físicos e sociais presentes no espaço transformam o espaço em lugar. Para este autor, o espaço é uma parte do mundo físico com características abstractas, desprovido de forma material definida e interpretação cultural e que se transforma em lugar à medida que começa a ser conhecido. Para Gieryn (2000) o lugar não é apenas um cenário, palco ou contexto, é um elemento constituinte da vida social e das mudanças históricas das sociedades. Segundo Urry (2004), o espaço e o lugar deviam ocupar uma posição central na Sociologia, pois existem contribuições sociológicas suficientes para a emergência de uma Sociologia do Espaço e do Lugar.

Os significados atribuídos aos lugares são expressões da atividade humana, incluindo interações com os objetos e com outros atores sociais. A “essência” ou conteúdo do lugar, podem variar desde simples adjectivações até expressões com grande significado simbólico (Stedman *et al.*, 2014). Esses significados são depois partilhados com o grupo (Eisenhauer *et al.*, 2000; Wynveen *et al.*, 2012), mas também existem significados que resultam de experiências individuais e que não são partilhados (Milligan, 1998).

Muitos autores destacam também os aspetos emocionais na relação dos indivíduos com os lugares através de conceitos como o “significado do lugar”, “sentido de lugar” e “apego ao lugar”. Entre os autores que abordaram estes aspetos na relação das pessoas com os lugares, encontram-se Elias e Dunning (1985), que analisaram a relação entre as emoções e o lazer, Eisenhauer *et al.* (2000), que analisaram os espaços públicos e os espaços naturais através do conceito “sentido do lugar” e a psicóloga Giuliani (2003), que analisou os aspectos positivos dos sentimentos das pessoas aquando das suas experiências.

Os aspetos emocionais são os mais consistentes nas análises do apego ao lugar (Low e Altman, 1992), mas os sociólogos Milligan (1998), Gieryn (2000) e Degnen (2016), destacam os aspectos sociais e os aspectos físicos dos lugares na atribuição dos significados aos lugares. Milligan (1998) considera que os lugares não são apenas construídos socialmente, mas também o são fisicamente. Para esta autora, estes são dois processos distintos mas relacionados através das interações sociais que ocorrem nos lugares. Gieryn (2000) propõe uma análise através de três dimensões: A “localização geográfica”, que distingue os lugares e lhes define as fronteiras; A “forma material”, que integra os elementos físicos do lugar; e “significados e valores”, na medida em que os lugares são construídos física e socialmente através de significados e valores que variam com os grupos, culturas e com o tempo. Assim e segundo este autor, os significados e valores que são atribuídos aos lugares estão relacionados com a sua história e com a compreensão cultural partilhada pelo grupo a que os indivíduos pertencem. Para Degnen (2016), o lugar possui uma complexidade multidimensional e relacional resultante da combinação de três fatores interligados e em constante transformação: o “mundo físico”, os “significados atribuídos” e a “prática” das pessoas nesses locais.

A diversidade das abordagens conceptuais de apego ao lugar é tão grande que, para Low e Altman (1992), o apego ao lugar pode ser não apenas um fenómeno, mas sim uma variedade de fenómenos que variam em aspeto, origem e finalidade, pois o conceito implica: i) vários tipos de apego ao lugar que envolvem a interação entre afetos e emoções, conhecimentos e crenças e comportamentos e acções; ii) vários tipos de lugares, que variam em escala, especificidade e tangibilidade; iii) vários tipos de atores e diferentes relações sociais, podendo abarcar o apego de um único indivíduo, uma

família, o círculo de amigos, a comunidade ou o grupo cultural; iv) e aspetos temporais lineares e cíclicos.

Apesar desta diversidade, a maior parte das abordagens não incluem aspectos importantes, nomeadamente os aspectos negativos do apego ao lugar e a dinâmica que o processo de apego ao lugar implica. Segundo Brown e Perkins, (2014), a maior parte dos autores só analisam as ligações emocionais e cognitivas positivas, mas autores como Brown e Perkins (1992), Carrus *et al.* (2014), Devine-Wright (2014), Reineman e Ardoin (2018) incluem também emoções e sensações negativas. Segundo Devine-Wright (2014), a maioria das conceptualizações do apego ao lugar não contemplam a grande mobilidade dos indivíduos nas sociedades atuais, nomeadamente a mobilidade residencial, a transformação dos lugares através do desenvolvimento económico e da migração e as alterações climáticas. Neste sentido, Low e Altman (1992), indicam trabalhos como o de Werner, Altman e Oxley de 1985, que distinguem as variações temporais que ocorrem em termos lineares, ou seja, passado, presente e futuro e em termos cíclicos, através de significados e atividades recorrentes. Existe assim, uma dinâmica associada ao apego dos indivíduos aos lugares, seja através das transformações que neles ocorrem, seja através das experiências dos indivíduos.

A diversidade e a complexidade das abordagens ao apego ao lugar levam autores como Manzo e Devine-Right (2014) a concluir que o conceito se encontra entre uma fase de desenvolvimento e uma fase de aplicação. No entanto e segundo Lewicka (2011a), o avanço que tem sido feito deve-se sobretudo ao aparecimento de várias escalas de medida e à utilização do conceito noutros contextos que não o residencial ou a vizinhança. Progresso que, para esta autora não têm sido suficiente para o desenvolvimento teórico. Manzo e Devine-Right (2014) salientam também que as muitas definições que têm sido propostas ainda não contemplam satisfatoriamente aspetos como a memória, a mobilidade, a existência de vários apegos ao lugar simultâneos e todo um leque de emoções e experiências que o conceito implica. Para estes dois autores, ainda não existe um corpo teórico que permita sustentar a forte aplicação empírica que se tem dado ao conceito e, por isso, as muitas definições que têm sido dadas são incompletas.

Segundo Hernández, Hidalgo e Ruiz (2014), existem tantas formas de operacionalização quanto as combinações das dimensões que têm sido abordadas, existindo por isso, ainda um debate alargado acerca das dimensões do apego ao lugar e das suas relações com outros conceitos. A operacionalização mais tradicional e a mais adoptada é a que utiliza as dimensões “Identidade do lugar” (*Place identity*) e “Dependência do lugar” (*Place dependence*) (Lewicka, 2011a; Schilar e Keskitalo, 2017; Wilkins e Urioste-Stone, 2018). Segundo Tsaour *et al.* (2014), esta operacionalização visa distinguir as ligações instrumentais das ligações afectivas com o lugar. A dimensão “Identidade do lugar” envolve cognições que representam memórias, ideias, sentimentos e atitudes e reflete a importância simbólica do lugar que pode conduzir a um sentimento de pertença ou propósito que dá sentido à vida (Tsaour *et al.*, 2014). A dimensão “Place dependence” representa a importância que o lugar tem no atingir dos objetivos e necessidades dos indivíduos (Stylidis, 2018; Woosman *et al.*, 2018) e segundo Tsaour *et al.* (2014), é definida como o conjunto de recursos físicos e sociais que definem a qualidade do lugar e que satisfazem as necessidades específicas da atividade que o indivíduo deseja praticar. No entanto, muitos autores consideram que esta operacionalização está incompleta, como Bricker e Kerstetter (2002) e Moulay *et al.* (2017), sobretudo porque não contempla todo o tipo de significados atribuídos aos lugares, porque não se adequa a certos lugares, como lugares naturais onde decorrem atividades de lazer e porque não inclui os aspetos negativos do apego ao lugar. No sentido de equilibrar os aspetos físicos com os sociais dos lugares, Scannell e Gifford propõem que o apego ao lugar seja operacionalizado através de três dimensões: “Person”, que inclui as sub-dimensões “Individual” e “Cultural/group”, que remetem respetivamente para as ligações individuais ou culturais com os lugares criadas através da atribuição de significados aquando de experiências importantes; “Process”, que congrega os processos psicológicos, nomeadamente, os afetivos (emoção), os cognitivos (identidade) e os comportamentais (ação); e “Place”, que inclui as dimensões físicas e sociais dos lugares. No entanto e para Devine-Wright (2014), este modelo descarta toda a dinâmica do apego ao lugar, pois a separação estrutural da dimensão “Process” das de “Person” e “Place” não permite incluir o dinamismo de cada uma destas dimensões.

Das várias abordagens conceptuais consultadas oriundas da sociologia, destaca-se a de Milligan (1998), que operacionalizou o apego ao lugar através das dimensões

“memórias das interações associadas com o lugar” (*interactional past*), em que quanto mais significativas forem essas interações ou as suas percepções maior é o apego ao lugar, e “experiências que são percebidas como possíveis ou prováveis (ou expectáveis) de ocorrer no lugar” (*interactional potencial*), pois para esta autora, algumas das características do lugar influenciam as atividades que aí poderão ocorrer, formando uma série de expectativas acerca das interações futuras nesse lugar. Para esta autora, o apego ao lugar implica o estabelecimento de ligações emocionais com os lugares, originando a percepção de que este não pode ser substituído por outros lugares. As dimensões “Interactional past” e “Interactional potencial” representam a continuidade espacial das experiências dos indivíduos e é essa continuidade que permite agrupar as experiências passadas, como memórias de um determinado tipo, mas também incluir as disrupções e as expectativas relativas a futuras interações.

Segundo Devine-Wright (2014), ainda existem poucos estudos sobre a relação entre o apego ao lugar e as respostas dos indivíduos às transformações dos lugares. Este autor divide as abordagens entre as que se centram nas transformações que ocorrem nos lugares, como consequência de desastres naturais, de construções humanas ou transformações sociais, das que se centram nas transformações que ocorrem na vida dos indivíduos, como as que estão relacionadas com a mobilidade ou com as fases do percurso de vida.

Para operacionalizar os aspetos negativos do apego ao lugar, Brown e Perkins criaram o conceito de “disrupção”. As disrupções podem ocorrer como um processo que se intensifica ao longo de um período de tempo relativamente longo ou serem repentinas (Brown e Perkins, 1992). Os impactos das disrupções tanto podem variar com a sua natureza, sendo maiores quando as disrupções são grandes ou súbitas (Reineman e Ardoin, 2018) e com o nível do apego ao lugar (Devine-Wright, 2014). Esses impactos podem ter implicações imediatas ou futuras e implicações devastadoras para a identidade individual e coletiva, para a memória, história e para o bem-estar psicológico, mas também podem implicar a criação de novos apegos, nomeadamente em termos de lar, vizinhança e comunidade (Gieryn, 2000).

A metodologia mais utilizada nos estudos de apego ao lugar nos últimos 40 anos tem sido a metodologia quantitativa. Muitos destes estudos têm como objectivo medir a

intensidade das emoções ou a força dos apegos através de escalas psicométricas. No entanto e segundo autores como Gunderson e Watson (2007), Lewicka (2011a), Wynveen *et al.* (2012) e Williams (2014), a utilização desta metodologia apresenta muitas limitações, porque ao reduzir os significados atribuídos aos lugares a declarações de crenças generalizadas ou categorias predefinidas não consegue apreender a totalidade do fenómeno (Williams, 2014), porque as diferenças de significados podem estar ocultas no interior das várias dimensões das escalas utilizadas (Lewicka, 2011a), porque os questionários podem não incluir alguns significados importantes para a compreensão da ligação das pessoas ao lugar (Gunderson e Watson, 2007) e porque a utilização de escalas contribui pouco para a compreensão da razão alguns espaços são importantes para os indivíduos, pois existem limitações nos atributos objetivos e subjetivos do lugar, bem como dos aspetos sociais que formam o apego (Wynveen *et al.*, 2012). A metodologia qualitativa, bem como metodologias mistas, têm sido cada vez mais utilizadas. Os estudos qualitativos têm como pretensão identificar e compreender os significados atribuídos ao lugar, incluindo os significados diferentes daqueles que são identificados nos estudos quantitativos (Lewicka, 2011a).

A Ria Formosa é uma zona costeira lagunar do sotavento algarvio com uma área de 18000 hectares que abrange os concelhos de Faro, Loulé, Olhão, Tavira e Vila Real de Santo António (ICNF, 2018), num comprimento total de dezoito quilómetros e com uma largura média de seis quilómetros (Moreira, 1987). A norte é limitada pela linha de costa que inclui salinas, praias arenosas, terrenos agrícolas e linhas de água doce (Caldeira, 2015), e a sul por um cordão dunar arenoso, constituído por um cordão de ilhas paralelas à costa, interrompidas por seis barras que permitem a entrada e saída da água do mar e de embarcações, incluindo a barra da Fuzeta.

A vila da Fuzeta é uma freguesia localizada no litoral do Sotavento Algarvio e pertencente ao concelho de Olhão. Trata-se de uma vila piscatória que tem duas praias, uma na Ria Formosa, conhecida por “Praia dos Tesos” e outra no litoral costeiro, na Ilha da Armona, conhecida como “Ilha da Fuzeta”. As atividades económicas existentes na vila estão sobretudo as relacionadas com a pesca desportiva e profissional, incluindo a apanha de bivalves e a sua cultura em viveiros, a salicultura, desportos náuticos e atividades relacionadas com a praia e o turismo, nomeadamente o fazer praia, o

transporte marítimo de pessoas para vários locais das ilhas barreira e para várias atividades de lazer, a hotelaria e a restauração.

## **CAPÍTULO II - REVISÃO DA LITERATURA**

### **2.1 Espaço e lugar**

#### **2.1.1 O espaço**

É pertinente rever as contribuições sociológicas, mas também as de outras ciências sociais, sobre o espaço físico e os modos como este se transforma em lugar. Para muitos autores, sobretudo os mais recentes, este é um fenómeno basilar na abordagem da relação das pessoas com o mundo físico. Numa primeira análise podem distinguir-se as abordagens que consideram o espaço físico, enquanto palco da vida social, das abordagens que distinguem os conceitos de “espaço” e “lugar” e que serão explanadas no ponto 2.2.2.

A sociologia deixou a análise do mundo físico para as restantes ciências sociais, nomeadamente à geografia (Low e Altman, 1992), apesar de muitos sociólogos clássicos, incluindo alguns dos fundadores da sociologia, terem abordado o mundo físico durante praticamente todo o século XX (Kim *et al.*, 2013). É neste sentido que Urry (2004) classifica a sociologia praticada no século XX como a-espacial, apesar de reconhecer a existência de algumas abordagens sociológicas ao espaço. Segundo este autor, as sociedades foram consideradas como endógenas, separadas umas das outras e cada uma tendo estruturas a-espaciais próprias, pois os processos de consensos normativos, conflitos estruturais ou condutas estratégicas eram conceptualizados como sendo internos a cada sociedade e confinados às fronteiras de cada estado-nação.

Relativamente aos autores que abordaram o espaço, Kim *et al.* (2013) destacam Marx, que abordou com frequência o conflito de classes dentro do espaço como estrutura; Durkheim, que analisou várias formas de espaço; e Louis Wirth e Robert Redfield, que analisaram padrões sociais no espaço.

Edith Pineda (2013), por sua vez, ao fazer uma revisão bibliográfica sobre o tema, enfatizou os contributos sociológicos de Georg Simmel, Robert Park e de Pierre Bourdieu. Segundo esta autora, o contributo mais significativo veio de Simmel, ao abordar e explorar diretamente o espaço do ponto de vista sociológico e filosófico. Para Simmel o espaço é construído através das experiências sóciohistóricas e das intenções dos indivíduos. Em *Soziologie*, de 1908, Simmel defende que o que é relevante do ponto de vista social não é o espaço em si, mas sim, a ligação das várias partes do espaço que são produzidas pelas relações humanas (fatores espirituais) e que são estas que conferem ao espaço uma importância social. Simmel identificou as seguintes cinco características do espaço: Exclusividade, em que dois corpos não podem ocupar simultaneamente um mesmo lugar, apesar do autor considerar que pode acontecer coexistirem duas ou mais instituições num mesmo lugar; Divisão, pois a utilização funcional do espaço implica uma divisão ou delimitação; Fixação, porque as formas de organização social dos indivíduos estão relacionadas com os espaços a que estes se ligam, ou seja, o espaço é suporte e refúgio das relações sociais e da memória, provendo sentimentos de segurança e de certeza; Proximidade ou distância, pois o espaço assume um papel no modo como se desenvolvem as relações sociais; e Mobilidade, para acentuar como os indivíduos se deslocam entre espaços e as implicações de tais mobilidades. Depois de Simmel, foi a Escola de Chicago, pela mão de Robert Park, que se debruçou sobre o espaço, nomeadamente, a análise teórica e empírica da cidade como uma forma de organização social e espacial. Para Park, a cidade é mais do que uma aglomeração de indivíduos, elementos físicos e instituições, porque é produto da acção humana que, por sua vez, influencia os processos vitais das pessoas que a constituem. Finalmente, Bourdieu, que apresentou o espaço em duas dimensões indissociáveis, material e social, em que a primeira resulta da cristalização da segunda. Para este autor, o espaço é parte integrante dos mecanismos de diferenciação social e poder, porquanto existe uma relação entre lugar físico que os indivíduos ocupam e a sua posição social dos mesmos (Pineda, 2013).

Com estes e outros contributos da sociologia clássica e contemporânea, Pineda (2013) conclui que o espaço é um artifício humano que resulta de uma relação recursiva entre o material e o simbólico marcada pelos universos social, histórico, cultural e político.

Destaca-se também o entendimento de Santos, M. (1997: 1) sobre o espaço quando este afirma que o espaço é

uma instância da sociedade, ao mesmo título que a instância econômica e a instância cultural-ideológica. Isso significa que, como instância, ele contém e é contido pelas demais instâncias, assim como cada uma delas o contém e é por ele contida [...] Isso quer dizer que a essência do espaço é social.

Para além do afastamento de um certo afastamento da sociologia relativamente ao espaço, alguns autores também mencionam o afastamento da sociologia relativamente ao ambiente natural e, nomeadamente aos espaços como a Ria Formosa. Segundo Jerolmack (2012), pode-se constatar um certo desinteresse da sociologia pela natureza, pois esta não está presente nos temas que classicamente foram abordados pela sociologia. Para além disso, o foco na natureza foi prejudicado pela ideia de que os modos de vida nascidos da modernidade afastaram as pessoas da natureza, ou seja, a ideia segundo a qual as sociedades modernas se separaram física, cultural e espiritualmente da natureza.

Da modernidade nasceu a crença de que o desenvolvimento humano está associado à capacidade do homem dominar a natureza e não à capacidade do homem transformar a sua relação com a natureza. Essa crença foi alimentada pela separação efetiva entre a natureza e a sociedade, constituindo o pré-requisito para a instrumentalização do natural e os consequentes abusos que levaram à degradação dos espaços naturais desde o século XIX. A natureza foi remetida para as margens do mundo moderno, para o remoto e inacessível (Macnaghten e Urry, 2012). A alienação das pessoas relativamente à natureza, concomitantemente com as rápidas transformações sociais que ocorreram, está na origem das concepções de que a natureza é associal (Jerolmack, 2012). Pode-se também questionar se esse afastamento não poderá estar relacionado com a necessidade de demarcação da sociologia das ciências naturais, aspeto que parece ter sido considerado inicialmente como fundamental para a demarcação desta disciplina enquanto ciência.

No entanto, vários autores importantes na sociologia já se tinham referido ao afastamento das sociedades da natureza. Entre outros, Weber, que defendeu que a racionalidade da ciência e da economia permitiu o domínio do homem sobre a natureza mas à custa da perda da magia e do misticismo que esta simboliza e Berger, que se

lamentou do modo como a urbanização afastou os animais e a natureza do quotidiano dos indivíduos (Jerolmack, 2012).

Atualmente e para os defensores da emergência de uma “Sociologia da Natureza” ou da “perspetiva sociológica do mar”, as experiências com o meio biofísico são profundamente sociais e necessitam de ser estudadas.

Segundo Jerolmack (2012), já foi demonstrado que a natureza é uma construção tão social como a etnia ou o género. Os significados que as pessoas atribuem ao ambiente, e que serão explorados no ponto 2.1.3, dependem dos contextos sociais em que ocorrem e refletem as suas definições. Para este autor, o grande desafio reside em demonstrar que os factos ambientais são parte constitutiva do social. Além disso e segundo Macnaghten e Urry (2012), cabe à sociologia explorar as dimensões sociais dos recorrentes apelos que os indivíduos sentem pelo natural e os modos como o social e o natural são reconstruídos nas atuais sociedades.

Neste sentido, destacam-se as concetualizações de Szerszynski, sobre as transformações ocorridas na natureza e de Perrier-Cornet sobre o espaço rural, de 1993 e de 2012, respetivamente. Segundo Perrier-Cornet, as representações sobre o espaço rural têm três dimensões: “Recurso”, para a valorização económica de certas características do espaço, ou seja, a representação do espaço enquanto espaço produtivo; “Quadro de vida”, para os usos residenciais e recreativos do espaço; e “Natureza”, para os recursos naturais objetivos e o funcionamento do ecossistema, incluindo a preservação e conservação dos espaços (Souza e Brandenburg, 2010). Szerszynski distingue dois tipos de representações da natureza: a noção de que a natureza está ameaçada e a de que a natureza é um reino de pureza e de poder moral. A primeira remete para as preocupações com as espécies raras ou em vias de extinção e para a perceção de que a natureza constitui uma fonte de recursos finita e as respetivas preocupações com as gerações futuras, com um conjunto de direitos relacionados com o comportamento das pessoas nos espaços naturais e com a conceção da natureza como um corpo puro e saudável ameaçada pela poluição. A segunda representação remete para a natureza como um objeto espectacular, belo e sublime que congrega espaço de recreio, espaço com capacidades de cura natural, o fim do divórcio entre a humanidade e a natureza e

um ecossistema cuja diversidade e independência devem ser preservadas (Macnaghten e Urry, 2012).

É neste sentido que Maurice Natason, ao referir-se aos parques naturais, afirma que nesses:

we are reduced from the business world, the academic world, the realm of other worries. We go to the park for greenery and release, for a soothing contemplation, and for love. [...] The brackets of the park make possible what is akin to artistic awareness: a reflexive consciousness that momentarily isolates the park from the huge givenness of reality and permits the artist to achieve a fresh mode of cognition (Maurice Natason citada por Hufford, 1992: 235).

No entanto e segundo Greider e Garkovich (1994), as várias concepções da natureza são produzidas a partir de certos contextos sociais e culturais, ou seja, a concepção da natureza é uma manifestação da vida social.

## **2.1.2 O lugar**

Atualmente, é frequente encontrar-se trabalhos provenientes das várias ciências sociais que distinguem os conceitos de “espaço” e de “lugar”, nomeadamente os trabalhos de Bell (1997), Milligan (1998), Eisenhauer *et al.* (2000), Gieryn (2000), Kim *et al.* (2013), Hufford (1992) e Degnen (2016). No entanto, as primeiras grandes bordagens ao lugar não foram realizadas no seio da sociologia, mas sim por outras ciências sociais.

Na geografia, o lugar começou por estar associado às ideias de região e de localização geográfica. No entanto, da década de 50 do século, as ideias de uma geografia tradicional foram substituídas por uma geografia quantitativa, que considerava apenas a existência do espaço como contexto de análise. O conceito de “lugar” viria a ser novamente valorizado na década de 70 pela geografia humanista, que o trataria como espaço vivido,<sup>1</sup> ou seja, um espaço marcado pela experiência humana e pela percepção dos indivíduos (Moreira e Hespanhol, 2007). Destacam-se os contributos de Relph, Tuan e Entrikin. Tanto para Tuan como para Relph, as atividades desenvolvidas nos lugares são essenciais para que um espaço seja considerado um lugar, pois é através das

---

<sup>1</sup> Espaço vivido advém do conceito Mundo Vivido, conceito importado da fenomenologia para a geografia e que remete para o mundo da vida e da experiência quotidiana (Moreira e Hespanhol, 2007).

suas atividades que os indivíduos desenvolvem um conhecimento pessoal e ligações emocionais (Wynveen *et al.*, 2012). Também a antropóloga Americana Mary Hufford (1992) acentua a importância da experiência ao defender que os lugares implicam a experiência humana e os significados que lhes são atribuídos pela cultura. Para o geógrafo Entrikin, o lugar é um centro de significados ou foco de apegos humanos (Williams, 2014).

Porém e ainda na década de 70, nasce uma geografia crítica, influenciada pelo materialismo histórico e dialético, para a qual o lugar não é entendido apenas como espaço vivido, mas como uma construção social, ou seja, os lugares resultam das relações sociais ocorridas no espaço e estão em permanente mudança, devido às transformações que ocorrem na sociedade. Assim, para compreender os lugares, a geografia crítica defende que é necessário recorrer às dicotomias interno/externo, novo/velho e local/global (Moreira e Hespanhol, 2007),<sup>2</sup> dicotomias que destacam a dinâmica dos lugares, tema que será aprofundado aquando da abordagem ao conceito de apego ao lugar.

Destaca-se ainda o contributo antropológico de Marc Augé, no século XX, que considerou o lugar como uma obra coletiva (lugar antropológico) carregada de significados e de onde surgem as práticas socioespaciais. Ou seja, um lugar é uma:

Construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja. É porque toda antropologia é antropologia da antropologia dos outros, além disso, que o lugar, o lugar antropológico, é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa (Augé, 1992).

Segundo este autor, o lugar contém elementos identificatórios, relacionais e históricos, ou seja, “un soporte material y simbólico en donde se imbrican diversas temporalidades-presente, pasado y futuro” (Pineda, 2013: 90).

---

<sup>2</sup> Em que interno/externo permite analisar as variáveis que parecem locais e as variáveis exteriores ao local e de escala maior; o novo/velho permite analisar o modo como o novo chega a uns locais e não a outros e como os afeta; e local/global, permite analisar as influências nos locais causadas pela globalização e para a valorização das características locais (Moreira e Hespanhol, 2007).

As abordagens das relações dos homens com os lugares provenientes da sociologia e da psicologia chegaram depois das primeiras abordagens oriundas da geografia e foi na psicologia que se produziu grande parte da produção científica sobre o lugar, nomeadamente sobre os significados que lhe são atribuídos.

Na sociologia, a primeira referência à noção de lugar proveio de Firey em 1945, quando associou os sentimentos e o simbolismo à análise dos locais (Williams, 2014), mas foi só na última década do século XX, pela mão do sociólogo Anthony Giddens, que surgiu a primeira abordagem importante ao lugar. Este autor criou o conceito de *Locales* para se referir ao uso do espaço na interação entre os indivíduos e defendeu que essas interações são essenciais para explicar o lugar. Para Giddens, os lugares podem ir desde um quarto a uma cidade e devem ser definidos pelas suas propriedades físicas e pelos modos como são utilizados (Giddens, 1984). Mais tarde, ao refletir sobre a modernidade e as transformações operadas no tempo e o espaço, distinguiu espaço e lugar através de aspetos físicos e geográficos. Nas sociedades pré-modernas o espaço e o lugar coincidiam porque, para a maioria da população, os aspetos da vida social relacionados com o espaço tinham como condição *sine qua non* a presença de indivíduos nesse espaço, ou seja, de interações face-a-face. Com a modernidade o espaço separou-se paulatinamente do lugar na medida em que surgiram possibilidades de relações em direto com outros que estavam fisicamente distantes. Segundo o próprio, o lugar “é melhor conceitualizado por meio da ideia de localidade, que se refere ao cenário físico da atividade social” (Giddens, 1990: 22). Neste sentido, Stuart Hall define o lugar como algo “específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas” (Hall, 1992: 72).

Ainda nessa década e numa abordagem dentro do interaccionismo simbólico, vários sociólogos destacaram o papel das interações na definição dos lugares. Como Milligan (1998), quando define lugar como “a space (a physical site) that has been given meaning of any kind and any degree through interactional processes” (Milligan, 1998: 6). Segundo esta autora, sem significado os lugares não existem, pois assim que um espaço se torna conhecido, mesmo que seja apenas através do olhar, lido algures ou discutido com outros, torna-se um lugar no mundo do indivíduo ou de um grupo.

Mas foi já neste século que surgiu a maior parte dos contributos sociológicos relativamente à relação dos homens com os lugares. Gieryn (2000) destaca a ideia de que as representações, os significados e os valores atribuídos pelas pessoas aos elementos físicos e sociais presentes no espaço o transformam em lugar. Para este autor, o espaço é uma parte do mundo físico com características abstractas (distância, direção, tamanho, forma e volume), desprovido de forma material definida e interpretação cultural e que se transforma em lugar à medida que começa a ser conhecido. Para Gieryn o lugar possui três dimensões: i) é uma localização geográfica no universo que distingue o aqui e o além; ii) assume uma forma material, porque se trata de algo físico e com características físicas e contem objetos que podem ser geridos e criados por seres humanos de modo a torna-lo palco de processos sociais; iii) é imbuído de significados e valores atribuídos pelas pessoas que estão relacionados com a história e com a sua compreensão cultural partilhadas pelo grupo. Ou seja, para além de físicos, eles são identificados, representados, interpretados, narrados, percebidos, sentidos, compreendidos e imaginados pelas pessoas (Gieryn, 2000).

Atualmente, alguns sociólogos, como John Urry, Michael Bell e Thomas Gieryn, destacam a importância do estudo da relação das pessoas com os lugares e do conceito de “lugar” para as ciências sociais ao defenderem a criação de uma sociologia do lugar, tema que será levemente abordado no ponto 2.1.4.

### **2.1.3 “Lugar” e “Significado”**

Para Wynveen *et al.* (2012), os significados atribuídos aos lugares consistem nas definições intersubjetivas que os grupos fazem dos objetos que constituem o lugar. Os significados partilhados por um grupo levam à formação de ligações com os lugares e, desse modo, os significados participam na formação das pessoas e dos seus mundos sociais. Esses símbolos expressam o valor dos lugares para os indivíduos e para os outros e são criados através das interações sociais. A relação entre a prática e os lugares já havia sido avançada por Giddens, através do conceito de *Locales*, referido anteriormente e por Bell, em 1997, quando defendeu que as experiências sociais são responsáveis pelos laços com o mundo físico, sendo através delas que os indivíduos atribuem significado aos lugares.

Para Stedman *et al.* (2014) os significados são expressões criadas através da atividade humana, incluindo interações com os objetos do lugar e com outros atores sociais, sobre a “essência” ou conteúdo do lugar, podendo variar desde simples adjectivações até expressões com grande simbolismo. No entanto, Milligan (1998), defende que para além de existirem significados partilhados relativamente aos lugares, existem também significados que resultam de experiências individuais nesses lugares e que não são partilhados.

As abordagens realizadas através dos conceitos de *Sense of place* ou “sentido do lugar” e de *Place meaning* ou “significado do lugar” estão entre as que mais têm contribuído para perceber a importância dos significados atribuídos aos lugares. O conceito de “sentido do lugar” foi criado pelo geógrafo Yi-Fu Tuan e pelo psicólogo ambiental Fritz Steele, para abarcar os significados, as ligações e as satisfações individuais ou grupais associadas com um determinado lugar (Klanlcka, Buchecker, Hunzler e Müller-Böker, 2006). Relativamente aos lugares naturais, este tem sido utilizado por autores como Greider e Garkovich (1994), Stedman (2003) e Keske, Bixler, Bastian, e Cross (2017). Segundo Greider e Garkovich (1994), na natureza não existem significados *per se*, pois são as pessoas que os produzem aquando das suas experiências sociais e culturais decorridas nos lugares naturais. Por sua vez, são esses significados que, depois, definem esse mundo. Estes autores defendem que é através dos fenómenos socioculturais que o ambiente físico é transformado em paisagem o que, por sua vez, reflete o modo como os indivíduos se auto-definem. Quando esses significados são postos em causa por acontecimentos ou inovações tecnológicas, essas autodefinições alteram-se através de um processo de negociação por novos símbolos e significados. No entanto, Stedman (2003) considera que grande parte das abordagens desconsidera a importância dos elementos físicos nos significados que os indivíduos atribuem. No estudo quantitativo realizado por este autor em Vilas County, na zona central de Wisconsin, e publicado em 2003,<sup>3</sup> o autor concluiu que as características da paisagem são tão importantes como as construções sociais, porque são as características físicas que definem os limites e dão forma às construções sociais.

---

<sup>3</sup> Estudo realizado numa zona de abundantes lagos e de grande riqueza paisagística para testar vários modelos de *Sense of place* que incluíam as características do meio ambiente, os modos de utilização desse meio, a construção de significados e duas dimensões do sentido do lugar (apego ao lugar e satisfação). O estudo incluiu 581 residentes seleccionados aleatoriamente e contactados por correio electrónico para responderem a um questionário.

Outros autores, como os sociólogos Eisenhauer, Krannich e Blahna, destacam o aspecto emocional nas abordagens aos espaços públicos e aos espaços naturais, utilizando o mesmo conceito. Acerca dos espaços públicos, estes autores defendem que estes conjugam aspectos práticos e emocionais e que para compreender as decisões e comportamentos dos indivíduos nesses espaços é necessário perceber não só as ligações racionais, como as utilitaristas ou economicistas, mas também as ligações emocionais que ligam os indivíduos aos mesmos. Relativamente aos espaços naturais, estes autores defendem que o conceito de “sentido de lugar” refere-se às ligações que os indivíduos têm com a terra, à sua relação com os espaços e à inclusão de aspectos emocionais e simbólicos. O modo como os indivíduos se relacionam com o ambiente natural resulta de construções sociais que derivam das experiências e interações nas quais são atribuídos significados a certos locais e que depois são partilhados com todo o grupo (Eisenhauer *et al.*, 2000).

O conceito de “sentido do lugar” abrange conceitos como apego ao lugar, “Dependência do lugar”, “Identidade do lugar” (Keske *et al.*, 2017; Klanlcka *et al.*, 2006) e “Regionalização” (Klanlcka *et al.*, 2006), mas como se verá mais adiante, existem muitos autores que operacionalizaram e estruturaram estes conceitos de diferentes formas.

O conceito de “significado do lugar” tem sido utilizado por autores oriundos da psicologia, como Williams (2014) ou Wynveen *et al.* (2012). Segundo estes últimos, este conceito refere-se aos conhecimentos e/ou crenças respeitantes a um lugar e reflete o valor e a significado desse lugar para os indivíduos, remetendo assim para a efetividade, o conhecimento e para os comportamentos associados com a relação dos indivíduos ao lugar.

A importância dos elementos físicos nos significados atribuídos pelas pessoas aos lugares foi também defendida pelos sociólogos Melinda Milligan, Thomas Gieryn e Catherine Degen, que colocam a importância dos elementos físicos do lugar a par dos elementos sociais. Milligan (1998) considera que os lugares não são só construídos socialmente, mas também o são fisicamente, constituindo dois processos distintos mas relacionados. Ou seja,

physical sites (however defined by the participants) become the stages for social interaction, stages that are both physically and socially constructed, two processes that are both linked to and distinct from one another (Milligan, 1998: 2).

Gieryn (2000) enfatiza os aspetos físicos ao analisar os lugares através das dimensões “localização geográfica”, “forma material” e “significados e valores”, mencionadas no ponto anterior. Segundo este autor, estas três dimensões possuem igual importância e não devem ser analiticamente isoladas umas das outras porque os lugares constituem objetos criados pelo homem num determinado ponto geográfico e porque são interpretados, representados e identificados pelas pessoas, conjugando assim o mundo material e o interpretativo, o físico e a construção de significados. Por último, Degnen (2016) procurou construir uma abordagem sociológica da relação das pessoas com os lugares a partir do entendimento de que o lugar é criado e experienciado de vários modos e em interação dinâmica com outros indivíduos, objetos, ideias e outros lugares. Segundo esta autora, o conceito apresenta uma complexidade multidimensional e relacional resultante da combinação de três fatores interligados e em constante transformação: o “mundo físico”, os “significados atribuídos” e a “prática” das pessoas nesses locais.

Segundo Nassauer, os aspetos físicos dos lugares e os significados atribuídos relacionam-se num *loop* contínuo, ou seja, as pessoas atribuem significados aos aspetos físicos e depois interagem com o lugar determinados por esses significados, criando novas experiências que poderão, por sua vez, redefinir os significados atribuídos (Wynveen *et al.*, 2012).

A operacionalização concetual realizada no seio da psicologia por Ittelson, Franck e O’Hanlon, em 1976, sobre os modos como os indivíduos vivenciam o ambiente, acrescenta aos aspetos físicos e sociais, os aspetos emocionais, pois segundo estes autores, o ambiente pode ser analisado como espaço físico, como sistema social, como território emocional e como um palco para a ação, e cada um destes modos representa um significado específico na relação entre os indivíduos e o espaço (Tsaour *et al.*, 2014).

Na sociologia, destaca-se a relação entre as emoções e o lazer realizada por Elias e Dunning (1985). Segundo estes, essa relação devia ser abordada mediante três aspetos: “Histórico”, pois o lazer tem um efeito específico nas aprendizagens, nas tensões e no

*stress*; “Libertador”, na medida em que o lazer pode ser um desagúe para as emoções violentas, espontâneas e intensas; e “Prático”, pois se tratam de atividades que consubstanciam formas de diversão que permitem sentir emoções intensas mas controladas individual e coletivamente.

Para além da já mencionada abordagem sociológica de Eisenhauer *et al.* (2000), sobre as emoções no conceito de “sentido de lugar”, destaca-se ainda o contributo da psicóloga Maria Giuliani (2003), que abordou a importância dos sentimentos experienciados pelas pessoas relativamente aos lugares. Segundo esta autora, esses sentimentos têm um importante efeito positivo na definição da sua identidade e no enriquecimento das suas vidas, ou seja,

the feeling we experience towards certain places and to the communities that the places help to define and that are themselves defined by the places [...] certainly has a strong positive effect in defining our identity, in filling our life with meaning, in enriching it with values, goals and significance (Giuliani, 2003: 137).

Os significados atribuídos ao lugar através de atividades recreativas têm sido um dos temas mais estudados na relação dos indivíduos com os espaços naturais, pois estes lugares são lugares de eleição para várias atividades de lazer e profissionais. Um estudo efetuado por Eisenhauer *et al.* (2000), sobre a utilização dos espaços públicos naturais do sul do Utah por parte de residentes de quatro comunidades,<sup>4</sup> mostrou que as atividades de lazer são as que estão mais associadas a lugares especiais, apesar de muitos dos inquiridos desenvolverem aí atividades económicas, o que levou os autores a concluir que as ligações com este tipo de lugares são sobretudo emocionais e relacionadas com o lazer no tempo livre. O estudo indicou também que as razões mais apontadas pelas pessoas para considerarem um lugar como especial foram as características ambientais e as que estão relacionadas com a família e com os amigos, seguidas da conveniência e da propriedade.

---

<sup>4</sup> Estudo quantitativo publicado em 2000 cujos dados foram recolhidos através de questionários entregues nas moradas de residentes de quatro comunidades do Sul do Utah selecionadas aleatoriamente mediante a lista de caixas postais e listas telefónicas, perfazendo um total de 434 questionários válidos. Os questionários incluíam perguntas relativas à identificação de espaços públicos naturais que os respondentes consideravam especiais e as razões para tal, as atividades que estes desenvolviam nesses espaços e também uma pergunta aberta sobre as ligações emocionais a esses espaços.

Os estudos de Bricker e Kerstetter (2002) e de Gunderson e Watson (2007), também acerca das atividades desenvolvidas em lugares naturais, permitem destacar também a grande diversidade de significados atribuídos a esses lugares. O primeiro, sobre os significados atribuídos por indivíduos que fazem *rafting* e caiaque em South Fork, no rio American River na Califórnia, Estados Unidos,<sup>5</sup> levou os autores a concluir que os significados atribuídos eram multidimensionais e complexos e que desempenhavam um papel importante nas preferências das pessoas pelos lugares. Para uns entrevistados a importância dos lugares estava relacionada com o ambiente natural ou com as relações sociais e não na atividade em si, para outros estava na combinação da prática da atividade com os atributos naturais e/ou sociais e, para outros, a importância residia na interação social e noutros aspetos relacionados com as experiências decorridas no rio, como crescimento ou desenvolvimento pessoal (Bricker e Kerstetter, 2002). O estudo realizado em 2007 por Gunderson e Watson, visando a compreensão dos valores individuais e comunitários atribuídos à Floresta Nacional de Bitterroot nos Estados Unidos pelos residentes,<sup>6</sup> levaram os autores a concluir que os entrevistados atribuíam significados muito variados e que consideram importantes quer lugares que visitam com muita frequência, quer lugares que raramente visitam ou que nunca visitaram. Os residentes que trabalham na floresta atribuem valores relacionados com o trabalho, mas também valores culturais e naturais às paisagens relacionados com a identidade cultural e social. Para além destes, os autores identificaram significados atribuídos a laços históricos, características físicas, experiências ocorridas e à facilidade em aceder aos lugares naturais (Gunderson e Watson, 2007).

Para além dos aspetos físicos, sociais, culturais e emocionais, também existem exemplos de significados que podem advir da memória coletiva de acontecimentos ocorridos nesse lugar (Williams, 2014).

---

<sup>5</sup> Estudo realizado em 2002 que recorreu a entrevistas realizadas em vários pontos ao longo do *American River*, seguidas do preenchimento de um questionário enviado por e-mail uma semana depois, perfazendo um total de 593 indivíduos entrevistados e com questionário validado.

<sup>6</sup> Estudo qualitativo com recurso a entrevistas semi-estruturadas a doze residentes das quatro comunidades principais do Vale de Bitterroot e a oito informadores chave.

#### **2.1.4 A sociologia e o “lugar”**

Para Gieryn, os lugares onde se desenvolvem as interações sociais sempre foram importantes na investigação sociológica empírica, mas não eram analisados enquanto objeto de estudo e não eram enquadrados numa “Sociologia do lugar”, por isso o destaque do lugar foi assim deixado para a geografia (Gieryn, 2000), como referido anteriormente.

Recentemente têm sido publicados estudos que enfatizam a importância da análise sociológica do mundo físico, a influência desse mundo no comportamento humano e a relação do mundo físico com a estratificação social, o poder, o género, a raça, a classe, a economia política e o crime (Kim *et al.*, 2013). Mas são os defensores da existência de uma sociologia do lugar, como Gieryn e Urry que mais se têm esforçado por defender a importância e a complexidade sociológica deste conceito.

Para Gieryn (2000) tudo o que os sociólogos estudam ocorre num lugar e este não é apenas um cenário, palco ou contexto, é um elemento constituinte da vida social e das mudanças históricas da sociedade. Para defender a importância do lugar no social e na história, este autor reuniu e categorizou uma grande quantidade de abordagens que incluem o espaço físico através de vários aspetos: A estabilidade e durabilidade facultada pelos lugares às estruturas de categorias sociais, diferenças e hierarquias; o modo como os lugares organizam os padrões de interação face-a-face; e a incorporação e manutenção de normas culturais intangíveis, identidades, memórias e valores aos lugares. Destacam-se seguidamente os aspetos mais importantes reunidos por este autor.

Relativamente à manutenção da estabilidade e durabilidade das estruturas de categorias sociais, diferenças e hierarquias, o autor defende que os lugares ajudam a manter as diferenças e hierarquias através das rotinas das pessoas, excluindo e segregando categorias de pessoas e incorporando os significados culturais que lhes foram atribuídos. A manutenção das hierarquias através dos lugares passa também pelo aumento ou redução das oportunidades de vida, pois a maior parte dos trabalhos efectuados sobre bairros urbanos segregados permite concluir que estes são lugares física, social e culturalmente deteriorados, o que aumenta a vulnerabilidade dos indivíduos e os impede de ocuparem posições hierárquicas mais elevadas. Muitos lugares têm contribuído para a subordinação e controlo social das mulheres através dos

significados que lhes são atribuídos, nomeadamente o lar, locais de trabalho, clubes e outros em que se reproduz a proibição do acesso ao conhecimento e a certas atividades, contribuindo assim, para a perpetuação do poder e dos privilégios do género masculino. Os lugares também segregam categorias de indivíduos, quer em termos de etnia ou classe. Por um lado, através do acesso restrito ou da imposição de uma certa utilização do lugar, como por exemplo a obrigação da construção de determinados tipos de casas numa determinada zona ou criando lugares específicos para determinadas categorias de indivíduos, possibilitando que as diferenças de classe e hierarquias sociais sejam reproduzidas através do controlo das zonas de residência e do consumo. Mas, por outro lado, os lugares também podem proporcionar condições para as solidariedades étnicas e comunitárias. Relativamente à promoção da interacção e da proximidade, Gieryn menciona a existência de um debate entre os sociólogos, sobretudo acerca dos lugares urbanos, pois por um lado, estes são descritos como lugares de diversidade, tolerância, sofisticação, participação pública, cosmopolitismo, integração, liberdade, criatividade ou interacção, mas por outro, são descritos como lugares de anonimato, desengajamento social, solidão, egoísmo, privatização, controlo social, segregação ou individualismo. No entanto, os lugares urbanos, sejam edifícios ou cidades inteiras, podem atualmente ser construídos no sentido de promoverem as interacções entre indivíduos. Espaços públicos como parques e praças são lugares de excelência para a promoção de interacções porque são acessíveis a todos e devem ser construídos de modo a convidar os cidadãos para a sua frequência. Bares, restaurantes, igrejas e clubes são outros exemplos de lugares privados de engajamentos informais e organizacionais. O autor também identifica lugares ou aspetos que podem diminuir a probabilidade de interacções, como os centros comerciais e outras áreas de comércio, que podem segregar, os guetos, que podem excluir e a poluição, que pode afastar os indivíduos. Os lugares também são lugares de poder, no sentido em que existe uma capacidade de dominar e controlar os indivíduos advinda dos significados que são atribuídos a certos lugares, como clubes exclusivos, sede de empresas, edifícios que espelham o domínio sobre a natureza ou lugares onde se exerce a política. O controlo social, formal e informal, também está associado aos lugares, como por exemplo o assédio ou perseguição a mulheres ou a indivíduos de grupos minoritários em espaços públicos. Os comportamentos e aparências também dependem muito de onde ocorrem. Neste sentido, os grafitis, a expressão da homossexualidade ou mesmo uma manifestação de rua, são exemplos do

que podem ser formas de resistência às normas que foram vinculadas aos lugares onde ocorrem. E por último, a transformação de espaços em lugares através dos significados atribuídos pelas pessoas aquando das ligações sentimentais e emocionais que estabelecem com os mesmos.

Segundo Urry (2004), os estudos sociológicos que abordaram o lugar destacam a sua multidimensionalidade e diversidade, aspetos que o autor agrupa nos seguintes pontos: i) O dinamismo inerente aos lugares, pois estes envolvem processos que abrangem uma grande amplitude de relações sociais. Cada lugar pode ser considerado como palco de interações face-a-face muito próximas e intensas ou como redes que se estendem a nível corpóreo, virtual e imaginário; ii) As relações entre as pessoas e os lugares, que variam com o género e a etnia, sobretudo em espaços urbanos, onde sobressaem interesses e representações masculinas e a importância da arquitectura urbana; iii) As finalidades na construção de certos espaços, que podem ser desenhados para ignorarem as diferenças entre os diferentes grupos sociais e para separar a vida íntima dos indivíduos das suas atividades públicas, nomeadamente a transformação dos espaços mais significativos das cidades em lugares orientados para o consumo e para o turismo e a criação de lugares de consumo completamente simulados, como os parques de atrações; iv) A importância dos objetos e atividades na construção do lugar, na medida em que estes participam na manutenção das comunidades e da vizinhança, como acontece com monumentos importantes, bares, centros comunitários e parques; v) A dependência dos lugares de vários tipos de mobilidade, nomeadamente o acesso aos vários objetos do lugar e a ligação com outros lugares, ao ponto de estes poderem ser criados através de redes de movimentos de indivíduos.

## **2.2 *Place attachment* (o apego ao lugar)**

### **2.2.1 Abordagem conceptual**

Segundo Wynveen et al. (2012), os conceitos de apego ao lugar e sentido do lugar são os mais utilizados para abordar a relação das pessoas com os lugares, mas autores como Mantey (2015) e Stylidis (2018), defendem que atualmente o apego ao lugar é o conceito mais utilizado e consensual para a análise dessa relação.

Para Low e Altman (1992), o conceito de apego ao lugar pode ser definido simplesmente como um apego afetivo ou cognitivo dos indivíduos para com o ambiente, em que apego afetivo significa uma relação emocional especial. Ou seja, na transformação do espaço em lugar através da atribuição de significados. O apego ao lugar está no desenvolvimento de relações emocionais ou cognitivas relativas a esse lugar. A componente emocional é destacada por Rubinstein e Parmelee (1992), pois o apego ao lugar consiste num conjunto de sentimentos relativos a uma localização geográfica com a qual existe uma ligação emocional quando ocorrem experiências nesse lugar. Para Lewicka (2014), o apego ao lugar implica também a fixação de emoções nesse lugar, sentimentos de pertença e a vontade de ficar perto e de voltar depois de se afastar.

No entanto, autores como Wynveen *et al.* (2012), Gustafson (2014), Stedman *et al.* (2014), Williams (2014) e Wilkins e Urioste-Stone (2018), consideram que os significados atribuídos aos lugares também podem ser fonte de apego. Para Gustafson (2014), os lugares podem ser significativos para as pessoas por diversas razões, originando diferentes tipos de apego, ou seja, os significados atribuídos determinam o tipo de apego ao lugar. Independentemente das ligações emocionais ou afetivas, os significados precedem o apego, porque as pessoas ligam-se aos lugares através dos símbolos que eles próprios lhes atribuem (Stedman *et al.*, 2014).

Autores como Stedman *et al.* (2014), distinguem os conceitos “apego ao lugar” e “sentido do lugar”, defendendo que o sentido do lugar é constituído pelos significados acerca da essência ou conteúdo do lugar criados através das atividades humanas, independentemente de serem originados pelo conhecimento individual ou através de processos sociais, enquanto o apego ao lugar remete para a intensidade das emoções relativas ao apego das pessoas aos lugares que podem ser medidas através de escalas. No entanto, autores como Williams (2014) e Wynveen *et al.* (2012), defendem que o conceito de “apego ao lugar” tem uma maior abrangência, considerando que este pode englobar os aspetos abordados pelo conceito sentido do lugar, independentemente de ser utilizado como construto operacional para medir a intensidade ou força emocional do apego ou para analisar extensivamente quer o processo de formação das ligações através dos significados atribuídos pelas pessoas, quer o modo como estes são individualizados ou partilhados.

O conceito de “apego ao lugar” tem sido utilizado por muitos autores, tendo adquirido múltiplas definições e grande complexidade. Segundo Moulay *et al.* (2018), a razão para tal prende-se com a natureza multifacetada, multidisciplinar, multidimensional e multiparadigmática da investigação sobre o apego ao lugar. Nesta diversidade, existem autores que, para além dos laços afetivos e cognitivos, incluem ações, comportamentos, perceções (Casakin e Raizer, 2017; Low e Altman, 1992) e crenças (Low e Altman, 1992). Segundo Brown e Perkins, (2014), a maior parte dos autores só analisa as ligações emocionais e cognitivas positivas do apego ao lugar, mas autores como Brown e Perkins (1992), Carrus *et al.* (2014), Devine-Wrighth (2014), Reineman e Ardoin (2018) incluem também emoções e as sensações negativas.

Neste sentido, destaca-se a definição de apego ao lugar de Barbara Brown e Douglas Perkins, surgida no seio da Psicologia, em que o apego ao lugar

Involves positively experienced bonds, sometimes occurring without awareness, that are developed over time from the behavioral, affective, and cognitive ties between individuals and/or groups and their sociophysical environment. These bonds provide a framework for both individual and communal aspects of identity and have both stabilizing and dynamic features. The environments may include homes or communities, places that are important and directly experienced but which may not have easily specified boundaries. Predominately negative connections to place characterize failed attachments, which may be experienced as alienation. Transformations in place attachment occur whenever the people, places, or psychological processes change over time. Disruptions of place attachment are noticeable transformations in place attachment due to noticeable changes in the people, processes, or places (Brown e Perkins, 2014),

que abrange vários tipos de lugares e os aspetos positivos e negativos do apego ao lugar. No entanto, esta definição não destaca os significados, os aspetos emocionais nem a perceção de insubstitubilidade do lugar, aspetos centrais em abordagens concetuais de vários autores, como será explanado mais à frente.

Para Low e Altman (1992), a diversidade das abordagens conceptuais é tão grande que o apego ao lugar pode não ser apenas um fenómeno, mas sim uma variedade de fenómenos que variam em aspeto, origem e finalidades que incluem: vários tipos de apego ao lugar que envolvem a interação entre: afetos e emoções - conhecimentos e crenças - comportamentos e ações; vários tipos de lugares, que variam em escala, especificidade e tangibilidade; vários tipos de atores e diferentes relações sociais

(individuais, grupos e culturas); e também aspetos temporais (lineares e ciclos). O apego ao lugar pode ser individual mas também pode ser estabelecido com lugares que são simbolicamente importantes para toda a comunidade em termos históricos, religiosos ou políticos (Mandal, 2016) ou com lugares que nunca foram visitados, devido aos significados atribuídos pela sociedade ou cultura a que esses indivíduos pertencem (Wilkins e Urioste-Stone, 2018). Assim, o estudo do apego ao lugar pode abarcar o apego de um único indivíduo, uma família, o círculo de amigos, a comunidade ou o grupo cultural (Low e Altman, 1992).

Lewicka (2011a) efectuou uma grande pesquisa bibliográfica<sup>7</sup> aos trabalhos realizados entre 1970 e 2010 que incluíam conceitos sobre os lugares e identificou cerca de 400 publicações em mais de 120 revistas diferentes, abrangendo disciplinas como a psicologia ambiental, sociologia, psicologia comunitária, geografia humana, antropologia cultural, gerontologia, demografia, estudos urbanos, ciências do lazer e do turismo, ecologia, silvicultura, arquitectura, planeamento e economia. Mais de 60% desses trabalhos foram realizados na última década, o que indica um crescimento sistemático das publicações relacionadas com o estudo da ligação das pessoas os lugares. Os lugares mais estudados são os lugares de residência (Lewicka, 2011a). Existe uma multiplicidade de trabalhos relacionados com a renovação dos bairros de residência, cuidados e vigilância, mobilização para o planeamento ambiental comunitário e controle social (Felippe e Kuhnen, 2012) e habitação social e mobilidade (Manzo e Devine-Wright, 2014). Outros estudos incidem sobre lugares mais ou menos próximos dos lugares de residência, nomeadamente lugares turísticos (Correia *et al.*, 2014), estabelecimentos comerciais (Felippe e Kuhnen, 2012), lugares sagrados, locais de trabalho, recintos desportivos, lugares virtuais ou imaginários (Lewicka, 2011a), parques naturais (Moulay *et al.*, 2018), paisagem (Riley, 1992), ambientes marítimos (Wynveen *et al.*, 2012) e espaços públicos (Mantey, 2015).

O conceito de “apego ao lugar” já foi operacionalizado para analisar lugares naturais, nomeadamente lugares naturais em risco, lugares onde ocorrem desastres naturais (Manzo e Devine-Wright, 2014), lugares naturais através de atividades recreativas (Bricker e Kerstetter 2002; Gunderson e Watson 2007; Hufford, 1992; Reineman e

---

<sup>7</sup> Pesquisa efetuada através de entradas como *place attachment*, *place identity* e outros termos relacionados nas bases de dados mais populares, como a Google Académico e a SocIndex e em tabelas de conteúdos de duas grandes revistas (*Journal of Environmental Psychology* e *Environment and Behavior*).

Ardoin, 2018; Stedman *et al.*, 2014; Tsaur *et al.*, 2014; Wilkins e Urioste-Stone, 2018), atitudes e comportamentos de residentes e de operadores turísticos face a lugares turísticos, atitudes e comportamentos de turistas, desenvolvimento turístico e autenticidade de atrações turísticas (Adrião, 2000; Correia *et al.*, 2014; Schilar e Keskitalo, 2017; Styliadis 2018; Woosnam, *et al.*, 2018) e comportamento ambiental (Carrus *et al.*, 2014; Devine-Wright, 2014; Manzo e Devine-Wright, 2014).

No entanto e segundo Devine-Wright (2014), a maioria das conceptualizações de apego ao lugar não contemplam o dinamismo envolvido nesse processo, nomeadamente a grande mobilidade dos indivíduos nas sociedades atuais, nomeadamente a mobilidade residencial, a transformação dos lugares através do desenvolvimento económico e da migração e as alterações climáticas. É neste sentido que Lewicka (2011a) defende que, atualmente, é mais adequado considerar o lugar como fonte de interações sociais potenciais e não como algo estável, limitado e contínuo.

A questão temporal também é mencionada por Low e Altman (1992), que referem o trabalho de Werner, Altman e Oxley de 1985, em que estes autores distinguem as variações temporais que ocorrem em termos lineares, ou seja, passado, presente e futuro e em termos cíclicos, através de significados e atividades recorrentes. Existe assim, uma dinâmica associada ao apego dos indivíduos com os lugares, seja através das transformações que ocorrem nos vários elementos dos lugares, seja através das experiências dos indivíduos nesses lugares.

A complexidade do apego ao lugar é também corroborada por Bricker e Kerstetter (2002) e Gunderson e Watson (2007), nos trabalhos destes autores mencionados anteriormente, bem como outros, como Lewicka (2011b),<sup>8</sup> que num estudo realizado na Polónia, identificou cinco tipos diferentes de orientações dos indivíduos relativamente aos lugares de residência: Dois tipos de apego ao lugar, um “tradicional”, que remete para um enraizamento (lugar como raiz) e continuidade não reflectidos ou não conscientes e um “ativo”, para um enraizamento reflectido ou ideológico; e três tipos de não apego, “alienação”, que implica atitudes explícitas negativas e afastamento,

---

<sup>8</sup> O estudo quantitativo decorrido na Polónia que contou com 2556 participantes que foram inquiridos em suas casas para identificar os diferentes tipos de relações das pessoas para com o seu lugar de residência (Lewicka, 2011b)

“relatividade”, que implica ambivalência e aceitação e “sem lugar”, que remete para a indiferença para com o lugar.

No entanto, existem autores que desdramatizam esta complexidade, como Manzo e Devine-Right (2014) e que defendem que o conceito se encontra entre uma fase de desenvolvimento conceptual e uma fase de aplicação, seguindo uma evolução normal. Para estes autores, as várias teorias e debates são sinal de maturidade e vitalidade intelectual típicas de um tema interdisciplinar que desperta interesse em várias áreas. Estes autores reconhecem, contudo, que não existe ainda um corpo teórico que permita sustentar a forte aplicação que se tem dado ao conceito e, por isso, as muitas definições que têm sido feitas ainda não contemplam satisfatoriamente aspetos como a memória, a mobilidade, a existência de vários apegos ao lugar simultâneos e todo um leque de emoções e experiências que o conceito implica.

Lewicka (2011a) defende que os estudos sobre as relações entre as pessoas e os lugares parecem estar presos por questões conceptuais e por tentativas de encaixar diferentes conceitos que são tratados como peças de um puzzle que já devia ter sido terminado. Nesse sentido esta autora menciona que as referências aos trabalhos clássicos continuam a ser tão utilizadas como eram há várias décadas atrás e a maior parte dos estudos sobre o apego são simples análises identificadoras dos apegos dos indivíduos aos lugares ou de descrição física dos ambientes. Para esta autora, o progresso que tem sido feito deve-se sobretudo ao aparecimento de diversas escalas de medida e à utilização do conceito noutros temas que não o residencial ou a vizinhança, progresso que, não têm sido suficiente para o desenvolvimento teórico.

Apesar de vários estudos correlacionarem positivamente o apego ao lugar com uma maior satisfação com a vida, um capital social mais elevado e com maior capacidade de adaptação (Lewicka, 2014), Giuliani (2003) defende que o que define o apego ao lugar não são os efeitos positivos desse apego, mas sim, se este é percebido como uma ligação ou laço relativamente duradouro, com alvos específicos e não substituíveis por outros em termos de qualidade de utilização. Ou seja, a intensidade do apego ao lugar é determinado pelas características físicas do lugar, as necessidades individuais e peculiares e da avaliação do lugar relativamente a outras opções.

Segundo Felipe e Kuhnen (2012), a primeira abordagem aos laços afetivos com os lugares apareceu em 1963, pela mão do psicólogo Marc Fried na obra *Grieving for a Lost Home*, na qual o autor estudou as reacções de indivíduos forçados a sair das suas residências e concluiu que as respetivas reacções eram semelhantes à perda de um ente próximo e que estavam relacionadas com “uma interrupção do sentido de continuidade dos moradores, pela fragmentação da identidade espacial e comunitária” (Felipe e Kuhnen, 2012: 611). Os aspectos da identidade têm permanecido relacionados com o apego ao lugar sobretudo através do conceito de “Identidade do lugar”, destacado por autores como Brown e Perkins (1992), Pellow (1992), Mandal (2006) ou Wilkins e Urioste-Stone, (2018) e que será explanado posteriormente.

Em 1992 surgiu uma obra que viria a ser o primeiro marco na abordagem do espaço através do conceito de “apego ao lugar”, o livro *Place Attachment*, editado pelo psicólogo Irwin Altman e pela antropóloga Setha Low. Esta obra enfatiza a importância deste conceito na investigação e ofereceu-lhe uma estrutura conceptual que serviu de orientação a muitas investigações (Manzo e Devine-Wright, 2014). Segundo os seus autores, os primeiros trabalhos no seio da psicologia sobre o apego ao lugar focavam-se no funcionamento cognitivo individual no processo de apego, mas foram os trabalhos provenientes da sociologia e da psicologia social, acerca do espaço pessoal, da territorialidade, dos significados ambientais e do uso do espaço pela família, pelo grupo de pertença e pelas multidões, os trabalhos provenientes da antropologia, acerca das residências e dos lugares sagrados e outros trabalhos posteriores nestas disciplinas sobre os sem-abrigo, a mobilidade, a recolocação, a alteração das estruturas familiares, o crime e o desenvolvimento comunitário, que enfatizaram a importância das emoções para com o mundo físico e também a existência de uma série de disrupções nas relações dos indivíduos com os lugares, como as perturbações individuais e familiares, o *stress*, a alienação ou a perda de raízes com os lugares. O contributo dos primeiros fenomenologistas, como Bachelard, Eliade e outros posteriores, como Buttimer e Seamon, Relph e Tuan, também é destacado, sobretudo através de trabalhos acerca do apego ao lugar em lugares residenciais e em lugares sagrados e pelo destaque dado às experiências emocionais únicas e às ligações dos indivíduos com os lugares.

Para além dos aspetos afetivos e emocionais, Low e Altman (1992) reforçaram a importância dos aspetos sociais no apego ao lugar, defendendo que, independentemente

das características físicas dos lugares, estes são repositórios e contextos de relações interpessoais, comunitárias e culturais.

Autores como Stedman *et al.* (2014) e Woosnam *et al.* (2018) destacam o papel das experiências dos indivíduos, porque são essas experiências que levam às ligações emocionais aos lugares. Assim, e apesar de Low e Altman, defenderem que o termo “apego ao lugar” implica, em primeiro lugar, as ligações afetivas dos indivíduos com as características físicas daqueles, nomeadamente através da satisfação individual que o lugar transmite ao permitir controlo, criatividade, domínio e oportunidades de privacidade, segurança, serenidade e exposição individual, estes autores reconhecem que as relações sociais envolvidas podem constituir uma componente tão ou mais significativa que as características físicas dos lugares. Por exemplo, o apego a uma paisagem pode não estar apenas relacionado com os seus elementos físicos, mas sim com os significados e experiências que envolvem relações sociais aí ocorridas ou em lugares por ela evocados (Low e Altman, 1992).

Segundo Hernández, Hidalgo e Ruiz (2014), existem tantas formas de operacionalização do conceito de “apego ao lugar” quanto as combinações das dimensões utilizadas. Como se exemplifica na Figura 2.1, existe ainda um debate alargado acerca das dimensões do apego ao lugar e das suas relações com outros conceitos (Carrus *et al.*, 2014; Hernández *et al.*, 2014; Woosman *et al.*, 2018).

Autores como Giuliani, Hernández, Hidalgo ou Devine-Wright consideram o conceito de “apego ao lugar” como unidimensional e a par de conceitos como “Identidade do lugar” e “Dependência do lugar” (Modelo 1 da Figura 2.1). No entanto e segundo Gustafson (2014), aquando de uma análise realizada a vários estudos, o apego ao lugar como unidimensional não abrange a diversidade do fenómeno. Como defende o autor “places may be meaningful for different reasons to different persons, and thus give rise to different types of place attachment” (Gustafson, 2014: 40). Nomeadamente as diferenças nos apegos associadas à estratificação social e às diferenças na mobilidade dos indivíduos. Outros autores consideram várias combinações de dimensões (modelo 2 da Figura 2.1) e outros ainda colocam-no como uma dimensão de outros conceitos, como o “sentido do lugar” e o “Identificação do lugar” (modelo 3 da Figura 2.1).

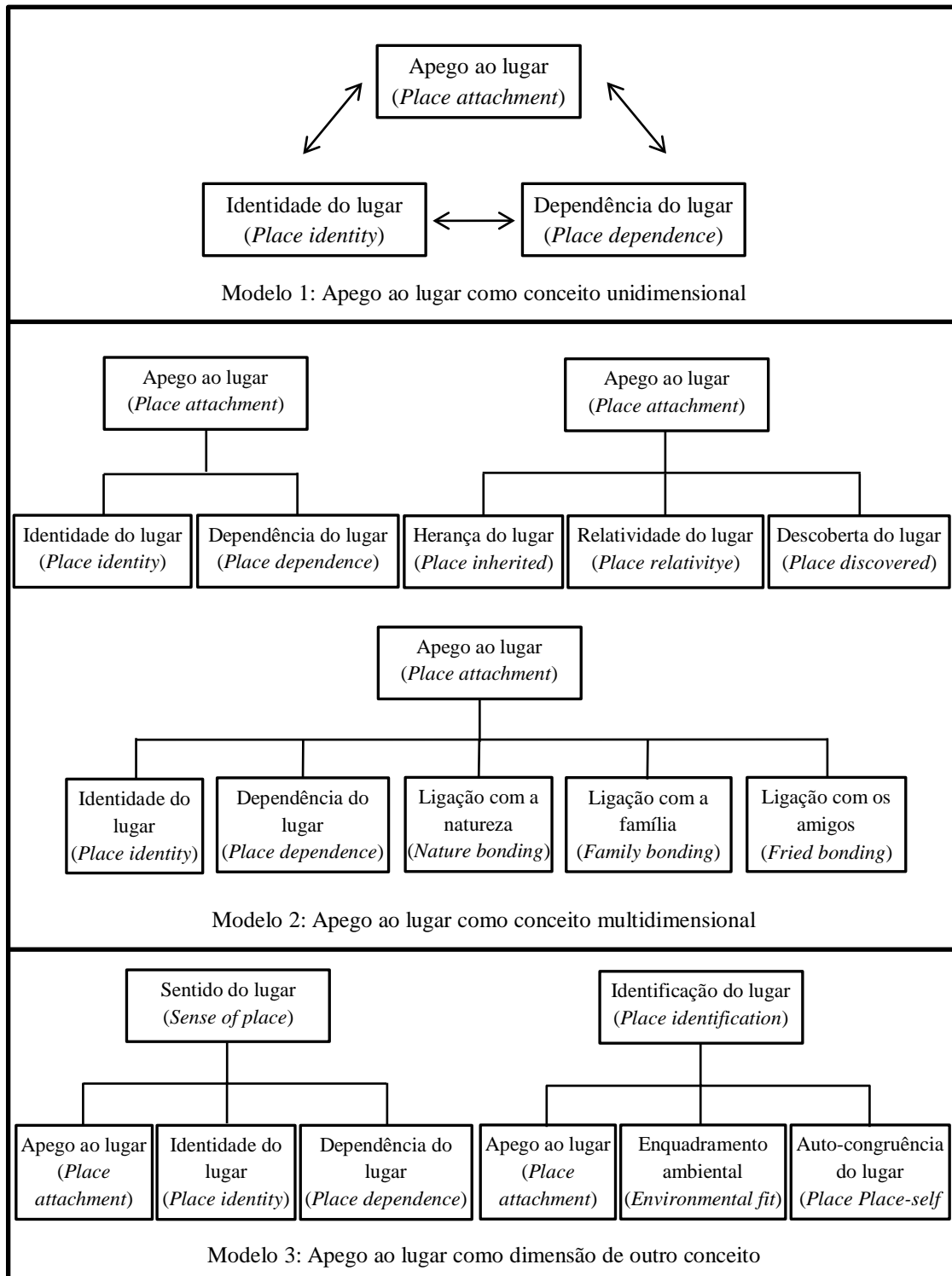


Figura 2.1 - Diferentes modelos de apego ao lugar. Fonte: tradução própria do esquema de Hernández *et al.* (2014).

Para além das dimensões presentes na Figura 2.1, também têm sido utilizadas outras como “Enraizamento” (*Rootedness*), “Familiaridade” (*Familiarity*), “Sentimento de pertença” (*Belongingness*) (Wilkins e Urioste-Stone, 2018), “Apego afetivo” (*Affective*

*attachment*) e “Laço social” (*Social bonding*) (Wynveen *et al.*, 2012; Tsaur *et al.* (2014). No entanto, este trabalho não pretendeu abarcar todas as operacionalizações do apego ao lugar, mas abordar apenas as que foram identificadas aquando da pesquisa bibliográfica, como as mais utilizadas e as que foram mais revelantes para esta investigação.

A operacionalização mais tradicional e a mais adoptada (Lewicka, 2011a; Schilar e Keskitalo, 2017; Wilkins e Urioste-Stone, 2018), incluindo a já referida grande análise bibliográfica efetuada por Lewicka (2011a), é a que corresponde ao primeiro esquema do Modelo 2 da Figura 2.1, *i.e.*, a operacionalização do apego ao lugar através das dimensões “Identidade do lugar” e “Dependência do lugar” realizada por Brown, em 1987, aquando da sua revisão à territorialidade, no seio da psicologia ambiental (Williams, 2014). Segundo Tsaur *et al.* (2014), esta visava distinguir as ligações instrumentais das ligações afetivas e terá sido inspirada no trabalho realizado em 1981 por Schreyer, Jacob e White que, baseados nos cinco modos pelos quais os indivíduos experienciam o ambiente que os rodeia propostos por Ittelson, Franck e O’Hanlon (ver ponto 2.1.4), propuseram que o apego ao lugar a lugares recreativos devia ser analisados através das dimensões “Significados funcionais” e “Significados simbólico-emocionais”. A dimensão “Identidade do lugar” envolve cognições que representam memórias, ideias, sentimentos e atitudes e reflete a importância simbólica do lugar que pode conduzir a um sentimento de pertença ou propósito que dá sentido à vida (Tsaur *et al.*, 2014). Para Wilkins e Urioste-Stone, (2018), esta dimensão representa um apego emocional que resulta da perceção de uma ligação entre um determinado lugar e a própria identidade. Neste sentido, Mandal (2006), refere que os lugares participam na distinção dos indivíduos, podem ser fonte de auto-estima, fornecer um sentimento de continuidade através da manutenção da auto-identidade, afetividade e controlo sobre o meio envolvente e reforçar o sentimento de pertença à comunidade. A dimensão “Dependência do lugar” remete para um apego funcional com o lugar (Ujang e Zakariya, 2015; Wilkins e Urioste-Stone, 2018), pois representa a importância que o lugar tem na satisfação das necessidades dos indivíduos (Stylidis, 2018; Woosman *et al.*, 2018). Segundo Tsaur *et al.* (2014), é definida como o conjunto de recursos físicos e sociais que definem a qualidade do lugar e que satisfazem as necessidades específicas da atividade que o indivíduo deseja praticar. Nesse sentido, Silva (2015) destaca a

capacidade do lugar em desempenhar uma ou mais funções, o facto de permitir desenvolver as atividades pretendidas e a existência de alternativas próximas. Apesar da existência de várias definições de “Dependência do lugar”, este autor concluiu que todas elas partilham quatro aspetos comuns: uma dependência funcional relacionada com a oferta de atividades e outras experiências; as características específicas do lugar; a singularidade das experiências oferecidas; e a comparação com outros lugares em termos da importância e qualidade de recursos e atividades disponibilizadas.

Segundo Moulay *et al.* (2017), apesar da operacionalização do apego ao lugar em “Identidade do lugar” e “Dependência do lugar” ter sido validada em vários tipos de lugares, estudos recentes que focaram a dimensão sociocultural, mostraram que esta operacionalização está incompleta por três motivos: i) A operacionalização dos conceitos é influenciada pelo contexto de estudo, como por exemplo, as abordagens em contextos recreativos acrescentam normalmente a sub-dimensão “Proximidade”, devido à complexidade da natureza da interação dos indivíduos com o lugar, enquanto em contextos residenciais essa abordagem tem de ser mais lata de modo a abranger aspetos sociais e culturais mais profundos; ii) É necessário um modelo mais compreensivo para explorar a correlação entre lugar e indivíduos em toda a literatura existente, um que inclua por exemplo as atitudes negativas e positivas dos indivíduos relativamente aos lugares; iii) É um modelo baseado na necessidade de tratamento estatístico em vez da justificação teórica, levando a que o conceito de “apego ao lugar” seja considerado como um componente secundário. Também Bricker e Kerstetter (2002), através do estudo mencionado anteriormente, concluíram que esta operacionalização é limitada, porque os indivíduos atribuem significados que estão na origem dos apegos quer aos recursos do lugar quer às atividades que esses recursos permitem desenvolver.

Existem muitos estudos que enfatizam mais os aspetos sociais dos apegos aos lugares do que os físicos, mas alguns autores consideram que as suas qualidades específicas deviam ser mais exploradas. No sentido de equilibrar os aspetos físicos com os sociais, os psicólogos Scannell e Gifford propuseram um modelo tridimensional (Figura 2.2) que pretende integrar várias abordagens (Hernández *et al.*, 2014).

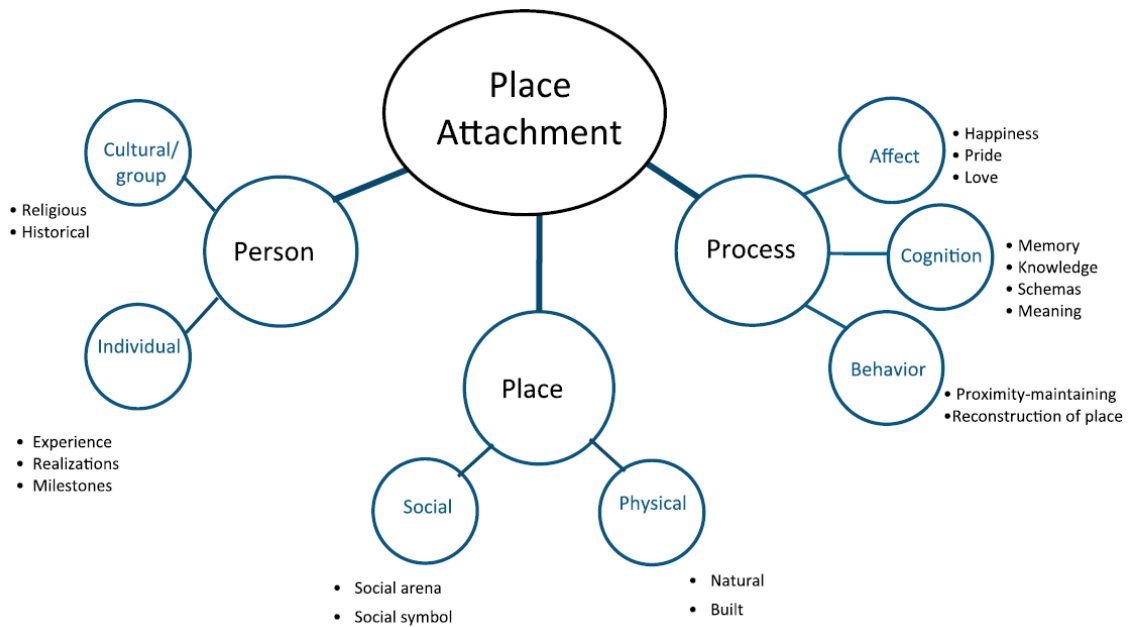


Figura 2.2 – O modelo tridimensional do apego ao lugar de Scannell e Gifford. Fonte: Scannell e Gifford (2010).

Scannell e Gifford (2010) partiram da seguinte definição de apego ao lugar:

a bond between an individual or group and a Place that can vary in terms of spatial level, degree of specificity, and social or physical features of the Place, and is manifested through affective, cognitive, and behavioral psychological processes (Scannell e Gifford, 2010: 5),

para realizarem uma operacionalização através de três dimensões (Figura 2.2): *Person*, que inclui as sub-dimensões *Individual* e *Cultural/group*, que remetem respectivamente para as ligações individuais com os lugares criadas através da atribuição de significados aquando de experiências importantes, como realizações pessoais e marcos da história pessoal e para os significados simbólicos atribuídos ao lugar que são partilhados pela comunidade, em que os lugares preservam as culturas dos grupos; *Process*, que congrega os processos psicológicos, nomeadamente, os afetivos (emoção), os cognitivos (identidade) e os comportamentais (ação); e *Place*, que inclui as dimensões físicas e sociais dos lugares.

Segundo Hernández *et al.* (2014) e Moulay *et al.* (2018), o modelo de Scannell e Gifford é o mais abrangente e consensual. Também o geógrafo Devine-Wright (2014) lhe reconhece vantagens, nomeadamente a identificação e organização de aspetos que estão dispersos na literatura e a inclusão de alguma dinâmica ao conceito de apego ao lugar através da dimensão *Process*, mas também o critica por não incluir toda a

dinâmica do apego ao lugar. Segundo este autor, a dimensão *Process* está estruturalmente separada das dimensões *Person* e *Place*, não permitindo incluir o dinamismo de cada uma destas dimensões.

Para além da inclusão de dimensões e categorias dedicadas aos aspetos sociais do apego ao lugar, existem autores, como Degnen (2016), que defendem que a maioria das abordagens estão demasiado focadas na experiência individual e não abarcam a profundidade dos aspetos sociais do lugar, ou seja, não basta incluir os aspetos sociais relativos às experiências individuais nas análises do apego ao lugar mas sim incluir também as interações dinâmicas com outras entidades e processos (coletivos, relacionais e incorporados). Segundo esta autora, no apego ao lugar não se deve considerar apenas que as pessoas estão expostas aos lugares, mas sim como as histórias individuais e as dos outros estão ligadas ao lugar e à corporificação do espaço.

Da pesquisa bibliográfica realizada destacam-se ainda duas operacionalizações com pendôr sociológico, nomeadamente as de Deborah Pellow (1992) e de Melinda Milligan (1998).

A antropóloga Deborah Pellow (1992) propõe uma abordagem centrada no conceito de “ator”, através da análise das relações entre os símbolos, os significados e os elementos das relações sociais. Segundo esta autora, o conceito de “ator” é central para a análise sociológica dos símbolos e dos significados, porque estes resultam da ação dos indivíduos. No seu estudo etnográfico sobre um complexo habitacional africano em Accra (Gana),<sup>9</sup> a autora mostrou como certas atividades decorridas em lugares públicos contribuíam para o apego a esses lugares e para um sentido de identidade individual e grupal. Segundo a autora, os processos culturais do apego ao lugar são sistemas de reprodução social e de normas sociais que condicionam as relações humanas.

A socióloga Melinda Milligan (1998), operacionalizou o apego ao lugar nas dimensões “memórias das interações associadas com o lugar” (*interactional past*), em que quanto mais significativas forem essas interações ou as suas perceções maior é o apego ao lugar; e “experiências que são percebidas como possíveis ou prováveis (ou expectáveis) de ocorrer no lugar” (*interactional potencial*), pois as características do

---

<sup>9</sup> Em que o trabalho de campo decorreu entre Agosto de 1970 a Novembro de 1971 no complexo de Somo's.

lugar influenciam também as atividades que poderão vir a ocorrer, formando uma série de expectativas acerca das interações futuras nesse lugar. Segundo esta autora a formação do apego ao lugar começa com a transformação de um espaço em lugar, na medida em que este passa a ser conhecido e é na sequência desse conhecimento que os indivíduos podem estabelecer ligações emocionais com ele, adquirindo, ao mesmo tempo, a percepção de que este não pode ser substituído por outros lugares. Assim, o apego ao lugar será maior quanto maior for a percepção de insubstitibilidade. Para esta autora é ainda importante distinguir as ligações ao lugar de outras experiências afetivas e julgamentos, como as que estão relacionadas com a estética dos lugares, que advêm de uma resposta sensorial imediata, ou de atitudes e preferências que implicam algum nível de escolha.

A operacionalização de Milligan parece contemplar a dinâmica do apego ao lugar, pois para Milligan (1998) as dimensões *Interactional past* e *Interactional potencial* representam a continuidade temporal das experiências dos indivíduos no lugar e é essa continuidade que permite agrupar as experiências passadas, como as memórias de um determinado tipo, mas também permite incluir as disrupções e as expectativas relativas a futuras interações.

### **2.2.2 As disrupções**

Outro aspeto da diversidade nas abordagens ao apego ao lugar é a inclusão dos aspetos que afetam negativamente o apego das pessoas aos lugares. Segundo Devine-Wright (2014), as abordagens que abrangem a dinâmica do apego ao lugar podem ser divididas entre as que se centram nas transformações que ocorrem nos lugares, como consequência de desastres naturais, de construções humanas ou transformações sociais e as que se centram nas transformações que ocorrem na vida dos indivíduos, como as que estão relacionadas com a mobilidade ou com as fases do percurso de vida, como por exemplo e segundo Brown e Perkins (1992), a morte de alguém próximo, um divórcio ou deficiências físicas ou a deterioração da saúde dos próprios ou de uma familiar próximo.

Uma das definições de apego ao lugar que inclui os aspetos disruptivos é a de Brown e Perkins, citada no ponto anterior. Estes autores criaram o conceito “disrupção”, para operacionalizar os aspetos relacionados com roubos, com mudanças de residência voluntárias e com mudanças de residência involuntárias devido a desastres naturais. Para analisar o processo disruptivo, estes autores conceberam um modelo tripartido que inclui uma fase de pré-disrupção, em que o indivíduo é preparado para o desapego; uma fase de disrupção, que corresponde ao desapego propriamente dito; e uma fase de pós-disrupção, em que os indivíduos tentam manter o apego ou criar um outro noutro lugar. São três fases interdependentes, pois o sentimento de perda após a disrupção e a dificuldade em fazer novos apegos dependem das qualidades do apego inicial e da disrupção propriamente dita. As disrupções podem ocorrer como um processo que se intensifica ao longo de um período de tempo relativamente longo ou serem repentinas, mas a fase maior será sempre a que corresponde ao lidar com a perda, reparar o apego ou criar novos apegos. Assim e para estes autores, o maior desafio para os indivíduos está na negociação de reconciliação entre o que perderam e o que desejam que seja significativo (Brown e Perkins, 1992).

Para analisar as transformações no apego ao lugar aquando das transformações dos lugares, Devine-Wright (2014) elaborou um modelo de cinco etapas de respostas psicológicas perante as transformações dos lugares (Figura 2.3).

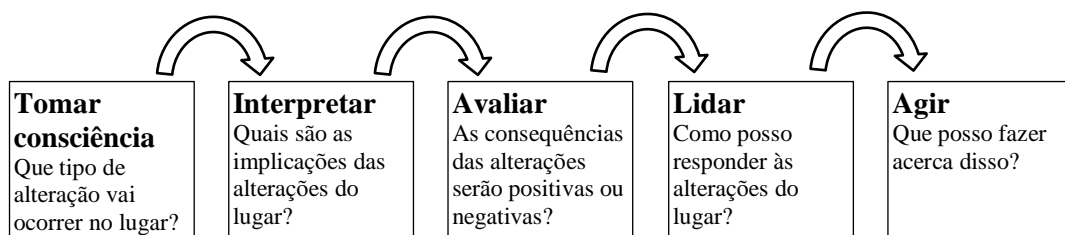


Figura 2.3 – Estágios de respostas psicológicas perante a transformação dos lugares ao longo do tempo. Fonte: tradução própria do esquema Devine-Wright (2014).

Os impactos das disrupções podem variar com a sua natureza, sendo maiores quando as disrupções são grandes ou súbitas (Reineman e Ardoin, 2018) e com o nível do apego ao lugar (Devine-Wright, 2014). Esses impactos podem ter implicações imediatas ou futuras e implicações devastadoras para a identidade individual e coletiva, para a memória, história e para o bem-estar psicológico (Gieryn, 2000). Para Milligan (1998) quando ocorre uma quebra no apego ao lugar, os indivíduos perdem as ligações com as

experiências significativas ocorridas nos seus passados e com as que esperam que sejam significativas no futuro. No entanto, para Milligan (1998) e para Gieryn (2000), as disrupções também podem implicar a criação de novos apegos, como a um novo lar, vizinhança ou comunidade (Gieryn, 2000).

Um dos aspetos mais mencionados nos diversos estudos sobre o apego ao lugar é a relação entre o tempo de permanência dos indivíduos no lugar e o seu apego ao mesmo (Gieryn, 2000, Lewicka, 2011a, Wilkins e Urioste-Stone, 2018). Segundo Lewicka (2011a, 2014), o tempo de permanência no lugar é um dos preditores mais antigos e o mais consistente do apego ao lugar. Apesar da residência em si também ser um preditor, a sua permanência remete para a duração dessa relação, aspeto que está presente na dificuldade ou tristeza sentidas pelas pessoas aquando do abandonar do lugar. Como escreve Lewicka (2011a: 224),

Places in which people reside for many years acquire meanings associated with several life stages, such as growing up, dating partners, marrying, having children, and getting old, which results in a rich network of Place-related meanings, and offers a deep sense of self-continuity, something that more mobile people do not experience.

Ou seja, quanto mais tempo os indivíduos residem num lugar mais enraizados se sentem e maior é a sua ligação com o lugar. Este indicador foi depois adotado para os lugares de lazer (Lewicka, 2011a), como são exemplo os estudos já mencionados de Eisenhauer *et al.* (2000) e Gunderson e Watson (2007).

Na Psicologia Ambiental têm surgido muitos estudos sobre o apego relacionado com as ligações afetivas que as pessoas desenvolvem com os lugares onde nasceram e cresceram. Por um lado, esse apego está relacionado com as memórias e experiências da infância e da adolescência e é maior quando essas fases da vida ocorrem no mesmo lugar. Por outro, é mais forte do que os que acontecem em fases de vida mais avançadas (Silva, 2015). Lewicka (2011a) recorre a Morgan para sublinhar que os apegos formados na infância influenciam a identidade dos indivíduos na fase adulta, sendo determinantes para a constituição de apegos ao lugar nessa fase, pois “Only persons who succeed in developing Place attachment in early childhood will be able to develop emotional bonds with Places in later stages of life.” (Lewicka (2011a: 225). Também Degnen (2016) enfatiza o papel da memória no apego ao lugar afirmando que esta é

usada para criar e manter um sentimento de continuidade, um sentimento de pertença e a própria identidade.

Outro dos preditores mais antigos de apego ao lugar são as relações de vizinhança (Lewicka, 2011a). Segundo Wynveen *et al.* (2012), os estudos indicam que quando maior a proximidade com amigos e vizinhos maior é o nível de apego ao lugar. Neste sentido e segundo Gustafson (2014), existem estudos que apontam para a existência de diferenças no apego relacionadas com o poder, a estratificação social e a capacidade de mobilidade dos indivíduos.

Muitos dos estudos sobre as disrupções no apego ao lugar cruzam o tempo de permanência e as relações de vizinhança com as transformações ocorridas nos lugares, com destaque para estudos que incidem sobre a degradação ambiental, o desenvolvimento turístico e as atividades praticadas pelas pessoas. Segundo Carrus *et al.* (2014), existem estudos que indicam que indivíduos com maior apego ao lugar apreciam e protegem mais os recursos naturais e mostram-se mais resilientes ao enfrentarem riscos ambientais, enquanto outros sugerem a possibilidade de uma relação negativa entre o apego ao lugar e os comportamentos pró-ambientais. Segundo estes autores, estes resultados podem ser explicados pela relação entre o apego ao lugar e as escolhas pró-ambientais que ocorrem quotidianamente, ou seja, poderá ocorrer uma ligação positiva entre o apego ao lugar e esses comportamentos se o indivíduo julga que um determinado comportamento pró-ambiental é benéfico para o lugar ou uma relação negativa, se o indivíduo considerar que um determinado comportamento pró-ambiental vai prejudicar o seu bem-estar económico e o seu lugar de residência.

Os estudos de Wilkins e Urioste-Stone (2018) e Reineman e Ardoin (2018) cruzam as alterações dos ambientes naturais com as atividades de lazer. O estudo de Wilkins e Urioste-Stone,<sup>10</sup> na ilha de Mount Desert nos Estados Unidos, que analisou as relações entre o apego dos visitantes e essa ilha através das atividades recreativas que estes desenvolvem perante os efeitos das alterações climáticas, levou os autores a concluir que os indivíduos mais apegados são aqueles que praticam mais atividades, apesar das atividades praticadas terem diferentes contribuições para o apego, e são os que se mostraram menos dissuadidos em fazer novas visitas à ilha devido aos efeitos negativos

---

<sup>10</sup> Estudo quantitativo publicado em 2018 através de questionários a 416 turistas que visitaram a ilha de Mount Desert nos Estados Unidos, ilha que tem como principal atração turística o parque natural Acadia.

das alterações climáticas (Wilkins e Urioste-Stone, 2018). O estudo de Reineman e Ardoin (2018)<sup>11</sup> incluiu ainda aspetos sociais, pois abordou as disrupções no apego ao lugar em surfistas da costa da Califórnia, nos Estados Unidos, devido a transformações no lugar que influenciam a prática do surf de elite, nomeadamente acontecimentos e processos naturais e intervenções dos locais que visam restringir o acesso dos surfistas ao lugar. Os participantes indicaram que os fatores mais disruptores estavam relacionados com a qualidade da água, com condições naturais adversas, como o mau tempo ou a presença de tubarões e com aspetos sociais, nomeadamente a superlotação do lugar ou a presença de utilizadores regulares do lugar que se manifestam contra o surf de elite. A grande maioria identificou impactos negativos provocados pelos fatores já mencionados, sobretudo impactos económicos relacionados a necessidade de terem de fazer deslocações maiores para outros lugares que ofereçam condições semelhantes para a prática do surf, impactos relacionados com a prática do surf em si, nomeadamente a diminuição da sua frequência ou a mudança para lugares com água com menos qualidade e ainda sentimentos de perda ou a necessidade de mudar de residência.

Para Stedman (2003), as respostas dos indivíduos à degradação ambiental são reveladoras da importância das características físicas no apego aos lugares, pois se essas características não fossem importantes, então a degradação ambiental não interferiria no apego. Segundo este autor, existe um nível de alterações físicas nos lugares a partir do qual os significados atribuídos são mantidos através de um grande esforço, sobretudo pelos que mantêm uma relação mais duradoura com essa paisagem ou então se tornam insustentáveis para os indivíduos, levando à quebra do apego. Segundo Devine-Wright (2014), apesar de ainda existirem poucos estudos sobre a relação entre o apego ao lugar e as respostas dos indivíduos às transformações dos lugares, é mais provável que, aquando dessas transformações, os indivíduos decidam lutar pelo lugar quando sentem um forte apego ao lugar e capacidade para tal e mudar de residência ou alienar-se quando não sentem que têm essa capacidade.

Também Styliadis (2018), relativamente às transformações que decorrem do desenvolvimento turístico, defende que os estudos realizados não permitem concluir

---

<sup>11</sup> Estudo quantitativo em que foram validados 1055 questionários que incluíam uma dimensão física e uma social do apego ao lugar e a ainda a dimensão disrupções.

sobre a natureza da relação entre o apego dos residentes e o turismo, apesar de ser consensual que os residentes com mais apego ao lugar adotam posições diferentes dos que apresentam menos apego. Este autor identificou estudos que mostram a existência de uma correlação negativa entre o apego dos residentes às suas comunidades e a sua percepção dos impactos do turismo; estudos que indicam que os residentes com maior apego ao lugar tendem a perceber mais positivamente os impactos económicos e sociais do turismo; e também estudos que indicam que os residentes que mais valorizam os benefícios do turismo são os que mais se preocupam com as consequências desses impactos. Um estudo realizado por este autor na Grécia e publicado em 2017, visando a análise da relação entre o impacto do desenvolvimento turístico e os conceitos de “apego ao lugar” e de “percepção do lugar” em visitantes e em residentes,<sup>12</sup> permitiu concluir que existe uma correlação positiva entre a percepção do lugar e o apego ao lugar, que ambos afetam positivamente a percepção dos residentes face aos impactos turísticos, nomeadamente os económicos e os socioculturais (apesar da relação entre o apego ao lugar e a percepção dos impactos turísticos não ser estatisticamente significativa) e que essa percepção afeta o apoio desses residentes ao desenvolvimento turístico. Os impactos ambientais causados pelos residentes foram desvalorizados pelos participantes, o que, segundo o autor, pode estar relacionado com a crise económica que a Grécia atravessava na altura da recolha dos dados. Assim, e segundo o autor, nem todos os projetos de desenvolvimento turístico causam disrupção no apego ao lugar dos residentes, porque estes compreendem a necessidade de modificar o seu ambiente e estão conscientes das possibilidades do desenvolvimento turístico na melhoria da sua qualidade de vida.

### **2.2.3 O Apego aos lugares naturais**

Neste ponto destacam-se as conclusões de alguns estudos que têm relevância para enquadrar este trabalho, tendo em consideração que a Ria Formosa é palco de atividades de lazer e atividades profissionais, depósito de significados relacionados com a natureza, em particular com os Parques Naturais, mas também um espaço física e historicamente relacionado com a vila da Fuzeta, como se explicará no ponto 2.3.

---

<sup>12</sup> Estudo quantitativo através de questionário que incidiu sobre 481 residentes da cidade de Kavala, na Grécia, cidade que atualmente atravessa um grande desenvolvimento turístico.

Assim, existem contribuições oriundas de vários estudos que devem ser destacadas, nomeadamente as que analisam o apego das pessoas com o ambiente natural através dos significados atribuídos aos lugares naturais, das atividades de lazer e das atividades profissionais que decorrem nesses lugares e as que analisam a memória de experiências que ocorreram nos mesmos em fases anteriores da vida dos indivíduos.

Stedman *et al.* (2014), apoiados em vários estudos qualitativos que realizaram com recurso à fotografia e a entrevistas estruturadas para compreender a relação entre o apego aos lugares naturais em risco ou que necessitavam de recuperação, nomeadamente, o papel da gestão de parques naturais nos significados atribuídos e no apego ao lugar, defendem que muitas vezes os indivíduos não têm consciência do seu apego pelos lugares. A utilização de fotografias<sup>13</sup> permitiu introduzir paulatinamente os participantes na reflexão sobre a importância que os elementos naturais tinham para eles sem a presença do investigador e foram as reflexões sobre os apegos à comunidade e as suas histórias pessoais, através das entrevistas, que permitiram compreender o apego ao lugar. Salienta-se ainda que, segundo Manzo e Devine-Wright (2014), os métodos baseados em fotografias têm a vantagem envolver mais participantes na investigação. Um dos estudos realizado por Stedman *et al.* (2014)<sup>14</sup> sobre os Parques Naturais de *Newfoundland e Alberta*, no Canadá, permitiu concluir que, em comunidades situadas perto de importantes lugares naturais, não é possível separar os significados atribuídos à natureza dos atribuídos à cultura. A maioria das formas de apego eram baseadas em significados mistos, pois muitas fotografias representavam elementos naturais que tinham relação com outros aspectos, como as experiências sociais.

Os resultados do estudo realizado por Wynveen *et al.* (2012) que visava compreender como os visitantes do Parque Marítimo da Grande Barreira de Coral australiana se apegam a esse lugar através dos significados que lhe atribuem,<sup>15</sup> corroboraram outros estudos em que os significados atribuídos ao lugar medeiam a relação entre as

---

<sup>13</sup> Nos estudos realizados por estes os autores, estes entregaram aos participantes uma máquina fotográfica e pedem-lhes para tirarem fotografias de acordo com determinados critérios.

<sup>14</sup> Estudo que incluiu 80 indivíduos de quatro comunidades (vinte indivíduos de cada uma) localizadas em dois parques nacionais no Canadá, tendo sido entregue a cada um uma máquina fotográfica para que tirasse duas fotografias de cada elemento que mais os apegasse à sua comunidade, que mais significado tivessem ou que mais saudades sentiriam se se mudassem para longe. Posteriormente foram entrevistados para compreender as suas escolhas.

<sup>15</sup> Estudo que comportou um método misto de entrevistas para identificar os significados e questionários administrados a 324 indivíduos.

características físicas e a intensidade do apego das pessoas, ou seja, quanto mais importantes são os significados, mais apegadas as pessoas estão e, por sua vez, mais significados atribuem a esse lugar. Assim, os aspectos físicos estão incluídos nos significados por tomarem parte na interação com o ambiente e com os outros. A prática de atividades recreativas distingue claramente os indivíduos mais apegados dos não apegados, pois contribui positivamente para a atribuição de significados, nomeadamente os que estão relacionados com as infra-estruturas, com a facilidade em praticar as atividades desejadas, e com o escape ao quotidiano.

Hufford (1992) estudou o apego de coletividades de homens à região *Pine Barrens* de New Jersey através da atividade da caça à raposa num trabalho etnográfico que durou dez anos. Em termos de significados atribuídos, a autora destaca os que estão relacionados com o ritual da apresentação cerimonial efetuada no local que marca o início da actividade, o significado atribuído à separação entre o mundo da vida quotidiana e o mundo da caça à raposa e os relacionados com a memória de acontecimentos em determinados lugares. A floresta ocupa uma posição central no apego dos homens uns aos outros, dos homens com os seus cães e na importância da preservação da floresta. Na atividade da caça à raposa, a autora destaca as ligações recorrentes e cíclicas entre homens, animais e a floresta e uma cultura que está associada à história da atividade, através da repetição de acontecimentos ricos e complexos que as pessoas tornam significativos.

A memória é um aspeto central em autores como Riley (1992), que associam diretamente o apego ao lugar à memória, pois independentemente do apego estar ligado a elementos físicos, à cultura ou à experiência individual, é a memória que torna o fenómeno mais do que uma simples resposta a um estímulo. Para este autor, a paisagem é parte da experiência e pode tornar-se num símbolo dessa experiência, seja ela partilhada ou não, boa ou desagradável. O apego surge assim, não com a paisagem em si, mas com a memória desse apego e da experiência revivida, ou seja, com uma paisagem imaginária que tem mais significado, poder e importância para o indivíduo do que a paisagem experimentada.

Também os estudos de Wilkins e Urioste-Stone (2018) e de Reineman e Ardoin (2018), já referidos, abordam a relação entre o apego ao lugar e a participação em atividades de

lazer. No estudo de Wilkins e Urioste-Stone (2018), os resultados corroboraram a ideia de que há uma correlação positiva entre a participação em atividades recreativas, o tempo de duração da visita e o apego ao lugar. Os autores concluíram ainda que o número de atividades praticadas não é um preditor significativo do apego ao lugar, mas o tipo de atividades é, pois os indivíduos que praticam atividades ligadas à natureza são os que revelaram um apego ao lugar mais forte. No estudo de Reineman e Ardoin (2018), sobre os lugares de prática de surf, a maioria dos participantes revelou que desenvolveu e mantém um apego com os lugares onde pratica surf. Os significados envolvidos nesse apego estavam relacionados com a valorização das características físicas das ondas, com a acessibilidade do lugar, com as interações com os outros surfistas e com experiências pessoais. Os autores concluíram ainda que os lugares frequentados pelos surfistas não são apenas lugares de recreação ou substituíveis por outros quaisquer, são lugares de profundo significado e apego.

Ainda relativamente às atividades de lazer, destaca-se o estudo de Tsaour *et al.* (2014) sobre os indivíduos que praticam caminhadas no Parque Nacional de Yangmingshan, em Taiwan<sup>16</sup>. Os autores concluíram que quanto maior a frequência de participação na atividade, maior é o valor atribuído ao lugar e maior a dependência relativamente a ele, logo, maior o apego ao lugar. As variáveis que influenciam o apego ao lugar incluem características individuais (como a saúde), as características do lugar (como a acessibilidade), a prática da atividade em si (como o envolvimento dos indivíduos) e os benefícios da sua prática. Os autores concluíram ainda que a repetição das interações com outros indivíduos promove o desenvolvimento de ligações emocionais com o lugar.

Outros estudos cuja mobilização é pertinente para o presente trabalho são os que relacionam o apego ao lugar com as atividades profissionais, nomeadamente as que são desenvolvidas em espaços naturais, como por exemplo a de operador turístico. Nesta vertente, destaca-se o estudo de Schilar e Keskitalo (2017) realizado em Jukkasjärvi, na Suécia,<sup>17</sup> que analisa as percepções da natureza no apego ao lugar de actores turísticos. Os autores concluíram que todos os participantes tinham fortes ligações com os lugares

---

<sup>16</sup> Estudo quantitativo em que foram administrados questionários face-a-face a uma amostra por conveniência, perfazendo 302 questionários validados.

<sup>17</sup> Estudo qualitativo que inclui uma das maiores atrações turísticas da Suécia, o Ice Hotel, através de entrevistas semi-estruturadas a onze actores turísticos que visavam a recolha de informações acerca da história pessoal, das percepções que estes tinham do lugar, da incorporação deste e também da sua venda.

em que praticavam a sua atividade profissional e que essas ligações parecem constituir um motivador chave para essa atividade. As narrativas de alguns participantes continham ligações significativas e enraizadas com os lugares e também uma vontade em promover o lugar e as atividades profissionais e recreativas que praticam. A percepção dos lugares como ideais para a prática da atividade profissional está relacionada não só com uma dimensão funcional do ambiente, mas também com um apego emocional, nomeadamente com o clima e com as temporadas de neve.

#### **2.2.4 Aspectos metodológicos da investigação sobre o apego ao lugar**

Segundo Lewicka (2011a), a metodologia quantitativa no apego ao lugar tem origem nos primeiros estudos sobre as comunidades e análises realizadas no seio da geografia sobre o sentido do lugar. Esta metodologia tem sido a mais utilizada nos últimos 40 anos, destacando-se, segundo Lewicka (2014), a utilização de escalas psicométricas para medir a intensidade das emoções ou a força dos apegos.

A Tabela 2.1 contém dimensões e indicadores de alguns dos estudos quantitativos referidos neste trabalho. Destaca-se a grande quantidade de dimensões utilizadas e a presença de indicadores muito semelhantes em dimensões diferentes. Esta tabela constitui assim um bom exemplo da diversidade concetual do conceito de “apego ao lugar” e da imaturidade operacional deste conceito, aspectos discutidos no ponto 2.2.1.

Tabela 2.1 – Dimensões e indicadores de alguns dos estudos quantitativos mencionados neste trabalho (1/2). Fonte: Elaboração própria.

<b>Dimensão</b>	<b>Indicador</b>	<b>Autor(es)</b>
Apego afetivo ( <i>Affective attachment</i> )	Tenho uma ligação emocional forte	Wynveen <i>et al.</i> (2012), Silva (2015)
	Eu sinto uma grande paixão	
	Significa muito para mim	
	Sinto que pertenço ao lugar	Silva (2015)
	Eu sinto muito a falta do lugar quando não estou	
Sentido de pertença ( <i>Belongingness</i> )	Eu sinto que pertenço ao lugar	Wilkins e Urioste-Stone (2018)
	Eu sinto-me ligado	
	Sinto que sou eu próprio	
	Sinto-me mais feliz quando aqui estou	
Apego emocional ( <i>Emotional attachment</i> )	Felicidade	Ujang e Zakarya (2015)
	Impressão positiva	
	Sentimentos de proteção	
Significados do lugar ( <i>Meanings of place</i> )	Lealdade	Ujang e Zakarya (2015)
	Orgulho	
	Amor	
Percepção do lugar ( <i>Perception of place</i> )	Aparência física	Stylidis (2018)
	Ambiente social	
	Entretenimento	
Apego ao lugar ( <i>Place attachment</i> )	Sinto-me como em casa	Stylidis (2018)
	Interesso-me pelo que se está a passar	
	Tenho pena em deixar	
	Não substituíria este lugar por mais lugar nenhum	Stedman (2003)
	Este lugar é o melhor lugar que conheço para fazer o que gosto	
	Sinto que este lugar é parte de mim	
	Sinto falta deste lugar quando não estou	
	Este lugar reflecte o tipo de pessoa que sou	Stedman (2003)
	É o meu lugar favorito para estar	
	Existem lugares melhores	
Sinto-me mais feliz quando aqui estou		
Dependência do lugar ( <i>Place Dependence</i> )	Este lugar é o melhor	Reineman e Ardoin (2018), Silva (2015), Tsaour <i>et al.</i> (2014), Wilkins e Urioste-Stone (2018), Woosnam <i>et al.</i> (2018), Wynveen <i>et al.</i> (2012)
	Nenhum outro lugar se pode comparar	
	Tenho mais satisfação de fazer esta atividade neste lugar do que noutros	
	Fazer esta atividade ou visitar este lugar é mais importante do que faze-lo noutro lugar qualquer	
	Não substituíria por outro lugar	
Sinto que existem outros lugares que podem substituir o meu lugar	Reineman e Ardoin (2018), Tsaour <i>et al.</i> (2014), Wilkins e Urioste-Stone (2018), Woosnam <i>et al.</i> (2018), Wynveen <i>et al.</i> (2012)	
Identidade do lugar ( <i>Place identity</i> )	Eu sinto que é parte de mim	Reineman e Ardoin (2018), Silva (2015),
	Este lugar é muito importante para mim	
	Eu identifico-me muito com o lugar	Tsaour <i>et al.</i> (2014),
	Este lugar diz muito acerca de quem eu sou	Wilkins e Urioste-Stone (2018), Woosnam <i>et al.</i> (2018), Wynveen <i>et al.</i> (2012)
	Este lugar significa muito para mim	Tsaour <i>et al.</i> (2014), Wilkins e Urioste-Stone (2018), Woosnam <i>et al.</i> (2018)
	Sinto-me muito ligado	Tsaour <i>et al.</i> (2014), Wilkins e Urioste-Stone (2018), Woosnam <i>et al.</i> (2018)
	Não sinto nenhum compromisso com este lugar	Tsaour <i>et al.</i> (2014)

Tabela 2.1 – Dimensões e indicadores de alguns dos estudos quantitativos mencionados neste trabalho (2/2). Fonte: Elaboração própria.

Significado do lugar ( <i>Place meaning</i> )	Beleza estética	Wynveen <i>et al.</i> (2012)	
	Falta de infra-estruturas		
	Abundância e diversidade de vida selvagem		
	Recursos naturais únicos		
	Facilidade em praticar a atividade recreativa desejada		
	Segurança e Acessibilidade		
	Curiosidade e Exploração		
	Ligação com o mundo natural		
	Escape do quotidiano		
Valor do lugar ( <i>Place value</i> )	Família e amigos	Reineman e Ardoin (2018)	
	Acessibilidade		
	Ambiente social		
	Experiência pessoal		
	Ambiente natural		
Laço social ( <i>Social bonding</i> )	Não importante	Silva (2015)	
	Atributos de “casa”		
	A população local nesta região ajuda a aumentar a minha experiência		
	Os contactos que eu estabeleço/mantenho com a população local são muito importantes para mim;		
	Eu lamentaria ter de deixar de visitar este lugar e perder o contacto com estas pessoas;		
	O tempo que passo no lugar permite-me ligar com amigos e familiares		Wynveen <i>et al.</i> (2012)
	Visitar o lugar permite-me passar mais tempo com amigos e família		
	Associo pessoas especiais na minha vida com o lugar		
	Tenho boas memórias		Tsaur <i>et al.</i> (2014), Wynveen <i>et al.</i> (2012)
Eu tenho uma relação especial com o lugar e com as pessoas	Silva (2015), Tsaur <i>et al.</i> (2014)		
Eu não falo a ninguém sobre este lugar	Tsaur <i>et al.</i> (2014)		
Trarei os meus filhos			

No entanto, e para além dos indicadores presentes na Tabela 2.1, Felipe e Kuhnen (2012), através de um estudo cujo objectivo era avaliar as práticas de investigação do apego ao lugar quanto ao modo como estas se relacionam com as características dos estudos em Psicologia Ambiental,<sup>18</sup> identificaram a utilização de muitos outros, nomeadamente “Conforto”, “Conhecimento do lugar”, “Desejo de defender o lugar”, “Desejo de proximidade e/ou envolvimento”, “Dificuldades para substituição do local”, “Felicidade”, “Grau de atração”, “Grau de cuidado com o lugar”, “Grau de influência do lugar sobre os acontecimentos”, “Mobilidade para a interação social”, “Percepção de controle e possibilidade de acção”, “Prazer”, “Preferência”, “Satisfação de interesses e necessidades”, “Segurança”, “Sensação de dependência”, “Sentido de lar”, “Sentimento de enraizamento”, “Sentimento de identificação”, “Sentimento de orgulho pelo lugar”,

<sup>18</sup> Estudo realizado através de uma pesquisa por artigos científicos, que tivessem como palavra-chave o conceito de *Place Attachment*, nas bases de dados *Science Direct* e *Sage*. A pesquisa decorreu em 2009 e foram selecionados 46 artigos.

“Sentimento de perda e/ou deslocamento pela separação”, “Sentimento de pertença” e “Sentimento de propriedade”.

Neste sentido, destaca-se o estudo sobre a relação entre as emoções e o apego ao lugar de turistas nacionais que passavam férias no Algarve de Correia *et al.* (2014)<sup>19</sup>. Estes autores cruzaram o apego com doze estados emocionais (tristeza, satisfação, desilusão, insatisfação, espanto, fascínio, melancolia, estranheza, encantamento e admiração, situação) e concluíram que as emoções são bons preditores do apego ao lugar. Emoções como encantamento, fascínio, espanto ou estranheza exercem uma influência positiva nas relações das pessoas com os lugares, o que, segundo os autores, permite concluir que experiências memoráveis e espantosas são a melhor forma de criar apego ao lugar nos turistas para com os lugares visitados. Também o estudo efectuado por Silva (2015)<sup>20</sup> levou este autor a concluir que os factores emocionais do apego ao lugar constituem o preditor mais importante das intenções comportamentais dos turistas.

Segundo Lewicka (2011a), os estudos mostram que, pelo menos nos lugares urbanos, os aspetos físicos são melhores preditores para o apego a lugares de pequena escala e que os aspetos sociais são preditores mais precisos em lugares maiores. Esta autora destaca ainda os indicadores sociodemográficos, como o “Tempo de residência”, a “Mobilidade” e a “Propriedade”, que segundo a própria, são os que melhores resultados têm dado em estudos quantitativos, em oposição ao “Estatuto económico e social”, “Qualificações académicas” e a “Idade”, que são os que se têm revelado mais contraditórios.

Segundo Williams (2014), existem três pontos críticos relativamente à metodologia quantitativa. O primeiro ponto diz respeito à capacidade desta metodologia em apreender os significados atribuídos pelas pessoas. Autores como Stedman (2003) defendem que ainda existe um défice nos métodos quantitativos para abordar o apego ao lugar, outros, como Johnson (2007) ou Williams (2014) defendem que esses métodos, ou pelo menos o modo como têm sido utilizados até à data, não conseguem apreender a totalidade do fenómeno. Para Johnson (2007) os significados não são apenas conceitos e

---

<sup>19</sup> Estudo que incluiu 1358 questionários preenchidos durante o Verão de 2014.

<sup>20</sup> Estudo quantitativo com o objetivo de analisar a relação turista/destino através do conceito de “apego ao lugar” em turistas do Alentejo. O estudo incluiu 814 questionários válidos recolhidos em 2013 nas zonas de Évora interior e Évora litoral.

proposições, mas sim imagens, esquemas sensomotores,<sup>21</sup> sentimentos, qualidades e emoções que constituem o encontro de cada um com o mundo. Neste sentido, Williams (2014) defende que os métodos quantitativos são redutores pois reduzem os significados atribuídos aos lugares a declarações de crenças generalizadas ou categorias predefinidas. Também Lewicka (2011a) defende que as escalas usadas nos métodos quantitativos são pouco adequadas para medir aquilo que os lugares significam, pois as diferenças de significados podem estar ocultas no interior das dimensões das escalas utilizadas e a riqueza desses significados não é captada, apesar de reconhecer que estas escalas permitem distinguir os indivíduos consoante a importância subjetiva e força das ligações emocionais entre estes e os lugares. Também nesse sentido, Gunderson e Watson (2007), entendem que os questionários podem não incluir alguns significados importantes para a compreensão da ligação das pessoas ao lugar. Um segundo ponto referido por Williams (2014) prende-se com o facto de os métodos quantitativos partirem da consideração de que o lugar é um objeto que pode ser decomposto em atributos aos quais as pessoas podem manter perceções, crenças ou preferências, o que dificulta o acesso ao significado do lugar como entidade holística através do acesso às perceções individuais das suas características. E o terceiro relaciona-se com a possibilidade ou não de se poder estabelecer uma causalidade entre as características físicas dos lugares e os significados atribuídos pelas pessoas através de declarações de crenças generalizadas ou categorias predefinidas.

É de referir ainda que as críticas aos métodos quantitativos estendem-se à análise das disrupções dos apegos. Neste sentido, destaca-se a conclusão de Gunderson e Watson (2007), segundo a qual, a disrupção emocional sentida aquando de um incêndio num lugar natural, pois segundo estes autores a compreensão da profundidade dessa disrupção não pode ser alcançada através de métodos quantitativos.

Para ultrapassar estas limitações, Hernández *et al.* (2014), defendem a utilização de estudos mistos, ou seja, estudos que recorram a métodos qualitativos para a construção de um instrumento quantitativo, de modo a aproximar as respostas contidas nos questionários à realidade que se pretende estudar e avaliar com maior precisão as manifestações de apego ao lugar.

---

<sup>21</sup> Esquemas criados na mente aquando de experiências que envolvem o sistema motor e os sentidos.

Os métodos qualitativos profundos têm como objetivo identificar e compreender os significados atribuídos ao lugar. Neste sentido, destaca-se a defesa de Norberg-Schultz (1979: 8) sobre os estudos qualitativos do lugar, pois para este autor o lugar é

a qualitative, ‘total’ phenomenon, which we cannot reduce to any of its properties, such as spatial relationships, without losing its concrete nature out of sight. [...] Being qualitative totalities of a complex nature, places cannot be described by means of analytic, ‘scientific’ concepts.

As entrevistas são a técnica de recolha de informação mais utilizada nos métodos qualitativos (Lewicka, 2011a). Segundo Hernández *et al.* (2014), as entrevistas são particularmente adequadas para obtenção de informação detalhada sobre certos aspetos do apego ao lugar.

Os estudos realizados através das metodologias qualitativas têm também a vantagem de permitir a identificação de significados diferentes dos que são identificados nos estudos quantitativos. Por exemplo, o estudo realizado por Ujang e Zakariya (2015) realizado na Malásia,<sup>22</sup> levou estes autores a concluir que, para além de aspetos funcionais e sociais, existia um apego emocional através de indicadores como “Felicidade”, “Impressões positivas” e “Sentimentos de proteção”. Segundo os autores, as entrevistas permitiram não só compreender que os participantes tinham um conhecimento profundo dos lugares como também permitiram que estes expressassem sentimentos de lealdade, orgulho e amor que os levaram a concluir que a familiaridade com o lugar e as interações no mesmo produzem um sentimento de pertença e de propriedade pelo lugar e a um apego ao lugar através das atividades económicas e religiosas praticadas pelos entrevistados.

## **2.3 A Ria Formosa e a Fuzeta**

### **2.3.1 A Ria Formosa**

A Ria Formosa constitui um Parque Natural e uma zona costeira, atributos que merecem algumas considerações. De acordo com o decreto-Lei nº 613/76, de 27 de Julho, emitido pela Presidência do Conselho de Ministros (2018), os parques naturais

---

<sup>22</sup> Estudo para analisar as dimensões do apego às ruas do centro de Kuala Lumpur, na Malásia, de modo a compreender os valores do lugar no quotidiano desses moradores com recurso a 24 entrevistas semi-estruturadas.

são áreas de território, devidamente ordenadas, tendo em vista o recreio, a conservação da Natureza, a protecção da paisagem e a promoção das populações rurais, podendo incidir sobre propriedade pública ou privada e onde o zonamento estabelece as aptidões e usos das diferentes parcelas de terreno.

Segundo Queirós (2001), os Parques Naturais são também zonas onde se observam aspetos contraditórios. Se, por um lado, são as suas especificidades que conferem o estatuto de Parque Natural e de zona que deve ser protegida, por outro, essas mesmas especificidades constituem atractivos para atividades que podem comprometer a sua estabilidade, como a pesca e caça desportivas, os desportos náuticos, as explorações agro-pecuárias intensivas ou o turismo. São espaços cuja população autóctone tem diminuído e em que ocorre uma diminuição de atividades tradicionais mas, ao mesmo tempo, espaços com aumento da população visitante, com aumento da construção de segundas residências e de empreendimentos turísticos e onde se tentam estabelecer novas atividades. As populações próximas aos Parques Naturais são populações normalmente envelhecidas, pouco qualificadas, com fracos rendimentos e reduzida capacidade organizativa, mas com um conhecimento importante do mundo natural que os rodeia. Apesar de não ter conseguido reunir dados relativamente ao Parque Natural da Ria Formosa, a população autóctone da Fuzeta, vila integrada neste Parque, tem diminuído e envelhecido (INE e CMO), como se aprofundará no ponto seguinte).

Segundo Mcneely (1993) e Queirós (2001), o *know how* destas populações relativamente ao ambiente natural que as rodeia não tem sido aproveitado pelas entidades gestoras dessas zonas. Neste sentido, destacam-se algumas conclusões do *Report of the IVth World Congress on National Parks and Protected Areas* decorrido em 1993 na Suíça, sobre as comunidades humanas que vivem dentro e na periferia das áreas protegidas, nomeadamente: i) Muitos dos elementos dessas comunidades têm relações importantes e duradouras com essas áreas que contribuem para a manutenção da diversidade biológica e que incluem uma identidade cultural e espiritualidade próprias e práticas de subsistência; ii) Essas populações podem depender dos recursos dessas áreas para a sua subsistência e sobrevivência cultural; iii) Os recursos que justificam que essas áreas sejam consideradas áreas protegidas são também a razão pela qual essas áreas são o resultado de uma atividade humana prolongada; iv) Essas áreas devem ser consideradas como importantes quer a nível de diversidade biológica quer a nível de diversidade cultural; v) As relações que as pessoas dessas comunidades

mantêm entre si e com o espaço envolvente, assim como os saberes e as práticas tradicionais, não devem ser ignoradas nem destruídas pelas entidades que gerem a conservação dessas áreas (Mcneely, 1993). Segundo Queirós (2001), o envolvimento destas populações na proteção e desenvolvimento dos Parques Naturais pode ser importante para a concepção de modelos sustentáveis e adequados. Segundo esta autora, a harmonização entre as várias atividades, a conservação da natureza, a cultura das populações locais e a melhoria da qualidade de vida das mesmas, objectivadas nas leis que regem essas áreas, não tem sido conseguida, o que, juntamente com a desvalorização da participação da população local tem acarretado consequências negativas que a autora agrupou em seis pontos: i) A existência de processos de protesto contra as entidades gestoras dos Parques Naturais; ii) O aparecimento de controvérsias relacionadas com restrições a atividades tradicionais; iii) O aparecimento de controvérsias relacionadas com ações e proteção da Natureza que não vão ao encontro da melhoria da qualidade de vida da população; iv) O aparecimento de queixas devido à falta de infra-estruturas e de incentivos para estimular a revitalização de actividades tradicionais e a criação de estruturas logísticas, capazes de tornar os produtos tradicionais competitivos nas redes nacionais e internacionais; v) O aparecimento de críticas relativamente à protecção de certas espécies animais predadoras e destruidoras da actividade agrícola; vi) E incapacidade de providenciar mecanismos que permitam a fixação de população jovem. Destacar ainda que, tal como Mcneely, Queirós (2001) também defende que nos Parques Naturais existem grupos de indivíduos que possuem fortes ligações com determinadas espécies, habitats e paisagens dessas zonas através de elementos físicos que identitariamente e culturalmente são importantes para os residentes.

Relativamente às zonas costeiras, entre as quais se inclui a Ria Formosa, é unanime considerar que as estas zonas constituem dos ecossistemas mais importantes do planeta, devido à diversidade e quantidade de recursos que disponibilizam (Domingues *et al.*, 2017), nomeadamente costa, dunas, praias, estuários e lagoas, grandes espaços abertos e uma grande atração paisagística que permitem relaxar, contemplar, praticar várias atividades desportivas e outras. As características das zonas costeiras tornam estas zonas nas mais visitadas, tanto para fins turísticos como para atividades de lazer (Albuquerque, Martins e Costa, 2009) e, por isso, as zonas costeiras são também

espaços que têm sofrido uma grande pressão devido ao crescimento da população humana e ao desenvolvimento económico (Domingues *et al.*, 2017).

É de referir ainda que, segundo Santos, J. M. F. (2017), apesar dos espaços naturais poderem ser mais ou menos percecionados como selvagens, o peso da ação humana é considerável e que, apesar da designação de “natural”, estes já nada têm de virgem e que pouco terão de natural, pois as espécies que lá coexistem estão direta ou indiretamente relacionadas com o homem e as migrações que ocorrem são as que não são afetadas pelas barreiras artificiais delimitadoras desses espaços.

A Ria Formosa conjuga um espaço natural protegido, uma zona costeira, espaços urbanos, várias atividades de lazer e profissionais, uma grande riqueza de fauna e flora e uma grande dinâmica biológica natural, aspetos que lhe conferem características singulares que influenciam o quotidiano dos que residem no seu interior, na sua periferia e também dos visitantes.

A Ria Formosa (Figura 2.4) é a zona húmida mais importante do sul de Portugal (Natural.Pt, 2018). É uma zona costeira lagunar do sotavento algarvio com uma área de 18000 hectares que abrange os concelhos de Faro, Loulé, Olhão, Tavira e Vila Real de Santo António (ICNF, 2018), num comprimento total de dezoito quilómetros e com uma largura média de seis quilómetros (Moreira, 1987). A norte, é limitada pela linha de água do estuário, que inclui salinas, praias arenosas, terrenos agrícolas e linhas de água doce que desaguam no estuário (Caldeira, 2015), e a sul por um cordão dunar arenoso, constituído por um cordão de ilhas paralelas à costa (praia de Faro, ilhas da Barreta, Culatra, Armona, Tavira, Cabanas e península de Cacela), interrompidas por seis barras que permitem a entrada e saída da água do mar e de embarcações, incluindo a barra da Fuzeta. Apenas 14% da superfície lagunar se encontra permanentemente submersa, pois a restante área fica descoberta com o abaixamento do nível das marés (ICNF, 2018). Como consequência, existem montículos ou ilhas de vasa cobertas por várias plantas extremamente importantes para a riqueza e equilíbrio do ecossistema lagunar, sendo fundamentais, juntamente com o fitoplâncton, para o alimento de várias espécies que justificam a intensidade e diversidade de práticas de pesca e de marisqueio. As ilhas barreira são instáveis devido à ondulação marítima e às correntes que provocam com frequência alterações topográficas nas mesmas e nos canais do estuário,

através das movimentações de areias (Moreira, 1987). Neste aspeto, as dunas assumem um papel fundamental de equilíbrio do sistema, protegendo as ilhas barreira da ondulação marítima (Caldeira, 2015). A Ria Formosa também é foz de água doce de vários pequenos cursos de água sazonais (ICNF, 2018).



Figura 2.4 - A Ria Formosa em toda a sua extensão. Fonte: <https://www.algarvetouristguide.com/wp-content/uploads/2010/08/ria-formosa-map.jpg>

A Ria Formosa constitui uma zona de enorme valor ecológico, científico, económico e social. Inclui diversos habitats (ilhas-barreira, sapais, bancos de areia e de vasa, dunas, salinas, lagoas de água doce e salobra, cursos de água, áreas agrícolas e matas), que consubstanciam uma enorme diversidade de seres vivos (ICNF, 2018), nomeadamente peixes, marisco e bivalves, espécies de aves do centro e do norte da Europa que se abrigam durante o inverno, espécies raras como o caimão-comum e o camaleão e espécies aquáticas que procuram alimentação, proteção e criação (CMO, 2018). Inclui também vários tipos de paisagem, nomeadamente a área de edificação dispersa de Quatrim do Sul, as áreas agrícolas com baixa densidade de edificação, as áreas de povoamento disperso alinhado, envolvente da Ribeira de S. Lourenço, o espaço agro-florestal, o espaço agroflorestal com edificação dispersa, o espaço florestal com áreas de expansão urbano-turística, a área urbano-turística da Quinta do Lago, as áreas urbano-turísticas, as áreas urbano-industriais, as pisciculturas e as salinas, as dunas, a praia, a área intertidal, as arribas litorais e a área subtidal (ICNF, 2018). A biodiversidade da Ria Formosa é reconhecida internacionalmente, com destaque para a avifauna, motivo

pelo qual a Ria Formosa pertence, desde 1980, à lista de Zonas Húmidas de Importância Internacional (Perna, 2005). Foi reconhecida como Habitat Natural de Flora e Fauna Selvagem de Importância Comunitária pela Diretiva Comunitária Habitats de 1992, foi classificada como Zona Húmida de Importância Comunitária e como Habitat de Aves Aquáticas, ao abrigo da diretiva comunitária AVES de 2009 (ICNF, 2018).

No entanto, a Ria Formosa é uma das áreas mais vulneráveis de Portugal, tendo sido instituída como Reserva Natural em 1978 (Perna, 2005) e a Ria em si e a sua periferia foram consideradas como Parque Natural a nove de Dezembro de 1987, pelo Decreto-Lei n.º 373, de modo a proteger e conservar toda a zona. O Parque Natural da Ria Formosa surgiu como um prolongamento do já mencionado decreto-Lei n.º 613/76, de 27 de Julho, que visava assegurar a conservação da Natureza, a protecção de paisagens e sítios, a gestão racional dos recursos naturais e a salvaguarda da sua capacidade de renovação. Posteriormente foram adicionados outros objetivos ao Parque Natural da Ria Formosa, de modo a compatibilizar a protecção do património natural e cultural com um desenvolvimento socioeconómico sustentado, como o apoio a atividades económicas tradicionais e sustentáveis, promoção de atividades de recreio, lazer e turismo, salvaguardando simultaneamente o ecossistema e implementação de estruturas relacionadas com a educação ambiental (ICNF, 2018). Atualmente, o Parque Natural da Ria Formosa é gerido por várias organizações governamentais nacionais, regionais e municipais (Domingues *et al.*, 2017).

Também os planos de gestão de costa como o POOC (Planos de Ordenamento da Orla Costeira), da competência da administração central, e o programa POLIS (Programa de Requalificação Urbana e Valorização Ambiental das Cidades), nomeadamente a Polis Litoral Ria Formosa,<sup>23</sup> incluem várias medidas para diminuir os riscos ambientais e promover a conservação da natureza através da proteção e requalificação da zona costeira como, a transposição de sedimentos, o reforço do cordão dunar, incluindo reposição de areias nas praias, a realização de dragagens dos canais de navegação e a remoção de casas nas ilhas barreira (Domingues *et al.*, 2017).

---

<sup>23</sup> Que é uma Sociedade anónima de capitais públicos constituída pelo Estado (60%) e os municípios de Loulé, Faro, Olhão e Tavira (40%).

### **2.3.2 A Fuzeta**

A vila da Fuzeta é uma freguesia localizada no litoral do Sotavento Algarvio e pertencente ao concelho de Olhão. De acordo com os censos de 2011, realizados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), a Fuzeta ocupa uma área de 0,36 km<sup>2</sup> e tinha 1918 habitantes (INE, 2011). Segundo a Câmara Municipal de Olhão (CMO), entre 1991 e 2011 a Fuzeta foi a única freguesia do concelho que perdeu população, cerca de 1100 residentes, passando desde então a ser a freguesia com menos residentes do concelho (CMO, 2018). Trata-se de uma vila piscatória em que, ainda hoje, a pesca e a colheita de bivalves, quer no mar quer na Ria Formosa, constituem duas das principais atividades, seguida pelo turismo (CMO, 2018). Após a reorganização administrativa territorial autárquica de 2013, as freguesias da Fuzeta e de Moncarapacho uniram-se sob a designação de União das Freguesias de Moncarapacho e Fuzeta. A vila de Moncarapacho situa-se a norte da vila da Fuzeta e a sua principal atividade é a agricultura. Segundo o INE, em 2011 tinha 7717 habitantes e ocupava uma área de 75,19 Km<sup>2</sup> (INE, 2011).

A Fuzeta, enquanto agregado populacional, começou por ser um arraial de pescadores (ICNF), devido às boas condições geográficas que esta zona oferece para a pesca, para o abrigo dos barcos e da proximidade de uma barra marítima que dá acesso ao mar. A freguesia foi depois designada por freguesia de Nossa Senhora do Carmo, pertencente ao Concelho de Tavira (União de Freguesias da Fuzeta e Moncarapacho). Segundo dados de 1572, reunidos pela Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão (APOS, 2018), a freguesia terá adotado depois a designação de Fozeta, devido ao desagúe de um ribeiro chamado ribeiro do tronco. A população da Fuzeta dedicou-se quase exclusivamente às atividades da pesca e à exploração dos seus derivados. Os seus pescadores chegaram mesmo a ser os primeiros a pescar na Terra Nova (União de Freguesias de Moncarapacho e Fuzeta) e, no séc. XX, os seus pescadores e barcos distinguiram-se nessa terra longínqua na pesca do bacalhau (APOS, 2018). Só nas últimas décadas do séc. XX é que as atividades relacionadas com as praias se tornaram significativas, seguida depois da exploração do parque de campismo e de outras atividades relacionadas com o turismo (União de Freguesias da Fuzeta e Moncarapacho).

Moreira (1987) define e caracteriza as populações que vivem nas zonas costeiras, incluindo a comunidade da Fuzeta, como populações marítimas

Cujo modo essencial de vida assenta na exploração dos recursos pesqueiros do mar, através do exercício duma actividade extractiva, aleatória, de natureza marcadamente predatória, e que possuem formas específicas de relação e organização ambiental, social e cultural (Moreira, 1987: 13).

Ainda segundo este autor, estas populações vivem em comunidades piscatórias de pequena dimensão, relativamente coesas e bem identificadas, possuem um forte apego aos locais de nascimento e de vida, partilham um sentimento de incerteza e competitividade perante o meio e entre si e um estilo de vida próprios.

O turismo, nesta zona do Algarve, iniciou-se na década de 70 e estava orientado para o consumo do sol e das praias e, sobretudo, para os visitantes nacionais. Posteriormente, aumentaram o número de barcos de recreio de residentes e visitantes e o número de barcos para transporte de pessoas para vários pontos nas ilhas barreira e iniciou-se a construção de casas nas ilhas barreira, através da apropriação das respetivas áreas. Mais tarde, estas construções ilegais foram ponto de controvérsia entre várias entidades e parte das populações locais. Alguns desses conflitos ainda se mantêm mas na Ilha da Fuzeta as casas viriam a ser demolidas em 2010, primeiro devido a um grande temporal e depois pelas entidades competentes (perna, 2005).

A Fuzeta tem duas praias (Figura 2.5), uma na Ria Formosa, conhecida por “Praia dos Tesos” e outra no litoral costeiro (Ilha da Armona), conhecida como “ilha da Fuzeta”. A “Praia dos Tesos” tem uma qualidade de areia e água consideradas inferiores, sobretudo com a maré vazia, mas tem uma localização central na Ria Formosa, permitindo a fruição de vários tipos de paisagem, fácil acesso, uma proteção concedida pelas ilhas barreira, o que torna as suas águas mais tranquilas, e uma densidade de vida animal e vegetal muito superior à que existe na praia da ilha da Fuzeta.



Figura 2.5 - A Fuzeta e a parte da Ria Formosa envolvente. Legenda: A) a “Praia dos Tesos”, B) o canal de navegação para o porto da Fuzeta, para as suas rampas principais e para o cais de embarque das embarcações que fazem transporte marítimo de pessoas, C) o Parque de Campismo, D) a zona conhecida como “o moinho”, E) a ecovia para o lado da Luz de Tavira, F) a zona conhecida como “o resino”, G) o edifício conhecido como “o Salva-Vidas”, H) a praia da Fuzeta ou ilha da Fuzeta, I) a barra da Fuzeta, J) o local conhecido como “a barra velha”, L) uma das principais rampas de acesso à ria, M) uma pequena rampa, N) o molhe Oeste do canal que dá acesso marítimo ao cais da Fuzeta conhecido como “ponta das pedras”. Fonte: empresa Passeios da Ria Formosa.

O parque de campismo, localizado perto da “Praia dos Tesos” e do acesso às carreiras regulares dos barcos para a Praia da Fuzeta bem como do acesso aos barcos de várias empresas que fazem o transporte marítimo de pessoas para vários pontos das ilhas barreira, do porto de pesca e da zona ribeirinha, juntamente com as praias constituem locais publicitados como de visita obrigatória (APOS, 2018).

Arquitectonicamente, na Fuzeta destacam-se as casas de forma cúbica, as chaminés de balão, a Igreja Matriz e a Torre de Bias (CMO, 2018) que, na Idade Média, integrava a linha de defesa e vigia do Concelho de Faro (União de Freguesias da Fuzeta e Moncrapacho). A Igreja data de 1835 (União de Freguesias da Fuzeta e Moncrapacho) e foi construída no lugar da Capela de Nossa Senhora do Carmo, cuja data de construção presume-se que seja perto do ano de 1758 (APOS, 2018).

As atividades económicas dos habitantes da vila são sobretudo a pesca desportiva e profissional, incluindo a apanha de bivalves e a sua cultura em viveiros, a salinicultura, os desportos náuticos e atividades relacionadas com a praia e o turismo, o transporte marítimo de pessoas para vários locais das ilhas barreira e para várias atividades de lazer, a hotelaria e a restauração.

A Fuzeta é um dos principais atractivos turísticos do concelho de Olhão e, nos períodos de época alta, a população da Fuzeta aumenta para mais do dobro, devido ao número de visitantes (CMO, 2018). Apesar de não existirem, até ao momento, dados exatos sobre o número de visitantes da vila, existem alguns dados significativos. Segundo Caldeira (2015), desde a década de 80 que o Algarve passou a ser o destino de férias preferido de Portugal, quer por nacionais quer por estrangeiros, representando em 2014, 22% do total de visitantes do total nacional (Correia *et al.*, 2014). O turismo tem sido o principal motor do crescimento económico e desenvolvimento do Algarve nas últimas quatro décadas (ICNF, 2018) e o principal agente das mudanças ocorridas na região. A grande maioria das suas infra-estruturas turísticas localizam-se nas zonas de costa porque o turismo no Algarve assenta sobretudo na exploração do sol e da praia (Leite, 2008). Como consequência, nas últimas três décadas ocorreu uma deslocação da população do sector primário para as atividades que direta ou indiretamente estão relacionadas com o turismo (ICNF, 2018) e o abandono de atividades que não conseguem lucrar com o

turismo e que têm sido prejudicadas pelo envelhecimento e pelo despovoamento que tem ocorrido na vila.

## **CAPÍTULO III – METODOLOGIA**

### **3.1. Desenho de investigação**

Para justificar as opções metodológicas tomadas recorreu-se aos contributos de vários autores sobre a complexidade inerente ao conceito de “apego ao lugar” defendida por Gieryn (2000), Moulay *et al.* (2018) e por Wynveen *et al.* (2012) e sobre a fase de desenvolvimento em que se encontra este conceito.

Se, por um lado, os lugares estão constantemente a ser produzidos por uma grande diversidade de categorias de indivíduos, desde os mais poderosos, com maior capital económico e político, que podem introduzir grandes modificações no mundo físico; aos profissionais, que desenham e associam funções aos lugares, passando por todos os outros indivíduos que lhes atribuem significados. Deste modo, os lugares estão em constante criação e mutação, apresentam uma notável diversidade devido aos inúmeros objetos que os compõem, às múltiplas formas de interpretação e significados atribuídos e à diversidade de experiências que os indivíduos desenvolvem (Gieryn, 2000). Por outro e segundo Wynveen *et al.* (2012), apesar do apego ao lugar estar a ser intensamente estudado há varias décadas, ainda se vincula uma escassez de estudos que exploram a relação entre o apego dos indivíduos aos lugares e os significados que estes atribuem aos mesmos.

Recupera-se também o já mencionado entendimento de Lewicka (2011a) e Manzo e Devine-Right (2014) sobre a anarquia conceptual e metodológica da atual fase de desenvolvimento em que se encontra o conceito de “apego ao lugar”, bem como a inexistência de um forte corpo teórico que permita sustentar a forte aplicação que se tem dado ao conceito, ambos referidos no ponto 2.2.1. Destaca-se ainda que, segundo Lewicka (2011a), existem estudos que permitem concluir que os significados atribuídos à natureza selvagem constituem objetos adequados para a abordagem qualitativa.

Pelo exposto, pelos objetivos traçados para neste trabalho e pela inexistência de estudos sobre a relação de apego entre os indivíduos e a Ria Formosa, este trabalho possui um cariz exploratório. Por isso, decidiu-se adotar uma metodologia qualitativa interpretativa (ou compreensiva), utilizando uma estratégia transversal e com recurso à entrevista semi estruturada.

Assim, pretendeu-se compreender o mundo social através da interpretação que os seus participantes fazem desse mundo (Bryman, 2012), o que, segundo Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (2005), abrange quer a análise dos comportamentos quer a dos significados atribuídos pelos indivíduos.

Se, por um lado, o desenho de investigação com recurso a metodologias qualitativas deve ter objetivos claramente definidos e coerência entre as questões de investigação e os métodos propostos de modo a produzir dados válidos e confiáveis e ser realista em termos de consumo de recursos, por outro, trata-se de um processo, pois são necessárias revisões e tomadas de decisão constantes (Lewis, 2003). Epistemologicamente, este tipo de investigação implica uma interação face-a-face de modo a que o investigador assuma o papel dos outros ou veja pelos “olhos dos outros”, de modo a adquirir o conhecimento social que pretende (Bryman, 2012).

Segundo Devine-Right (2014), a maioria dos estudos de apego ao lugar adoptaram uma investigação transversal, independentemente da escolha do método. Segundo Bryman (2012), a investigação transversal requer uma recolha de dados, neste caso através de entrevistas semi-estruturadas, de mais do que um caso e num único momento no tempo, de modo a colher informação quantitativa ou qualitativa em relação a duas ou mais variáveis e a obter a maior diversidade ou variação dessas variáveis.

Os dados recolhidos foram posteriormente tratados através da técnica de análise de conteúdo categorial e temática de modo a assegurar um tratamento sistemático, metódico e a minimizar os enviesamentos cognitivos e culturais.

### **3.2 Objetivos**

Esta investigação teve como objetivo principal compreender a relação que os residentes da Fuzeta estabelecem com a Ria Formosa, quando da prática de atividades e outras experiências nesse lugar, através do conceito de “apego ao lugar”.

A ampla abordagem conceptual realizada e apresentada no ponto seguinte, nomeadamente o modelo de análise e a definição conceptual propostas para o apego ao lugar permitiram definir cinco objectivos secundários, nomeadamente: i) Identificar e perceber quais são os significados e valores atribuídos pelos residentes da Fuzeta à Ria Formosa; ii) Identificar os elementos físicos, sociais e culturais envolvidos no apego dos residentes da Fuzeta com a Ria Formosa; iii) Identificar e perceber as emoções, sentimentos, preferências e a percepção de insubstituibilidade do lugar envolvidas no apego dos residentes da Fuzeta com a Ria Formosa; iv) Identificar e perceber os tipos de apego dos residentes da Fuzeta à Ria Formosa; v) Identificar e perceber os fatores disruptivos do apego dos residentes da Fuzeta com a Ria Formosa.

Os objetivos i, ii, iii e v estão relacionados com várias das definições de apego ao lugar e outras contribuições sobre o processo de apego referidas na revisão de literatura e operacionalizadas no ponto seguinte.

Apesar de não terem sido encontrados trabalhos empíricos sobre os tipos de apego ao lugar, o objetivo iv remete para a possibilidade, abordada da revisão de literatura, de existirem e coexistirem nos indivíduos vários tipos de apego ao lugar, como defendem Low e Altman (1992), Lewicka (2011b), Gustafson (2014) e Manzo e Devine-Right (2014).

### **3.3 Operacionalização**

Para a persecução dos objetivos traçados, foi necessário propor um modelo de análise e uma operacionalização próprias, bem como avançar com uma nova definição do conceito de “apego ao lugar”, uma vez que as definições anteriores deste conceito apresentam algumas limitações.

Um modelo de análise que tenha em conta os objetivos delineados deve contemplar os diversos factores que intervêm na relação das pessoas com os lugares, a formação dos apegos com estes, os factores que podem influenciar negativamente esses apegos e, por último, exprimir o carácter processual dessas relações. Com este intuito e de acordo com a revisão de literatura foi construído o modelo que está representado na Figura 3.1.

Parte-se do entendimento de que o espaço é uma parte do mundo físico com características abstractas e não interpretado culturalmente (Gieryn, 2000) e que se transforma em lugar na medida que começa a ser conhecido, através dos significados atribuídos pelos indivíduos ao lugar nas suas relações com este e nas interações com os outros indivíduos (Gieryn, 2000; Milligan, 1998). Portanto, um lugar é uma localização geográfica com determinadas características físicas e repositório de significados e valores (Gieryn, 2000).

Por um lado, a atribuição e manutenção de significados e valores aos lugares é um processo dinâmico. Envolve, não só a relação dos indivíduos com elementos físicos do lugar, mas também a interação dos indivíduos entre si (Degnen, 2016; Milligan, 1998; Williams, 2014; Wynveen *et al.*, 2012), a partilha da história e da cultura (Low e Altman, 1992; Eisenhauer *et al.*, 2000; Gieryn, 2000; Hufford, 1992; Wilkins e Urioste-Stone, 2018) e aspetos que tanto podem fortalecer ou enfraquecer o apego dos indivíduos (Brown e Perkins, 1992, 2014; Devine-Wright, 2014; Low e Altman, 1992; Reineman e Ardoin, 2018; Stedman, 2003). Por outro e segundo Low e Altman (1992), o apego ao lugar pode incluir o apego de um único indivíduo, uma família, o círculo de amigos, a comunidade ou o grupo cultural (Figura 3.1).

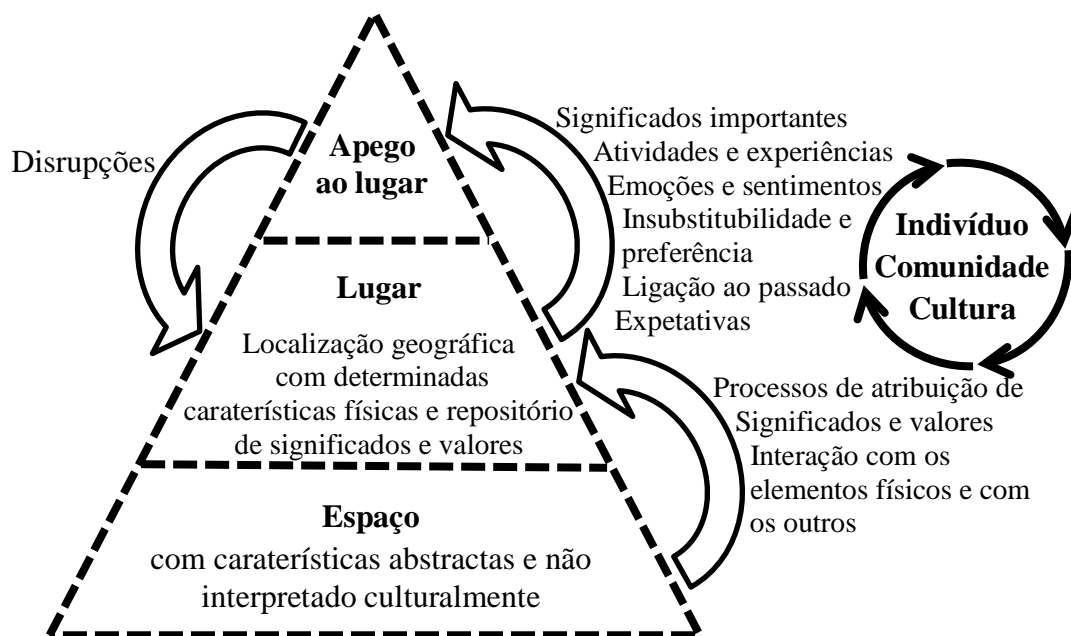


Figura 3.1 – Esquema do modelo de análise do conceito apego ao lugar. Fonte: elaboração própria.

Segundo uma abundante literatura, a formação do apego a um lugar implica emoções e sentimentos que estão envolvidos nos significados e valores que as pessoas lhes atribuem e na percepção de que esses não podem ou dificilmente podem ser substituídos. Este processo depende das características físicas, sociais e culturais dos lugares, bem como das atividades profissionais ou de lazer ou outras experiências importantes para os indivíduos.

Para os que passaram uma ou mais fases da vida em determinado lugar, nomeadamente a fase da infância ou da adolescência, ou que se deslocaram com frequência a um lugar, as suas memórias e experiências podem ser fonte de um forte apego (Lewicka, 2011a; Silva, 2015) e assim, os lugares podem implicar uma ligação com o passado através das memórias das experiências passadas, como comprovam os estudos que apontam para uma correlação positiva entre o nível de apego e o período temporal passado num lugar e os que associam os apegos mais fortes com o(s) lugar(es) de infância (Silva, 2015). A ligação ao passado também pode ocorrer através da observação da paisagem se o indivíduo a associar à memória de outro lugar onde ocorreram experiências importantes para o próprio (Riley, 1992). Apesar de ligado ao passado, o apego ao lugar está também ligado ao futuro, como na dimensão “*interactional potencial*” da operacionalização de Milligan (1998), a qual remete para a percepção das experiências

que poderão vir a ocorrer no lugar, ou seja, as expectativas acerca das interações futuras com esse lugar e que podem ser também fonte de apego.

No entanto e para além de fatores no passado, presente ou futuro que podem criar ou fortalecer os apegos com os lugares, existem também fatores que os podem enfraquecer ou levar à sua quebra (disrupções). Assim, uma visão lata de apego ao lugar deve incluir ambos os fatores no sentido em que são faces da mesma moeda (Figura 3.1). As disrupções podem estar relacionadas com os elementos físicos, sociais ou culturais do lugar ou com transformações que ocorram nestes elementos, como por exemplo medidas legislativas ou fiscalizadoras e com transformações que ocorrem nos indivíduos, sejam elas naturais, relacionadas com o percurso de vida dos mesmos ou accidentais, mas que contribuem para uma disrupção do apego ao lugar (Devine-Wright, 2014).

A Ria Formosa é um parque natural utilizado intensivamente e influenciado pela turistificação das localidades que integra, sendo por isso necessário destacar as transformações operadas nos elementos físicos, sociais e culturais desse espaço. As alterações nos elementos físicos podem ter origem em intervenções do homem, como a construção e manutenção de infra-estruturas na vila da Fuzeta ou na Ria Formosa, no dinamismo do mundo natural, como os assoreamentos ou as variações naturais na quantidade bivalves, marisco, peixe e aves ou nas transformações atribuídas às alterações climáticas, como o aumento da temperatura da água ou do ar. As alterações sociais e culturais poderão estar relacionadas com a forte turistificação da Fuzeta, nomeadamente a grande quantidade de visitantes, a chegada de novos residentes e a diminuição de residentes autóctones.

Por estar fundamentado em contributos de vários autores, o modelo proposto (Figura 3.1) amplia as várias abordagens conceptuais encontradas na bibliografia e, pelo menos parcialmente, é justificado pela inexistência de um forte corpo teórico do conceito de “apego ao lugar”, aspeto assinalado por autores como Lewicka (2011a) ou Manzo e Devine-Right (2014). Para suportar este modelo propõe-se também que o conceito de “apego ao lugar” deva incluir os significados atribuídos ao lugar, os aspetos afetivos, as preferências e a perceção de insubstitubilidade do lugar que decorrem das interações com os elementos físicos, sociais e culturais dos lugares e a dinâmica associada às

oscilações desses apegos, incluindo os fatores que os podem diminuir ou quebrar. Neste sentido, sugere-se a seguinte definição de apego ao lugar: *Place attachment* ou apego ao lugar são os apegos dos indivíduos aos lugares que decorrem de processos de atribuição de significados e valores importantes e da constituição de ligações afetivas quando da prática de atividades e outras experiências que acontecem, já aconteceram ou que os indivíduos esperam que venha a acontecer. O apego ao lugar é dinâmico e, no seu processo, participam aspetos que podem aumentar, enfraquecer ou quebrar o respetivo apego.

O modelo de análise do apego ao lugar foi operacionalizado através de duas grandes dimensões: “Fatores que contribuem para o apego ao lugar” e “Fatores disruptivos do apego ao lugar” (Figura 3.2). Esta operacionalização resulta do modelo da Figura 3.1, mas também de ajustes realizados aquando da análise ao conteúdo das entrevistas. Estas duas dimensões têm categorias comuns, nomeadamente “Meio físico e natural”, “Elementos socioculturais”, “Intervenções legislativas/fiscalização” e “Expetativas” e categorias específicas, nomeadamente “Atividades” e “Ligação ao passado” da dimensão “Fatores que contribuem para o apego ao lugar” e “Transformações individuais” na dimensão “Fatores disruptivos do apego ao lugar”.

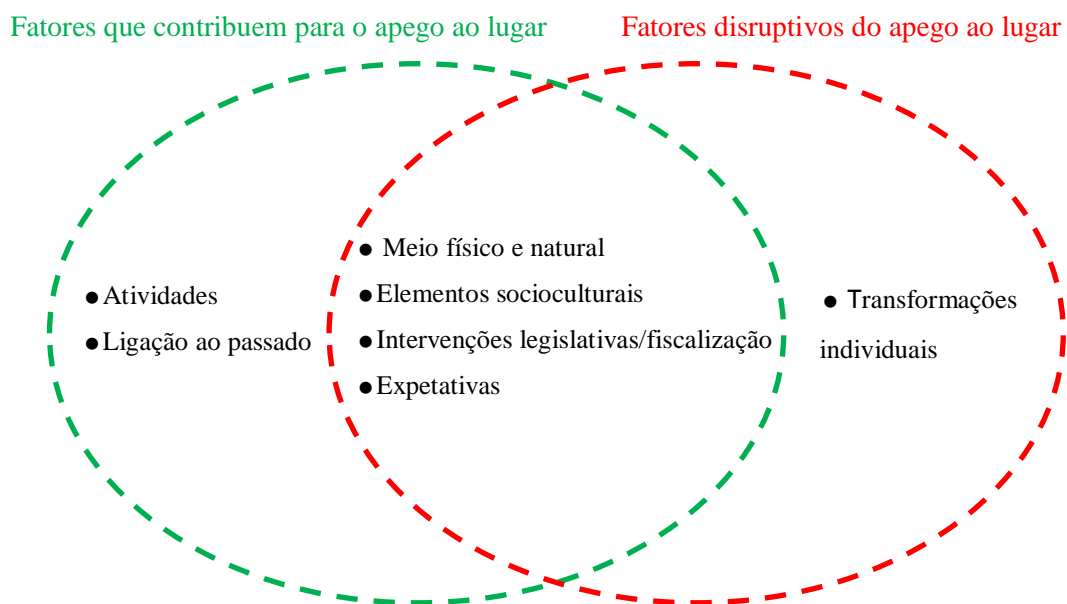


Figura 3.2 – Operacionalização do conceito apego ao lugar. Fonte: elaboração própria.

As categorias comuns remetem para aspetos que podem contribuir para o apego de uns indivíduos e para o desapego de outros. Estas estão relacionadas com os elementos físicos, sociais e culturais, com as medidas legislativas relacionadas com os Parques Naturais e com a Ria Formosa em particular e com as expectativas dos indivíduos. As expectativas são as percepções dos indivíduos sobre o que acontecerá no futuro no lugar ao qual mantêm apego, mas incluem tanto as expectativas acerca de interações futuras que podem contribuir para o apego ou as expectativas relacionadas com o aparecimento de fatores disruptivos que podem prejudicar ou anular o apego.

A categoria “Atividades” diz respeito às atividades que os próprios praticam na Ria Formosa e, como se mostrará nos pontos 4.2 e 4.3, nenhuma das atividades praticadas pelos entrevistados, incluindo as profissionais, constitui *per se*, um fator disruptivo do apego à Ria Formosa. Apesar de existirem atividades que, praticadas por uns, prejudicam as atividades de outros e que poderão ser causadoras de disrupção, estes aspetos foram colocados na categoria “Elementos socioculturais”, pois pelas referências dos entrevistados não são as atividades que os outros praticam que lhes são prejudiciais mas sim o modo como alguns as praticam, como por exemplo, condutas desajustadas na praia ou apanha incorreta de marisco.

### **3.4 Técnica de recolha de informação**

Como foi mencionado, a técnica de recolha de informação utilizada foi a entrevista em profundidade. Segundo Hernández et al. (2014), esta técnica é adequada para obtenção de informação detalhada sobre aspetos particulares do apego ao lugar. Segundo Legard, Keegan e Ward (2003), as entrevistas têm quatro características principais: um misto entre estrutura e flexibilidade; a interação entre o entrevistador e o entrevistado; a utilização de várias técnicas para alcançar a exploração e a profundidade desejadas pelo entrevistador; o facto de poderem ser geradoras de novo conhecimento, no sentido em que os entrevistados, por sua iniciativa ou dirigidos pelo investigador, desenvolvem raciocínios que nunca tenham realizado antes, ou seja,

the interview is an intense experience, for both parties involved, and a physical encounter is essential context for an interview which is flexible,

interactive and generative, and in which meaning and language is explored in depth (Legard *et al.*, 2003: 142).

O tipo de entrevista utilizada é o que Bryman (2012) classifica como entrevista semi-estruturada, ou seja, é uma entrevista com um guião pouco estruturado, com perguntas de carácter geral, sem uma sequência obrigatória e em que o entrevistador tem alguma liberdade para fazer mais perguntas para além das que se encontram no guião de modo a captar as perspetivas dos entrevistados.

Ao tratar-se de uma investigação com um cariz exploratório, por não se terem encontrado trabalhos semelhantes decorridos em Portugal, nomeadamente sobre um Parque Natural com as características da Ria Formosa, a entrevista semi estruturada permitiu explorar, não só a diversidade de situações, nomeadamente a grande variedade de experiências decorridas na ria e as respetivas perspetivas dos entrevistados, como adaptar e criar perguntas consoante o surgimento de novas informações.

A elaboração inicial do guião de entrevista foi articulada com uma primeira operacionalização do modelo de análise, contudo as primeiras entrevistas permitiram afinar essa operacionalização até à sua forma final (Figura 3.2), bem como o próprio guião de entrevista (Apêndice 1), o qual só atingiu a sua forma final depois da quinta entrevista.

O guião divide-se em quatro partes, uma primeira relativa às ligações que os entrevistados mantêm com o lugar, uma segunda relativa às ligações estabelecidas ou mantidas desde o passado, uma terceira relativa à perceção de como essas ligações serão no futuro e uma quarta parte, para caracterização sócio profissional dos entrevistados. Em cada uma das primeiras três partes procurou-se averiguar as atividades, experiências ou interações desenvolvidas pelos entrevistados no lugar, os elementos físicos, sociais e culturais envolvidos nas ligações entre estes e o lugar, a importância do lugar ou dos lugares para os próprios, caso os entrevistados considerassem a existência de vários lugares na Ria Formosa, e os fatores disruptivos da sua relação com o lugar. A terceira parte incluiu também duas perguntas sobre a posição dos entrevistados relativamente a uma eventual mudança para uma residência afastada da Ria Formosa.

O guião de entrevista inclui também uma pergunta que não incide diretamente sobre os próprios entrevistados (pergunta 1.3) e que os questionava sobre a sua perceção

relativamente ao que mais apreciam as pessoas que visitam a Fuzeta, de modo a verificar se os mesmos revelavam mais algum aspeto que poderia contribuir para o apego ao lugar se o olhassem com os “olhos dos outros”.

Todas as entrevistas foram gravadas depois de obtida a respetiva autorização pelos próprios e posteriormente transcritas integralmente.

### **3.5. Plano de amostragem**

#### **3.5.1 Métodos de amostragem**

Foram utilizados dois métodos de amostragem não probabilísticos, nomeadamente, a amostragem por proposição e a amostragem por bola de neve. São métodos em que a seleção dos indivíduos não é aleatória e conseqüentemente a probabilidade de um indivíduo ser selecionado não é igual para todos os indivíduos da população. Por isso, as amostras obtidas por estes métodos não são representativas e a extrapolação dos resultados da análise para o universo populacional não é possível.

Segundo Lewis (2003), nestes casos a base da seleção das unidades não é a probabilidade de seleção dos mesmos, que é desconhecida, mas sim as características dos indivíduos, ou seja, são amostras intencionais, pois as unidades são selecionadas devido a fatores ou características que permitem a exploração e compreensão dos temas em estudo. Assim, na amostragem por proposição as unidades são selecionadas de modo estratégico, de acordo com a relevância para a investigação e com a inclusão de diferentes fatores chave, de modo a permitir alcançar a máxima diversidade possível (Bryman, 2012). A amostragem por bola de neve é, em certos aspetos, uma forma de amostragem por conveniência. É utilizada quando o investigador não só desconhece a população a estudar, como também não conhece indivíduos relevantes para a investigação em número suficiente para fazer uma amostra por conveniência. Nesta técnica, o investigador aborda um ou um pequeno grupo de indivíduos, que neste caso foram seleccionados por conveniência, e usa o conhecimento destes para contactar outros que poderão ter relevância para a investigação (Bryman, 2012).

Para atingir a máxima relevância e diversidade com os recursos disponíveis foi necessário abarcar vários contextos, mas sem definir níveis de planeamento, porquanto a amostra excederia os recursos materiais e temporais disponíveis. Pois, por um lado, a relação dos residentes da Fuzeta com a Ria Formosa passa por muitas atividades e experiências que estes desenvolvem nesse lugar, incluindo várias atividades profissionais (ver ponto 4.1) e, por outro, para além da grande variação etária destes indivíduos, existia uma forte possibilidade de certos indivíduos poderem ter novas informações e experiências menos comuns, nomeadamente indivíduos que se tornaram residentes há relativamente pouco tempo e indivíduos que pertencem a organizações como a União de Freguesias de Moncarapacho e Fuzeta ou outras que têm estruturas dentro do Parque Natural da Ria Formosa ou que desenvolvem atividades na Ria, nomeadamente o Clube Náutico da Fuzeta e a Associação Foz do Eta.

Assim, decidiu-se abarcar todos os contextos ou casos anteriores mas sem definir previamente quaisquer números de unidades para cada contexto. Foram abordados e entrevistados pelo menos dois indivíduos para cada um dos contextos, tendo especial atenção à possibilidade de uma nova unidade poder ou não ter novas informações relevantes para a investigação, procurando-se assim atingir a saturação dentro de cada um dos contextos definidos de acordo com os recursos disponíveis.

### 3.5.2 Amostra

Foram entrevistados 26 residentes da Fuzeta que praticavam uma ou mais atividades de lazer ou profissionais na Ria Formosa, durante os meses de Março e Abril de 2019.

No sentido de garantir uma maior diversidade da amostra, foram seleccionados indivíduos com 18 ou mais anos que praticam vários tipos de atividades, indivíduos pertencentes a organizações, residentes nativos e não nativos e procurou-se aumentar a variação etária da amostra, com a inclusão de indivíduos mais novos.

Em termos de atividades, procurou-se entrevistar residentes que praticam atividades profissionais na ria, nomeadamente pesca e apanha de marisco, restauração, hotelaria e transporte marítimo de pessoas; e praticantes de atividades de lazer como fazer praia, pesca desportiva, colheita de bivalves e crustáceos, caminhadas e passeios a pé e em

embarcações ou campismo nas ilhas barreira. Sublinhe-se que nesta zona da Ria Formosa as atividades profissionais relacionadas com a captura de recursos são, sobretudo, a apanha de vários tipos de marisco, seja por trabalhadores por conta própria ou por conta de outrem em viveiros. Com muito menor expressão, segue-se a pesca com redes, praticada oficialmente por apenas dois indivíduos, estando um deles inativo neste momento.

Em termos de organizações, foram entrevistados indivíduos pertencentes à União de Freguesias de Moncarapacho e Fuzeta, da Associação Foz do Eta e do Clube Náutico da Fuzeta.

### **3.6 Tratamento dos dados**

Segundo Esteves (2006), “análise de conteúdo” é apenas uma expressão que encerra várias técnicas que incluem um trabalho sistemático e replicável de redução de informação, segundo determinadas regras, para alcançar a compreensão do que está à superfície do texto, mas sobretudo do que está para lá do texto ou subjacente ao texto, através inferências, desde que essas possam ser corroboradas ou contrariadas por outros.

Neste trabalho, os dados foram tratados através de uma análise de conteúdo temática ou categorial que, segundo Stemler, citado por Esteves (2006: 107), “é uma técnica sistemática e replicável para comprimir muitas palavras de texto em poucas categorias de conteúdo, baseada em regras explícitas de codificação”. É a técnica de análise de conteúdo mais antiga e uma das mais utilizadas (Esteves, 2006; Bryman, 2012).

Nesta técnica, o processo de criação e definição de categorias (categorização) é central (Esteves, 2006). Para Maguire e Delahunt (2017), os temas ou categorias resultam de padrões que são identificados pelo investigador consoante os objetivos da investigação. Primeiramente, foram definidas e delimitadas categorias através do esquema do modelo de análise resultante da pesquisa bibliográfica (Figura 3.1). Depois de lido atentamente todo o material, as porções de texto identificadas como pertinentes foram isoladas como subcategorias, ou seja, foram codificadas com uma palavra ou texto que sintetizava a informação nele contido, fossem palavras dos próprios entrevistados ou inferidas pelo investigador. A análise e acomodação do material das primeiras entrevistas e sua

posterior disposição pelas subcategorias e categorias permitiu afinar a categorização e a operacionalização do conceito, resultando na operacionalização anteriormente esquematizada (Figura 3.2) e na redefinição da lista de categorias.

Tabela 3.1 – Categorias e subcategorias e respectivas definições e delimitações (critérios utilizados na análise de conteúdo). Fonte: elaboração própria.

	<b>Categorias e subcategorias</b>		<b>Definições e Delimitações</b>
<b>Fatores que contribuem para o apego ao lugar</b>	<b>Atividades</b>	Lazer	Todas as referências explícitas a atividades de lazer (desportivas, fazer praia, acampar), incluindo sentimentos, preferências e insubstituibilidade
		Profissionais	Todas as referências explícitas a atividades profissionais, incluindo sentimentos, preferências e insubstituibilidade
		Outras	Todas as referências explícitas a outras atividades ou experiências, nomeadamente pertencer a órgãos sociais de organizações que têm instalações na Ria Formosa, prática de desportos federados ou voluntariado, incluindo sentimentos, preferências e insubstituibilidade
	<b>Meio físico e natural</b>		Todas as referências aos elementos naturais do lugar, incluindo sentimentos, preferências e insubstituibilidade
	<b>Elementos socioculturais</b>		Todas as referências aos elementos sociais e culturais do lugar mas que contribuem para o apego ao lugar
	<b>Intervenções legislativas/fiscalização</b>		Todas as referências a medidas legislativas e sua fiscalização por parte de autoridades que contribuem para o apego ao lugar
	<b>Ligação ao passado</b>		Todas as referências ao passado dos indivíduos ocorrido no lugar
<b>Expetativas</b>		Todas as referências relativas à realização de futuras atividades ou à perceção de transformações que irão afetar positivamente essas atividades	
<b>Fatores disruptivos do apego ao lugar</b>	<b>Meio físico e natural</b>	Intervenções do homem no mundo físico	Todas as referências a intervenções realizadas pelo homem no lugar ou falta das mesmas que contribuem para a disrupção do apego ao lugar
		Dinamismo do mundo natural	Todas as referências ao dinamismo natural do lugar que contribuem para a disrupção do apego ao lugar
	<b>Elementos socioculturais</b>		Todas as referências aos elementos sociais e culturais do lugar mas que contribuem para a disrupção do apego ao lugar
	<b>Intervenções legislativas/fiscalização</b>		Todas as referências a medidas legislativas e sua fiscalização por parte de autoridades que contribuem para a disrupção do apego ao lugar
	<b>Transformações individuais</b>		Todas as referências a transformações individuais (físicas, psíquicas e outras) que contribuem para a disrupção do apego ao lugar
	<b>Expetativas</b>		Todas as referências relativas à perceção de transformações que irão afetar negativamente as atividades e outras experiências ocorridas no lugar

A adição de categorias e subcategorias foi realizada mediante partes do material sobre um mesmo aspeto que foi considerado relevante para a investigação e que não poderiam ser acomodados nas categorias e subcategorias já criadas, condições *sine qua non*, segundo Bryman (2012), para se criarem categorias a partir do material. Deste modo, o processo de categorização foi considerado provisório até todo o material ter sido analisado, como previsto por Esteves (2006), mas acabou por estabilizar depois da análise do material da quinta entrevista.

A análise realizada pode ser definida como a combinação entre o que Esteves (2006) considera os procedimentos fechados e os procedimentos abertos. No primeiro caso, a definição das categorias resulta da pesquisa bibliográfica realizada e, no segundo, essa definição resulta da análise do material, típico das investigações exploratórias. Neste caso, foi adicionada a categoria “Intervenções legislativas/fiscalização”, recolocada a categoria “Expetativas”, de modo a integrar também a dimensão “Fatores disruptivos do apego ao lugar” e removida a subcategoria “Alterações climáticas” dos “Fatores disruptivos do apego ao lugar” (Tabela 3.1). Assim, a categorização realizada é demonstrativa da presença de um caráter indutivo e exploratório que reveste a presente investigação, como referido anteriormente.

## **CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

### **4.1 Caracterização da Amostra**

A amostra é constituída por 26 indivíduos (Ver apêndice 2). Nove mantêm atividades profissionais na Ria Formosa, cinco são pescadores ou mariscadores profissionais (dois mariscadores por conta própria, dois por conta de outrem, em que um deles é pescador de redes da ria, e um pescador de arrais de pesca local),<sup>24</sup> dois são proprietários e funcionários de estabelecimentos de restauração e concessionários de praia, um na “Praia dos Tesos” e o outro na Ilha da Fuzeta, um é funcionário no Parque de Campismo da Fuzeta, cuja localização é adjacente à “Praia dos Tesos”, e um outro é proprietário de uma empresa no setor marítimo-turístico, nomeadamente no transporte de pessoas para vários pontos da Ria Formosa, passeios pela Ria Formosa e pelo mar de barco a motor e à vela e oferta de serviços relacionados com a pesca e com a observação de aves e golfinhos. Seis são membros de três organizações que têm instalações no Parque Natural da Ria Formosa na zona da Fuzeta, dois são funcionários da União de Freguesias de Moncarapacho e Fuzeta, dois pertencem aos órgãos sociais da Associação Foz do Eta, em que um deles é o funcionário no Parque de Campismo mencionado anteriormente e dois pertencem aos órgãos sociais do Clube Náutico da Fuzeta. Os

---

<sup>24</sup> É um pescador que governa uma embarcação de pesca de comprimento inferior a nove metros. Neste caso é um pescador com licença para a apanha de conquilha, amêijoia branca e pé-de-burrinho, através de arrasto com ganchorra. Este tem o barco atracado no cais da Fuzeta e assim, para se deslocar para o seu local de trabalho (mar), necessita de navegar na ria.

restantes doze desenvolvem uma ou várias atividades de lazer na Ria Formosa, como fazer praia, pescar, mariscar, caminhadas, passeios e campismo.

Os dois mariscadores por conta própria estão oficialmente reformados mas desenvolvem a atividade de mariscar quase diariamente e vendem o marisco que apanham. Um desses mariscadores também faz voluntariado na limpeza das praias com o apoio da União de Freguesias.

Destaca-se ainda que 24 entrevistados nasceram na Fuzeta ou são residentes desde muito novos e apenas dois residem há menos tempo (onze e dezasseis anos) e que dois entrevistados ainda são estudantes, um é estudante do 12º ano de Escolaridade e o outro do 2º ano de Ciências da Comunicação na Universidade do Algarve.

Em termos de dados sociodemográficos, salienta-se que quinze entrevistados são homens e onze são mulheres. A idade média da amostra é 51,3 anos, em que o mais velho tem 77 anos e o mais novo tem dezoito. Sete entrevistados têm habilitações literárias até ao 9º ano, doze têm o Ensino Secundário completo ou o Ensino Profissional equivalente e sete têm ou estão no Ensino Superior.

## **4.2 Apresentação dos resultados**

A análise de conteúdo permitiu criar um total de 108 subcategorias, distribuídas pelas várias categorias das duas dimensões principais “Fatores que contribuem para o apego ao lugar” e “Fatores disruptivos do apego ao lugar” (Apêndice 3). Seguidamente são apresentados os resultados mais relevantes da análise efetuada.

## 4.2.1 A dimensão “Fatores que contribuem para o apego ao lugar”

### 4.2.1.1 As atividades

#### 4.2.1.1.1 As atividades de lazer

Os entrevistados referiram-se explicitamente a catorze atividades de lazer que realizam na ria, nomeadamente “Fazer praia”, “Passear na ria”, “Mariscar”, “Fazer caminhadas na ecovia”, “Fazer campismo nas ilhas barreira”, “Contemplar”, “Pescar”, “Praticar desportos náuticos”, “Apanhar conchas nas ilhas barreira”, “Fazer ciclismo na ecovia”, “Tirar fotografias”, “Viver no barco” e “Fazer exercício físico dentro de água” (Tabela 4.1).

Tabela 4.1 – Subcategorias da subcategoria “Atividades de lazer”. Fonte: elaboração própria.

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Atividades</b>	<b>Nº entrevistados</b>
Atividades	Lazer	Apanhar conchas nas ilhas barreira	2
		Fazer campismo nas ilhas barreira	6
		Contemplar	6
		Fazer exercício físico dentro de água	1
		Fazer caminhadas na ecovia	7
		Fazer ciclismo na ecovia	2
		Fazer praia	15
		Mariscar	9
		Passear na ria	14
		Pescar	5
		Praticar desportos náuticos	4
		Tirar fotografias	2
		Viver no barco	2

A maior parte dos entrevistados pratica cerca de três atividades de lazer, mas algumas das atividades mencionadas pelos entrevistados, nomeadamente: “Campismo nas ilhas barreira”, “Fazer praia”, “Passear na ria” e “Viver no barco”, implicam outras atividades, como “Contemplar” ou “Mariscar”, apesar de alguns entrevistados não as terem explicitado. Assim, concomitantemente com a possibilidade de não se ter identificado todas as atividades realizadas pelos entrevistados, o número de atividades de lazer praticadas pelos entrevistados é maior.

Para além da complexidade em analisar as atividades de lazer que podem implicar outras, a frequência com que os entrevistados as praticam, a acessibilidade aos locais, a

preferência pelas mesmas e a sua importância para os entrevistados, tornou esta categoria a mais difícil de analisar.

A maioria dos quinze entrevistados que referiram explicitamente “Fazer praia” fazem-no sobretudo na praia da Ilha da Fuzeta, mas a “Praia dos Tesos”, a barra e outros locais das ilhas barreira foram também mencionados. Sete entrevistados fazem praia apenas na praia da Ilha da Fuzeta, vão todos os dias ou praticamente todos os dias durante o Verão. Dois entrevistados revelaram que só fazem praia numa das duas praias da Fuzeta e cinco preferem pelo menos uma dessas praias a todas as outras. Desses, três afirmam que a praia que vão é a melhor que conhecem em Portugal e dois dizem que não as substituíam devido à possibilidade de poderem escolher locais isolados das multidões e praticar outras atividades, como afirmam E1 e E8:

*Para fazer praia noutra sítio, acho que não vale a pena. Isto, para mim tem tudo aquilo que eu quero. Tem uma zona com muita aglomeração que eu não utilizo e quando eu quiser, no pico de agosto, não ter ninguém, fujo. Se eu pretender fazer noutra sítio o que faço aqui, que é utilizar o barco, o marisco e não sei quê, eu neste momento, praticamente não tenho outro sítio (E1, homem, 72 anos).*

*Mas para ir à praia não substituía, mesmo quando estive na [Culatra] no Verão passado já estava com a ideia de voltar para trás. Não é a mesma coisa. Aqui estás à vontade, porque conheces a zona desde pequenino (E8, homem, 45 anos).*

A facilidade de acesso aos locais também foi referida por vários entrevistados relativamente a várias atividades, incluindo no “Fazer praia”, onde se destaca E3 e E22:

*Eu estou aqui e em cinco minutos estou dentro de água (E3, homem, 55 anos).*

*Nós temos a facilidade que também a ria nos proporciona; é também esta proximidade, a gente estaciona, vai e mesmo num dia muito ocupado, muitas vezes consegue-se ir à praia (E22, homem, 42 anos).*

Dos catorze entrevistados que mencionaram passear na ria, muitos mencionaram fazer passeios a pé na “Praia dos Tesos” e/ou arredores e na Ilha da Fuzeta. Alguns dizem fazer também passeios de barco a motor, barco à vela ou de moto de água na ria. Os passeios a pé na “Praia dos Tesos” são os mais frequentes ao longo do ano. Alguns afirmam que fazem esses passeios diariamente ou quase diariamente e confessaram que essa atividade é muito importante para eles, como E6 e E24:

*Não vou pela caminhada em si. Vou pelo desfrute que aquilo proporciona mesmo, sabes, é o pé dentro de água, os bichinhos todos que há ali [...]. Eu acho que é a calma, a tranquilidade, a presença... naquele momento eu estou ali, estás a perceber, estou ali, faço parte daquilo, não deixo de fazer parte daquilo (E6, homem, 48 anos).*

*Acho que não conseguia viver sem isso, sabe tão bem (E24, mulher, 19 anos).*

Destaca-se ainda a necessidade e o gosto por passear a pé nas ilhas barreira e no estuário da ria revelado por E2 e E10, respetivamente:

*Dar uma volta dentro da ria, andar a pé e ver os peixinhos e ver as estrelinhas, ver os cavalos marinhos ali nas cebarrinhas, adoro dar uma volta (E2, mulher, 67 anos);*

*Eu vou-lhe dizer uma coisa: dia quinze começam os barcos e eu sou das primeiras pessoas a ir para a ilha, logo. Faça chuva ou faça sol, eu estou a caminho da ilha e depois ando um bocado e ando ao lado da ria (E10, homem, 76 anos);*

e a descrição de momentos que E6 define como amor, a propósito de passear de barco à vela na ria:

*Mesmo a andar de barco [à vela] há momentos, estás a perceber, estás ali mas há meia dúzia de momentos, ou seja, há um raio de luz ou a maneira como tens o barco ou simplesmente a andar em que tu, epá, aquele momento, aquele cair em ti é mesmo fabuloso e calmo, acima de tudo. [...] Nas minhas actividades na ria tenho momentos que... É amor, uma pessoa descreve isto como amor. Aqueles momentos que um gajo sente, é uma plenitude de amor, uma pessoa sente-se amando (E6, homem, 47 anos).*

A atividade “Mariscar” foi mencionada por nove entrevistados e significa capturar ameijoas, berbigão, lingueirão, ostras e crustáceos. Todos mencionaram que gostam desta atividade e que a fazem pelo prazer da captura em si e também de o poderem partilhar em refeição com familiares e amigos, aspeto que foi explorado no ponto 4.2.1.3. O prazer por esta atividade foi exemplificado por E1 e E2:

*Gosto de me esforçar, por exemplo a forma como eu apanho amêijoas é com um ancinho, parece que estou a cavar (E1, homem, 72 anos).*

*É como ir para o melhor que eu adoro, uma revista ou um teatro, que adoro (E2, mulher, 67 anos).*

Destaca-se ainda que alguns entrevistados mencionaram que as praias da Fuzeta permitem praticar outras atividades como a apanha de marisco, a pesca ou a prática de

desportos náuticos, aspeto que parece ser importante para o apego a essas praias, como expressam E8 e E26:

*Mas em qualquer cantinho da ria tens o marisco, tens boa praia, boa água, por do sol, tens tudo (E8, homem, 45 anos).*

*Isto é mesmo fabuloso e é por isso que a malta gosta de vir para aqui [...] Vou apanhar lingueirões? Não me apetece, vou à pesca? Não me apetece, vou às ostras? Não me apetece, vou ao caranguejo? Vou só passear, vou só remar. É tudo aqui. É por isso que isto é bom (E26, homem, 48 anos).*

“Fazer caminhadas na ecovia” (Figura 2.5) é uma atividade semelhante ao passeio a pé na ria, no entanto nesta subcategoria os entrevistados referiram-se explicitamente a caminhar e não a passear, ou seja, independentemente de irem sozinhos ou acompanhados ou da contemplação do meio envolvente, existe um objetivo de realizar exercício físico. Estes entrevistados fazem as caminhadas na ecovia durante todo o ano, menos nos meses de Verão e com maior frequência no Outono e na Primavera, devido à maior duração dos dias e às boas condições climáticas para praticar esta atividade. Cinco entrevistados revelaram o gosto em admirar a paisagem e em observar a natureza durante as caminhadas, como afirmam E13 e E20:

*Nas caminhadas gosto muito de ver as paisagens, o sol a incidir naquela parte das salinas, é muito bom, vê-se bem. Parece que viemos com outras energias [...] Nas caminhadas estamos sozinhos com a natureza e só ouvimos o que a natureza nos dá (E13, mulher, 46 anos).*

*Gosto de ver a paisagem, as salinas, tudo quanto tenha água eu gosto. Quando vou caminhar é mais global, gosto de ver tudo (E20, mulher, 46 anos).*

Contemplar implica deslocar-se a um lugar com o objetivo de olhar para a ria com a finalidade de admirar os elementos da paisagem. Alguns entrevistados dizem que fazem esta atividade quase diariamente desde suas casas e destacam a “Praia dos Tesos”, as salinas, as ilhas barreiras e outros elementos da ria. Outros contemplam a ria desde a “Praia dos Tesos”, onde destacam o estabelecimento Borda d’ Água, o edifício conhecido como “Salva-Vidas” (Figura 2.5), a ria na sua globalidade, o mar e o sol. Todos mencionaram o gosto pela contemplação e as sensações que lhe estão associadas, como E6, que refere uma sensação única que sente quando contempla a ria desde a “Praia dos Tesos” e a falta que lhe faz quando não se pode lá deslocar:

*Sinto imenso. Sinto falta da sensação que me transmite estar ali, que é uma sensação única. Há ali um chapinhar da água, um cheiro, uma luz... Sinto falta dessa sensação, mas é muito particular, é muito pessoal, não sinto falta de olhar para o mar, por exemplo, ou da paisagem... é a sensação em si (E6, homem, 47 anos).*

E3 e E4 salientam a riqueza da paisagem quando se deslocam à zona do moinho (Figura 2.5) e da “Praia dos Tesos”, respetivamente:

*É a voltinha para espaiarecer, olho para o mar e depois dou a volta com a mota, vejo a serra, estou num sítio em que temos tudo (E3, homem, 55 anos).*

*Costumo dizer que lá parece que vamos buscar forças para o dia-a-dia [...] é um ouro que nós temos (E4, homem, 49 anos).*

Fazer campismo nas ilhas barreira é uma atividade *sui generis* porque, apesar de ser praticada por muitas pessoas nesta zona, é uma atividade ilegal só possível dada a permissividade das autoridades. “Fazer campismo nas ilhas barreira” implica pernoitar numa zona de praia, normalmente nas ilhas barreira, e montar tendas ou toldos, de modo a proteger os campistas do sol, do frio e do vento. Seis entrevistados mencionaram explicitamente praticar este tipo de atividade, mas esse número seria muito maior se se adicionasse os entrevistados que já o fizeram e os que usufruem de estruturas que ficam montadas na areia durante o dia, mas pernoitam no interior de um barco fundeado nas proximidades. Os entrevistados que praticam esta atividade fazem-no com a família ou com amigos e todos mencionaram outras atividades paralelas, nomeadamente mariscar, pescar, fazer praia, apanhar conchas ou brincar e jogar com os filhos e amigos. É uma atividade que os próprios descrevem como “espetacular” e “relaxante”.

“Pescar na ria” foi mencionado por cinco entrevistados que fazem pesca apeada ou pescam do próprio barco durante todo o ano. Segundo estes, esta atividade lhes proporciona um maior contato com a natureza, como referem E1 e E26:

*Aprecio estar à pesca, desde que esteja bom tempo. Aprecio a calma, a observação da natureza. A pesca normalmente dá tempo para isso [...] Gosto de ir [pescar na ria], gosto da maresia do mar, de sentir [...] Para mim é uma coisa importante. Apanhar sol. Eu adoro apanhar sol (E1, homem, 72 anos).*

*Usufruo muito e gosto da parte da contemplação. Posso estar à pesca e não estar a fazer nada, só a ver os pássaros e a ouvir (E26, homem, 48 anos).*

Os quatro entrevistados que referem “Praticar desportos náuticos na ria” fazem-no sobretudo no Verão ou em meses fronteira ao Verão, devido ao maior número de horas de luz. Existem outros dois entrevistados que praticam desportos náuticos, mas por serem federados e fazerem competição serão abordados noutra parte. A facilidade de acesso ao lugar da prática desportiva é comum nas referências destes entrevistados, seja quando o material necessário à modalidade é do próprio ou quando é alugado. A modalidade mais mencionada foi o *stand up paddle*, seguida pela canoagem, o surf e o remo. Para além do exercício físico, o *stand up paddle* foi destacado por ser relaxante e permitir a envolvimento da natureza, como salienta E21:

*Quantas vezes eu vou de paddle apreciar os regatos ali do resino [Figura 2.5] onde quase a prancha não passa e está o caranguejo. Aquilo destressa-me, descontra-me, faço exercício, também sou um apaixonado por isso (E21, homem, 50 anos).*

“Apanhar conchas nas ilhas barreira”, “Fazer ciclismo na ecovia”, “Tirar fotografias” e “Viver no barco” são atividades menos mencionadas. Os que mencionaram “Apanhar conchas nas ilhas barreira” falam com paixão das conchas e rochas que já apanharam, particularmente E17 que, ao mostrar alguns dos seus exemplares afirmou:

*Não é uma coleção, é só aquilo que acho que é bonito... tás a ver um coração. Acho uma coisa linda. É admirável, olha lá para isto! Eu não fiz isto, foi o mar e tal... (E17, homem, 64 anos).*

É de destacar, ainda, que dois entrevistados possuem veleiros com condições para viver no seu interior e que estes fundeiam os seus barcos no Verão em zonas mais ou menos isoladas da ria e vivem neles pequenos períodos de tempo com as suas famílias, especialmente fins-de-semana ou períodos de férias. Ambos revelaram uma paixão por esse estilo de vida e que o mesmo lhes tinha sido inculcado em fases anteriores da sua vida, um em situação profissional e outro durante a infância pelo seu pai.

#### 4.2.1.1.2 As atividades profissionais

As atividades profissionais desenvolvidas na ria pelos entrevistados foram mencionadas aquando da Caracterização da Amostra, no ponto 4.1. Os dois entrevistados envolvidos nos estabelecimentos e concessionários de praia são ambos mulheres, proprietárias e funcionárias dos mesmos. A entrevistada que tem o bar na Ilha da Fuzeta trabalha

apenas a partir de Julho e a que tem o bar na “Praia dos Tesos” trabalha todo o ano. Ambas começam muito cedo e trabalham diariamente. Apesar de nenhuma dizer que faz praia, o local onde trabalham é adorado pelas próprias, como se destacará aquando da análise da categoria “Meio físico e natural”.

O Parque de Campismo (Figura 2.5) é propriedade da Junta de Freguesia e a funcionária entrevistada é funcionária pública. O trabalho está repartido em quatro dias de trabalho, das oito da manhã às catorze ou das catorze às vinte em jornada contínua, e duas folgas. Esta entrevistada pertence à Associação Foz do Eta e, apesar de reconhecer que o seu vencimento é baixo, diz que não se mudaria para outro local afastado da Ria Formosa.

Ambos os ostricultores são do sexo masculino e confessam que o seu trabalho é fisicamente muito duro. Os viveiros de ostras em que trabalham recebem de França pequenas ostras que são colocadas nos viveiros para crescerem. As condições da ria permitem que esse crescimento seja adequado e mais rápido do que noutra local mais a norte. Posteriormente, as ostras são reenviadas para França, para depuração e comercialização. Ambos gostam do que fazem. Um deles diz que sempre foi pescador e que, apesar de ter uma embarcação com licença de redes na ria, esta está inactiva devido à inexistência de peixe suficiente para lhe assegurar um bom vencimento. Segundo este, a ostricultura proporciona-lhe algum prazer e um rendimento fixo razoável. O outro diz, orgulhosamente, que foi um dos primeiros a fazer um viveiro de ostras na ria, há cerca de vinte anos mas que, acabou por vendê-lo a franceses que, segundo ele, têm o monopólio do comércio das ostras na Europa. A sua identificação com a ria está patente na afirmação:

*Eu já tenho vinte e tal anos de trabalhar na ria, mas a ria faz parte de mim porque eu vivo na Fuzeta e estou a 100 metros da ria (E11, homem, 61 anos).*

O pescador profissional entrevistado é um pescador de arrais de pesca local de captura de conquilha que trabalha sobretudo na costa entre Olhão e Faro onde, segundo este, existe a melhor conquilha do Algarve, em qualidade e tamanho. Ao contrário dos ostricultores, este pescador não trabalha quando quer porque têm um horário diário a cumprir e porque a sua atividade é proibida aos Domingos. Este pescador trabalha sozinho e destaca a liberdade que a sua atividade lhe dá quando afirma:

*Quem anda no mar habitua-se à liberdade* (E18, homem, 45 anos).

Sentimento que também é comum aos dois mariscadores que trabalham por conta própria e que foram entrevistados, como afirma E19:

*Aqui não tenho patrões, vou quando quero, venho quando quero e sinto-me bem, sinto-me à vontade* (E19, mulher, 77 anos).

Estes apanham sobretudo diferentes tipos de amêijoa, berbigões, ostras e lingueirões. Ambos são reformados, mas praticam esta atividade quase diariamente e têm clientes regulares que compram o que apanham, o que lhes permite, juntamente com a reforma que auferem, enfrentar as suas despesas mensais. Ambos consideram a ria como “ganha pão”, porque consideram que a ria é uma fonte de rendimento para muitas pessoas que não têm outra fonte, como por exemplo:

*A ria é ganha pão, porque desporto é para quem tem outra maneira de trabalhar, outra vida* (E17, homem, 64 anos).

Para além da Ria ser referida como fonte de rendimento, quer por entrevistados que praticam atividades profissionais quer por outros, a Ria também foi referida como local de trabalho, como E13:

*A ilha agora é o meu local de trabalho* (E13, mulher, 46 anos).

Destaca-se ainda a entrevistada E19, que apesar da idade avançada e de apanhar à gatanha<sup>25</sup> durante todo o ano e muitas vezes dentro de água, confessa que:

*Eu gosto muito, muito de ir à maré. Desde criança. [...] Não posso estar em casa sem vir aqui. Tenho que vir aqui, porque sabendo além do gostar de vir, faz falta. Gosto de sentir as ameijoas e quando a gente sente aquelas grandes no fundo dá gosto, sinto prazer em apanhar. Às vezes tenho que meter os dedos, quando é duro. Gosto muito, muito. É uma vida forçada mas gosto de fazer e é o que eu sei fazer melhor* (E19, mulher, 77 anos).

Para o proprietário da empresa do sector marítimo-turístico, o tempo que a empresa lhe consome é um problema que o próprio quer resolver. Outro é a monotonia que envolve a atividade, como o próprio refere,

---

<sup>25</sup> “Apanhar à gatanha” significa esgatanhar ou escavar com os dedos das mãos à procura de marisco. É um modo muito raro entre os mariscadores profissionais, que normalmente utilizam uma faca de mariscar. Esta entrevistada diz que nunca chegou a aprender a apanhar amêijoa através do olho (marca na areia deixada por este marisco quando se enterra) porque quando era nova pertencia a uma família muito pobre e que, por isso, nunca teve tempo para aprender.

*É num trabalho monótono, haver qualquer coisa dinâmica traz-nos entusiasmo. Para mim, dias de ondulação e eu tenho que sair a barra é uma euforia, porque são muitos anos e eu sei sair, mas entusiasma-me por ser diferente, novo (E12, homem, 33 anos).*

Deste grupo de entrevistados, este é o único que menciona alguma insatisfação com a atividade profissional que desenvolve na ria, devido aos dois problemas que foram referidos. Ou seja, as atividades profissionais foram descritas pelos próprios como satisfatórias. Todos os entrevistados referiram, por várias vezes, sentimentos positivos relativamente ao ambiente físico e sociocultural em que essas atividades decorrem. Pode dar-se como exemplo, as duas entrevistadas que se referem à contemplação da ria a partir do local onde trabalham:

*É a paisagem que é maravilhosa. É um sossego, é uma paz de alma estar aqui, principalmente logo de manhã e ao sol posto, que é mais calmo (E15, mulher, 62 anos).*

*Eu faço isto, juro por Deus, eu faço esta vida com gosto. Tenho uma certa idade mas sinto-me bem na maré. Vejo tudo, olho com calma, vejo os pássaros e eu sinto-me bem, bem (E19, mulher, 77 anos).*

#### 4.2.1.1.3 Outras atividades

Existem algumas atividades realizadas na ria que não foram consideradas como pertencentes a nenhuma das subcategorias anteriores, nomeadamente a pertença aos Corpos Sociais de duas organizações que têm uma ou mais das suas estruturas em pleno Parque Natural da Ria Formosa e que realizam atividades na ria e um entrevistado que faz voluntariado na apanha de lixo nas praias.

A Associação Foz do Eta tem as suas instalações 30 metros a norte do Parque de Campismo. O seu maior evento é uma festa realizada no Verão, a “Festa da Ria”, que decorre num local adjacente à “Praia dos Tesos”, mas a atividade mais frequente e relacionada com a ria em si são as campanhas de limpeza das praias. Um destes entrevistados mencionou que gostaria que esta Associação desenvolvesse mais atividades, mas que as atuais exigências burocráticas e logísticas são demasiadas, aspeto que será aprofundado no ponto 4.2.2.3.

Foram entrevistados dois elementos dos Corpos Sociais do Clube Náutico da Fuzeta, ambos homens e atletas federados de *windsurf*. Este Clube tem duas instalações na Ria Formosa, um pequeno armazém a sul do Parque de Campismo, utilizado para guardar material e a antiga instalação do Instituto de Socorros Náufragos, o edifício conhecido por “Salva-Vidas”. Atualmente, este funciona como Centro Náutico e apesar de recentemente ter sido reconstruído e remodelado necessita, segundo estes entrevistados, de uma grande intervenção a nível estrutural. Ainda segundo estes, é um Clube que funciona por carolice, tem poucos sócios, poucos sócios pagantes e muito poucos recursos. Para além de alguns praticantes federados de *windsurf*, que marcam presença em todas as provas nacionais, incluindo os dois entrevistados, o Clube tem praticantes de *kitesurf* e de canoagem. Segundo os entrevistados, o Clube tem chamado a atenção para vários problemas no acesso dos cidadãos à ria e do estado de degradação em que algumas das infra-estruturas se encontram, como as rampas de acesso à ria e o edifício do “Salva-Vidas”, mas sem conseguir resultados efetivos junto das autoridades competentes.

Estes entrevistados treinam várias vezes por semana, durante todo o ano, sobretudo ao fim de semana ou aproveitam a hora de encerramento para almoço dos estabelecimentos comerciais que possuem na Fuzeta. O *windsurf* satisfaz pela prática desportiva, mas também por proporcionar várias sensações relacionadas com os elementos físicos, como está patente no discurso do E21:

*É a liberdade e o prazer que dá a sensação dos elementos, água, vento, aproveitar aquilo. O prazer absoluto, uma liberdade excelente e o prazer de não prejudicar e aproveitar os elementos que dão velocidade, proporção. Em poucos desportos, tens esta liberdade, na bicicleta tens liberdade mas o windsurf é mais liberdade pura. Deixas-te levar, controlas. Tu é que conduzes, mas és levado, consegues corrigir mas é a natureza que te leva (E21, homem, 50 anos).*

A ria constitui um lugar muito bom para a prática do *windsurf* devido à proteção que a mesma oferece, ou seja,

*Se não tivéssemos a ria podia ir para o mar, mas não conseguia praticar com as condições de segurança que a ria nos dá, porque estamos sempre em águas abrigadas, com muitas margens e ilhas artificiais, estamos sempre protegidos e isso vale muito. Vamos ao mar quando queremos, não somos obrigados a ir, apesar de ele nos fascinar (E21, homem, 50 anos);*

*A ria é excelente para aprendizagem, porque são águas interiores. É excelente para treinar porque não precisamos de embarcações de apoio. Temos as margens controladas, em caso de acidente estamos defendidos (E22, homem, 42 anos).*

Para além de proteção, a ria, nesta zona, permite também um acesso fácil ao mar, através da barra, que é uma vantagem salientada por E21:

*Podemos ir navegar lá fora, que é uma zona adjacente à ria, porque nós saímos da barra e estamos lá fora e estamos cá dentro, que é uma das coisas que eu gosto mais de fazer, é conseguir navegar cá dentro, sair para fora, ir até à armação e vir outra vez para dentro, andar naquele jogo uma tarde inteira (E21, homem, 50 anos).*

Destacar-se ainda o prazer sentido pelo entrevistado que faz voluntariado na apanha do lixo nas praias, como o próprio refere:

*Eu faço voluntariado, apanho lixo da praia e da ilha. Gosto daquilo. Gosto da praia limpa. Apanho tudo [...] O lixo é uma prioridade [...] Eu não posso ver o lixo (E17, homem, 64 anos).*

#### 4.2.1.1.4 Outros resultados

Todos os entrevistados, incluindo os que desenvolvem atividades profissionais, mantêm uma ou mais atividades de lazer na Ria Formosa (Apêndice 4). A análise das entrevistas permite concluir que a maior parte dos entrevistados pratica mais do que três atividades e que as mais comuns são “Fazer praia”, “Passear na ria”, “Mariscar”, “Fazer caminhadas na ecovia”, “Fazer campismo nas ilhas barreira” e “Contemplar” (Apêndice 4). Para além disso, e como foi mencionado anteriormente, atividades de lazer como “Fazer campismo nas ilhas barreira”, “Fazer praia”, “Passear na ria” e “Viver no barco” e as atividades profissionais mencionadas são atividades que poderão envolver outras que não foram explicitadas, nomeadamente “Contemplar” e “Mariscar”.

Dos 26 entrevistados, dezasseis responderam que não praticam noutra local as mesmas atividades que praticam na Ria Formosa da Fuzeta. As razões para as praticarem exclusivamente nesta zona são o desconhecimento da existência de outras zonas que possam oferecer a mesma quantidade e qualidade de experiências, a mesma facilidade de acesso e as especificidades da zona em si. Os restantes dez responderam que

praticam pelo menos uma atividade noutra local mas que não substituiriam esta zona da Ria Formosa por considerarem que nesta há mais marisco, que o marisco é melhor, que a conhecem melhor ou que lhes é familiar, que é mais calma, mais acessível ou fisicamente mais atrativa.

#### 4.2.1.2 O meio físico e natural

A análise das entrevistas permitiu contabilizar dezassete elementos físicos da Ria Formosa que foram mencionados como fatores contributivos do apego ao lugar, nomeadamente: a “Água/Mar”, a “Fauna e flora”, a “Barra”, a “Ilha da Fuzeta”, a “Praia dos Tesos”, o “Salva-Vidas”, a “Ponta das pedras”, a “Barra velha”, a “Lama”, as “Salinas” e os “Viveiros” (Tabela 4.2). A Ria Formosa também foi mencionada na sua globalidade na maior parte das entrevistas e sob vários aspetos e, por isso, as menções à ria foram divididas em várias subcategorias, nomeadamente: a “Insubstituibilidade da ria e da Fuzeta”, a “Paisagem”, os “Sentimentos que a Ria provoca”, a “Natureza”, a “Facilidade de acesso”, o “Cheiro da Ria” e o “Dinamismo natural da Ria” e a “Ria como passagem para o mar” (Tabela 4.2).

Tabela 4.2 – Subcategorias da categoria “Meio físico e natural” da dimensão “Fatores que contribuem para o apego ao lugar”. Fonte: elaboração própria.

<b>Categoria</b>	<b>Elementos Físicos</b>	<b>Nº entrevistados</b>
Meio físico e natural	Ria como passagem para o mar	2
	Facilidade de acesso	5
	Água/Mar	17
	Barra	7
	Barra velha	3
	Fauna e flora	17
	Ilha da Fuzeta	6
	Lama	1
	Natureza	7
	Cheiro da Ria	5
	Dinamismo natural da Ria	5
	Sentimentos que a Ria provoca	17
	Paisagem	19
	Ponta das pedras	4
	Praia dos Tesos	5
	Salinas	1
	Salva-Vidas	5
Insubstituibilidade da ria e da Fuzeta	26	
Viveiros	1	

#### 4.2.1.2.1 A água/mar

O elemento “Água/Mar” foi destacado por dezassete entrevistados. Alguns utilizaram a palavra “água” para se referirem tanto à ria como à água do mar, o mesmo acontecendo com a palavra “mar” e, por isso, optou-se pela designação “Água/Mar”. Para estes entrevistados a água da ria na zona da Fuzeta é algo de que dizem “gostar”, “adorar” e que qualificam de “saudável”, “limpa”, “espectacular” e “apaixonante”. Seis entrevistados referem-se ao cheiro do mar, que muitos chamam de maresia, e de como lhe sentem a falta quando não estão longe, como afirma E18:

*Quando não temos aquele cheiro do mar a gente sente falta (E18, homem, 48 anos).*

O sentimento da falta da água da ria e/ou do mar quando se está longe foi também mencionado por alguns entrevistados, particularmente E12 e E16:

*Isto sem água não funciona. Sem ir para o pé do mar... Uma pessoa fica deprimida, falta-lhe algo (E12, homem, 33 anos).*

*Faz-me falta o mar. Não [como resposta à pergunta: Iria morar para uma zona afastada da ria?]. Porque eu deixava de ver a água e acho que não há nada que pague isso (E16, mulher, 55 anos).*

#### 4.2.1.2.2 A fauna e a flora

A fauna e a flora da Ria Formosa foram referidas por dezassete entrevistados. A maioria destes destacaram a avifauna, especialmente os flamingos e as cegonhas, mas também o são martinho-pescador, as gaivotas e a águia real. Segundo E7, as aves são:

*Uma das melhores coisas que nós temos (E7, mulher, 63 anos).*

Dois entrevistados relataram experiências positivas aquando da observação de aves, como a que E1 narrou:

*Um pássaro que eu via dantes com muita frequência e que hoje vejo rarissimamente, que é o guarda-rios ou o são martinho-pescador, um pássaro lindo, cheio de cores: azul, verde, vermelho, iridescentes, um pássaro lindo. Ainda há uns anos, eu estava ali na “Cidade Sem Lei”, pousou-me um em cima da cana [de pesca]. Eu tinha a cana encostada ao barco, e ele pousou. É pá, coisa espectacular! Quer dizer, é tão raro ver um são martinho pescador hoje (E1, homem, 72 anos).*

O marisco também foi salientado por oito entrevistados. Cinco mencionaram a grande diversidade de marisco que existe na ria, explicitamente, amêijoa-de-cão, amêijoa boa, de viveiro, amêijoa macha, berbigão, talharão, ostra, lingueirão, búzios, canilhas e burriés. E23, apesar de não apanhar marisco, chega mesmo a afirmar que para ela

*A ria representa marisco. Todo o tipo de marisco que temos à nossa disposição e que podemos ir ali apanhar (E23, mulher, 45 anos).*

Os restantes sete entrevistados destacam a quantidade e a qualidade de marisco, como E2:

*Quando vou fico encantada e só agradeço a Deus acabar e apanhar o marisco. Estou sempre agradecendo a Deus, ver um terreno tão bom, um marisco tão bom e a produção tão boa (E2, mulher, 67 anos).*

Destacam-se ainda as referências à riqueza de espécies de animais e plantas que vivem na ria feita por E11 e E17:

*A ria é maravilhosa. É rica em tudo (E11, homem, 61 anos).*

*Quando estou na prancha vejo os peixes a passar, os peixes nem fogem da gente e vejo os chocos a dormir, tenho visto muitos chocos a dormir e toco neles e os gajos... [ri] É um espetáculo, pá! É um espetáculo! (E17, homem, 64 anos).*

Alguns entrevistados referiram-se ao cheiro da vegetação, nomeadamente ao cheiro característico de uma planta, identificada posteriormente como tendo o nome comum de Cordeirinhos-da-praia (*Otanthus maritimus*), onde se destaca:

*Há outro cheiro que gosto muito da “Praia dos Tesos”, é uma planta que larga um cheiro, um cheiro doce, que se nota mais de noite ou ao pôr-do-sol (E5, homem, 64 anos);*

*É uma espécie de baunilha, aquilo é brutal (E21, homem, 50 anos);*

e E7, que reconhece nesta zona uma singularidade própria devido a esse cheiro,

*Adoro o cheiro da ria, daquela planta amarela. É o cheiro característico da ria, que adoro e acho que só à aqui. Já morei em Vila Real de Santo António, ia muito a Montegordo e também até ao pontão, que é um passeio bonito, porque em Vila Real anda-se muito bem, mas nunca cheguei em lado nenhum a cheirar como nós temos aqui (E7, mulher, 63 anos).*

#### 4.2.1.2.3 A “Barra”, a “Ilha da Fuzeta” e a “Praia dos Tesos”

A Barra, a Ilha da Fuzeta e a “Praia dos Tesos” constituem os três locais mencionados como locais de praia.

A barra é uma interrupção das ilhas barreira que permite o contacto entre o mar e a ria, assim como a entrada e saída de embarcações. A barra da Fuzeta não tem quaisquer estruturas em nenhuma das margens. Estas são só de areia e são frequentadas por muitas pessoas que se deslocam em embarcações próprias ou através dos barcos das empresas de transporte para fazer praia ou pesca apeada. Apesar de ser a praia com mais difícil acesso, foi a mais mencionada pelos entrevistados. Quatro entrevistados salientaram a importância à “Barra” através de atributos como “lugar onde se sentem bem”, “lugar especial” e “a melhor”, como expressam E12 e E22:

*Para mim o lugar especial é o final ou o princípio da barra, em que faz aquele remoinho parvo, em que na maré a encher nós jogamo-nos num mergulho e venho no remoinho, sou levado, mas sei que consigo sair e estou ali (E12, homem, 33 anos).*

*Conheço muitos sítios no mundo mas aquela barra continua a ser nº1, à frente de muitas praias paradisíacas. Muito bom (E22, homem, 42 anos).*

O acesso à Ilha da Fuzeta é mais fácil porque existem carreiras regulares de barco. As referências à “Ilha da Fuzeta” são muito diversas: E7 menciona-a como ponto especial para observação do mar, E10 e E24 destacam o facto de ser uma praia calma, onde têm a possibilidade de se isolarem facilmente, E11 refere-se à qualidade da areia, E20 à dimensão da praia. Destaca-se ainda E13, que tem um estabelecimento de restauração nessa praia, porque se refere ao espaço em que trabalha como um lugar especial e maravilhoso e E24 que, ao comparar essa praia com outras na Ria Formosa, como a praia de Faro e a Ilha da Culatra, afirma que:

*Aqui estamos em casa (E24, mulher, 19 anos).*

Dos cinco entrevistados que se referiram à “Praia dos Tesos”, apenas dois se referiram a este local enquanto local de praia. Segundo estes é uma praia muito boa pela sua qualidade em si e pela acessibilidade, onde se destaca E3:

*Eu estou aqui [no local de trabalho no centro da Fuzeta] e em cinco minutos estou dentro de água. [...] A gente está ali a nadar e estão os peixes-*

*agulhas, os peixes rei. Nós estamos no meio da natureza, a apreciar aquilo tudo, os chocos, às vezes os polvos [...] O que é que a gente pode querer mais? (E3, homem, 55 anos).*

A “Praia dos Tesos” é também um local importante de passeio:

*Ir à praia dos Tesos e ficar ai uns cinco minutinhos [...] Eu acho que é a calma, a tranquilidade, a presença... Naquele momento eu estou ali, estás a perceber, estou ali, faço parte daquilo, não deixo de fazer parte daquilo (E6, homem, 47 anos).*

#### 4.2.1.2.4 O Salva-Vidas

O edifício conhecido como “Salva-Vidas” fica localizado a Oeste da “Praia dos Tesos” (Figura 2.5). É um edifício emblemático da Fuzeta e fazia parte do logotipo da Junta de Freguesia dessa vila, agora extinta devido à união com a Freguesia de Moncarapacho. Dos cinco entrevistados que o mencionaram, dois deles são membros do Clube Náutico da Fuzeta, que como foi referido, transformou este edifício em Centro Náutico. Para estes entrevistados este edifício provê qualidades únicas para a prática do *windsurf*, como refere E22:

*O Centro Náutico é um edifício brutal. No mundo não existem condições como estas: temos água, o nosso material lá dentro, conseguimos ir treinar e fazer substituições de material se as condições climatéricas se alterarem, afinações e testes de finnis praticamente na água. É como se fosse uma box de fórmula 1 (E22, homem, 42 anos).*

Os outros entrevistados referem-se a este edifício como “um ícone internacional da Fuzeta”, “um ponto muito forte”, “elixir da Fuzeta” e “um edifício único e lindo que é muito fotografado”. Como afirma E14:

*Em termos de paisagem, o Salva-Vidas tem um enquadramento especial, quase que é uma foto única e vê-se montes de gente diariamente a fotografar (E14, homem, 39 anos).*

#### 4.2.1.2.5 A “Ponta das pedras”

A “Ponta das pedras” é o nome pelo qual é conhecido o molhe Oeste do canal que dá acesso ao cais da Fuzeta (Figura 2.5). Fica localizado na “Praia dos Tesos” e quatro

entrevistados destacam-no pela sua centralidade, fácil acesso e pelas paisagens que permite observar. Para E6 e E21 constitui mesmo um lugar único e especial:

*Um sítio particular, em que toda a gente tem acesso e é onde eu vou mais. Se tivesse que eleger um sítio especial era a ponta das pedras, porque quando um gajo era puto, o desejo de ir mais além, que muitas vezes se reflectia na ponta das pedras. Aquilo é o bojador da Fuzeta. Pronto! Esse é um dos motivos. O outro é porque ali tens uma vista abrangente (E6, homem, 47 anos).*

*Felizmente tenho conseguido viajar um bocado e quando venho de uma viagem e chego aqui à Fuzeta de dia, vou à ponta das pedras. É uma coisa fabulosa. Posso ir para o México ou para a Croácia e se chegar de dia vou à ponta das pedras. Tenho que ter aquela sensação de que cheguei a casa [...] Parece que temos que ir carimbar aquela roda ali e depois é que vamos para casa. É um bocado uma necessidade que tenho. Aquilo está um bocado ligado à minha pessoa (E21, homem, 50 anos).*

#### 4.2.1.2.6 A “Barra velha”

A “Barra velha” é o local nas ilhas barreira (parte oeste da ilha de Tavira) onde antes se localizava a barra que foi fechada em 2011 (Figura 2.5). Como qualquer ponto das ilhas barreira, este é também um local de praia para muitas pessoas, mas as referências à “Barra Velha” feitas pelos entrevistados relacionam este lugar com a atividade de acampar. Estes consideram esse local como o mais resguardado e o seu preferido da ria na zona da Fuzeta, por estarem mais à vontade e por ter a melhor areia. E9, uma das pessoas que faz campismo nesse local considera que

*Aquilo é o paraíso. Para mim aquilo é uma terapia, porque assim que entro dentro do barco para ir para lá, fica o que cá ficou [ri]. Nada, ali não me lembro de nada, é só aquilo. Eu gosto porque aquela parte ali é... Acho que não há dinheiro nenhum que pague aquilo, não há. [...] Para mim a Barra Velha, ali aquela parte onde ficamos, para mim é o sítio ideal. Sem confusão. Eu gosto muito de ir para lá. A ria e aquela parte [Barra velha] para mim é um templo (E9, mulher, 43 anos).*

#### 4.2.1.2.7 A lama, as salinas e os viveiros

E por último, a “Lama”, as “Salinas” e os “Viveiros”, que foram referidas explicitamente por alguns entrevistados e que estão muito relacionadas com as atividades praticadas pelos mesmos. A lama foi associada à facilidade de captura de

amêijoas e à melhor qualidade da mesma, as salinas foram destacadas nas paisagens que podem ser apreciadas desde a ecovia, nomeadamente aquando de caminhadas na mesma e os viveiros foram destacados por um ostricultor que diz ter uma relação de mais de 20 anos com os viveiros e que, por isso, estes tornam-se no elemento mais significativo da ria.

#### 4.2.1.2.8 A Ria

##### 4.2.1.2.8.1. Insubstituibilidade da ria e da Fuzeta

A grande maioria dos entrevistados raramente separou a Ria Formosa da vila da Fuzeta. Muitas das referências colocadas nesta subcategoria surgiram como resposta às perguntas sobre se os entrevistados substituíam o seu local de residência por um outro afastado da Ria Formosa. Dos 26 entrevistados, dezassete responderam categoricamente que não substituíam o seu lugar de residência, mesmo que essa mudança implicasse uma melhoria a nível de residência e vencimento. As justificações que os entrevistados deram encontram-se explicitadas nas várias subcategorias analisadas dentro desta dimensão. No entanto, destacam-se aqui exemplos de sentimentos e de emoções negativas se tal mudança se efetivasse:

*Isso [mudar] era uma tristeza muito grande. [...] São muitos anos a viver aqui, a conviver com as pessoas e as pessoas que fizeram isso ficaram mais tristes e morreram mais cedo, acho eu (E3, homem, 55 anos).*

*Sinto tristeza, saturação e depressão [quando me afasto] (E12, homem, 33 anos).*

Exemplos de afirmações muito peremptórias:

*Mas foi aqui que eu nasci, é aqui que eu quero morrer [...] Mas eu costumo dizer, daqui só saio morto [ri] (E4, homem, 49 anos).*

*Agora eu sair daqui? Nunca. Os meus dias são para acabar aqui. Não há volta a dar, não há volta a dar [...] É aqui que eu faço ideias de acabar os meus dias (E10, homem, 76 anos).*

*Nem pensar [ri]. Sair da ria? É incrível... É a minha paixão, é a zona da ria. É onde eu nasci [...] Não consigo viver sem isto. (E17, homem, 64 anos).*

E ainda exemplos de justificações dadas para a recusa em mudar para um local que permitisse uma melhor situação financeira:

*Porque eu gosto do sítio onde vivo, gosto de estar aqui, gosto da Vila e quero que os meus filhos cresçam neste ambiente [...] Quando acabei a faculdade e com a crise toda a gente falava em sair daqui, mas evitei sempre sair porque gosto de estar [aqui] e sempre pensei que prefiro ganhar menos e ao menos estou aqui e consigo respirar um bocado deste ar. Porque qualidade de vida também é isto, não é só ter os bolsos cheios (E14, homem, 39 anos);*

*Porque eu deixava de ver a água e acho que não há nada que pague isso. Pronto, eu não tenho um grande ordenado, mas acho que a tal qualidade de vida, com a água aqui, para mim é o suficiente (E16, mulher, 55 anos).*

*Porque, às vezes, não é o emprego melhor o que vale mais. Acho que não mudava (E23, mulher, 45 anos).*

*Mesmo que me paguem mais, esse valor não me compensa a perda dos sentimentos (E26, homem, 48 anos).*

#### 4.2.1.2.8.2. A paisagem

Como foi mencionado no ponto 2.3, a Ria Formosa contém diversas paisagens de enorme valor. A grande maioria dos entrevistados mencionou as paisagens da ria em vários locais, especialmente desde a “Praia dos Tesos”, do “Salva-Vidas”, das Ilhas Barreira; desde a zona do moinho, do resino, do mar e de casas particulares; e desde a ecovia. As referências às paisagens foram adornadas com as palavras “espectacular”, “maravilhosa”, “paz”, “tranquilidade”, “única”, “linda”, “fantástica”, “rica”, “bonita”, e referidas como capazes de transmitir “paz de espírito”, sensação de “relaxe”, sensação “indiscritível”, sensação de “bem-estar” e “energia”.

A paisagem que podem ser contemplada desde a “Praia dos Tesos” foi a mais mencionada:

*mas aquela paisagem que nós temos ali, epá, acho que não há igual, não há igual (E4, homem, 49 anos).*

A singularidade da paisagem foi um aspeto referido por vários entrevistados. A importância desta paisagem foi enfatizada por E4, através da narração de um episódio da sua vida:

*Quando houve a separação da minha mulher, era lá que eu ia buscar a minha tranquilidade, a minha paz, porque sabes que a gente fica revoltados, á espera de muita coisa, a pensar naquilo que devíamos ter feito e não fez, e quando chegava lá, é engraçado que eu ia levar a minha filha à escola e parava todos os dias de carro ali e era ali que eu arranjava forças para o dia-a-dia, eu não consigo explicar (E4, homem, 49 anos).*

Este escape do quotidiano também foi salientado por outros, como E13 que, relativamente à paisagem da ria desde as ecovias, afirma:

*O sol a incidir naquela parte das salinas, é muito bom, vê-se bem. Parece que vimos com outras energias (E13, mulher, 46 anos).*

Os entrevistados destacaram também as paisagens desde as ilhas barreira, nomeadamente a vista da Fuzeta, como expressam E7 e E21:

*É apreciar a terra, estar a ver a evolução, é uma das coisas que gosto (E7, mulher, 63 anos).*

*Para ver o pulsar dos visitantes e dos trabalhadores da ria e de toda a gente que andava ali e depois a gente conseguia perceber toda a dinâmica que havia e a própria Fuzeta (E21, homem, 50 anos).*

e a singularidade de ver o por do sol desde essas ilhas:

*No ambiente físico? É a paisagem em si, é o por de sol que não se vê em mais lado nenhum do mundo (E8, homem, 45 anos).*

*Ficar ali ao por do sol, aquela paisagem, acho que não deve haver em sítio nenhum uma coisa assim (E9, mulher, 43 anos).*

Os entrevistados destacaram ainda a paisagem desde a zona da ria a Este da Fuzeta, conhecida como a zona do moinho (Figura 2.5), que tem a particularidade de permitir também a observação da serra, nomeadamente o Serro da Cabeça e o Serro de São Miguel, como por exemplo:

*Realmente vê-se a serra, as salinas e o mar e quando a gente vai de bote é lindo, pá! É uma zona linda, [...] O mar e a serra que dão uma paz de espírito, aquilo dá uma sensação de relaxe (E3, homem, 55 anos);*

a vista do mar desde as próprias residências, como E18 e E25:

*Lembro-me que há uns anos, quando tinha aqui os pombos, sentava-me na varanda numa cadeira ao fim da tarde e ficava a olhar para o mar (E18, homem, 48 anos);*

*Quando acordo abro as janelas e vejo o mar. Gosto de ver aquela paisagem. Aquilo a mim já me é familiar. Não gostava de ver outra coisa (E25, mulher, 18 anos);*

e a vista desde o edifício do “Salva-Vidas”, por E21, um entrevistados pertence ao Clube Náutico da Fuzeta, que afirma:

*Ver a paisagem da parte de cima do Salva-Vidas é do mais alto nível. Eu conheço paisagens em muitos sítios. Estares em cima daquele edifício, olhar para a Fuzeta, olhar para Olhão ou para o lado da “Praia dos Tesos” ou para a ilha, tens ali uma paisagem global espectacular. Ali é onde nós conseguimos absorver aquela energia toda da ria e da Fuzeta, porque a vista de lá é brutal, seja de noite seja de dia. Tem uma magia brutal (E21, homem, 50 anos).*

A paisagem da ria desde a Fuzeta também foi mencionada em termos mais globais. Segundo E10 essa paisagem é causadora de um impacto que o próprio denomina de “impacto do aspeto paisagístico”, como o próprio explica:

*Provavelmente é o último dos últimos paraísos do Algarve, digo isto mesmo a sério. Eu conheço o Algarve todo e não há nada como isto [...] Muita gente sai ali do apeadeiro - isto é importante que eu diga - eu penso que há muita gente que sai ali do apeadeiro desconhecendo a Fuzeta, eu já observei isso com estrangeiros, que vêm de Olhão e de Faro e que lhes falam da Fuzeta. As pessoas chegam aqui e ficam ali a olhar para aquilo tudo, porque a vista lá de cima é fantástica. As pessoas chegam aqui, lá acima ou aqui em baixo, estrangeiros e nacionais, e esta terra mexe com essa gente. Eu tenho inúmeros exemplos (E10, homem, 76 anos).*

Destaca-se ainda as referências de E10 e E24 que qualificam a zona da Fuzeta como uma jóia e mágica, respetivamente:

*Esta terra é uma jóia, isto é uma jóia, já não há nada parecido com isto [...] Aqui há uns tempos tive aqui um casal que é muito meu amigo há cerca de 40 anos. Somos como irmãos. Nas férias o gajo, a mulher e a filha ia para a Manta Rota, para a Altura e nunca cá vinha e eu estava sempre a insistir. Até que lá convenci o gajo e a mulher a vir passar uma semana comigo. Quando chegaram ali à ponta das pedras, ele mora em São Pedro do Estoril, que fica na foz do Rio Tejo, que é uma zona fantástica, das melhores zonas do país, o gajo chegou aqui e disse assim: - “Epá porra, epá, mas como é que tu descobriste isto? Epá isto é um espetáculo”. Peguei nele e fui com o gajo ai pelas salinas, ele ficou completamente fora dele: “Então eu vivo no Estoril e não consigo andar de bicicleta e eu aqui ando ao lado das salinas, a ver o mar, a ver as laranjas...” Levei-o à ilha, a ele e à mulher, e o impacto da ilha é diferente. É uma prespetiva oceânica. O gajo ficou admiradíssimo com o comprimento da praia (E10, homem, 76 anos).*

*O que temos aqui é mágico, é um cantinho que não se encontra em mais lado (E24, homem, mulher).*

#### 4.2.1.2.8.3. Os sentimentos que a ria provoca

A subcategoria “Sentimentos que a Ria provoca” refere-se a sentimentos e apreciações positivas acerca da ria, nomeadamente: “tranquilidade”, “paz”, “beleza”, “sossego”, “satisfação por usufruir do que a ria tem”, “liberdade”, “calma” e os sentimentos de “nostalgia”, “frescura”, “orgulho” e “pertença”. A ria foi também qualificada de “saudável” e de “diamante”. Alguns entrevistados mencionaram explicitamente “gostar” da ria e outros se referiram à ria como a sua casa ou parte desta, como por exemplo:

*Quando os meus me perguntam se gosto de estar aqui clientes [pois é o proprietário de uma empresa no setor marítimo-turístico], respondo: - Então? Isto é o meu jardim (E12, homem, 33 anos).*

*Mas a ria é a minha casa. A situação que eu tenho com a ria é próxima. [...] Isto não é o melhor sítio do mundo mas é um dos melhores (E21, homem, 50 anos).*

*A ria faz parte de mim. Acho que a ria faz parte de todos os filhos da Fuzeta, é um membro. Representa muito. [...] É o nosso quintal, faz parte, é um apêndice, faz parte de nós (E26, homem, 48 anos).*

Dois referiram-se à ria como uma paixão:

*Mas a ria é uma paixão, um lugar para relaxar e para estar na natureza, um lugar onde tenho as minhas memórias (E13, mulher, 46 anos).*

*É incrível... é a minha paixão, é a zona da ria (E17, homem, 64 anos).*

E outros dois referiram-se à ria como um lugar que os faz sentir melhor:

*Quando faz sol a um sábado de manhã e consigo ir sinto que me liberta qualquer coisa, que fico mais leve e faz-me sentir melhor. Não sei explicar o quê concretamente, mas é isso (E14, homem, 39 anos).*

*Descontraí, os problemas ficam para trás (E26, homem, 48 anos).*

#### 4.2.1.2.8.4. A natureza

A “Natureza” foi referida explicitamente por sete entrevistados e foi considerada como um elemento físico diferente da subcategoria “Fauna e flora”, na medida em que inclui referências mais globais ao meio natural. Os entrevistados destacaram a importância e o gosto que têm em estarem próximos e em contacto com a natureza, onde se destaca E10, E14 e E20 (uma entrevistada que reside há onze anos na Fuzeta, depois de ter nascido e residido até então em Lisboa), quando afirmam:

*Porque isto é seguro, é ambientalmente excepcional e depois tem isto tudo, esta envolvência da praia, da ria, tudo isto mexe com as pessoas, mexeu comigo. Há 40 anos e continua a mexer com as pessoas (E10, homem, 76 anos).*

*É uma natureza tão... Quase tão pura que ainda se mantém (E20, mulher, 46 anos).*

#### 4.2.1.2.8.5. A Facilidade de acesso

A subcategoria “Facilidade de acesso” foi criada para incluir as referências dos entrevistados que consideram que a proximidade e o fácil acesso à ria é importante para eles, como afirmam E6 e E22:

*Isto aqui é único, da proximidade que tens, do espaço que há, do poderes usar pouco ou nada, mesmo em dias desagradáveis, que eu gosto de ir lá, dá aquela pujança invernosa, a ver as cores, eu adoro ver as cores da água (E6, homem, 47 anos).*

*Alguém que queira passar na ria e ir até à costa, mesmo de Verão, facilmente vai a pé ou a nado, pode facilmente passear na ria e apanhar algum marisco (E22, homem, 42 anos).*

#### 4.2.1.2.8.6. O cheiro da Ria

Para além de cheiros específicos, como os já mencionados cheiro da vegetação ou da maresia, o cheiro da ria em si foi referido por cinco entrevistados como algo muito positivo e importante, como afirmam E12 e E22:

*O cheiro da ria é algo feliz, o cheiro da praia, do lodo, faz-nos criar sensações, é bom (E12, homem, 33 anos).*

*Mas se me falarem da ria formosa é o cheiro. O cheiro é inconfundível* (E22, homem, 42 anos).

#### 4.2.1.2.8.7. O dinamismo natural da Ria

Destacar ainda nesta categoria, as referências à dinâmica deste sistema natural, fenómeno que é particularmente apreciado por vários entrevistados, como E12 e E21:

*Quando eu olho para a ria... É o movimento da areia, a mudança do canal, a diversidade ou a facilidade com que tudo muda, a dinâmica das marés. Nós vamos a um local, depois fica uma semana de sueste e quando lá voltamos está diferente* (E12, homem, 33 anos).

*Nunca é igual. É aquilo que eu acho que destaco na ria [...] Gosto de ver como a ria se modificou* (E21, homem, 50 anos).

#### 4.2.1.3 Os elementos socioculturais

Os aspetos socioculturais referidos pelos entrevistados e incluídos na dimensão “Fatores que contribuem para o apego ao lugar” foram divididos em oito subcategorias (Tabela 4.3): “Conhecer pessoas”, “Encontrar pessoas”, “Ensinar”, “Praticar atividades em grupo”, “Solidariedade entre os donos dos barcos” e “Ver muitas pessoas”.

Tabela 4.3 – Subcategorias da categoria “Elementos socioculturais” da dimensão “Fatores que contribuem para o apego ao lugar”. Fonte: elaboração própria.

<b>Categoria</b>	<b>Elementos socioculturais</b>	<b>Nº entrevistados</b>
Meio físico e natural	Conhecer pessoas	3
	Encontrar pessoas	3
	Ensinar	3
	Praticar atividades em grupo	18
	Solidariedade entre os donos dos barcos	1
	Ver muitas pessoas	3

A subcategoria “Praticar atividades em grupo” remete para a importância dos outros quando se pratica certas atividades na ria, especialmente o fazer praia, acampar, caminhadas na ecovia, mariscar e passear na baixa da Fuzeta ou na ria.

Na atividade de fazer praia destacam-se as afirmações de E5, E7 e E25, que revelam como essa atividade permite o convívio com novas pessoas, é importante para os

próprios e para os outros e é determinada pela participação de amigos e familiares, respetivamente:

*Ali na praia já conheci muita gente. Um gajo ali convive, conhece pessoas de Lisboa, do Porto (E5, homem, 64 anos).*

*Estou sempre com moços, dantes eram as filhas, agora tenho netos, por isso tenho sempre alguém, por isso a ida à praia é muito importante para eles e para mim (E7, mulher, 63 anos).*

*Eu não gosto de ir sozinha para a ilha e quando nenhum dos meus amigos ou familiares quer ir eu não vou [...] Vou mais pelo convívio com os amigos (E25, mulher, 18 anos).*

Destacam-se ainda algumas referências reveladoras da fraternidade e solidariedade entre os que acampam nas ilhas barreira, especialmente E8, E9 e E14:

*Somos três famílias que estamos ali e a gente convive. E são convívios que nós não temos no resto do ano todo [...] E ao fim do dia se começares a correr a malta [andar de acampamento em acampamento] todos te aceitam, todos te dão uns copos para beber e todos te põem à mesa para comer, não há divergências ali (E8, homem, 45 anos).*

*Aquilo é um convívio que a gente já não passa sem aquilo [...] Temos amigos nossos, cada um faz a sua coisa e aquilo em menos de nada está tudo montado, nada custa, já estamos habituados, em menos de nada a gente monta as coisas, desmonta as coisas, aquilo é um hábito. Os moços que lavam a loiça do jantar, no outro dia são outros a lavar a do pequeno almoço e depois são outros a lavar a do almoço, eles já sabem, temos que trabalhar em equipa (E9, mulher, 43 anos).*

*Nós acabamos por formar uma família em cima da ilha em que ajudamos mutuamente, colaboramos, fazemos as nossas festas em conjunto e acho essa dinâmica muito engraçada, porque praticamente no Inverno não estou com essas pessoas mas depois quando chega o Verão é quando a gente de encontra e temos esse convívio e camaradagem que é muito saudável (E14, homem, 39 anos).*

Estes aspectos também foram relacionados com os aspetos culturais por alguns entrevistados, como E8 e E12, ao considerarem que “a essência da Ria” e o “genuíno da ria” é esse aspeto social que se deve manter:

*Quando os amigos começam a fazer a sua vida, estrambelha um bocado e depois perde-se um bocado, vá lá, a essência. A essência da ria. É pena, mas depois arranjas outros amigos, comesas a complementar, a falta de uns com outros, que é para a coisa continuar (E8, homem, 45 anos).*

*No fundo é o genuíno que a gente tem é acampar na praia, que é uma coisa espectacular que a gente tem, é uma coisa espectacular e adora aquela convivência de ver os barcos a virem, ver as famílias unidas a montar as tendas, a fazer a comida, ir à maré, os pais a ensinarem os filhos a ir ao marisco, a ir ao polvo, acho isso espectacular. Porque no fundo, se não fizermos isso o que é que se passa? Não se passa nada, a nossa cultura vai-se perder (E12, homem, 33 anos).*

Alguns entrevistados dão importância ao facto de encontrarem pessoas conhecidas e de conhecerem outros através de atividades como fazer praia, passear na “Praia dos Tesos”, mariscar e fazer caminhadas na ecovia. A subcategoria “Ensinar” está relacionada com a transmissão de conhecimento relativo ao lugar ou de certas atividades, como mariscar, pescar ou acampar, como por exemplo:

*Desde pequenino fui habituado a isto [a viver na ria e da ria] e quero passar isto aos meus filhos e é nesse ponto de vista que eu tenho. Fiz força para continuar a fazer o que os meus pais fizeram comigo. Maneira que usufruímos deste espaço que é maravilhoso e que eles [filhos] tenham uma ideia diferente na natureza. Não é só o que vêm na televisão, o que vêm na Internet e eles vão para ali e esquecem-se de tudo, de telemóvel, computador... (E8, homem, 45 anos).*

*O contacto, o poder ver o peixe, o ir à pesca, é um bocado a diversidade que a ria tem e que nós podemos usufruir da maré vazia, de podermos ir apanhar umas amêijoas, tudo isso me fascina e tenho gosto por isso e faço gosto de ensinar isso aos meus filhos e sinto que eles também gostam (E14, homem, 39 anos).*

#### 4.2.1.4 As intervenções legislativas/fiscalização

Nas entrevistas fizeram-se muitas referências relacionadas com Intervenções legislativas ou fiscalização, mas apenas três estão relacionadas ao apego dos indivíduos à Ria Formosa, nomeadamente a de E2, que considera que os barcos de arrasto, que outrora operavam na ria eram muito destrutivos e que, felizmente, já não existem por terem sido proibidos; a de E26, um dos membros da Associação Foz do Eta, que defende que, para proteger a ria, são necessárias leis duras, incluindo as que já estão em vigor; e a referência de E11, um ostricultor que teve viveiros próprios e que os vendeu, que defende que a burocracia existente é benéfica para Portugal, porque permite que os proprietários estrangeiros de viveiros paguem ao Estado português parte do que ganham.

#### 4.2.1.5 A ligação ao passado

Na categoria “Ligação ao passado” foram analisadas as referências às memórias de acontecimentos passados na ria, às atividades outrora praticadas e as referências dos entrevistados a fases anteriores da vida que podem contribuir para o apego à Ria Formosa (Tabela 4.4). Os entrevistados narraram 24 acontecimentos ou episódios decorridos com eles na ria muito diversos que não são aqui destacados. Como seria de esperar, os únicos entrevistados que não fizeram referências que pudessem ser colocadas nesta categoria foram os dois que foram viver para Fuzeta já em adultos.

Tabela 4.4 – Subcategorias da categoria “Ligação ao passado”. Fonte: elaboração própria.

<b>Categoria</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Nº entrevistados</b>
Ligação ao passado	Acontecimentos	24
	Atividades	14
	Crescer na Ria/Fuzeta	11
	Nascer na Ria/Fuzeta	4
	Viver na Ria/Fuzeta	19

Foram também identificadas catorze atividades praticadas pelos entrevistados, nomeadamente: mariscar, acampar na praia, pescar, brincar em criança com os amigos, ir para a praia com a família, namorar, apanhar cascos de choco, apanhar cebarrinha, brincar em jovem com amigos e viver num barco com a família. Os dados permitem concluir que pelo menos dezasseis entrevistados mantêm uma ou mais atividades que iniciaram quando eram crianças ou jovens, sobretudo as atividades fazer praia, pescar, mariscar e acampar na praia, onde se destaca E7 e E19, que revelam o prazer que sempre sentiram na prática das mesmas:

*Desde miúda que sempre usufrui da ilha, da praia, do rio, de tudo, é o que eu gosto (E7, mulher, 63 anos).*

*Já desde pequenina que eu já gostava desta vida [mariscar] (E19, mulher, 77 anos).*

Destaca-se ainda a nostalgia sentida por alguns entrevistados relativamente a atividades que praticaram no seu passado, como expressam E1 e E2:

*Claro que há actividades que me dão um bocadinho mais nostalgia do que outras, por exemplo, pesca, causa assim uma nostalgia pelo facto de eu ter pescado ali há 60 anos [...] Mas à uma actividade que representa, essa sim nostalgia, que hoje também começa a ser proibida, se é que já não é proibida, que é a apanha de caranguejo violino e caranguejo da pedra [...] Este verão fui ao cavalete, eu não sabia que isto era proibido, fui até além até ao resino, ali nas calmas, e apanhei algumas 100, à mão, com o meu joelhinho, a saltar de buraco em buraco, aquilo é terrível, aquilo cansa, [...] Aquilo arranha, mas até isso me dava prazer, porque era o antigamente (E1, homem, 72 anos).*

*Alegra-me muito quando passo ai no sapal e vejo aqueles regatozinhos, lembro-me logo quando era criança, era o nosso brinquedo [...] Vou ali à ria, quando os regatos estão cheios, dar um belo mergulho, que era a minha praia antiga. Faz-me rever o meu passado de menina (E2, mulher, 67 anos).*

Muitos entrevistados relacionaram as suas memórias em várias fases da vida com o apego que mantêm com a ria e as respetivas referências foram colocadas nas subcategorias “Nascer na Ria/Fuzeta”, “Crescer na Ria/Fuzeta” e “Viver na Ria/Fuzeta”. A subcategoria “Nascer na Ria/Fuzeta” incluiu as referências explícitas ao local onde nasceram, como:

*Nasci cá, é porque eu nasci ali, numa barraca de madeira armada ao mar mesmo (E2, mulher, 67 anos).*

*Gosto da terra em si, isto é um cantinho, fazem faltam muitas condições, mas é aqui que eu nasci, é aqui que eu quero morrer (E4, homem, 49 anos).*

*Eu nasci em Setembro e quase que nasci na praia, a minha mãe quase que me teve na praia (E7, mulher, 63 anos).*

Mas são as referências ao crescer e viver na Ria/Fuzeta que mais parecem contribuir para o apego ao lugar. E17 relaciona o facto de ter nascido e crescido na Ria Formosa com um sentimento de felicidade e de pertença com o apego ao lugar quando afirma:

*Fico feliz lembrando-me de certas coisas [...] É onde eu nasci, praticamente. Desde a idade dos cinco, seis anos a tomar banho na ria pois aquilo já está dentro do corpo [ri]. A água já está infiltrada [ri] (E17, homem, 64 anos).*

Alguns entrevistados mencionaram explicitamente o facto de terem crescido na ria e de como esse aspeto torna o lugar importante para eles. Como sobressai nas afirmações de E1, E6 e E12:

*Esta ria representa também muito para mim no sentido em que eu cresci ali, eu pesquei ali, corri ali, andei na lama, mergulhei, fiz tudo (E1, homem, 72 anos);*

*A ria faz parte de onde eu cresci e onde os meus filhos vivem e é importantíssimo, faz parte [...] Epá, depois noitadas na ilha, quer dizer, o primeiro peixe que o meu puto apanhou, sim cresci muito ali na ilha, passávamos lá bastante tempo (E6, homem, 47 anos).*

*Depois toda a minha ligação foi ali, cresci ali na praia, na lama, apanhar casulo, à pesca, foi tudo ali (E12, homem, 33 anos).*

A maioria das referências a fases anteriores de vida foi analisada através da subcategoria “Viver na Ria/Fuzeta”. Alguns entrevistados mencionaram explicitamente o viver na Ria/Fuzeta e relacionaram esse aspeto com memórias felizes, como por exemplo:

*Não podemos fugir às nossas bases, às nossas vivências, ao que gostamos. Há um momento na vida em que largamos e voltamos às raízes. A gente percebe que não é o dinheiro que trás a felicidade, é o aproveitar o dia-a-dia (E12, homem, 33 anos).*

*Representa muito [...] Um passado de recordações das vivências de miúdo até hoje (E26, homem, 48 anos).*

*Mas eu vivi a minha juventude toda em cima da ilha. [...] Tenho muitas recordações e muito boas (E16, mulher, 55 anos).*

O apego ao mar desde a infância também foi referido, nomeadamente por E5 e E16:

*Eu não conseguia viver numa terra sem ter isto [água]. Para o interior ninguém me manda. Para mim, desde moço que estou ligado ao mar, à pesca, desde moço pequeno, e o mar, natação, para mim não era capaz de viver sem isto (E5, homem, 64 anos).*

*Desde sempre que vivi aqui, mas consigo sair, consigo sair, mas quero voltar, quero ver outra vez, não quero deixar de ver o mar (E16, mulher, 55 anos).*

É de referir, ainda, que dez entrevistados, na sua adolescência e juventude, passaram parte do Verão a residir na Ilha da Fuzeta<sup>26</sup>. Uns tinham casa própria, outros viveram

---

<sup>26</sup> Entre a década de oitenta do século passado e 2010 foram construídas e mantidas ilegalmente várias casas particulares e estabelecimentos comerciais nas ilhas barreira da Ria Formosa, incluindo na Ilha da Fuzeta. Durante um temporal no Inverno de 2010, o mar dividiu a Ilha da Fuzeta em dois, mesmo no centro da zona onde estavam as casas e o cais para atracar as embarcações, levando consigo várias casas. Na sequência desse processo natural, as autoridades iniciaram um processo de remoção das ruínas resultantes, bem como de todas as restantes casas.

em casas de amigos durante parte das férias escolares de Verão ou acampavam durante esse período com a família. Essas vivências estão associadas a memórias felizes e importantes, como:

*Brincávamos lá, fazíamos fogueiras - no tempo que era permitido - tocávamos guitarra, cantávamos, são momentos que nunca mais se esquecem, são amigos que vinham do Porto e de outros locais e fazíamos uma assada, uma mariscada à luz da vela. Não havia televisões. A gente não precisava, nem se lembrava disso. Epá! É uma coisa mesmo para recordar. E a minha casa era mesmo virada para o mar, aquela paisagem... É uma memória que vou guardar para sempre (E4, homem, 49 anos).*

*As primeiras bebedeiras e outras loucuras, foi tudo passado na ilha [...] Para mim foi muito importante. A minha vivência na ilha foi espectacular (E14, homem, 39 anos).*

*Há muita coisa relacionada com noites e dias nas casas. Há muita coisa boa que aconteceu muitas vezes. Representa muito porque felizmente eu não me lembro de momentos maus. Isso faz parte de um passado feliz (E21, homem, 50 anos).*

Destaca-se a importância dos viveiros para o ostricultor E11 que refere que esses representam não só local de trabalho, mas também uma ligação com o passado:

*O que me diz mais são os viveiros que é onde eu trabalho e alguns deles eram da minha família e passaram de pais para filhos (E11, homem, 61 anos).*

#### 4.2.1.6 As expectativas

As referências relativamente ao futuro representam expectativas que podem contribuir para o apego ao lugar foram organizadas nas subcategorias “Não vou ter novas atividades”, “Gostava de ter mais atividades de lazer”, “Expectativa positiva em relação à atividade profissional”, “Gostaria de transmitir isto aos meus filhos”, “Gostava de viver num barco na ria” e “Gostava de manter a ligação com esta zona”.

Muitos dos entrevistados desejam apenas manter no futuro as atividades que já praticam, especialmente os mais velhos pois, como seria de esperar, os entrevistados mais velhos são os que mais referem não esperar praticar novas atividades na Ria da Fuzeta. Os mais novos sentem-se mais tentados a desenvolver novos tipos de interação com o lugar, como praticar várias atividades de lazer, nomeadamente o *stand up paddle*,

a canoagem, passear de barco pela ria, pescar, fazer exercício na ecovia, passear na “Praia dos Tesos”, praticar uma nova modalidade de *windsurf* e ter um viveiro (com fins lúdicos).

Todos os entrevistados que desenvolvem atividades profissionais na ria referiram que possuem expectativas positivas relacionadas com essas atividades. Dos ostricultores (E8 e E11), um aspira vir a conseguir fazer todo o ciclo de desenvolvimento das ostras na ria e o outro espera que a modernização continue a diminuir o esforço físico necessário para a prática dessa atividade. Dos empresários do setor da restauração de praia (E13 e E15), um pensa realizar mais atividades para exponenciar o seu negócio, como danças de Zumba e o outro está a projectar abrir mais um estabelecimento na ria. O empresário da atividade marítimo-turística (E12), espera diminuir o ritmo de trabalho, seja por sua iniciativa ou pela aproximação de uma crise do sector que ele afirma que se avizinha, mas que esta será positiva pois permitir-lhe-á ter mais tempo para as atividades de lazer e para a família. O pescador de arrais (E18) adquiriu um novo barco que lhe vai permitir apanhar mais marisco e em mais zonas.

Um dos entrevistados pretende transmitir a sua experiência da ria aos seus filhos, residir permanentemente num barco e viver apenas do que conseguir capturar na ria.

#### 4.2.1.7 O que os visitantes mais apreciam

A última categoria da dimensão “Fatores que contribuem para o apego ao lugar” intitula-se “O que os visitantes mais apreciam”. Nesta categoria se verificam se existem aspetos que contribuem para o apego dos entrevistados quando estes vêm o lugar com os “olhos dos outros”<sup>27</sup>. A análise revelou catorze subcategorias (Tabela 4.5), nomeadamente: “A Praia”, “As características dos residentes”, “A tranquilidade do lugar”, “A autenticidade”, “A paisagem”, “Os restaurantes”, “A natureza”, “O clima”, “Mariscar”, “A praia dos Tesos”, “A privacidade”, “A segurança”, “A liberdade” e “o Salva-Vidas”.

---

<sup>27</sup> Esta categoria resulta da análise às respostas dos entrevistados à pergunta 1.3 do guião de entrevista (O que acha que as pessoas que visitam a Fuzeta mais apreciam da ria? O que lhes atrai?).

Tabela 4.5 – Subcategorias da categoria “O que os visitantes mais apreciam”. Fonte: elaboração própria.

<b>Categoria</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Nº entrevistados</b>
O que os visitantes mais apreciam	A autenticidade	6
	As características dos residentes	7
	O clima	3
	A liberdade	1
	Mariscar	2
	A natureza	5
	A paisagem	6
	A praia	15
	A praia dos Tesos	2
	A privacidade	2
	Os restaurantes	6
	O Salva-Vidas	1
	A segurança	2
	A tranquilidade do lugar	7

Muitos dos aspetos mencionados foram também referidos pelos entrevistados quando interrogados pelas suas próprias experiências e atividades. No entanto, ao olharem para o lugar com os “olhos dos outros”, identificaram novos aspetos que contribuem para o seu apego ao lugar, nomeadamente “As características dos residentes”, “A autenticidade”, “Os restaurantes” e “A segurança”, onde se destacam os dois primeiros. A subcategoria “As características dos residentes” contém as referências a aspetos positivos da população local que os visitantes da Fuzeta apreciam, nomeadamente, que são “amáveis”, pessoas “simpáticas”, “gente pacata”, que “gostam de cumprimentar e de falar” e que “Recebem bem as pessoas”. A autenticidade, genuinidade e tradição que a Fuzeta mantém quando comparada com outros locais do Algarve são também referidas:

*Eu acho que ainda é a autenticidade [que os visitantes procuram]. A autenticidade do espaço em si, não está muito mexido e o que está mexido, opá, um gajo olhando para outros sítios um gajo consegue perceber que não está mal [...] Eu resumia mesmo à autenticidade de tudo, das pessoas, da terra em si (E6, homem, 47 anos).*

*As pessoas procuram praia e sobretudo o genuíno (E12, homem, 33 anos).*

*Das pessoas que eu conheço, quem visita continuamente porque já estabeleceu uma relação gosta do facto de ser uma terra genuína, comparativamente a outras terras no Algarve, que são muito turísticas (E20, mulher, 46 anos).*

*Noutras zonas turísticas as pessoas já desapareceram quase todas, é só turistas e já não há população local, a não ser para trabalhar, mais nada. E a Fuzeta ainda mantém uma característica piscatória que eles gostam de ver e se eles forem comer para os restaurantes vêm os barcos a chegar, aquilo dá-lhes uma coisa cativante, é típico, é o que eles gostam, coisas típicas, sem serem coisas fabricadas, isto aqui é a vida natural das pessoas, que fazem todos os dias: vão à maré, apanham ameijoas, vendem, os pescadores vêm do mar no bote, e isto tudo contribui para muitos estrangeiros virem para cá, não são coisas fabricadas para o turista, é natural (E3, homem, 55 anos).*

*E por ser uma coisa tradicional, como era antigamente, a praça, a lota, os pescadores (E25, mulher, 18 anos).*

#### 4.2.2 A dimensão “Fatores disruptivos do apego ao lugar”

As referências dos entrevistados a aspetos que podem, de alguma maneira, prejudicar o seu apego com a Ria Formosa ou quebrá-lo foram dispostas em várias categorias da dimensão “Fatores disruptivos do apego ao lugar”, nomeadamente nas categorias “Meio físico e natural”, “Elementos Socioculturais”, “Intervenções legislativas/fiscalização”, “Transformações Individuais” e “Expectativas” (Apêndice 3).

##### 4.2.2.1 O meio físico e natural

Os factores disruptivos do apego ao lugar relacionados com o meio físico e natural foram analisados através das seguintes subcategorias “Intervenções do homem no mundo físico” e “Dinamismo do mundo natural” (Tabela 4.6), nomeadamente: “Problemas com o assoreamento e as dragagens”, “Inexistência de infra-estruturas portuárias”, “Excesso de lixo”, “Degradação do edifício emblemático”, “Demasiadas concessões de praia e viveiros”, “Inexistência de infra-estruturas de praia”, “Degradação da ecovia”, “Problemas nas carreiras para a Ilha da Fuzeta”, “Degradação dos acessos pedonais na praia” e “Poluição na água causada pelos motores”, da subcategoria “Intervenções do homem no mundo físico”; e “Assoreamento do estuário da Ria Formosa”, “Erosão do mar na Ilha da Fuzeta”, “Águas demasiado quentes que matam as amêijoas”, “Algas e ondas que prejudicam o tomar banho” e “Toxinas no marisco”.

Tabela 4.6 – Subcategorias da categoria “Meio físico e natural” da dimensão “Fatores disruptivos do apego ao lugar”. Fonte: elaboração própria.

<b>Categoria</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Factores disruptivos</b>	<b>Nº entrevistados</b>
Meio físico e natural	Intervenções do homem no mundo físico	Inexistência de infra-estruturas de praia	3
		Inexistência de infra-estruturas portuárias	7
		Degradação da ecovia	3
		Degradação do edifício emblemático	4
		Degradação dos acessos pedonais na praia	2
		Demasiadas concessões de praia e viveiros	4
		Excesso de lixo	5
		Poluição na água causada pelos motores	2
		Problemas com o assoreamento e as dragagens	18
		Problemas nas carreiras para a Ilha da Fuzeta	3
	Dinamismo do mundo natural	Águas demasiado quentes que matam as amêijoas	1
		Algas e ondas que prejudicam o tomar banho	1
		Assoreamento do estuário da Ria Formosa	9
		Erosão do mar na Ilha da Fuzeta	6
		Toxinas no marisco	1

#### 4.2.2.1.1 As intervenções do homem no mundo físico

Os problemas relacionados com o assoreamento do estuário da Ria Formosa da Fuzeta e com as dragagens que têm sido realizadas nesse local foram os aspetos mais mencionados pelos entrevistados, nomeadamente no que toca à navegabilidade no estuário e na barra, às atividades de lazer e profissionais e à reposição de areias na Ilha da Fuzeta.

No que diz respeito à navegabilidade, alguns entrevistados referiram que a falta de dragagens faz com que seja difícil ou impossível deslocarem-se para os seus lugares favoritos:

*Agora está pior. Portanto, o que na prática impede que eu vá para lá [local de pesca preferido] (E1, homem, 72 anos).*

*Ir para a praia, para a barra, gostava de fazer mais e com melhores condições, porque cada vez é mais difícil ir para lá, por causa do assoreamento [...] Se eles não afundarem a ria começamos a ficar limitados a ir para lá (E9, mulher, 43 anos).*

*No ano passado lembro-me que uma vez o barco da carreira que eu uso para ir para a ilha quase que deu em seco por causa do problema do assoreamento da ria e então tenho medo que cada vez seja mais difícil ir para a barra e para a ilha (E24, mulher, 19 anos).*

O problema do assoreamento também compromete as atividades de lazer, nomeadamente a prática de *windsurf*, a pescar ou a apanha de marisco, como por exemplo:

*Não se consegue navegar com segurança, nem para desportos náuticos [windsurf] (E21, homem, 50 anos).*

*Porque a barra está assoreada, o peixe não entra, porque o peixe não é parvo (E1, homem, 72 anos).*

*[o assoreamento] pode impedir completamente a navegação para aquele lado [Tavira], depois de um ano da draga estar aqui. Vai fechar, não se pode passar, não entra peixe e vai destruir o marisco que ainda existe (E26, homem, 48 anos).*

Alguns entrevistados se referiram também à diminuição da função de proteção das ilhas barreira, porquanto esta é importante para a ria em geral mas também para a prática de desportos náuticos, como mencionado no ponto 4.2.1.1.3.

Também os entrevistados que mantêm atividades profissionais na ria referiram como estes problemas os prejudicam, nomeadamente no transporte marítimo de pessoas, porque o assoreamento provoca problemas nos motores dos barcos, no mariscar, pois prejudica o desenvolvimento do marisco nos viveiros devido ao menor caudal de água a circular e na pesca, porque dificulta o acesso dos pescadores ao mar, como é referido por E18:

*A barra já está fechada! Já não temos barra. Duas horas antes e duas horas depois da vazante não passamos. Se estiver mau tempo no mar não podemos entrar. Há três dias vinha a entrar na barra e a embarcação voltou-se, porque bateu no fundo, e eu quase fui ao fundo quase sem água nenhuma, por causa de uma vagazinha (E18, homem, 48 anos).*

Os problemas do assoreamento estão relacionados com a abertura da barra em 2011 no local onde se encontra atualmente e com outras dragagens que, desde então, têm sido realizadas. Segundo muitos entrevistados, a barra devia ter sido feita com paredões em ambos os lados para evitar a entrada de areia no estuário. Também segundo alguns, as últimas intervenções de dragagem na ria foram inadequadas, pois não só não resolveram o problema do assoreamento, como o têm piorado, pois não têm compensado devidamente a erosão que ocorre nas ilhas barreira, colocando em causa a sua existência.

O segundo aspeto mais mencionado foi a falta de manutenção e a inexistência de certas infra-estruturas portuárias que, segundo os entrevistados, prejudicam o acesso aos barcos e à ria propriamente dita devido ao estado de degradação em que se encontram as escadas metálicas do cais e as más condições das três rampas de acesso à ria (Figura 2.5), pois a que se localiza mais a norte praticamente não funciona como local de acesso ao canal devido à presença de muitos barcos velhos, a que fica a sul desta é perigosa quando está a maré vazia devido à acumulação de algas e a rampa pequena situada perto do Parque de Campismo tem uma inclinação errada.

Vários entrevistados mencionaram a grande acumulação de lixo em certas zonas da ria e nas praias e que este não é devidamente recolhido pelas entidades competentes. Este aspeto incomoda-os na prática das suas atividades, nomeadamente quando vão à praia ou quando vão caminhar na ecovia.

A subcategoria “Degradação do edifício emblemático” refere-se às menções sobre a degradação do edifício do “Salva-Vidas”. Quatro entrevistados manifestaram a sua tristeza quando se referiram ao estado de degradação em que este se encontra, defendendo uma intervenção urgente, como afirmam E16 e E22:

*Tenho muita pena do estado em que aquilo está. Está muito degradado por dentro e os pilares (E16, mulher, 55 anos).*

*É pena que, e também como imagem da Fuzeta, esteja muito degradado (E22, homem, 42 anos).*

Outros dois entrevistados consideram que já foram aprovadas demasiadas concessões nas praias, quer na “Praia dos Tesos”, quer na Ilha da Fuzeta. Segundo estes, as concessões diminuem a possibilidade de usufruto da ria por parte dos residentes, nomeadamente E3 e E18:

*Que eles não dêem mais concessões, porque acho que os daqui da terra têm direito a usufruir da nossa natureza, somos os que estamos aqui há mais anos, acho que temos direito a não privatizarem a praia toda, não é? Acho que a gente devia manter um espaçozinho para a malta da terra e para as crianças (E3, homem, 55 anos).*

*A ria formosa está a ser toda vendida, praticamente. As concessões... tudo. Daqui a pouco não tens direito a nada (E18, homem, 48 anos).*

Um dos mariscadores profissionais e um praticante de *windsurf* mencionaram que as suas atividades são prejudicadas pela quantidade de viveiros existente na ria e pela sua dimensão. Segundo estes, as autoridades concederam demasiados viveiros e os seus responsáveis aumentam-nos de forma ilegal sem serem punidos.

Três entrevistados consideram que a ecovia já não se encontra nas melhores condições, sobretudo entre a Fuzeta e Olhão, e que isso prejudica as suas caminhadas. Estes utilizam palavras como “abandonada”, “degradada” e “desgastada” para descrever esse problema.

As referências que foram colocadas na subcategoria “Inexistência de infra-estruturas de praia” consistem na inexistência de chuveiros e lava-pés públicos na “Praia dos Tesos” e na praia da Ilha da Fuzeta, bem como outras infra-estruturas que podiam atrair mais pessoas e aumentar a satisfação dos que se deslocam a essas praias, como refere E4:

*Eu tenho algumas ideias, mas parece que a Fuzeta vai ficando para trás. Quando vou a outras praias vejo outra evolução, outros melhoramentos, que atraem por vezes as pessoas que aqui não vejo, por exemplo um campo para os miúdos jogarem à bola ali na praia, os miúdos jogam à bola e encaham com as pessoas, e temos ali espaço, um mini parque de lazer, também se podia fazer, várias coisas (E4, homem, 49 anos).*

#### 4.2.2.1.2 O dinamismo do mundo natural

Esta categoria emergiu a partir das referências a factores disruptivos do apego ao lugar relacionados com o dinamismo natural da Ria Formosa. Os elementos físicos mencionados são comuns aos mencionados na categoria anterior, mas foi o modo como os entrevistados os mencionaram que permitiu distinguir entre os problemas relacionados com as intervenções do homem da ria e as alterações naturais que ocorrem nessa zona.

Tal como no ponto anterior, o aspeto mais mencionado foi o assoreamento. Muitos entrevistados se referiram aos problemas causados pelo assoreamento como parte de um processo natural do estuário da Ria Formosa, nomeadamente na zona da barra. Os problemas causados por este facto são os que já foram referidos no ponto anterior.

O segundo aspeto mais referido é a “Erosão do mar na Ilha da Fuzeta”, que remete para a erosão que o mar exerce nesse cordão de areia, incluindo na Ilha da Fuzeta. Como exemplo dessa erosão, vários entrevistados se referiram à destruição natural da Ilha da Fuzeta ocorrida em 2010 e mencionada anteriormente. Estes narraram como esse acontecimento alterou negativamente a relação que mantinham com esse lugar, como por exemplo:

*Ali a parte da ilha mesmo, onde a malta faz praia, onde havia as casas, aí perdeu um bocado, desde que as casas foram abaixo, perdeu um bocado a razão de ser de ilha (E8, homem, 45 anos).*

*Perdeu aquela magia. [...] Agora aquilo já não é ilha [ri] (E9, mulher, 43 anos);*

*Nós agora temos uma praia, temos uma praia para turistas e antigamente tínhamos uma ilha que era nossa. Conheço pessoas que desde que as casas vieram abaixo nunca mais lá foram (E13, mulher, 46 anos).*

*Para mim a ilha [da Fuzeta] sem casas perdeu um bocado, porque era mais tradicional, muito mais pitoresco (E21, homem, 50 anos).*

Alguns destes entrevistados eram proprietários de casas nessa ilha e mencionaram a tristeza e a dificuldade com que assistiram à destruição das suas casas, como E4, E13 e E22:

*A minha maior memória, com muita tristeza, é a casa da ilha [...] E a minha casa era mesmo virada para o mar, aquela paisagem... é uma memória que vou guardar para sempre (E4, homem, 49 anos).*

*Quando as casas foram a baixo foi muito difícil. Compramos uma casa e usei durante oito anos. A minha foi abaixo com o mar e era um espetáculo aquela casa. Aquela casa eu não alugava a ninguém nem dava a ninguém, podia dar em terra mas ali não, porque vínhamos do trabalho e ficava ali. Ai então é que praticamente não vínhamos a casa. Quando a casa foi abaixo foi muito difícil porque nós vimos a casa vir abaixo (E13, mulher, 46 anos).*

*Tenho a memória má do dia do vendaval que destruiu as casas. Fui lá tirar tudo de véspera. Tenho esse dia marcado (E22, homem, 42 anos).*

Destaca-se ainda que o pescador de arrais (E18) questiona a veracidade dos níveis de toxinas no marisco divulgadas pelo IMPA e a correspondente proibição da sua captura. Segundo este, existem muitos pescadores desconfiados da veracidade dessas divulgações, porque os obriga a parar praticamente durante todo o Verão, com prejuízos

claros nos seus rendimentos e também porque existem milhares de pessoas que apanham marisco em toda a ria nesses períodos que não são prejudicadas, nem pelas autoridades nem por problemas de saúde.

#### 4.2.2.2 Os elementos socioculturais

A análise das entrevistas permitiu identificar alguns factores disruptivos relacionados com elementos socioculturais, permitindo a criação de sete subcategorias, nomeadamente: “As pessoas deixam lixo em lugares públicos”, “Praia lotada e condutas desajustadas”, “As pessoas não têm cuidado com os seus cães”, “Excesso de captura ou captura inadequada de marisco”, “Problemas com embarcações”, “Presença de carros na ecovia” e “Roubam os viveiros” (Tabela 4.7).

Tabela 4.7 – Subcategorias da categoria “Elementos socioculturais” da dimensão “Factores disruptivos do apego ao lugar”. Fonte: elaboração própria.

<b>Categoria</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Nº entrevistados</b>
Elementos socioculturais	As pessoas deixam lixo em lugares públicos	16
	Excesso de captura ou captura inadequada de marisco	3
	As pessoas não têm cuidado com os seus cães	5
	Praia lotada e condutas desajustadas	12
	Presença de carros na ecovia	1
	Problemas com embarcações	3
	Roubam os viveiros	1

A maioria dos entrevistados fizeram afirmações que foram colocadas na subcategoria “As pessoas deixam lixo em lugares públicos”. Estes mencionam não só como a presença de lixo é prejudicial às suas atividades, como também lhe associaram palavras como “irrita”, “incomoda” e “entristece” e classificaram as pessoas que jogam o lixo na ria e nas praias de “sujas”, “porcas”, “desleixadas”, “não são civilizadas”, “não estão bem formadas” e “não querem saber”. A areia das praias e das ilhas barreira foi muito mencionada. Destacam-se os depoimentos de E13, E9 e E7:

*Eu tenho cinzeiros, todos os chapéus para alugar têm um cinzeiro e se eu te disser que no fim do dia temos que ir apanhar as beatas todas do chão (E13, mulher, 46 anos).*

*Não sabem ter um saquinho para trazer o lixo, porque nós muitas vezes andamos a apanhar o lixo dos outros. Na praia a gente passa-se. Vão para*

*a praia... se todos forem deixar lixo na praia, daqui a amanhã não vamos para a praia, vamos para a lixeira (E9, mulher, 43 anos).*

*Ainda ontem, nós vamos para baixo do olheiro e há três dias não havia nada de especial, ontem estava um saco enorme com lixo, lixo de casa, via-se, mas porque é que as pessoas deitam isto para aqui, são porcas e incomoda (E7, mulher, 63 anos).*

Os pescadores, os viveiristas e os caravanistas também foram mencionados de modo particular. Oito dos entrevistados referiram-se de modo particular aos pescadores, como afirma E6:

*E irrita-me um bocado as pessoas da Fuzeta que não gostam muito do seu espaço. É tudo para o rio, corta-se uma corda manda-se para o rio, safa-se uma rede manda-se para o rio, epá, os gajos são pescadores, deviam ser os primeiros e depois é o resto da população (E6, homem, 47 anos).*

Os viveiristas foram referidos pelos dois praticantes de *windsurf*, que consideram que:

*Os viveiristas levam todo o tipo de artefactos para marcar o território, que deviam ter uma limpeza, não deviam ter armações de ferro, estacas de ferro e paus, latas e bocados de tijolo, pneus e botas e cada viveiro é um monte de lixo que dificulta a navegação [...] eu com um metro de água já navego mas andar em cima dos viveiros é como navegar num campo minado (E21, homem, 50 anos).*

*As estruturas de ferro [dos viveiros de ostras] não são controladas, não são seguras. São pura e simplesmente abandonados quando não funcionam. As correntes levam essas estruturas para fora das zonas de segurança. São perigos à navegação e à nossa actividade. Tem havido alguns acidentes com pessoas que se têm cortado gravemente com essas armações em ferro. Para mim é uma situação com alguma gravidade que deve ser vista (E22, homem, 42 anos).*

Finalmente, os caravanistas que estacionam na “Praia dos Tesos”, que foram acusados por alguns entrevistados de jogarem os seus dejectos para a ria e para a areia dessa praia. Para estes entrevistados esse facto constitui algo “horrível” e “muito grave” e que lhes perturba no local de trabalho (Estabelecimento de restauração e o Parque de Campismo) e nos passeios que fazem nesse local.

Os aspetos relacionados com a “Praia lotada e condutas desajustadas” foi o segundo mais mencionado. Seis entrevistados se referiram ao modo como o excesso de pessoas na “Praia dos Tesos”, nos meses de Verão e sobretudo ao fim de semana, lhes

prejudica a atividade de fazer praia, de passear nesse local e fazer desportos náuticos, como por exemplo:

*De Verão é impossível fazer qualquer tipo de actividade, mesmo caminhar pela praia dos Tesos. Há muita confusão e eu não gosto* (E23, mulher, 45 anos).

[de Verão] *Já não faço os passeios com a regularidade que gostaria porque as praias estão cheias de gente* (E26, homem, 48 anos).

*De Verão não consigo por em prática as minhas actividades aqui na ria, porque não tenho acesso ao mar, nem à praia [e por isso] tenho que fazer a barlavento e a sotavento das concessões, fora daquelas zonas* (E21, homem, 50 anos).

Alguns entrevistados também se referiram aos maus comportamentos de algumas pessoas na “Praia dos Tesos”. Utilizam palavras como “mal-educados”, “chatos” e “bandidos” para descrever essas pessoas e revelaram como esses comportamentos desajustados lhes prejudicam o estabelecimento de restauração nessa praia e prejudica e impede a atividade de fazer praia, como refere E3:

*Há certos Domingos, que eu nem vou à praia, por causa dos gajos de Olhão* (E3, homem, 55 anos).

As várias referências a problemas causados pelos cães foram colocadas na subcategoria “As pessoas não têm cuidado com os seus cães”. Alguns entrevistados mencionaram o incomodo causado quando os cães pisam e molham os pertences, aquando da atividade de fazer praia e mencionaram que por vezes os donos não apanham os dejectos dos seus cães e os deixam soltos, aquando de passear na “Praia dos Tesos” e de fazer caminhadas na ecovia, com prejuízo para essas atividades, como por exemplo:

*Quando há cães, eu volto para trás* (E7, mulher, 63 anos).

O “Excesso de captura ou captura inadequada de marisco” também foi referido como um factor que prejudica a atividade de mariscar, quer por mariscadores amadores, quer por profissionais. Estes se referiram ao excesso de pessoas que mariscam durante os meses de Verão, à quantidade de marisco que apanham e ao modo inadequado como o capturam, nomeadamente não respeitando os períodos de desova, não respeitando as dimensões corretas e a utilização de ferramentas proibidas, como chalavares.

Alguns entrevistados referiram-se ao excesso de barcos e motos de água no Verão na medida em que lhes prejudica a navegabilidade no estuário e a pesca desportiva, como por exemplo:

*Estou à pesca e só oiço o barulho irritante das motas, que me dão cabo da cabeça (E26, homem, 48 anos).*

Alguns dos utilizadores dessas embarcações foram qualificados de “não têm civismo” e de “não se sabem comportar”, porquanto passam demasiado rápido e demasiado perto de entrevistados que estão à pesca no seu barco ou quando estão a “tomar banho” perto das ilhas barreira.

#### 4.2.2.3 As intervenções legislativas/fiscalização

As referências à existência de legislação e fiscalizações que prejudicam a relação dos entrevistados com a ria foram albergadas em três subcategorias: “Leis e fiscalização em excesso”, “Leis e fiscalização insuficientes” e “Receio da fiscalização”. Estas referências revelam a existência de aspetos antagónicos, ou seja, aspetos que uns entrevistados consideram positivos enquanto outros consideram negativos.

Vários entrevistados mencionaram que as proibições de navegar com embarcações a motor nos canais secundários lhes prejudicam as atividades que praticam, nomeadamente nos passeios pela ria às ilhas da Culatra e do Farol, no aceder à ria da zona da Fuzeta por parte de familiares que residem na sua periferia ou nas aldeias vizinhas e na pesca, como refere E1:

*O marinheiro de lazer tem poucos locais para se deslocar com o barco a motor [...] o local preferido que eu tenho no inverno é por cima dos viveiros, que já é proibido, não é proibido ir para cima dos viveiros, mas para lá ir tenho que passar no canal, e quando estou a passar no canal estou a prevaricar (E1, homem, 72 anos).*

As proibições relacionadas com a atividade de mariscar também foram referidas por vários entrevistados, que consideram que existe um excesso de leis, como refere E5 e a mariscadora profissional E9:

*Um gajo já não sabe se é proibido ir apanhar uns berbigões, umas amêijoas, porque já tenho medo. Ouço falar em tanta maneira de ser*

*multado que deixei-me disso. Tenho medo. Até ir ao casulo para a pesca, eu não vou, compro. E as multas que falam aí são muito caras. Antigamente gostava de ir apanhar uns berbigões, mas agora não vou. [A legislação] Desincentiva (E5, homem, 64 anos).*

*Cada vez põem mais dificuldade. Umhas vezes é que não tem tamanho, outras vezes é que não se pode apanhar. Fazem-se mais dificuldades agora do que havia dantes (E19, mulher, 77 anos).*

As leis em vigor e respetiva fiscalização relativas à atividade de mariscar foram também associadas pelos entrevistados a sentimentos de injustiça, medo, dor e tristeza, como está patente nas seguintes afirmações:

*Esta ria é depredada por montes de gente que vivem profissionalmente de depredar a ria e depois vêm incomodar um gajo que está ali com o barquinho a apanhar sol, a apanhar meia dúzia de peixes e são capazes de me vir chatear a perguntar mostre lá o peixe que tem, que tamanho é que tem (E1, homem, 72 anos).*

*No outro dia um cigano deixou o carro aqui, porque já não se pode deixar ali ao pé das salinas por causa dos passarinhos, e foi à amêijoa. São pessoas que apanham para comer, para passar a fome. E então o cigano disse que tinha apanhado cinco ou seis kg, veio a policia e tiraram-lhe o que tinha apanhado, a pá e ainda levou 50 ou 60 euros de multa. É uma desgraça porque é para matar a fome [...] Aquilo não é roubo, porque aquilo é a natureza que deu. Estou muito magoada com isto, por acaso mesmo muito, porque não devia haver essas leis. Isto é uma riqueza mais bela que há, mas é preciso é os homens não porem essas leis assim, têm que ver as pessoas, que é para matar a fome e outros que não, senão andam roubando, porque há muito, cada qual com a sua cabeça fraca, de vícios, de isto e daquilo, vão ali matam a fome. Olha! Nunca mais eu fui, desde que o cigano me disse aquilo, agora não tenho tido visitas, parece-me que é no próximo mês que já vou ter, mas eu tou com medo, de ir além e que uma pessoa apanhe uma multa (E2, mulher, 67 anos).*

*E o que mais me incomoda é que está fechado para nós mas não para o turismo e o turismo apanha tudo e se tiverem as famílias todas a apanhar garrações cheios e sem medida. Os Cabos-de-mar andam a chatear quem está nos botes e quem tem coletes mas devia de haver sensibilização para colocar tabuletas para avisar as pessoas [...] Nós recebemos mensagens a dizer eu há toxinas mas tu não sabes e vais comer marisco com toxinas. Isto é falta de organização e é um atentado à saúde. E é isso, deixam apanhar o marisco indiscriminadamente em toda a costa (E18, homem, 48 anos).*

Ainda incluído na subcategoria “Leis e fiscalização em excesso”, alguns entrevistados referiram-se como o excesso de burocracia lhes prejudica as atividades profissionais, nomeadamente a ostricultura e os estabelecimentos de restauração de praia:

*Há muitas entidades a dar pareceres sobre um serviço que faças na ria e não havia necessidade disso, uma entidade só chegava. Ao haver muitas entidades passa-se, por exemplo, que queres resolver algum assunto vais falar com a APA, a APA manda-te para a Direção Geral das Pescas que também não está dentro do assunto e manda-te para a Docapesca, a Docapesca manda-te para a Capitania, estás a ver? Andas enrolado. Passa-se um bocado disto ainda. E ainda há as juntas ou camaras, o Turismo de Portugal, o IPMA, se houver interferências na natureza, tás a ver? Com os anos que as entidades têm já deviam ter percebido que não funciona [...] e complica isto tudo (E8, homem, 45 anos).*

*As autorizações são muito complicadas. Para fazeres qualquer coisa são precisos 500 papéis. Por exemplo, eu tenho Zumba uma ou duas vezes por semana e até que eles me deram a autorização, que viram que aquilo não fazia mal, foi quase um Verão inteiro [...] Se pensares em fazer uma actividade na ria, um futebol, uma coisa qualquer, que eu tenho lá os campos e às vezes eles pedem, eu tenho que levar ali montes de tempo a fazer requerimentos para pedir e depois peço ao Parque, e depois peço à APA, depois peço à Capitania e andamos nisto (E13, mulher, 46 anos).*

Muitos entrevistados fizeram referências que foram colocadas na subcategoria “Leis e fiscalização inadequadas ou insuficientes”. Estas estão sobretudo relacionadas com a captura de marisco, onde se destacam as afirmações de E1, um mariscador e pescador amador:

*Esta ria é depredada por montes de gente que vivem profissionalmente de depredar a ria [...] Isto é uma rebaldaria, não há fiscalização, ninguém controla nada, é uma degradação pura (E1, homem, 72 anos);*

do pescador profissional E18, que afirma:

*O defeso começa agora no próximo mês [Maio]. Os barcos não podem apanhar durante 45 dias para haver criação, no entanto não há proibição para o turismo nem para os homens que apanham com os chalavares, que têm um limite de cinco kg mas que ninguém respeita. Se houver marisco um homem pode apanhar até vinte, 30 kg de marisco pequeno e destrói isto tudo porque não há fiscalização. Há fiscalização para os barcos mas no Verão podes ter 500 pessoas em cima da ilha a apanhar marisco e os cabos de mar estão no café (E18, homem, 48 anos);*

e de um dos membros da Associação Foz do Eta, que menciona a inexistência de informação para o público em geral sobre o tamanho do marisco, os períodos adequados para a sua captura e a falta de fiscalização necessária para controlar as capturas por parte de quem faz praia:

*Tentem fazer tudo para preservar e haja alertas, cartazes, informações para quem usa porque é muita gente a usar, é muita gente [...] Eu costumo dizer que isto aqui é a cidade sem lei, é salve-se quem puder (E16, mulher, 55 anos);*

Ainda relacionado com o marisco, os praticantes de desportos náuticos referiram que os viveiros de ostras lhes prejudicam a prática desportiva porque não estão devidamente fiscalizados, como por exemplo E22:

*Os viveiros, que estão, em minha opinião, completamente desfiscalizados, ou seja, as regras existem mas não são aplicadas. [...] Portanto, aquelas estruturas de ferro [dos viveiros de ostras] não são controladas, não são seguras. São perigos à navegação e à nossa actividade [...] Para mim é uma situação com alguma gravidade que deve ser vista. Nós que andamos o ano todo com frequência aqui na ria apercebemo-nos das movimentações de estacas de aproveitamento desta não fiscalização. Sabemos que há viveiros de 100 metros que em três anos passam para 200 e sabemos como é que as coisas se fazem (E22, homem, 42 anos).*

Alguns entrevistados referiram-se à inexistência de legislação, e correspondente fiscalização, para proteger o usufruto da ria pelos residentes face aos visitantes, de modo a delimitar o número e a dimensão das concessões de praia, dos viveiros e das autocaravanas na “Praia dos Tesos” e extinguir as licenças para pescar com rede nesta zona e, ainda, à ineficiência da fiscalização para quem pesca ilegalmente com redes ou com aparelhos. Segundo estes, estas artes de pesca prejudicam muito o ecossistema e a quantidade de peixe disponível, como referem E1 e E5:

*São uma autêntica agressão a toda a fauna e flora que eles querem proteger (E1, homem, 72 anos).*

*Fico parvo como é que uma ria destas pode ter gajos com redes, limpam tudo. Há duas licenças, ou três, ora esta ria praticamente não tem água, ora licenças de rede limpam tudo, por isso não há nada, cada vez vou menos vezes à pesa para aqui (E5, homem, 64 anos).*

Finalmente, o “Receio da fiscalização”, foi referido por alguns entrevistados que capturam marisco na ria, mas também pelos que acampam nas ilhas barreira. Estes reconhecem e aceitam a proibição de acampar nessas zonas, mas fazem-mo na mesma e, por isso, receiam a fiscalização e procuram adaptar-se às poucas ações fiscalizadoras que têm ocorrido, nomeadamente mudando o tipo de estruturas que montam na areia ou pernoitando nos barcos.

#### 4.2.2.4 As transformações individuais

Apenas seis entrevistados fizeram referências que foram colocadas nesta categoria. Todas as referências estavam relacionadas com problemas de saúde e foram analisadas através das subcategorias “Adapto a prática à idade”, “Problemas físicos” e “Só por motivos de saúde é que deixo de fazer o que faço”.

Duas entrevistadas revelaram que já sentem dificuldades na prática da atividade de mariscar devido às limitações físicas inerentes ao avançar da idade, nomeadamente a mariscadora amadora E2 e a mariscadora profissional E19:

*Já sinto as minhas pernas cansadas [...] ir sozinha também já tenho medo, porque há lodos e tenho medo que me atole (E2, mulher, 67 anos).*

*Ainda hoje eu fui e ainda não era seis e meia e só vim era quase meio dia, para apanhar três kg, já são umas horinhas para uma pessoa que tem uma idade avançada, mas é a lida (E19, mulher, 77 anos).*

Alguns entrevistados revelaram terem tido problemas de saúde grave que os afastou, durante algum tempo, de algumas das suas atividades preferidas, nomeadamente fazer praia, caminhar nas ecovias e mariscar. Na altura em que foram realizadas as entrevistas, estes entrevistados já estavam ou esperavam estar em breve a praticar essas atividades e afirmaram que só por motivos de saúde é que as deixariam de praticar.

#### 4.2.2.5 As expectativas

Foram criadas seis subcategorias para organizar as referências relativas às perceções sobre transformações que podem vir a afetar negativamente as atividades e as experiências no lugar, nomeadamente “Menos peixe e menos marisco”, “Problemas causados pela deficiente de manutenção da ria” e “Receio das construções que prejudiquem os residentes”. A maioria destas referências é relativa aos problemas causados pela deficiente manutenção da ria e ao receio de transformações na zona devido ao desenvolvimento turístico.

Segundo os entrevistados, se o estuário da ria nesta zona continuar a ser mal gerido, em termos de dragagens e da reposição de areia nas ilhas barreira, dar-se-ão consequências muito negativas para a Ria Formosa e para a relação daqueles com a mesma. Os

entrevistados referiram-se sobretudo à dificuldade em aceder às ilhas barreira, ao mar, à Ilha da Fuzeta e ao canal para Tavira, ao risco para a fauna e para a flora e ao risco de desaparecimento da praia da Ilha da Fuzeta. Como refere E25:

*Se eles não puserem areia nos locais certos a ilha irá desaparecer. Vai afetar a população porque perdemos essa praia e deixamos de ter a opção de escolher a praia que queremos ir, teremos de ir para a “Praia dos Tesos” (E25, mulher, 18 anos).*

Alguns entrevistados aludiram a uma proposta que está na agenda de um partido político sobre a deslocalização do Parque de Campismo para outro local de modo a que, no lugar deste, seja construído um Eco Resort. Neste sentido, destacam-se as afirmações de E3 e E23, como exemplo de como essa mudança prejudicaria a relação destes entrevistados com a ria:

*Se houver transformações que nos impeçam de usufruir da praia [Praia dos Tesos] fico chateado e que impeçam de ter o pulmão aqui, que é o parque de campismo [...] com as árvores e a proximidade da natureza, acho que era um contracenso, numa altura em que se fala da natureza e irmos estragar a natureza, acho que era o fim da picada, mas já não digo nada. Deus queira que não aconteça (E3, homem, 55 anos).*

*Vai-nos obrigar a desviar para outros lugares porque pode comprometer o acesso dos residentes e esta parte dos passeios poderá ficar muito condicionada ou terei de fazer outros tipos de caminhadas. Acho que se isso acontecer vai ser uma perda muito grande (E23, mulher, 45 anos).*

Para além dos receios relacionados com esta obra em particular, vários entrevistados referiram-se ao modo como o desenvolvimento turístico da Fuzeta, pode prejudicar a sua relação com a ria e com a Fuzeta, como por exemplo E24:

*Cada vez há mais turistas e a população daqui está a ficar cada vez mais velha e tenho medo que um dia se acabe a Fuzeta como ela é. Não gostava que construíssem mais estacionamentos ou construções para turistas. Acho que seria mal para a população local e para quem gosta de usufruir da Fuzeta (E24, mulher, 19 anos).*

Três entrevistados prevêem que a disponibilidade de marisco e peixe para captura continue a diminuir, o que compromete as suas atividades no futuro, como por exemplo:

*Antevejo que nas minhas atividades, há tudo cada vez menos. Menos peixe, menos marisco, menos lugares para pescar, menos lugares onde o marisco nasce, [...] Portanto o futuro, o futuro é negro (E1, homem, 72 anos).*

*Espero que a conquilha aguente e que vá até à minha reforma. Em relação à pesca, nós pescadores achamos que com o tempo os barcos grandes têm que acabar, porque senão, acabam com tudo* (E18, homem, 48 anos).

### **4.3. Discussão dos resultados**

#### **4.3.1 Os fatores que contribuem para o apego ao lugar**

Para além da identificação das atividades praticadas pelos entrevistados na Ria Formosa e dos elementos físicos, sociais e culturais envolvidos nessas atividades, que foram apresentadas no ponto anterior, a definição do conceito de “apego ao lugar” proposta no ponto 3.3, remete para que a análise da relação dos indivíduos com os lugares seja realizada através dos significados, dos valores, das emoções, dos sentimentos, das preferências e da percepção de insubstituíbilidade do lugar quando da prática de atividades e outras experiências ocorridas no passado, no presente e das expectativas de interações futuras no lugar. Assim e analisando os resultados apresentados no ponto anterior, foi possível identificar muitos significados, valores, emoções e sentimentos envolvidos na relação dos entrevistados com a Ria Formosa (Tabela 4.8).

Os significados e valores identificados são diversificados e muitos deles complexos, pois cruzam várias das categorias analisadas, como por exemplo significados que relacionam uma determinada atividade com elementos físicos e com elementos sociais do lugar, significados comuns a atividades de lazer e a atividades profissionais ou significados que relacionam a “Ligação com o passado” com os elementos físicos e as “Intervenções legislativas/fiscalização”. Este atributo dos significados vai ao encontro das conclusões dos trabalhos de Bricker e Kerstetter (2002), de Gunderson e Watson (2007) e de Stedman et al. (2014), referidos anteriormente, pois segundo estes autores, a maioria dos significados atribuídos pelos indivíduos aos lugares são significados mistos.

Tabela 4.8 – Significados, valores, emoções, sentimentos, preferências e percepção de insubstituíbilidade referidos pelos entrevistados. Fonte: elaboração própria.

<b>Categorias</b>	<b>Significados e Valores</b>	<b>Emoções e sentimentos</b>	<b>Preferências e insubstituíbilidade</b>
<b>Atividades</b>	Praticar atividades Acessibilidade e conveniência Fonte de rendimento Local de trabalho Melhorar ou manter a condição física Proteção e segurança Passagem para o mar	Prazer Satisfação Relaxe Tranquilidade e sossego Conforto Amor Liberdade	Preferência pelo lugar Lugares especiais
<b>Meio físico e natural</b>	Proximidade e acessibilidade Beleza Abundância e diversidade de vida selvagem Valor paisagístico Escape do quotidiano Singularidade Autenticidade e tradição	Paz, sossego, calma e tranquilidade Bem-estar Prazer e satisfação Liberdade Paixão e amor Orgulho Sentido de lar Sentimento de proximidade Sentimento de perda	Insubstituíbilidade do lugar
<b>Elementos socioculturais</b>	Sociabilidade intensa Partilha de experiências Simpatia e amabilidade dos autóctones	Saudável Engraçado Espetacular Essencial Prazer Alegria	Imprescindível Insubstituível
<b>Intervenções legislativas/fiscalização</b>		Satisfação Sentimentos de proteção Sentimento de propriedade	
<b>Ligação ao passado</b>	Lugar de nascimento e crescimento Lugar de iniciação de práticas Lugar de memórias	Prazer Felicidade Nostalgia Sentimento de pertença	
<b>Expetativas</b>	Manutenção de atividades Praticar novas atividades Potencial económico Residência	Prazer	Preferência para residir Preferência por manter uma ligação à ria caso mudasse de residência para longe Insubstituível

Relacionado diretamente com as atividades de lazer e com as atividades profissionais que os entrevistados praticam foram identificados os seguintes significados e valores: “Praticar atividades”, “Acessibilidade e conveniência”, “Fonte de rendimento”, “Local de trabalho”, “Melhorar ou manter a condição física”, “Proteção e segurança” e “Passagem para o mar”. Estes estão relacionados com a dimensão “Dependência do

lugar” da operacionalização de Brown de 1987, *i.e.* e segundo Tsaur *et al.* (2014), com o conjunto de recursos disponibilizados pelo lugar para a satisfação das necessidades específicas das atividades que o indivíduos desejam praticar, como explanado no ponto 2.2.1.

Segundo os resultados obtidos, são muitas as atividades que os entrevistados gostam de praticar na Ria Formosa e muitas delas podem ser praticadas num mesmo lugar, como fazer praia, contemplar ou mariscar. Todos os entrevistados praticam várias atividades de lazer na Ria Formosa, incluindo os que mantêm atividades profissionais na ria. Os entrevistados que têm mais atividades são cinco, com cinco atividades cada. Estes têm uma idade média de 41 anos, cerca de 10 anos inferior à média da amostra (51,3 anos). No extremo oposto, está um grupo de cinco entrevistados que é aproximadamente 20 anos mais velho e que referiram praticar apenas uma actividade de lazer na ria, apesar de quatro deles terem também uma atividade profissional. Os dados obtidos permitem afirmar que a maior parte dos entrevistados pratica cerca de três atividades de lazer e que os entrevistados consideram importante o facto de poderem praticar várias atividades simultaneamente, como pescar e contemplar e de existirem muitos lugares na ria que permitem realizar várias atividades que estes apreciam, como por exemplo, praias que permitem a captura de marisco, para além do fazer praia, do contemplar ou de fazer exercício físico na areia ou na água. Segundo as conclusões de Wilkins e Urioste-Stone (2018) sobre o apego dos visitantes à ilha de Mount Desert quando da prática de atividades de lazer, o número de atividades praticadas está relacionado com um apego ao lugar mais forte. Estes autores concluíram também que as atividades ligadas à natureza, como quase todas as referidas pelos entrevistados, são as que estão relacionadas com um maior apego ao lugar.

O significado “Acessibilidade e conveniência” remete para a importância dada por alguns entrevistados à proximidade e facilidade em aceder a lugares que permitem praticar a maioria das atividades mencionadas, como fazer praia, mariscar, contemplar, caminhar e passear, praticar desportos náuticos e pescar. Este aspeto foi também identificado por vários autores, nomeadamente: Bricker e Kerstetter (2002) que, ao abordarem praticantes de *rafting* e de caiaque no Americam River (Califórnia), concluíram que, para alguns destes praticantes, os lugares especiais eram os que permitiam um acesso conveniente ao rio; por Wynveen *et al.* (2012), que concluíram

que, para alguns dos visitantes ao Parque Marítimo da Grande Barreira de Coral australiana, a proximidade do lugar era importante; por Reineman e Ardoin (2018), que concluíram que a acessibilidade e a conveniência das praias adequadas para o surf na costa da Califórnia era significativa para muitos dos surfistas que as frequentavam. Os significados “Fonte de rendimento” e “Local de trabalho” estão relacionados com as atividades profissionais praticadas na ria, apesar do primeiro destes ter sido também referido por entrevistados que não praticam qualquer atividade profissional. Alguns entrevistados referiram-se à ria como um lugar que permite o desenvolvimento de várias atividades que, praticadas a tempo inteiro ou parcial, permitem a obtenção de um rendimento que é essencial a muitas famílias. O significado “Local de trabalho” também foi identificado por Gunderson e Watson (2007) relativamente à Floresta Nacional de Bitterroot, nos Estados Unidos, pois alguns dos residentes do respetivo vale referiram-se a este aspeto para explicar como essa floresta é importante para eles. Para além do valor do trabalho, todos os entrevistados que exercem atividades profissionais na Ria Formosa partilharam significados e valores intangíveis relacionados com os elementos físicos, sociais e culturais do lugar, tal como os residentes do vale de Bitterroot, pois para estes a Ria Formosa conjuga o seu local de trabalho com um local de atividades de lazer que estes gostam de praticar.

Para muitos entrevistados, esta zona representa um lugar que permite “Melhorar ou manter a condição física”, porquanto é palco de atividades como caminhadas e atividades náuticas. A “Proteção e segurança” é um valor atribuído a esta zona pelos praticantes de desportos náuticos e pelos que fazem praia na “Praia dos Tesos”. Estes valorizaram a proteção que as ilhas barreira conferem em relação ao mar e a segurança conferida pelas suas margens. Alguns dos visitantes do Parque Marítimo da Grande Barreira de Coral australiana, abordados por Wynveen *et al.* (2012), também valorizaram a proteção que esta barreira conferia em relação ao mar, o que, segundo estes, conferia singularidade ao lugar. O significado “Uma passagem para o mar” remete para um aspeto particular da Ria Formosa e, em particular, da Fuzeta, ou seja, para a proximidade entre o porto de pesca, o cais de embarque e a “Praia dos tesos” da barra que dá aceso ao mar, aspeto importante para alguns praticantes de desportos náuticos e para os pescadores. Em toda a extensão da Ria Formosa, esta proximidade só tem semelhança com a que se encontra na zona de Tavira.

Em termos de significados e valores atribuídos ao “Meio físico e natural”, foram identificados os seguintes significados e valores: “Proximidade e acessibilidade”, “Beleza”, “Abundância e diversidade de vida selvagem”, “Valor paisagístico”, “Fácil acesso à natureza”, “Escape do cotidiano”, “Singularidade” e “Autenticidade e tradição”. Todos os entrevistados valorizaram a proximidade e a facilidade com que acedem, desde suas casas, à Ria Formosa enquanto espaço natural, o que lhes confere um sentimento de proximidade com a natureza que muitos valorizam. A proximidade e facilidade de acesso também foram valorizadas pelos indivíduos que fazem *rafting* e caiaque em South Fork abordados por Bricker e Kerstetter (2002).

Também foram atribuídos vários significados e valores à ria enquanto espaço natural. Estes são representados através dos significados “Beleza”, “Abundância e diversidade de vida selvagem” e “Valor paisagístico”. Os entrevistados utilizaram palavras como “saudável” e “espetacular” para a ria em geral, mas também se referiram a muitos lugares da ria em particular, como a “Barra velha”, referida como “paraíso” e “templo” e a certos elementos físicos em particular, como a água da ria e do mar, descrita como “limpa”, “espetacular” e “apaixonante”. A beleza da Ria Formosa foi valorizada através de palavras como “ouro”, “magia”, “pureza” e “fantástica”, a abundância e a diversidade de vida selvagem qualifica a ria, segundo os entrevistados, de “rica” e “diamante” e as paisagens foram consideradas como muito atrativas e dinâmicas. A valorização dos ambientes naturais também foi identificada por outros autores, nomeadamente por Bricker e Kerstetter (2002), Gunderson e Watson (2007), Wynveen *et al.* (2012) e Reineman e Ardoin (2018). Bricker e Kerstetter (2002) identificaram significados relacionados com a beleza natural rio e da sua envolvência em indivíduos que praticam *rafting* e caiaque em South Fork,. Gunderson e Watson (2007) destacam que alguns residentes do vale de Bitterrot se referiram às paisagens e à beleza da Floresta Nacional de Bitterrot para descrever as relações entre as pessoas e esse lugar, concluindo que muitos destes residentes tinham um forte apego pela componente selvagem da paisagem. Wynveen *et al.* (2012) identificaram vários significados relacionados com a ligação à natureza, com a beleza da paisagem natural do lugar e com a abundância e diversidade da vida selvagem atribuídos pelos visitantes do Parque Marítimo da Grande Barreira de Coral australiana a esse lugar e Reineman e Ardoin (2018) identificaram significados importantes relacionados com a qualidade da água,

com as paisagens e com a beleza natural de praias da Costa da Califórnia em surfistas utilizadores dessas praias.

O significado “Escape do quotidiano” foi atribuído por entrevistados que realizam caminhadas e passeios na ecovia e na baixa da Fuzeta sozinhos ou com outros, que praticam desportos náuticos e pesca desportiva, que fazem praia e que contemplam a paisagem da ria desde a “Praia dos Tesos”. A este significado estão associados as emoções e sentimentos “Paz, sossego, calma e tranquilidade”, “Bem-estar” e “Liberdade”. Alguns dos entrevistados referiram também que esta zona lhes permite isolar-se dos outros quando assim o desejam através do acesso a lugares mais isolados, nomeadamente quando fazem praia ou pescam. Este aspeto remete para as dimensões do lugar “Histórica” e “Libertador” de Elias e Dunning (1985), porquanto estas estão relacionadas com as tensões e o *stress* do quotidiano e com o libertar de emoções violentas, espontâneas e intensas, como referido no ponto 2.1.3. Este aspeto também está presente em vários dos trabalhos empíricos apresentados na revisão de literatura. Bricker e Kerstetter (2002) concluíram que o American River significava a possibilidade de isolamento da civilização e um sentimento de estar num lugar selvagem. Stedman (2003) identificou o significado *A place to escape from civilization* atribuído por residentes de Vilas County (Wisconsin) a lagos menos populares e menos desenvolvidos dessa zona. Segundo Wynveen *et al.* (2012), este é um dos significados mais comuns entre os visitantes do Parque Marítimo da Grande Barreira de Coral australiana e segundo Tsaour *et al.* (2014), o ambiente natural do Parque Nacional de Yangmingshan (Taiwan) permite que indivíduos que fazem caminhadas nesse parque libertem tensões.

Muitos dos entrevistados referem a singularidade da Ria Formosa no geral e alguns atribuem este significado a certos elementos físicos, nomeadamente ao cheiro da flora e do edifício conhecido como “Salva-Vidas”. Este significado também foi identificado por Wynveen *et al.* (2012), como mencionado anteriormente. Por último, é de referir que alguns dos entrevistados consideram significativo que a Vila da Fuzeta mantenha, quando comparada com outras povoações do Algarve, a sua autenticidade e tradição, aspetos pelos quais sentem satisfação e orgulho.

Foram identificados três significados e valores atribuídos aos elementos socioculturais: “Sociabilidade intensa”, “Partilha de experiências” e “Simpatia e amabilidade dos autóctones”. O primeiro remete para o convívio com outras pessoas, incluindo conhecer pessoas durante a prática das atividades e o convívio com amigos e familiares. Para muitos dos entrevistados este aspeto é muito significativo e ocorre quando fazem praia, passeiam na ria, fazem caminhadas ou campismo nas ilhas barreira. Alguns referiram que só se encontram com amigos e conhecidos quando praticam algumas dessas. Os que acampam destacam ainda a fraternidade e a solidariedade que existe entre os que praticam essa atividade. A “Partilha de experiências” ocorridas no lugar com outros, particularmente com amigos e familiares e a transmissão às gerações mais novas dos conhecimentos do lugar é muito importante para alguns dos entrevistados, nomeadamente quando convivem com outros ou quando vão mariscar, acampar ou pescar. Estes entrevistados mencionaram com alegria e entusiasmo o modo como partilham o lugar e as suas experiências e de como os outros são fundamentais na prática dessas atividades. Estes significados estão também presentes em trabalhos de autores que concluíram que quanto mais os indivíduos têm interações positivas com outros, maior é o seu apego ao lugar, nomeadamente os de Bricker e Kerstetter (2002), Wynveen *et al.* (2012) e Tsauro *et al.* (2014). Bricker e Kerstetter (2002) identificaram significados relacionados com a partilha da atividade e com a partilha de experiências com familiares e amigos através das descrições sobre a importância de certos lugares no American River por alguns indivíduos que fazem *rafting* e caiaque nesse rio. Wynveen *et al.* (2012) identificaram significados relacionados com as interações com amigos e familiares, com a oportunidade de convívio com outros e com a transmissão de conhecimentos sobre o lugar às gerações mais novas em visitantes do Parque Marítimo da Grande Barreira de Coral australiana. E Tsauro *et al.* (2014) registaram significados relacionados com o travar conhecimento com outros que praticam a mesma atividade e com a partilha das experiências entre os praticantes de caminhadas no Parque Nacional de Yangmingshan. E finalmente, o valor “Simpatia e amabilidade dos autóctones”, que remete para alguns atributos positivos dos residentes da Fuzeta, nomeadamente a percepção de que estes são pessoas simpáticas, amáveis, sociáveis e que gostam de receber bem os visitantes, aspeto que contribui para a satisfação e o orgulho dos entrevistados para com a zona onde residem.

O apego das pessoas aos lugares está também relacionado com a duração da sua relação com o mesmo. Para autores como Gunderson e Watson (2007), Eisenhauer *et al.* (2000) e Lewicka (2011a), quanto mais longa for essa relação, maior será o apego. Apesar de neste trabalho não se ter medido o apego ao lugar e não se terem identificado diferenças entre os entrevistados que residem há mais tempo na Fuzeta com os que residem há menos tempo, a grande maioria dos entrevistados tem uma ligação muito longa e importante com a Ria Formosa (desde o nascimento ou a adolescência) e a quantidade e a qualidade das referências feitas pelos entrevistados ao seu passado refletem esse facto, o que parece corroborar alguns dos trabalhos referidos por Silva (2015) e realizados no âmbito da Psicologia Ambiental, nos quais foram identificados fortes apegos ao lugar através de memórias de experiências decorridas na infância e na adolescência nesse lugar.

A análise das referências dos entrevistados ao seu passado permitiu identificar três significados, o lugar como “Lugar de nascimento e crescimento”, como “Lugar de iniciação de práticas” e como “Lugar de memórias”. Apesar da grande maioria dos entrevistados residir na Fuzeta desde muito novo, nem todos incluíram o facto de terem nascido ou crescido perto da Ria Formosa nas suas narrativas. No entanto, muitos atribuíram importância ao facto de terem nascido perto da ria ou na Fuzeta ou de aí terem crescido. Para todos, a ria representa o lugar onde iniciaram atividades, na maior parte das vezes com familiares próximos. Muitos ainda praticam algumas dessas atividades, como pescar, mariscar ou acampar e recordam com saudade e alegria algumas das atividades que já não praticam. A ria como “Lugar de memórias” remete para experiências pessoais significativas ocorridas no lugar em várias fases da vida. Alguns dos trabalhos supracitados incluem significados relativos ao passado dos indivíduos, apesar de não contemplarem uma dimensão ou categoria própria para tal. Estes trabalhos incluem significados atribuídos pelos inquiridos ao seu crescimento pessoal e ao crescimento individual de outros e significados relacionados com a memória de experiências partilhadas com outros, ambos identificados por Bricker e Kerstetter (2002) e por Wynveen *et al.* (2012), em indivíduos que fazem *rafting* e caiaque em South Fork e em visitantes do Parque Marítimo da Grande Barreira de Coral australiana, respetivamente e significados relacionados com a memória de experiências positivas aquando de interações com familiares e amigos identificados por Wynveen *et*

al. (2012) e por Tsaur *et al.* (2014), em visitantes do Parque Marítimo da Grande Barreira de Coral australiana e em caminhantes do trilho de Yangmingshan, respetivamente.

Os significados “Manutenção de atividades”, “Praticar novas atividades”, “Potencial económico” e “Residência”, remetem para o apego relacionado com o potencial do lugar em cumprir certas expectativas futuras dos entrevistados relativamente às suas atividades. Todos os entrevistados referiram pelo menos um destes significados. Estas expectativas constituem também contributos para o apego ao lugar na medida em que existe uma dependência do lugar para a manutenção das atividades que os entrevistados gostam de praticar, prazer sentido no prolongar dessa manutenção, dado o avançar da idade, uma dependência relacionada com a prática de novas atividades e outras experiências, referidas especialmente pelos mais novos, e expectativas positivas acerca de transformações em atividades profissionais, nomeadamente as que estão relacionadas com a maior rentabilização das mesmas ou com novas oportunidades de negócio.

O significado “Residência” remete para a manutenção da zona de residência mas, como foi referido anteriormente, muitos entrevistados consideram que a porção da Ria Formosa periférica à Fuzeta pertence à sua zona de residência. A inclusão da periferia na zona de residência por parte dos indivíduos foi analisada por Lewicka (2011a), que defende que a escala do que os indivíduos consideram a sua residência depende dos próprios e pode variar desde a sua própria casa ou apartamento, incluir a vizinhança ou uma zona maior. Segundo esta autora a residência

*is a symbol of continuity and order, rootedness, selfidentity, attachment, privacy, comfort, security and refuge [...]. Home means ownership and symbolizes family life and happiness [...] Home is thus a “major fixed reference point for the structuring of reality” (Porteous, 1976, p. 386), and therefore human meaningful space is divided between ‘home’ and ‘not-home’ (Lewicka, 2011a:211).*

Sublinha-se ainda que a importância do lugar, devido às interações com outros e devido a um sentido de continuidade foi também referida através Milligan (1998), Mandal (2006) e Degnen (2016) nos pontos 2.2.1 e 2.2.2. Assim, os entrevistados que consideram a Ria Formosa como parte da sua zona de residência ou mesmo parte da sua residência, atribuem grande significado à mesma, porquanto, para muitos, esta

representa continuidade, felicidade, conforto, segurança e sentimento de pertença, de propriedade e de familiaridade, como se aprofundará mais à frente.

Os entrevistados referiram-se a uma diversidade de emoções e de sentimentos que foram analisadas através das várias categorias (Tabela 4.8). Todas as emoções e sentimentos identificados estão relacionados com as atividades e outras experiências que os entrevistados praticam na ria e, para a grande maioria, foi possível associá-los com cada uma das categorias definidas. As emoções e os sentimentos mais difíceis de organizar localizam-se nas categorias “Atividades” e no “Meio físico e natural” pois, em algumas narrativas, foi difícil perceber se as emoções e os sentimentos referidos pelos entrevistados estavam mais associados à prática da atividade em si ou ao meio em que esta decorre, como aconteceu em algumas referências a “Paz”, “Sossego”, “Tranquilidade” e “Amor”.

Diretamente relacionados com as atividades que os entrevistados praticam na ria foram identificados as seguintes emoções e sentimentos: “Prazer”, “Satisfação”, “Relaxe”, “Tranquilidade e sossego”, “Conforto”, “Liberdade” e “Amor”. Os dados obtidos permitem afirmar que todos os entrevistados sentem prazer em praticar as atividades que praticam na Ria Formosa e que praticamente todos estão satisfeitos pelo modo como praticam essas atividades, incluindo os que possuem atividades profissionais. Muitos entrevistados mencionaram sentir tranquilidade, sossego e uma sensação de relaxe quando praticam certas atividades, como contemplar, passear ou pescar. O “Conforto” remete para a percepção dos entrevistados de que podem praticar as suas atividades “à vontade”, sem constrangimentos e com grande liberdade de ação, especialmente nas deslocações de barco para as ilhas barreira, de modo a fazerem praia, pescar, mariscar ou acamparem em lugares mais isolados. Vários entrevistados referiram sentir liberdade durante a prática das suas atividades, nomeadamente na pesca profissional, no estar na praia, no contemplar e na prática de *windsurf*. Alguns referiram sentir amor quando da prática de certas atividades, como passear na “Praia dos tesos” ou andar de barco à vela no estuário e na construção de um estabelecimento de restauração na praia.

A categoria “Meio físico e natural” foi aquela a que foi possível associar mais emoções e sentimentos referidos pelos entrevistados. A grande maioria referiu que a Ria Formosa

lhes transmite “Paz”, “Sossego”, “Calma” ou “Tranquilidade”. Alguns referiram o sentimento de “Bem-estar” e de “Liberdade” quando estão imersos nesse meio. Algumas destas emoções e sentimentos estão associados ao significado “Escape do cotidiano”, nomeadamente os relacionados com a sensação de relaxamento e de liberdade. Muitos também referiram prazer e satisfação por poderem usufruir desse meio e alguns referiram que a ria é uma paixão e que sentem amor quando estão envolvidos nesse meio. O orgulho por residir nas proximidades da Ria Formosa e por poder usufruir da mesma também foi referido. Foram também identificados um “Sentimento de lar”, por parte de vários entrevistados que consideram que esta zona é a sua “casa” ou parte desta, aspetos relacionados com o significado “Residência” referido anteriormente. Estes afirmam que esta zona da Ria Formosa é o seu jardim ou um apêndice da sua residência. Também foi identificado um “Sentimento de proximidade”, relacionado com o significado “Proximidade e acessibilidade” e um “Sentimento de perda”, por parte de vários entrevistados que referiram sentir falta do lugar quando estão longe.

Relativamente às emoções e sentimentos associados aos elementos socioculturais, destaca-se “Saudável”, “Engraçado”, “Espetacular” e “Essencial”, todos referidos aquando das narrações de momentos de convívio com outros e que remetem para o significado “Sociabilidade intensa”. O “Prazer”, e também o sentimento de essencialidade, foram referidos quando estes partilham o lugar e as suas atividades com outros. Finalmente, alguns entrevistados também referiram “Alegria” por verem muitas pessoas na Fuzeta e na Ria Formosa e também quando convivem com outros.

Em termos de “Intervenções legislativas/fiscalização”, alguns revelaram um sentimento de proteção por esta zona, nomeadamente em termos de fauna e flora, e referiram estar satisfeitos com as medidas de proteção que as autoridades competentes tentam impor na ria, nomeadamente com a limitação nos percursos de barcos a motor, com a limitação e proibição de captura de certas espécies e com a proibição de andar em cima das dunas. Alguns referiram também um sentimento de propriedade para com a ria, considerando que esta pertence mais aos residentes do que aos visitantes e, por isso, as autoridades competentes deviam proteger legislativamente a capacidade de usufruir da ria dos residentes face aos visitantes. Este sentimento foi também identificado por Eisenhauer *et al.* (2000) em residentes de comunidades do Sul do Utah que praticam atividades de

lazer em lugares públicos, por Felipe e Kuhnen (2012), numa análise a artigos científicos relacionados com o apego ao lugar nas bases de dados *Science Direct* e *Sage* e por Ujang e Zakariya (2015) em residentes de Kuala Lumpur (Malásia).

Os entrevistados referiram que sentiam “Prazer” e “Felicidade” ao marrarem muitas atividades e outras experiências ocorridas no seu passado. Alguns referiram sentir um sentimento de nostalgia ao recordarem o que fizeram em criança e em jovem e muitos referiram sentir que são uma parte do lugar, que pertencem ao mesmo (sentimento de pertença) ou que têm raízes no lugar devido ao facto de terem vivido fases anteriores de suas vidas nesta zona, indo ao encontro do entendimento de Degnen (2016) sobre o papel da memória no sentimento de pertença que participa no apego dos indivíduos. Este sentimento integra a dimensão “Identidade do lugar” de Tsaur *et al.* (2014) e parece também estar relacionado com o enraizamento ao lugar de residência identificado por Lewicka (2011b), pois esta autora associa-o com os dois tipos de apego ao lugar (Tradicional e Ativo) que identificou em residentes polacos, referidos no ponto 2.2.1. O papel do sentimento de pertença no apego ao lugar é destacado por Mandal (2006) em termos da pertença à comunidade e por Lewicka (2014) e foi também identificado por Felipe e Kuhnen (2012), numa análise que efectuaram por artigos científicos relacionados com o apego ao lugar nas bases de dados *Science Direct* e *Sage* e por Ujang e Zakariya (2015) em residentes de Kuala Lumpur (Malásia).

Finalmente, na categoria “Expetativas”, quase todos os entrevistados referiram sentir “Prazer” pela manutenção das atividades que praticam na ria e pela manutenção do seu local de residência.

Comparando as dimensões e indicadores de alguns dos estudos quantitativos mencionados neste trabalho (ver Tabela 2.1) com os significados, valores, emoções, sentimentos, preferências e perceção de insubstitubilidade referidos pelos entrevistados (ver Tabela 4.8) conclui-se que a diversidade de significados, valores, emoções e sentimentos referidos pelos entrevistados é muito mais diverso, o que parece corroborar o entendimento de Gunderson e Watson (2007), Johnson (2007), Lewicka (2011a) e de Williams (2014) de que os métodos quantitativos usados atualmente são inadequados para a investigação do apego ao lugar, pois não permitem a identificação de aspetos que tornam os lugares importantes para os indivíduos.

Apesar de alguns autores referirem que o apego ao lugar é normalmente definido simplesmente como uma ligação afetiva (Low e Altman, 1992; Carrus *et al.*, 2014), como uma ligação emocional profunda (Degnen, 2016) ou como sentimentos (Stylidis, 2018) responsáveis pelo apego dos indivíduos aos lugares, a grande maioria dos trabalhos empíricos mencionados na revisão de literatura não escarpelizam os sentimentos e as emoções envolvidos no apego dos indivíduos, como muitos fazem para os significados e valores. Por exemplo, os autores que utilizam questionários para a recolha de informação incluem declarações como “Sinto-me como em casa”, “Sinto-me mais feliz quando aqui estou” ou “Sinto-me muito ligado” (ver Tabela 2.1) para analisarem os afetos no apego ao lugar. No entanto, a análise a esses trabalhos revelou que a grande maioria das emoções e dos sentimentos referidos pelos entrevistados foi identificada por outros autores (Apêndice 5).

Relativamente às preferências e percepção de insubstituibilidade do lugar, destaca-se que todos os entrevistados referiram que preferem a Ria Formosa para a prática de, pelo menos, uma das suas atividades e que a percepção de que o lugar é insubstituível é comum à maioria destes. A grande maioria dos entrevistados refere que só faz certas atividades nesta zona, nomeadamente as atividades fazer praia, caminhar, mariscar, acampar e pescar. A maioria dos que praticam as mesmas atividades noutros lugares afirma que não substituíam a Ria Formosa da Fuzeta por essas zonas. Estes resultados indicam que existe uma grande dependência do lugar para a prática das atividades que os entrevistados gostam de praticar.

A Ria Formosa conjuga, para os entrevistados, muitos lugares especiais (significativos), nomeadamente a “Praia dos Tesos”, a “Ponta das pedras”, o “Salva-Vidas”, a Ilha da Fuzeta, a barra, a barra velha e outros, o que torna esta zona particularmente preferida e insubstituível e aumenta o seu apego ao lugar. Em termos dos elementos socioculturais, destaca-se que alguns entrevistados, a propósito de acampar ou fazer praia, consideram que a ria é imprescindível e insubstituível, porquanto esta é palco de experiências partilhadas significativas.

Destacar ainda a preferência e a percepção de insubstituibilidade pela zona de residência, referida pela grande maioria dos entrevistados quando com a possibilidade de irem

residir num local afastado da Ria Formosa sob a condição de um maior rendimento e de uma residência que correspondente aos seus desejos.

Como foi mencionado no ponto 2.2.1, autores como Low e Altman (1992), Lewicka (2011b), Gustafson (2014) e Manzo e Devine-Right (2014) consideram a possibilidade de existirem e coexistirem nos indivíduos vários tipos de apego ao lugar. A análise efectuada permitiu identificar dez tipos de apego consoante os significados, valores, emoções e sentimentos que, na análise das entrevistas, se revelaram como os mais importantes para o apego, incluindo a maioria dos aspetos presentes na Tabela 4.8. Esta tipologia envolve os seguintes tipos de apego: “Prático”, “Económico”, “Meio físico”, “Proximidade”, “Lar”, “Social”, “Nascimento e crescimento”, “Pertença”, “Propriedade” e “Expetativas”. O apego do tipo “Prático” é o apego relacionado com as atividades de lazer com as atividades profissionais e inclui os significados “Praticar atividades”, “Melhorar ou manter a condição física” e “Proteção e segurança” e as emoções e sentimentos envolvidos nessas atividades, nomeadamente o prazer e a satisfação, o relaxe, o conforto e a liberdade. O tipo “Económico” remete para um apego ao lugar relacionado com o aspeto económico das atividades praticadas, especialmente das atividades profissionais, incluindo os significados “Fonte de rendimento” e “Local de trabalho”. Este tipo de apego também pode envolver as atividades de lazer, porquanto existem aspetos económicos relacionados com a proximidade e acessibilidade e a captura de marisco e peixe. O “Meio físico” remete para o apego relacionado com os elementos físicos do lugar. Neste caso, envolve os significados “Beleza”, “Abundância e diversidade de vida selvagem”, “Valor paisagístico”, “Escape do quotidiano” e “Singularidade” e uma grande variedade de emoções e sentimentos, como os que estão presentes na categoria “Meio físico e natural” da Tabela 4.8. A contemplação do lugar e outras atividades e experiências em que os indivíduos admiram o meio físico são as atividades mais relacionadas com este tipo de apego. O apego do tipo “Proximidade” está relacionado com a proximidade e a acessibilidade do lugar, o que poderá contribuir particularmente para a preferência ao mesmo mas também está relacionado com uma proximidade afetiva ao lugar, ou seja com um sentimento de proximidade. O “Lar” é o apego relacionado com o significado “Residência” e com o sentido de lar, ou seja, com a inclusão do lugar na zona de residência, feita pelos próprios e com a sensação de que este lhes é familiar. A

importância da familiaridade do lugar para o apego foi também reconhecida por Ujang e Zakariya (2015) no apego de residentes de Kuala Lumpur (Malásia) pelo centro dessa cidade. O apego do tipo “Social” é o que está relacionado com os significados “Sociabilidade intensa” e “Partilha de experiências” e com emoções e sentimentos positivos provocados pelas interações com outros, nomeadamente com a sensação de estas são fundamentais e essenciais. “Nascimento e Crescimento” é o apego ao lugar relacionado com a presença dos indivíduos nesse lugar durante fases anteriores de suas vidas. Este está relacionado com os significados “Lugar de nascimento e crescimento”, “Lugar de iniciação de práticas” e “Lugar de memórias” e remete para a importância da memória no apego dos indivíduos destacada por Milligan (1998) e por Degnen (2016). O tipo de apego “Pertença” está relacionado com o sentimento de pertença ao lugar, ou seja, sentir que se é parte do lugar ou que se está enraizado no lugar. Este apego pode estar relacionado com o apego “Nascimento e Crescimento”, mas também pode ocorrer em lugares que os indivíduos permaneceram pouco tempo. A “Propriedade” é o tipo de apego relacionado com o sentimento de propriedade, porquanto os indivíduos sentem que o lugar lhes pertence por o frequentarem muitas vezes ou por residirem perto deste. Este tipo de apego também está relacionado com a reivindicação, feita pelos próprios, de que as autoridades deviam compreender de que o lugar pertence mais a uns do que a outros e agir no sentido de beneficiar o usufruto dos que residem no lugar ou próximo deste em relação aos outros. E o tipo de apego “Expetativas”, que é o apego ao lugar relacionado com as expetativas acerca das interações futuras no lugar e que inclui os significados “Manutenção de atividades”, “Praticar novas atividades”, “Potencial económico” e “Residência”. Por uma questão de redundância, os exemplos de cada um destes tipos de apego foram colocados em apêndice (Apêndice 6).

#### 4.3.2 Os fatores disruptivos do apego ao lugar

Os entrevistados referiram-se a muitos aspetos que podem constituir fatores disruptivos relativamente ao seu apego com a Ria Formosa. Foram identificados fatores que produzem sentimentos negativos relativamente a outros residentes da Fuzeta e a visitantes, fatores que impedem o acesso a lugares significativos e a prática de certas atividades e fatores que quebram o apego ao lugar (Apêndice 7). No entanto, a grande

maioria dos fatores referidos apenas diminui o apego dos entrevistados devido ao acréscimo de dificuldades e prejuízos às atividades e outras experiências que estes têm no lugar.

Quase metade dos fatores disruptivos está relacionada com o desenvolvimento turístico (Apêndice 7), nomeadamente “Demasiadas concessões de praia e viveiros”, “As pessoas jogam o lixo para a ria e para as praias”, “Praia lotada e condutas desajustadas”, “Excesso de captura ou captura inadequada de marisco”, “Excesso de barcos e motos de água a navegar na ria”, “Recolha insuficiente do lixo”, “Proibições de navegar com embarcações a motor nos canais secundários”, “Restringimentos à captura de marisco”, “Fiscalização insuficiente ou inadequada na captura de marisco” e “Receio de transformações na zona devido ao desenvolvimento turístico” e, por isso, estão relacionados com o facto da vila da Fuzeta ser uma vila em transição.

O fator que mais impacto disruptivo teve foi a destruição da Ilha da Fuzeta e das respetivas casas ocorrida em 2010. Como foi mencionado anteriormente, este fator conjuga o dinamismo natural desta zona com a intervenção do homem, pois a destruição começou com uma tempestade, estando por isso relacionada com a erosão natural que o mar e o vento exercem nessa ilha, à qual se seguiu a remoção dos escombros e das restantes casas pelas autoridades competentes. Para os entrevistados que tinham casa na Ilha da Fuzeta e também para muitos outros, a transformação ocorrida na ilha provocou uma quebra definitiva do seu apego a esse lugar. Estes deixaram de o identificar como lugar de residência e como lugar de memórias significativas e de o reconhecer como a praia da Ilha da Fuzeta. Alguns entrevistados mostraram atitudes negativas para com a Ilha da Fuzeta, outros de afastamento e, outros ainda, atitudes de ambivalência ou indiferença, o que corresponde aos três tipos de não apego identificados por Lewicka (2011b) acerca dos lugares de residência e referidos no ponto 2.2.1 (alienação, relatividade e sem lugar). Segundo esta autora, os significados atribuídos a lugares de residência em que as pessoas permaneceram durante vários anos e atribuíram significados relacionados com várias fases de vida e com acontecimentos importantes são ricos e muito importantes. Assim, tratou-se de uma grande disrupção, pela sua dimensão e de uma disrupção súbita porque, apesar da discussão que ocorria nessa altura sobre a remoção das casas na Ilha da Fuzeta, esta começou com uma tempestade

de Inverno. Estes resultados corroboram a conclusão de Reineman e Ardoin (2018), de que esse tipo de disrupções são as que têm maior impacto.

Destacam-se também quatro fatores que, segundo os entrevistados, impedem a prática de atividades, nomeadamente a “Praia lotada e condutas desajustadas”, que impedem a atividade de fazer praia, passear na “Praia dos Tesos” e a prática de desportos náuticos, os “Restringimentos à captura de marisco”, que impedem e prejudicam a atividade de mariscar, os “Problemas físicos relacionados com o avançar da idade”, que impedem a atividade de mariscar e a pratica de desportos náuticos e a “Deficiente manutenção da ria”, que impede o acesso às ilhas barreira, ao mar, à Ilha da Fuzeta e ao canal para Tavira e que pode colocar em risco, segundo alguns entrevistados, a existência da praia da Ilha da Fuzeta (Apêndice 7). Destaca-se ainda o pessimismo que sentem alguns entrevistados relativamente às atividades de mariscar e pescar devido à contínua diminuição da disponibilidade de marisco e peixe e que pode contribuir para a diminuição do apego dos mesmos.

#### 4.3.3 Contribuições teóricas e práticas desta investigação

As contribuições deste trabalho prendem-se, por um lado, com a análise da relação que os residentes da Fuzeta mantêm com a Ria Formosa e, por outro, com a abordagem conceptual realizada ao conceito apego ao lugar.

Apesar das zonas costeiras lagunares (como a Ria Formosa ou a Ria de Aveiro) serem consideradas dos ecossistemas mais importantes do planeta (Domingues *et al.*, 2017) e possuírem um enorme valor ecológico, científico, económico e social (ICNF, 2018), pouco se tem feito para compreender a relação que os seus residentes mantêm com esses lugares, ou seja, para perceber o que esses lugares significam e representam para os autóctones. Nesse sentido, o autor deste trabalho espera que este contribua para o preenchimento dessa lacuna. A diversidade e quantidade de recursos que estes lugares disponibilizam têm contribuído para o seu desenvolvimento económico e turístico e simultaneamente, para sucessivas medidas de proteção por parte das entidades competentes (Domingues *et al.*, 2017; Queirós, 2001).

As transformações que têm sido operadas nesses lugares não têm aproveitado o conhecimento particular que as populações locais têm desses lugares (Mcneely, 1993; Queirós, 2001) e, nesse sentido, este e outros trabalhos que destaquem esse conhecimento e o modo como os autóctones se relacionam com esses lugares, poderão servir para alertar as entidades responsáveis de que os residentes dessas zonas e da sua periferia poderão contribuir para, como refere Queirós (2001), a concepção de modelos sustentáveis e adequados, compreender o impacto desses modelos para essas populações e diminuir a contestação na implementação de medidas de proteção e desenvolvimento.

Segundo Lewicka (2011a), a maioria dos estudos de apego ao lugar abordam lugares que nunca foram estudados através deste conceito ou que foram pouco estudados ou utilizam novas técnicas de recolha de informação. No entanto, neste trabalho foi proposta uma abordagem conceptual mais ampla do conceito de “apego ao lugar”, a qual inclui um modelo de análise, uma operacionalização e uma definição do conceito que o autor espera que possam contribuir para a constituição de um corpo teórico mais sólido.

Em Portugal, a utilização do apego ao lugar, sobretudo em lugares naturais, parece ainda estar numa fase embrionária, e nesse sentido, este trabalho também contribui para o desenvolvimento desta temática no território nacional.

#### 4.3.4 Limitações dos resultados

As limitações inerentes a este trabalho estão relacionadas com questões teórico-metodológicas e com o lugar sobre o qual este incidiu.

Relativamente às questões metodológicas, o trabalho é o reflexo do desequilíbrio entre a teoria disponíveis e a aplicação do conceito de “apego ao lugar”. Segundo Lewicka (2011a) e Manzo e Devine-Right (2014), não existe ainda um corpo teórico que permita sustentar a forte aplicação empírica que se tem dado ao conceito. Devido a esse facto, foi necessário realizar uma abordagem conceptual nova, que apesar de fundada em contributos de vários autores, carece de aplicação empírica e de crítica pelos pares.

Os métodos de amostragem utilizados, a amostragem por proposição e a amostragem por bola de neve, são métodos não probabilísticos, o que significa que a seleção dos indivíduos não é aleatória e a probabilidade de um indivíduo da população ser selecionado não é igual para todos e os resultados não podem ser extrapolados para o resto da população. Apesar de terem sido realizadas 26 entrevistas e de se ter procurado diversificar a amostra através da inclusão de indivíduos que praticam vários tipos de atividades na Ria Formosa, profissionais e de lazer, da inclusão de indivíduos pertencentes a organizações que têm instalações na Ria Formosa ou que organizam atividades nesse lugar, da inclusão de indivíduos que residem na Fuzeta há diferentes períodos de tempo e de uma amostra que contemplou uma grande faixa etária (dos 18 aos 77 anos), o único modo de garantir o atingir do ponto de saturação teria sido considerar cada um dos aspetos referidos como um contexto independente, ou seja, recolher material de cada um desses contextos até que se atingisse o ponto de saturação em cada contexto. No entanto, tal plano de amostragem excederia os recursos materiais e o horizonte temporal disponíveis para a elaboração do trabalho. Também o instrumento de recolha de informação que foi criado e a relativa inexperiência do autor em conduzir entrevistas podem ter prejudicado a identificação de significados e valores atribuídos pelos entrevistados ao lugar, assim como de emoções e de sentimentos envolvidos. Também o período em que decorreu a recolha de informação, entre Março e Abril, pode ter sido responsável pela omissão de informação importante, pois a relação da maioria dos entrevistados com a Ria Formosa, através de algumas das atividades que estes praticam nesse lugar, varia ao longo do ano, acarretando possíveis implicações nos significados e valores atribuídos, nas emoções e nos sentimentos envolvidos, nas preferências, nas perceções de insubstituibilidade do lugar e nos factores disruptivos do apego.

Relativamente ao lugar abrangido por este trabalho, a Ria Formosa, as limitações estão relacionadas com o facto de esta conjugar um lugar natural protegido, uma zona costeira e um espaço urbano. Assim, apesar dos objectivos se cingirem à Ria Formosa em si, alguns dos resultados estão afetados por referências feitas pelos entrevistados que trataram a Fuzeta e a Ria Formosa como um só lugar, ou seja, alguns entrevistados parecem considerar que, quer a vila da Fuzeta em si, quer a zona periférica da Ria Formosa, fazem parte da sua zona de residência. O mesmo aconteceu entre a Ria

Formosa e o mar, pois alguns entrevistados não distinguiram a água do mar da água da ria ou a paisagem da ria da paisagem do mar. Estes aspetos contribuem, por um lado, para compreender o modo como estes residentes compreendem toda esta zona, mas por outro, dificulta e limita a análise particular das relações destes para com cada um desses elementos.

## **CAPÍTULO V – CONCLUSÕES**

### **5.1 Conclusões**

A relação das pessoas com o meio físico e a importância deste nas interações com os outros tem sido cada vez mais estudada no seio de várias disciplinas. Os conceitos de “Espaço” e “Lugar” foram os primeiros a serem utilizados na análise dessa relação, aos quais se seguiram outros, como o “Apego ao lugar”, “Sentido do Lugar” e “Significado do Lugar” que, foram utilizados sobretudo dos geógrafos e psicólogos. Relativamente ao conceito “apego ao lugar”, o número de estudos empíricos tem aumentado consistentemente desde a década de 80 e, apesar dos sociólogos terem sido dos últimos cientistas sociais a mostrar interesse por este conceito, autores como Gieryn (2000) e Urry (2004) defendem a emergência de uma Sociologia do Lugar. Segundo estes o lugar não é apenas palco do mundo social, mas sim um elemento constituinte da vida social e da história. O lugar é um construto social que, através dos significados e valores que lhe são atribuídos, participa na manutenção das estruturas sociais, nas interações entre os indivíduos e na história e na cultura partilhadas pelas sociedades.

As muitas abordagens teóricas e empíricas realizadas em torno do conceito de “apego ao lugar” são reveladoras da sua multidisciplinaridade e importância. Se, para muitos, o conceito inclui apenas as ligações afetivas entre as pessoas e os lugares, para outros, este pode incluir os significados e os valores atribuídos aos lugares pelos indivíduos, as suas preferências e a percepção de insubstituibilidade do lugar. Acresce ainda que, para autores como Manzo e Devine-Right (2014), existem aspetos do apego ao lugar que não são considerados pela maioria dos trabalhos teóricos e empíricos realizados, como os aspetos relacionados com a memória ou com a dinâmica que o conceito implica.

A revisão de literatura realizada permitiu efetuar uma conceptualização teórica ampla so conceito de apego ao lugar, visando não só a sua adequação para o estudo em causa mas também, a constituição de uma ferramenta para a análise geral das relações entre as pessoas e os lugares. Assim, o apego ao lugar foi definido como os apegos dos indivíduos aos lugares que decorrem de processos de atribuição de significados e valores importantes e da constituição de ligações afetivas quando da prática de atividades e outras experiências que acontecem, já aconteceram ou que os indivíduos esperam que venha a acontecer. O processo de apego ao lugar passa pela atribuição de significados e valores a elementos físicos, sociais e culturais do lugar e pelo estabelecimento de ligações emocionais e sentimentais que levam à preferência pelo lugar e à percepção de insubstituibilidade do mesmo e, ainda, por aspetos disruptivos que podem enfraquecer ou quebrar o respetivo apego.

A análise dos significados e valores atribuídos à Ria Formosa pelos entrevistados quando da prática das suas atividades, das emoções e dos sentimentos envolvidos e das suas preferências e percepção de insubstituibilidade permitem concluir que a Ria Formosa é muito importante para os entrevistados e que estes mantêm um forte apego com esse lugar.

Foram muitos os significados, valores, sentimentos e emoções descritos e identificados pelos entrevistados relativamente à prática de atividades e outras experiências ocorridas na Ria Formosa. Muitos destes aspetos abarcam simultaneamente várias características do lugar, nomeadamente elementos físicos, sociais e culturais, as memórias ocorridas em fases anteriores da vida e as expectativas futuras relativamente às atividades praticadas ou que os entrevistados esperam praticar, conferindo ao conceito de “apego ao lugar” uma grande multidimensionalidade que é defendida por autores como Bricker e Kerstetter (2002), Gunderson e Watson (2007) e Stedman *et al.* (2014). A grande maioria dos aspetos envolvidos no apego dos entrevistados à Ria Formosa também foi identificada por outros autores que realizaram trabalhos empíricos, o que significa que muitos dos aspetos que participam no apego dos entrevistados à Ria Formosa são comuns ao apego de outros indivíduos relativamente a outros lugares.

Todos os entrevistados praticam várias atividades de lazer na Ria Formosa, incluindo os que mantêm atividades profissionais na ria. A prática de atividades de lazer contribui

positivamente para o apego ao lugar, corroborando as conclusões de Wynveen *et al.* (2012) e Wilkins e Urioste-Stone (2018), segundo os quais a prática deste tipo de atividades contribui para a atribuição de significados positivos ao lugar. A maioria diz que pratica as suas atividades sempre que pode e muitos revelaram que gostariam de praticar mais, o que, pelas conclusões de Tsaur *et al.* (2014), sobre os indivíduos que praticam caminhadas no parque nacional Yangmingshan, revela um forte apego ao lugar, pois estes autores correlacionaram positivamente a frequência da prática da atividade com o apego ao lugar.

A importância de cada atividade de lazer ou profissional para o apego dos entrevistados à Ria Formosa está também relacionada com o prazer que todos sentem ao praticar as atividades que praticam no lugar e com a satisfação que a grande maioria referiu pelo modo como praticam essas atividades. Além disso, a possibilidade de praticar várias atividades em simultâneo contribui para o apego aos lugares onde decorrem essas atividades, contribuindo para importantes percepções de singularidade e de insubstituibilidade do lugar. A grande maioria dos entrevistados não substituiu a Ria Formosa por outro lugar para praticar as atividades que pratica porque não conhece outros locais que tenham a mesma qualidade, sobretudo em termos de disponibilidade de recursos, de acessibilidade, de beleza natural e do conhecimento que estes têm do lugar.

Todos os entrevistados que desenvolvem atividades profissionais e que atribuem ao lugar significados e valores económicos dizem estar satisfeitos com essa atividade e também referiram sentimentos positivos relativamente ao ambiente natural e sociocultural em que decorrem essas atividades. Aspetos que estão também relacionados com as atividades de lazer que estes praticam no mesmo lugar. Assim, todos os entrevistados que têm atividades profissionais na ria têm um forte apego ao lugar e os significados, valores, emoções e sentimentos relacionados com esse apego são determinantes para a satisfação destes para com a sua atividade profissional, corroborando as conclusões de Schilar e Keskitalo (2017) no seu trabalho sobre as percepções da natureza no apego a Jukkasjärvi (Suécia) em actores turísticos.

Os elementos físicos e naturais foram de longe os mais referidos pelos entrevistados. Para além de vários aspetos relacionados com a Ria Formosa na sua globalidade, todos

os entrevistados mencionaram muitos elementos físicos específicos que contribuem para o seu apego à Ria Formosa, sobretudo a água, a fauna e a flora, a barra, a “Ilha da Fuzeta”, a “Praia dos Tesos”, o edifício do “Salva-Vidas”, a “Ponta das pedras” e a “Barra velha”. Em termos de significados e valores destaca-se a proximidade e acessibilidade a esta zona natural, relacionado com a satisfação e o sentimento de proximidade, os significados “Beleza”, “Abundância e diversidade de vida selvagem” e “Valor paisagístico”, responsáveis por várias emoções e sentimentos, como prazer, satisfação, paixão, amor e orgulho, o significado “Escape do quotidiano”, relacionado com as emoções e sentimentos de paz, sossego, calma, tranquilidade, bem-estar e liberdade, e os significados “Singularidade” e “Autenticidade e tradição”, relacionados com o prazer, a satisfação e o orgulho em residir na Fuzeta e perto da Ria Formosa. Os sentimentos positivos provocados pelos elementos naturais estão patentes em qualificações como “maravilhosa”, “espetacular”, “fantástica”, “apaixonante”, “ouro”, “diamante” e “jóia”.

A maioria dos entrevistados pratica uma ou mais atividades em grupo e considera esse aspeto importante, nomeadamente no fazer praia, no acampar, nas caminhadas, no mariscar, no passear na baixa da Fuzeta ou na ria e no acampar. Para alguns, a presença de amigos e familiares é condição *sine qua non* para atividades como fazer praia ou acampar. Alguns entrevistados destacam também a importância de conhecerem e encontrarem outras pessoas no decorrer das suas atividades e de terem a possibilidade de partilharem com outros conhecimentos relativos à ria em si e a certas atividades. Os elementos socioculturais parecem ser ainda mais importantes na prática de campismo, pois a sociabilidade e a solidariedade entre os praticam essa atividade é considerada como “essencial”, “imprescindível” e “insubstituível”.

Comparando os resultados obtidos com a conclusão de Hufford (1992) sobre a importância da floresta da região Pine Barrens para o apego entre os homens que praticam a atividade da caça à raposa, para o apego destes para com os seus cães e nas suas atitudes e comportamentos face à preservação da floresta, também o apego à Ria Formosa parece ser determinante para o apego entre indivíduos que praticam a mesma atividade, nomeadamente fazer praia, passear ou caminhar e acampar e para a importância que muitos dos entrevistados dão à preservação desta zona.

Foram identificados muitos aspetos que contribuem para o apego ao lugar relacionados com fases anteriores da vida dos entrevistados e com as expectativas destes face ao futuro nesse lugar. Todos os entrevistados que vivem na Fuzeta desde criança ou desde a adolescência narraram acontecimentos significativos passados na ria durante essas fases da vida. A maioria mantém pelo menos uma atividade iniciada nessas fases da vida e muitos relacionaram a importância da ria e o apego que mantêm com a ria, com a Fuzeta e com o mar o facto de terem crescido e vivido na ria e na Fuzeta. Grande parte considera que a zona da Ria Formosa periférica à Fuzeta faz parte da sua zona de residência, o que significa, segundo Lewicka (2011a), que a ria lhes fornece um sentido de continuidade, ordem, enraizamento, auto-identidade, apego, privacidade, conforto, segurança e refúgio. Estes aspetos contribuem para um forte apego ao lugar e, segundo Devine-Wright (2014), para uma elevada probabilidade de estes lutarem pelo lugar perante transformações no mesmo que considerem negativas para a sua relação com o lugar.

Estes resultados parecem também corroborar a conclusão de Moreira (1987), segundo a qual, as populações piscatórias de pequena dimensão, como a Fuzeta, possuem um forte apego aos locais onde nasceram e vivem.

As expectativas relativamente à manutenção das atividades que os entrevistados praticam e às atividades que esperam vir a praticar também contribuem para o seu apego ao lugar na medida em que muitos referiram o desejo em manter as suas práticas durante o maior número de anos possível e muitos esperam vir a praticar novas atividades, especialmente os mais novos. Também a maioria dos que têm atividades profissionais na ria têm expectativas futuras positivas, como novas oportunidades de negócio ou transformações que permitirão rentabilizar a sua atividade, diminuir o esforço físico e diminuir o tempo despendido.

A preferência pelo lugar e sobretudo a perceção de insubstituíbilidade do mesmo são também reveladoras de um forte apego ao lugar. Neste sentido, a grande maioria dos entrevistados diz que prefere praticar na Ria Formosa as atividades que gosta de praticar e que não substituíria esse lugar por outro. Também a grande maioria refere que não substituíria o seu lugar de residência por um outro afastado da Ria Formosa, mesmo que essa mudança implicasse uma casa melhor e um melhor vencimento. As justificações

dadas revelam um forte apego ao binómio Ria/Fuzeta através de sentimentos positivos, de uma relação com a ria e com a Fuzeta que mantêm desde criança ou desde a adolescência, de sentimentos negativos perante essa mudança e do resultado desfavorável da reflexão sobre o que poderiam ganhar e perder se tal mudança se efectivasse. Praticamente todos os que consideraram essa possibilidade confessaram que essa mudança seria muito difícil e que, se se efectivasse, gostariam de manter um contato frequente com a Fuzeta e com a Ria Formosa.

Apesar da grande maioria dos trabalhos empíricos mobilizados para este trabalho não incluírem nas suas análises categorias específicas para as memórias de atividades e outras experiências no lugar, para as expectativas futuras relativas a essas e outras atividades nem incluírem a análise dos aspetos positivos do lugar que os próprios referem quando o olham pelos olhos dos outros, a criação e utilização destas categorias revelou-se importante para a compreensão do apego ao lugar, especialmente as duas primeiras, que parecem indicar a existência de um forte apego ao lugar. Ao olharem para o lugar com os “olhos dos outros”, os entrevistados mencionaram ainda outros aspectos que podem contribuir para o seu próprio apego ao lugar, nomeadamente as características positivas da população local e a percepção da autenticidade da vila da Fuzeta.

A análise dos significados e valores identificados, em qualidade e quantidade, reforça a adequação dos métodos qualitativos para a investigação do apego ao lugar em detrimento dos quantitativos, porquanto atualmente estes não permitem identificar muitos aspetos particulares e importantes no apego ao lugar, o que corrobora o entendimento de autores como Gunderson e Watson (2007), Johnson (2007), Lewicka (2011a) e de Williams (2014). Acresce ainda que, a análise detalhada das emoções e dos sentimentos envolvidos nesse apego, não incluída na grande maioria dos trabalhos mobilizados para a revisão de literatura, parece ainda ser mais demonstrativa dessa inadequação.

Cumpriram-se os assim os primeiros três objetivos deste trabalho, ou seja, identificar e perceber quais são os significados e valores atribuídos pelos residentes da Fuzeta à Ria Formosa, identificar os elementos físicos, sociais e culturais envolvidos no apego dos residentes da Fuzeta com a Ria Formosa e identificar e perceber as emoções,

sentimentos, preferências e a percepção de insubstituibilidade do lugar envolvidas no apego dos residentes da Fuzeta com a Ria Formosa

Os elementos físicos, sociais e culturais do lugar são transversais às categorias utilizadas para a análise, mesmo considerando a existência das categorias “Meio físico e natural” e “Elementos socioculturais”, o que significa, por um lado, que é muito difícil organizar os significados, valores, emoções e sentimentos atribuídos. Esta dificuldade está inerente ao facto de que a importância dos elementos físicos e dos elementos socioculturais vai para além das respetivas categorias, como por exemplo, a importância dos aspetos sociais para o forte apego ao lugar identificado através dos aspetos relacionados com o passado dos indivíduos e vai ao encontro da dificuldade em separar os significados atribuídos à natureza dos atribuídos à cultura encontrada por Stedman *et al.* (2014).

Foram também identificados dez tipos de apego ao lugar que os entrevistados mantêm com a Ria Formosa através dos significados, valores, emoções e sentimentos por estes referidos. Assim, tem-se o apego do tipo: i) “Prático”, relativo à prática de atividades e de outras experiências decorridas no lugar; ii) “Económico”, relativo aos aspetos económicos das atividades praticadas, sejam atividades de lazer ou profissionais; iii) “Meio físico”, que remete para o apego relacionado com os elementos físicos do lugar; iv) “Proximidade”, relacionado com a proximidade e acessibilidade do lugar e com o sentimento de proximidade; v) “Lar”, relacionado com o sentido de lar e de familiaridade do lugar; vi) “Social”, relacionado com os elementos sociais do lugar; vii) “Nascimento e crescimento”, relacionado com a presença dos indivíduos no lugar no decorrer de fases anteriores das suas vidas; viii) “Pertença”, relacionado com os sentimentos de pertencer ao lugar e com o enraizamento no lugar; ix) “Propriedade”, relacionado com a sensação de propriedade devido ao facto de residir no lugar ou perto deste ou de o frequentar muitas vezes; x) “Expetativas”, relacionado com as expetativas acerca das interações futuras no lugar.

Em todos os entrevistados coexistem vários tipos de apego ao lugar, ou seja, o apego de cada entrevistado resulta do contributo de vários apegos específicos. No entanto, esta tipologia dos tipos de apego congrega os aspetos mais importantes identificados no apego dos entrevistados à Ria Formosa e facilita a análise de cada um desses aspetos.

Apesar de não se ter realizado um estudo comparativo aos apegos dos entrevistados, estas e outras tipologias do apego ao lugar podem ser uma ferramenta importante em análises comparativas.

Foi também possível cumprir o quinto e último objetivo, *i. e.*, identificar e perceber os fatores disruptivos do apego dos residentes da Fuzeta com a Ria Formosa. Os entrevistados mencionaram muitos aspectos que podem constituir factores disruptivos do apego ao lugar. No entanto, apesar de todos esses fatores interferirem negativamente com as atividades e outras experiências que estes têm na ria e conseqüentemente com o seu apego à Ria Formosa, a maior parte deles não parece constituir uma ameaça à quebra do apego. Relativamente aos elementos físicos, destacam-se os problemas com o assoreamento e com as dragagens efetuadas na Ria Formosa que dificultam ou impedem a navegabilidade no estuário, a saída de embarcações para o mar, algumas das atividades de lazer e profissionais praticadas pelos residentes da Fuzeta e colocam em causa a Ilha da Fuzeta devido à não reposição de areias. Destaca-se também a falta de manutenção das infra-estruturas portuárias existentes e a inexistência de outras dessas infra-estruturas que, segundo os entrevistados, contribuem pouco para um fácil acesso aos barcos e à ria propriamente dita; a degradação do edifício do “Salva-Vidas”, como um edifício emblemático da Fuzeta; e o estado de degradação de parte da ecovia, que compromete a sua utilização. Em termos de elementos socioculturais, destacam-se o lixo que as pessoas deixam na Ria Formosa, sobretudo os pescadores, os viveiristas, os caravanistas e as pessoas que fazem praia; a sobrelotação da “Praia dos Tesos”, que prejudica o acesso à ria por parte dos que praticam desportos náuticos e alguns dos que fazem praia; as condutas desajustadas de certos veraneantes; a presença de cães na “Praia dos Tesos” e na ecovia; a captura em excesso e inadequada de marisco; e o comportamento desajustado de alguns utilizadores de embarcações que incomoda e coloca em perigo quem faz praia nas ilhas barreira e quem está à pesca no seu barco. Para além destes fatores, o fator mais disruptor do apego ao lugar foi a destruição da Ilha da Fuzeta ocorrida em 2010, que provocou uma quebra definitiva do apego de alguns entrevistados com esse lugar.

A categoria “Intervenções legislativas/fiscalização” comporta referências que revelam a existência de aspetos antagónicos. Se, por um lado, alguns entrevistados revelaram satisfação com as medidas que atualmente protegem a ria e consideram que estas ainda

são insuficientes, por outro, foram feitas muitas referências a aspetos que podem ser disruptivos para o apego ao lugar, nomeadamente a fiscalização e legislação em excesso e o receio das mesmas. No primeiro caso destacam-se as proibições de navegar com embarcações a motor nos canais secundários, as proibições relacionadas com a atividade de mariscar, a fiscalização para quem apanha inadequadamente marisco, a falta de informação para o público em geral sobre a captura de certas espécies e a falta de fiscalização dos viveiros. No segundo destaca-se o excesso de burocracia e o receio da fiscalização referido pelos que acampam nas ilhas barreira e por alguns dos que apanham marisco e crustáceos para vender e para consumo próprio.

As perceções de transformações futuras que podem afetar negativamente o apego dos residentes à Ria Formosa estão relacionadas com a deficiente manutenção da ria e com receio do desenvolvimento turístico da Fuzeta. No primeiro destaca-se o assoreamento natural do estuário e as insuficientes ou desajustadas dragagens e reposições de areia nas ilhas barreira, aspetos que podem impedir o acesso a essas ilhas, ao mar e ao canal para Tavira, comprometer a fauna e a flora existentes no estuário e levar mesmo ao desaparecimento da praia da Ilha da Fuzeta. Relativamente ao desenvolvimento turístico da Fuzeta, destaca-se o aumento de turistas e a construção de infra-estruturas turísticas, que podem prejudicar a relação dos entrevistados com a ria e com a Fuzeta.

Os entrevistados não referiram nenhuma transformação individual que possa ter contribuído para o apego ao lugar e, por isso, esta categoria não está presente na dimensão “Fatores que contribuem para o apego ao lugar”. O motivo para tal pode estar relacionado com a não ocorrência de uma transformação importante para os próprios antecedente ao período de recolha de informação, como um matrimónio ou uma mudança de residência desejada. Também foram poucas as referências a fatores disruptivos ao apego que podem ser organizadas nesta categoria, pois apenas alguns entrevistados fizeram referências a limitações físicas inerentes ao avançar da idade ou a problemas de saúde. Estes resultados podem estar relacionados com idade média dos entrevistados (51,3 anos), com a não ocorrência de um episódio traumático antecedente ao período de recolha de informação, como a morte de um familiar próximo ou a mudança forçada de residência e com a possibilidade de que a vontade em continuar a praticar as atividades de que gostam na ria e o prazer sentido pelas mesmas faz com que

os entrevistados secundarizam os aspetos relacionados com limitações físicas e problemas de saúde.

Apesar de nenhum dos entrevistados ter feito qualquer referência às alterações climáticas, muitos referiram aspetos relacionados com a degradação do ambiente natural, algumas das quais podem ser associadas a essas alterações, como a progressiva diminuição de marisco e peixe disponível para captura ou o aumento da presença de toxinas na água.

Cerca de metade dos fatores disruptivos identificados estão relacionados com o desenvolvimento turístico e são, por isso, consequência do facto de a Fuzeta ser uma vila em transição. Também foram identificados alguns antagonismos relacionados com o turismo, pois para alguns entrevistados que têm atividades profissionais na Ria Formosa e na Fuzeta, a presença de turistas é benéfica e são necessárias várias intervenções para melhorar a oferta e a satisfação dos visitantes mas, para outros, a superlotação nesta zona é um entrave às suas atividades. Alguns defendem mesmo que são necessárias medidas para proteger os residentes e a pacatez e a autenticidade da Fuzeta.

Estes aspetos antagónicos corroboram também as conclusões de Styliadis (2018) sobre a ausência de consenso entre os estudos que analisaram a relação entre o apego dos residentes e o desenvolvimento turístico. Recorrendo às conclusões de Carrus *et al.* (2014), referidas no ponto 2.2.2, sobre os estudos que relacionam o apego ao lugar com a degradação ambiental, os antagonismos relacionados com as intervenções legislativas, com a fiscalização e com o turismo podem ser explicados pela relação entre o apego ao lugar dos indivíduos e as escolhas pró-ambientais que estes fazem no seu quotidiano, pois nessas escolhas os indivíduos ponderam entre o prejuízo e o benefício para o seu bem-estar e para o seu lugar de residência.

Os antagonismos identificados são, segundo Queirós (2001), característicos dos Parques Naturais e das populações que lhes estão adjacentes, porquanto são as especificidades destes que lhes conferem simultaneamente quer o estatuto de Parque Natural e de zona protegida, quer a grande procura pelos mesmos para a prática de certas atividades que podem comprometer a sua estabilidade.

A compreensão da relação dos residentes da Fuzeta com a Ria Formosa, quando da prática de atividades e outras experiências, através do conceito de “apego ao lugar” foi assim conseguida através de uma definição e operacionalizações mais latas que permitiram uma análise através dos significados, valores, emoções, sentimentos, preferências, percepção de insubstituibilidade e factores disruptivos envolvidos nessa relação e determinantes para o apego dos entrevistados para com a Ria Formosa. Os residentes da Fuzeta entrevistados têm uma relação com a Ria Formosa que inclui um forte apego com o lugar. Este está diretamente relacionado com as atividades que lá praticam, com muitos elementos do meio físico e natural e também com elementos socioculturais do lugar, com as memórias ocorridas em fases anteriores da vida e com as expectativas futuras relativamente às atividades praticadas ou outras que esperam praticar.

## 5.2 Recomendações

Os resultados e as conclusões alcançados permitem sugerir várias recomendações para futuros trabalhos. Algumas delas estão relacionadas com o carácter exploratório que revestiu esta investigação. Assim, sugerem-se estudos qualitativos com recurso a fotografias, de modo a envolver mais os residentes e permitir a identificação de outros lugares na Ria Formosa que poderão ser significativos e permitir a identificação de significados, valores e afetos envolvidos. Estudos semelhantes a este, mas dirigidos aos visitantes da Fuzeta e a residentes de outras áreas populacionais pertencentes ao Parque Natural da Ria Formosa, permitirão perceber as diferenças e as semelhanças entre os apegos desses indivíduos e destes para com os residentes da Fuzeta. Parece importante também estudar, através de métodos qualitativos e quantitativos, a percepção da zona de residência dos residentes da Fuzeta de modo esclarecer o binómio Ria/Fuzeta, ou seja, identificar quantos residentes consideram a ria como pertencente à sua residência e porquê.

Sugerem-se também estudos quantitativos com questionários baseados nos resultados deste e de outros trabalhos para quantificar o apego dos residentes à Ria Formosa de modo a perceber as diferenças existentes em termos faixas etárias, sexo, das várias

atividades praticadas pelos residentes da Fuzeta e a posição dos mesmos face ao turismo e para generalizar os resultados ao resto da população.

### Referências Bibliográficas

Adrião, D. G. S. (2000) Representações sociais da natureza e do meio ambiente, *Revista de Ciências Humanas*, Edição especial temática, 67-81.

Albuquerque, H., Martins, F., Costa, C. (2009) Achieving forms of sustainable and competitive tourism in coastal areas. The case of Baixo Vouga, *Journal of Coastal Research*, 56, 1110-1114.

APOS - Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão (2018), Olhão para o Cidadão. Disponível em: [www.olhao.web.pt/visitar\\_fuzeta.htm](http://www.olhao.web.pt/visitar_fuzeta.htm) (acedido em 27 de Maio de 2018).

Augé, M. (1992) *Não Lugares – Introdução a uma Antropologia da supermodernidade*, 9ª edição, traduzido por Pereira, M. L., Campinas, Papyrus Editora.

Bell, M. M. (1997) The ghosts of place. *Theory and Society*, 26, 813-36.

Bricker, K. S. & Kerstetter, D. L. (2002) An interpretation of special place meanings whitewater recreationists attach to the South Fork of the American River, *Tourism Geographies*, 4 (4), 396-425.

Brown, B. B. & Perkins, D. D. (1992) Disruptions in Place Attachment, in in Altman, I. & Low, S. M. (eds.), *Place Attachment*, London, Plenum Press, 279-304.

Bryman, A. (2012), *Social Research Methods*. 4ª Edição. New York. Oxford University Press Inc..

Caldeira, A. E. C. G. (2015) *Viver da Ria – A requalificação da Ilha da Culatra*, Dissertação de Mestrado não publicada, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.

Carrus, G., Scopelliti, M., Fornara, F., Bonnes, M. & Bonaiuto, M. (2014) Place Attachment, Community Identification, and Pro-Environmental Engagement, in Manzo, L. C. & Devine-Wright, P. (eds.), *Place Attachment - Advances in Theory, Methods and Applications*, London, Routledge, 154-164.

Casakin, H. & Raizer, A. (2017) Place attachment, residential satisfaction, and life satisfaction: Traditional and renewed kibbutz, *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, 27 (7), 639-655.

CMF – Câmara Municipal de Faro (2018), Ria Formosa. Disponível em: [www.cm-faro.pt/menu/510/ria-formosa.aspx](http://www.cm-faro.pt/menu/510/ria-formosa.aspx) (acedido em 27 de Maio de 2018).

CMO – Câmara Municipal de Olhão (2018) Olhão... Património vivo. Disponível em: [www.cm-olhao.pt](http://www.cm-olhao.pt) (acedido em 1 de Junho de 2018).

Correia, A., Oliveira, C. & Pereira, R. (2014) From Emotions to Place Attachment, in Correia, A., Kozak, M., Gnoth, J. & Fyall, A. (eds.), *Co-Creation and Well-Being in Tourism*, Faro, Antónia Correia, CEFAGE, University of Algarve, 163-177.

Degnen, C. (2016) Socialising place attachment: place, social memory and embodied affordances, *Ageing & Society*, 36, 1645-1667.

Devine-Wright, P. (2014) Dynamics of Place Attachment in a Climate Changed World, in Manzo, L. C. & Devine-Wright, P. (eds.), *Place Attachment - Advances in Theory, Methods and Applications*, London, Routledge, 165-177.

Domingues, R. B., Costas, S., Jesus, S. N. & Ferreira, O. (2017) Sense of place, risk perceptions and preparedness of a coastal population at risk (Faro Beach, Portugal): a qualitative content analysis, *Journal of Spatial and Organizational Dynamics*, 5 (3), 163-175.

Eisenhauer, B. W., Krannich, R. S. & Blahna, D. J. (2000) Attachments to Special Places on Public Lands: An Analysis of Activities, Reason for Attachments, and Community Connections, *Society & Natural Resources*, 13, 421-441.

Elias, N. & Dunning, E. (1985) *Em busca da excitação*, traduzido por Silva, M. M. A., Lisboa, Difusão Editorial, Lda.

Esteves, M. (2006) Análise de Conteúdo, in Lima, J. A. & Pacheco, J. A. (Eds) *Fazer investigação: contributos para a elaboração de dissertações e teses*. Porto Editora. 105-125.

Felippe, M. L. & Kuhnen, A. (2012) O apego ao lugar no contexto dos estudos pessoa-ambiente: práticas de pesquisa, *Estudos de Psicologia*, 29 (4), 609-617.

Giddens, A. (1984) *The Constitution of Society*, Cambridge, Polity Press.

Giddens, A. (1990) *As consequências da modernidade*, traduzido por Fiker, R., São Paulo, Unesp.

Gieryn, T. F. (2000) A Space for Place in Sociology, *Annual Review of Sociology*, 26, 463-496.

Giuliani, M. V. (2003) Theory of attachment and place attachment, in Bonnes, M., Lee, T. & Bonaiuto, M. (eds.), *Psychological theories for environmental issues*, Aldershot, Ashgate, 137-170.

Greider, T. & Garkovich, K. (1994) Landscapes: The Social Construction of Nature and the Environment, *Rural Sociology*, 59 (1), 1-24.

Gunderson, K. & Watson, A. (2007) Understanding Place Meanings on the Bitterroot National Forest, Montana, *Society and Natural Resources*, 20, 705-721.

- Gustafson, P. (2014) Place Attachment in an Age of Mobility, in Manzo, L. C. & Devine-Wright, P. (eds.), *Place Attachment - Advances in Theory, Methods and Applications*, London, Routledge, 37-48.
- Hall, S. (1992) *A identidade cultural na pós-modernidade*, 11ª edição, traduzido por Silva, T. T. & Louro, G. L., Rio de Janeiro, DP&A.
- Hernández, B., Hidalgo, M. C. & Ruiz, C. (2014) Theoretical and Methodological Aspects of Research on Place Attachment, in Manzo, L. C. & Devine-Wright, P. (eds.), *Place Attachment - Advances in Theory, Methods and Applications*, London, Routledge, 125-137.
- Hufford, M. (1992) Thresholds to an Alternate Realm - Mapping the chaseworld in new jersey's pine barrens, in Altman, I. & Low, S. M. (eds.), *Place Attachment*, London, Plenum Press, 231-252.
- ICNF - Instituto de Conservação da Natureza das florestas (2018), Parque Natural da Ria Formosa. Disponível em: <http://www2.icnf.pt/portal/ap/p-nat/pnrf> (acedido em 27 de Maio de 2018).
- INE (2011) Censos 2011. Disponível em: [www.censos.ine.pt](http://www.censos.ine.pt) (acedido em 1 de Junho de 2018).
- Jerolmack, C. (2012) Toward A Sociology of Nature, *The Sociological Quarterly*, 53 (4), 501-505.
- Johnson, M. (2007). *The meaning of the body: Aesthetics of human understanding*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Keske, C. M. H., Bixler, R. P., Bastian, C. T. & Cross, J. E. (2017) Are Population and Land Use Changes Perceived as threats to Sense of Place in the New West? A Multilevel Modeling Approach, *Rural Sociology*, 82 (2), 263-290.
- Kim, S., LaGrange, R. L. & Willis, C. L. (2013) Place and Crime: Integrating Sociology of Place and Environmental Criminology, *Urban Affairs Review*, 49 (1), 141-155.
- Klanlcka, S., Buchecker, M., Hunziker, M. & Müller-Böker, U. (2006) Locals' and Tourists' Sense of Place, *Mountain Research and Development*, 26 (1), 55-63.
- Legard, R., Keegan, J. & Ward, K. (2003) In-depth Interviews, J. & Lewis, J. (eds) *Qualitative research practice - A Guide for Social Science Students and Researchers*, London, Sage Publications, 47-76.
- Leite, N. K. (2008) *Turismo e território: um estudo sobre a Turistificação de Portimão (Algarve/Portugal) a partir da geografia do turismo*, Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade de Lisboa.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G. & Boutin, G. (2005), *Investigação Qualitativa – Fundamentos e Práticas*. 2ª edição, Lisboa, Instituto Piaget.

- Lewicka, M. (2011a) Place attachment: How far have we come in the last 40 years?, *Journal of Environmental Psychology*, 31, 207-230.
- Lewicka, M. (2011b) On the varieties of people's relationships with places: Hummon's typology revisited, *Environment and Behavior*, 43 (5), 676-709.
- Lewicka, M. (2014) In Search of Roots – Memory as Enabler of Place Attachment, in Manzo, L. C. & Devine-Wright, P. (eds.), *Place Attachment - Advances in Theory, Methods and Applications*, London, Routledge, 49-60.
- Lewis, J. (2003) Design Issues in Ritchie, J. & Lewis, J. (eds) *Qualitative research practice - A Guide for Social Science Students and Researchers*, London, Sage Publications, 47-76.
- Low, S. M. & Altman, I. (1992) Place attachment: a conceptual inquiry, in Altman, I. & Low, S. M. (eds.), *Place Attachment*, London, Plenum Press, 165-185.
- Macnaghten, P. & Urry, J. (2012) Toward a Sociology of Nature, *Sociological*, 29 (2), 203-220.
- Maguire, M. & Delahunt, B. (2017) Doing a Thematic Analysis: A Practical, Step-by-Step Guide for Learning and Teaching Scholars, *All Ireland of Teaching and Learning in Higher Education*, 3, 1-14. Disponível em: <http://ojs.aishe.org/index.php/aishe-j/article/view/335> (acedido em 25.05.2019).
- Mandal, A. (2016) Size and type of places, geographical region, satisfaction with life, age, sex and place attachment, *Polish Psychological Bulletin*, 47 (1), 159-169.
- Mantey, D. (2015) The role of public spaces in creating place attachment (example of Zacisze, Warsaw housing estate), *Miscellanea Geographica – regional studies on development*, 16 (3), 36-42.
- Manzo, L. C. & Devine-Wright (2014) Introduction, in Manzo, L. C. & Devine-Wright, P. (eds.), *Place Attachment - Advances in Theory, Methods and Applications*, London, Routledge, 1-7.
- Mcneely, J. A. (1993) A Summary Report of the IV<sup>th</sup> World Congress on National Parks and Protected Areas, in Mcneely, J. A. (ed.), *Parks for Life: Report of the IVth World Congress on National Parks and Protected Areas*, IUCN, Switzerland, 154-164.
- Milligan, M. (1998) Interactional past and potential: The social construction of place attachment, *Symbolic Interaction*, 21(1), 1-33.
- Moreira, C. D. (1987) *Populações Marítimas em Portugal*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Moreira, E. V. & Hespanhol, R. A. M. (2007) O lugar como uma construção social, *Revista Formação*, 14 (2), 48-60.

- Moulay, A., Ujang, N., Maulan, S. & Ismail, S. (2018) Understanding the process of parks' attachment: Interrelation between place attachment, behavioural tendencies, and the use of public place, *City, Culture and Society*, 14, 28-36.
- Natural.Pt (2018), Parque Natural da Ria Formosa. Disponível em: [www.natural.pt/portal/pt/About](http://www.natural.pt/portal/pt/About) (acedido em 27 de Maio de 2018).
- Norberg-Schultz, C. (1979). *Genius loci. Towards a phenomenology of architecture*. New York: Rizzoli.
- Pellow, D. (1992) Spaces That Teach - attachment to the african compound, in Altman, I. & Low, S. M. (eds.), *Place Attachment*, London, Plenum Press, 187-210.
- Perna, F. (2005) Método de Avaliação Contingencial na Avaliação de Benefícios Económicos e Sociais das Actividades Recreativas em Áreas Protegidas: Aplicação e Discussão do Papel dos Free Riders, *Tourism: Research Papers*, 1, 47-60.
- Pineda, E. E. K. (2013) Representaciones y significados en la relación espácio-sociedad: una reflexión teórica, *Sociológica*, 28 (78), 69-98.
- Presidência do Conselho de Ministros (2018) Diário da República, 1ª série, Nº 174, 27 de Julho de 1976. Disponível em: <https://blook.pt/legislation/diplomas/PT/186910/> (acedido em 8 de Junho de 2018).
- Queirós, M. (2001) Os parques naturais e o ordenamento do Território em Portugal, *Inforgeo*, 16/17, 141-150.
- Reineman, D. R. & Ardoin, N. M. (2018) Sustainable tourism and the management of nearshore coastal places: place attachment and disruption to surf-spots, *Journal of Sustainable Tourism*, 26 (2), 325-340.
- Rubinstein, R. L. & Parmelee, P. A. (1992) Attachment to Place and the Representation of the Life Course by Elderly, in Altman, I. & Low, S. M. (eds.), *Place Attachment*, London, Plenum Press, 139-163.
- Riley, R. B. (1992) Attachment to the Ordinary Landscape, in Altman, I. & Low, S. M. (eds.), *Place Attachment*, London, Plenum Press, 13-35.
- Santos, J. M. F. (2017) *Património e turismo: o poder da narrativa*, Lisboa, Editora Colibri.
- Santos, M. (1997) *Espaço e método*, 4ª edição, São Paulo, Nobel.
- Scannell, L. & Gifford, R. (2010) Defining place attachment: A tripartite organizing framework, *Journal of Environmental Psychology*, 30, 1-10.
- Scannell, L. & Gifford, R. (2014) Dynamics of Place Attachment in a Climate Changed World, in Manzo, L. C. & Devine-Wright, P. (eds.), *Place Attachment - Advances in Theory, Methods and Applications*, London, Routledge, 23-36.

Schilar, H. & Keskitalo, E. C. H. (2017) Tourism activity as an expression of place attachment–place perceptions among tourism actors in the Jukkasjärvi area of northern Sweden, *Scandinavian Journal Of Hospitality And Tourism*. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15022250.2017.1389123>, (acedido em: 09.10.2018).

Silva, R. M. G. M. (2015) *O apego ao lugar como determinante das intenções comportamentais no turismo: o caso do Alentejo*. Tese de Doutoramento não publicada, Universidade do Algarve.

Stedman, R. C. (2003) Is It Really Just a Social Construction?: The Contribution of the Physical Environment to Sense of Place. *Society & Natural Resources: An International Journal*, 16 (8), 671-685.

Stedman, R. C., Amsden, B. L., Beckley, T. M. & Tidball, K. G. (2014) Photo-Based Methods for Understanding Place Meanings as Foundations of Attachment, in Manzo, L. C. & Devine-Wright, P. (eds.), *Place Attachment - Advances in Theory, Methods and Applications*, London, Routledge, 112-124.

Stylidis, D. (2018) Place Attachment, Perception of Place and Residents' Support for Tourism Development, *Tourism Planning & Development*, 15 (2), 188-210.

Souza, O. T. & Brandenburg, A. (2010) A quem pertence o espaço rural? As mudanças na relação sociedade/natureza e o surgimento da dimensão pública do espaço rural, *Ambiente & Sociedade*, 13 (1), 51-64.

Tsaur, S., Liang, Y. & Weng, S. (2014) Recreationist-environment fit and place attachment, *Journal of Environmental Psychology*, 40, 421-429.

União de Freguesias de Moncarapacho e Fuzeta (2018), História da Fuzeta. Disponível em: <http://www.uf-moncarapacho-fuzeta.pt/site/index.php/a-freguesia/historia/fuzeta> (acedido em 27 de Maio de 2018).

Ujang, N. & Zakariya, K. (2015) Place Attachment and the Value of Place in the Life of the Users, Norsidah Ujang and Khalilah Zakariya / *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 168, 373-380.

Urry, J. (2004) The Sociology of Space and Place, in Blau, J. R. (ed.), *The Blackwell Companion to Sociology*, Malden, USA, Blackwell Publishing, 3-15.

Wilkins, E. J. & Urioste-Stone, S. (2018) Place attachment, recreational activities, and travel intent under changing climate conditions, *Journal of Sustainable Tourism*, 26 (5), 798-811.

Williams, D. R. (2014) “Beyond the Commodity Metaphor,” Revisited – Some Methodological Reflections on Place Attachment Research, in Manzo, L. C. & Devine-Wright, P. (eds.), *Place Attachment - Advances in Theory, Methods and Applications*, London, Routledge, 89-99.

Woosnam, K. M., Aleshinloye, K. D., Ribeiro, M. A., Stylidis, D., Jiang, J. & Erul, E. (2018) Social determinants of place attachment at a World Heritage Site, *Tourism Management*, 67, 139-146.

Wynveen, C. J., Kyle, G. T. & Sutton, S. G. (2012) Natural area visitors' place meaning and place attachment ascribed to a marine setting, *Journal of Environmental Psychology*, 32, 287-296.

## **Apêndice 1 - Guião de Entrevista Semi-estruturada (1/3)**

### **Apresentação da investigação**

Esta entrevista insere-se na dissertação “Place attachment dos residentes de uma vila piscatória em transição: A ligação dos residentes da Fuzeta com a Ria Formosa”, realizada por Flávio Aleixo no âmbito do mestrado em Sociologia da Universidade do Algarve.

Pretende-se, através de várias entrevistas, compreender a ligação entre os residentes da Fuzeta e a Ria Formosa.

A entrevista está dividida em 4 partes: as primeiras três sobre a sua relação com a ria formosa e as atividades que pratica ou espera praticar nesse espaço e uma quarta para anotar alguns dados sociodemográficos.

### **Procedimentos da entrevista e direitos do entrevistado**

Gostaria de frisar que todas as suas opiniões e perspetivas são importantes, e além disso, não existem respostas ou opiniões erradas, porque cada indivíduo tem uma perspetiva única e própria que é fundamental para esta investigação.

A sua identidade e tudo o que aqui será dito será estritamente confidencial, independentemente de este estudo poder vir a ser publicado.

Necessito da sua autorização para gravar a entrevista de modo a poder transcrever posteriormente o que dissermos.

Esta entrevista terá uma duração aproximada de uma hora e o Sr.<sup>(a)</sup> pode optar por não responder a qualquer pergunta, abandonar a entrevista em qualquer momento ou mesmo pedir a anulação da mesma.

Antes de iniciarmos gostaria de saber se tem alguma questão que deseja esclarecer.

## **Entrevista**

### *Parte I – o presente*

Começamos por conversar sobre as atividades ou relações que atualmente tem com a Ria formosa, nomeadamente com esta porção de ria que está em contato com a Fuzeta.

1.1. Podia-me falar um pouco das atividades que mantém na ria ao longo do ano.

- Quais
- Importância
- Frequência

## Apêndice 1 - Guião de Entrevista Semi-estruturada (2/3)

1.2. O que mais aprecia (gosta) na ria?

- Elementos físicos
- Elementos socioculturais
- Sentimentos que a ria provoca

1.3. O que acha que as pessoas que visitam a Fuzeta mais apreciam da ria? O que as atrai?

1.4. Tem lugares preferidos ou especiais na ria, por exemplo lugares que se tornaram mais significativos porque viveu algum acontecimento marcante nesse lugar ou porque é o lugar que se desloca com mais frequência? Porquê?

1.5. Existem outros lugares em que pode realizar as mesmas atividades/experiências? Quais?

1.6. Se pudesse substituí-lo o seu lugar aqui da ria por esse(s)? Porquê?

1.7. Existem aspetos que prejudicam a sua relação/atividades com a ria/lugares preferidos?

- Intervenções do homem no mundo físico
- Dinamismo do mundo natural
- Elementos sociais
- Elementos culturais
- Alterações climáticas
- Transformações individuais

1.8. Desloca-se as vezes que quer aos lugares que gosta da ria ou gostaria de ir lá mais vezes? Porquê?

1.9. Quando fica muito tempo sem aceder à ria/lugares preferidos, sente falta dos mesmos? Do quê exatamente? Porquê?

1.10. Para finalizar e concluir esta parte, eu gostaria que me falasse do que a ria/lugar representa para si (importância)?

### *Parte II – o passado*

Agora vamos conversar sobre as memórias que guarda da ria. [memórias das interações associadas com o lugar]

2.1. Quais são as suas primeiras memórias da ria?

- Idade
- Elementos físicos
- Elementos socioculturais

## **Apêndice 1 - Guião de Entrevista Semi-estruturada (3/3)**

2.2. E mais tarde... quais são as recordações mais fortes que guarda da ria?

2.3. Existem outros acontecimentos marcantes passados na ria? Pode narra-los...

2.4. Que significado têm para si essas memórias? Porquê?

### *Parte III – o futuro*

O último bloco de perguntas remete para o futuro ou para várias possibilidades que lhe vão ser colocadas...

3.1. Pensa praticar ou ter novas experiências na ria no futuro? Quais?

3.2. E relativamente às atividades ou experiências que desenvolve na ria, prevê que ocorram transformações ou alterações num futuro próximo?

- Intervenções do homem no mundo físico
- Dinamismo do mundo natural
- Elementos socioculturais
- Alterações climáticas
- Transformações individuais

3.3. Pensa que no futuro existirá mais alguma coisa que altere a sua relação com a ria no geral e que ainda não tenha mencionado?

3.4. Numa situação em que poderia morar e/ou trabalhar numa outra localidade longe da ria mas com as mesmas condições económicas e sociais que as que tem actualmente mudaria para essa outra localidade? Porquê?

3.5. E se essa situação fosse melhor, ou seja, uma casa mais adequada às suas preferências, uma profissão mais gratificante e com maior rendimento, aceitaria viver longe da Fuzeta e da ria? Porquê?

### *Parte IV – Caracterização socioprofissional*

4.1. Idade.

4.2. Sexo.

4.3. Habilitações literárias.

4.4. Pode falar-me do seu percurso profissional.

Antes de terminar, pergunto-lhe se gostaria de acrescentar mais alguma coisa ou aprofundar algum assunto que tenhamos mencionado...

Muito obrigado pela sua colaboração.

## Apêndice 2 - Caracterização Sócio Profissional da amostra

Unidade de contexto	Sexo	Idade	Habilitações Literárias	Situação profissional
E1	M	72	Ensino Superior	Reformado
E2	F	67	Até ao 9º ano	Reformado
E3	M	55	12º ano	Empresário (papelaria/tabacaria)
E4	M	49	12º ano	Músico e empresário (minimercado)
E5	M	64	Até ao 9º ano	Funcionário da AmbiOlhão
E6	M	47	12º ano	Topógrafo e empresário de alojamento local
E7	F	63	Até ao 9º ano	Assistente técnica da Junta de Freguesia
E8	M	45	12º ano	Encarregado de uma ostricultura e Formador de Marinharia, de iniciação e avançada, e de tecnologia da pesca
E9	F	43	Até ao 9º ano	Auxiliar de educação numa creche
E10	M	76	12º ano	Reformado
E11	M	61	Até ao 9º ano	Encarregado de uma ostricultura
E12	M	33	Ensino Superior	Empresário no setor marítimo-turístico
E13	F	46	12º ano	Empresária (Loja de roupa de criança e estabelecimento de restauração na ilha da Fuzeta)
E14	M	39	Ensino Superior	Gestor de produção de insectos
E15	F	62	12º ano	Empresária (estabelecimento de restauração na “Praia dos Tesos”)
E16	F	55	12º ano	Assistente Técnica no parque de campismo
E17	M	64	Até ao 9º ano	Reformado (mas ainda é Mariscadora)
E18	M	48	12º ano	Pescador de Arraias
E19	F	77	Até ao 9º ano	Reformada (mas ainda é Mariscadora)
E20	F	46	Ensino Superior	Farmacêutica
E21	M	50	Ensino Superior	Empresário e Técnico de óptica ocular
E22	M	42	Ensino Superior	Proprietário, Direção Técnica de farmácia e Farmacêutico
E23	F	45	12º ano	Assistente técnica (administrativa)
E24	F	19	Ensino Superior	Estudante Universitária
E25	F	18	12º ano	Estudante
E26	M	48	12º ano	Bancário

### Apêndice 3 - Subcategorias criadas através da análise de conteúdo (1/3)

<b>Fatores que contribuem para o apego ao lugar</b>	<b>Atividades</b>	<b>Lazer</b>	Apanhar conchas nas ilhas barreira
			Contemplar
			Exercício físico dentro de água
			Fazer caminhadas na ecovia
			Fazer campismo nas ilhas barreira
			Fazer ciclismo na ecovia
			Fazer praia
			Mariscar
			Passear na ria
			Pescar na ria
			Praticar desportos náuticos na ria
			Tirar fotografias
		Viver no barco	
		<b>Profissionais</b>	Empresário de restauração (de praia)
			Empresário marítimo-turístico
	Assistente Técnica no parque de campismo		
	Mariscador por conta própria		
	Ostricultor		
	Pescador Profissional na Ria		
	<b>Outras</b>	Pescador Profissional no Mar	
		Membro dos Corpos Sociais da Associação Foz do Eta	
		Membro dos Corpos Sociais do Clube Náutico da Fuzeta	
	<b>Meio físico e natural</b>	Ria como passagem para o mar	
		Facilidade de acesso	
		Água/Mar	
		Barra	
		Barra velha	
		Fauna e flora	
		Ilha da Fuzeta	
		Lama	
		Natureza	
		Cheiro da Ria	
		Dinamismo natural da Ria	
Sentimentos que a Ria provoca			
Paisagem			
Ponta das pedras			
Praia dos Tesos			
Salinas			
Salva-Vidas			
Insubstituibilidade da ria e da Fuzeta			
Viveiros			
<b>Elementos socioculturais</b>		Conhecer pessoas	
	Encontrar pessoas		
	Ensinar		
	Praticar atividades em grupo		
	Solidariedade entre os donos dos barcos		
	Ver muitas pessoas		

**Apêndice 3 - Subcategorias criadas através da análise de conteúdo (2/3)**

<b>Fatores que contribuem para o apego ao lugar</b>	<b>Intervenções legislativas/fiscalização</b>	A burocracia é boa
		Ainda bem que os barcos de arrasto são proibidos
		Para proteger a ria são necessárias leis duras
	<b>Ligação ao passado</b>	Acontecimentos
		Atividades
		Crescer na Ria/Fuzeta
		Nascer na Ria/Fuzeta
		Viver na Ria/Fuzeta
	<b>Expetativas</b>	Não vou ter novas atividades
		Gostava de ter mais atividades de lazer
		Expetativa positiva em relação à atividade profissional
		Gostaria de transmitir isto aos meus filhos
		Gostava de viver num barco na ria
		Gostava de manter a ligação com esta zona
	<b>O que os visitantes mais apreciam</b>	A autenticidade
		As caraterísticas dos residentes
		O clima
		A liberdade
		Mariscar
		A natureza
A paisagem		
A praia		
A praia dos Tesos		
A privacidade		
Os restaurantes		
O Salva-Vidas		
A segurança		
A tranquilidade do lugar		

### Apêndice 3 - Subcategorias criadas através da análise de conteúdo (3/3)

<b>Fatores disruptivos do apego ao lugar</b>	<b>Meio físico e natural</b>	Intervenções do homem no meio físico	Inexistência de infra-estruturas de praia
			Inexistência de infra-estruturas portuárias
			Degradação da ecovia
			Degradação do edifício emblemático
			Degradação dos acessos pedonais na praia
			Demasiadas concessões de praia e viveiros
			Excesso de lixo
			Poluição na água causada pelos motores
			Problemas com o assoreamento e as dragagens
			Problemas nas carreiras para a Ilha da Fuzeta
		Dinamismo do mundo natural	Águas demasiado quentes que matam as amêijoas
			Algas e ondas que prejudicam o tomar banho
			Assoreamento do estuário da Ria Formosa
			Erosão do mar na Ilha da Fuzeta
	<b>Elementos socioculturais</b>	As pessoas deixam lixo em lugares públicos	
		Excesso de captura ou captura inadequada de marisco	
		As pessoas não têm cuidado com os seus cães	
		Praia lotada e condutas desajustadas	
		Presença de carros na ecovia	
		Problemas com embarcações	
		Roubam os viveiros	
	<b>Intervenções legislativas/fiscalização</b>	Leis e fiscalização em excesso	
		Leis e fiscalização insuficientes	
Receio da fiscalização			
<b>Transformações individuais</b>	Adapto a prática à idade		
	Problemas físicos		
	Só por motivos de saúde é que deixo de fazer o que faço		
<b>Expetativas</b>	Menos peixe e menos marisco		
	Problemas causados pela deficiente de manutenção da ria		
	Receio das construções que prejudiquem os residentes		

### Apêndice 4 - Atividades por entrevistado

Atividades			UC	Sexo	Idade
Lazer	Profissionais	Outras			
Fazer praia, Mariscar, Pescar na ria			E1	M	72
Contemplar, Fazer praia, Mariscar, Passear na ria			E2	F	67
Contemplar, Exercício físico dentro de água			E3	M	55
Contemplar, Fazer praia			E4	M	49
Fazer caminhadas na ecovia, Fazer praia, Pescar na ria			E5	M	64
Apanhar conchas nas ilhas barreira, Contemplar, Fazer praia, Mariscar, Passear na ria			E6	M	47
Fazer caminhadas na ecovia, Fazer praia, Mariscar			E7	F	63
Fazer praia, Mariscar, Passear na ria, Pescar na ria, Viver no barco	Ostricultura, Pescador		E8	M	45
Fazer caminhadas na ecovia, Campismo nas ilhas barreira, Mariscar			E9	F	43
Fazer ciclismo na Ecovia, Contemplar, Fazer praia, Passear na ria			E10	M	76
Fazer praia	Ostricultura		E11	M	61
Campismo nas ilhas barreira, Passear na ilha, Viver no barco	Empresário marítimo-turístico		E12	M	33
Fazer caminhadas na ecovia, Acampar nas ilhas barreira, Passear na ria	Empresário de restauração		E13	F	46
Campismo nas ilhas barreira, Mariscar, Pescar na ria			E14	M	39
Contemplar	Empresário de restauração		E15	F	62
Passear na ria	Funcionário do Parque de Campismo	Associação Foz do Eta	E16	F	55
Apanhar conchas nas ilhas barreira, Campismo nas ilhas barreira	Mariscador	Voluntariado	E17	M	64
Fazer praia	Pescador		E18	M	48
Contemplar	Mariscador		E19	F	77
Fazer caminhadas na ecovia, Praticar desportos náuticos na ria, Fazer praia, Passear na ria, Tirar fotografias			E20	F	46
Fazer ciclismo na Ecovia, Praticar desportos náuticos na ria, Mariscar, Passear na ria		Clube Náutico da Fuzeta,	E21	M	50
Praticar desportos náuticos na ria, Fazer praia, Passear na ria		Praticantes Federados	E22	M	42
Fazer caminhadas na ecovia, Fazer praia, Passear na ria			E23	F	45
Campismo nas ilhas barreira, Contemplar, Fazer praia, Passear na ria, Tirar fotografias			E24	F	19
Fazer praia, Passear na ria			E25	F	18
Fazer caminhadas na ecovia, Praticar desportos náuticos na ria, Mariscar, Passear na ria, Pescar na ria		Associação Foz do Eta	E26	M	48

**Apêndice 5 - Emoções e sentimentos identificados nos entrevistados autores que também os identificaram nos seus trabalhos**

<b>Categorias</b>	<b>Sentimentos e emoções dos entrevistados</b>	<b>Referência de trabalhos em que foi identificado o mesmo sentimento/emoção</b>
<b>Atividades</b>	Prazer	Bricker e Kerstetter (2002) <sup>a</sup> ; Wynveen <i>et al.</i> (2012) <sup>p</sup>
	Satisfação	Bricker e Kerstetter (2002) <sup>a</sup> ; Wynveen <i>et al.</i> (2012) <sup>p</sup>
	Relaxe	Bricker e Kerstetter (2002) <sup>a</sup> ; Wynveen <i>et al.</i> (2012) <sup>p</sup> ; Silva (2015) <sup>c</sup>
	Tranquilidade e sossego	Bricker e Kerstetter (2002) <sup>a</sup> ; Wynveen <i>et al.</i> (2012) <sup>p</sup> ; Silva (2015) <sup>c</sup>
	Conforto	Wynveen <i>et al.</i> (2012) <sup>p</sup> ; Stylidis (2018) <sup>d</sup>
	Amor	Pellow (1992) <sup>e</sup> ; Bricker e Kerstetter (2002) <sup>a</sup> ; Ujang e Zakarya (2015) <sup>f</sup>
	Liberdade	-
<b>Meio físico e natural</b>	Paz, sossego, calma e tranquilidade	Bricker e Kerstetter (2002) <sup>a</sup> ; Stedman (2003) <sup>g</sup> ; Wynveen <i>et al.</i> (2012) <sup>b</sup> ; Silva (2015) <sup>c</sup>
	Bem-estar	Stedman (2003) <sup>g</sup> ; Wynveen <i>et al.</i> (2012) <sup>p</sup>
	Prazer e satisfação	Wynveen <i>et al.</i> (2012) <sup>p</sup> ; Tsaour <i>et al.</i> (2014) <sup>h</sup>
	Liberdade	Wynveen <i>et al.</i> (2012) <sup>p</sup>
	Paixão e amor	Wynveen <i>et al.</i> (2012) <sup>p</sup> ; Ujang e Zakarya (2015) <sup>i</sup> ; Silva (2015) <sup>c</sup>
	Orgulho	Ujang e Zakarya (2015) <sup>i</sup>
	Sentido de lar	Gunderson e Watson (2007) <sup>j</sup> ; Stylidis (2018) <sup>d</sup> ; Reineman e Ardoin (2018) <sup>j</sup>
	Sentimento de proximidade	-
Sentimento de perda	Stedman (2003) <sup>g</sup> ; Silva (2015) <sup>c</sup>	
<b>Elementos socioculturais</b>	Saudável	-
	Engraçado	-
	Espetacular	-
	Essencial	-
	Prazer	Bricker e Kerstetter (2002) <sup>a</sup> ; Wynveen <i>et al.</i> (2012) <sup>p</sup>
	Alegria	Bricker e Kerstetter (2002) <sup>a</sup> ; Wynveen <i>et al.</i> (2012) <sup>p</sup>
<b>Intervenções legislativas/fiscalização</b>	Satisfação	Gunderson e Watson (2007) <sup>j</sup>
	Sentimentos de proteção	Bricker e Kerstetter (2002) <sup>a</sup> ; Gunderson e Watson (2007) <sup>j</sup> ; Ujang e Zakarya (2015) <sup>i</sup>
	Sentimento de propriedade	Felippe e Kuhnen (2012) <sup>k</sup>
<b>Ligação ao passado</b>	Prazer	Reineman e Ardoin (2018) <sup>j</sup>
	Felicidade	-
	Nostalgia	-
	Sentimento de pertença	Bricker e Kerstetter (2002) <sup>a</sup> ; Silva (2015) <sup>c</sup>
	Sentimento de propriedade	Felippe e Kuhnen (2012) <sup>k</sup>
<b>Expetativas</b>	Prazer	-

- a) Identificado em indivíduos que fazem *rafting* e caiaque no rio American River (Califórnia)
- b) Identificado em visitantes do Parque Marítimo da Grande Barreira de Coral australiana
- c) Identificado em visitantes do Alentejo no apego a certos pontos do distrito de Évora
- d) Identificado em residentes da cidade de Kavala (Grécia) no apego à cidade
- e) Identificado em habitantes do complexo habitacional de Somo's, em Acra (Gana)
- f) Identificado em residentes de Kuala Lumpur (Malásia) no apego ao centro dessa cidade
- g) Identificado em residentes de Vilas County (Wisconsin) no apego à zona natural envolvente
- h) Identificado em caminhantes do Parque Nacional de Yangmingshan (Taiwan)
- i) Identificado em residentes que vivem nas proximidades da Floresta Nacional de Bitterrot
- j) Identificado em surfistas da costa da Califórnia no seu apego aos seus lugares de surf
- k) Identificado numa análise a artigos científicos relacionados com o apego ao lugar nas bases de dados *Science Direct* e *Sage*

## Apêndice 6 – Exemplos dos tipos de apego ao lugar (1/2)

Tipo de apego ao lugar	Exemplos
Prático	<p><i>Epá! é o tocar na areia. Apanhar o marisco. O tomar banho é segundo plano... a praia em si é mais pelo gozo de mariscar do que pela praia. Quando a maré está cheia estou à pesca, descansar é muito raro. Faço pesca desportiva com os moços, pesca apeada. Na maré vazia vou-me entreter, apanhar uns lingueirões, umas amêijoas, uns berbigões, tudo o que vem à rede é peixe (E8, homem, 45 anos)</i></p> <p><i>Podemos ir navegar [windsurf] lá fora [mar], porque nós saímos da barra e estamos lá fora e estamos cá dentro, que é uma das coisas que eu gosto mais de fazer, é conseguir navegar cá dentro, sair para fora (E21, homem, 50 anos)</i></p> <p><i>Isto é mesmo fabuloso e é por isso que a malta gosta de vir para aqui [...] Vou apanhar lingueirões? Não me apetece, vou à pesca? Não me apetece, vou às ostras? Não me apetece, vou ao caranguejo? Vou só passear, vou só remar. É tudo aqui. É por isso que isto é bom (E26, homem, 48 anos)</i></p>
Económico	<p><i>Eu gosto muito, muito de ir à maré [para mariscar]. Não posso, não posso estar em casa sem vir aqui. Eu tenho que vir aqui, porque sabendo, além do gostar, de vir, faz falta (E19, mulher, 77 anos)</i></p> <p><i>A ria é ganha-pão, porque desporto é para quem tem outra maneira de trabalhar, outra vida (E17, homem, 64 anos)</i></p>
Meio físico	<p><i>A gente está ali a nadar e estão os peixes-agulhas, os peixes rei. Nós estamos no meio da natureza, a apreciar aquilo tudo, os chocos, às vezes os polvos [...] O que é que a gente pode querer mais? (E3, homem, 55 anos)</i></p> <p><i>Eu sou-te sincero, aquilo que eu conheço, já tenho visitado muitos sítios, acho que igual à nossa paisagem não existe [...] Costumo dizer que lá parece que vamos buscar forças para o dia-a-dia [...] É um ouro que nós temos (E4, homem, 49 anos)</i></p> <p><i>O que eu acho que me faz gostar da ria é a natureza [...] Quando faz sol a um sábado de manhã e consigo ir sinto que me liberta qualquer coisa, que fico mais leve e faz-me sentir melhor (E14, homem, 39 anos)</i></p>
Proximidade	<p><i>É para te dizer, isto aqui é único, da proximidade que tens, do espaço que há, do poderes usar pouco ou nada, mesmo em dias desagradáveis, que eu gosto de ir lá, dá aquela pujança invernosa, a ver as cores, eu adoro ver as cores da água (E6, homem, 47 anos)</i></p> <p><i>Nós temos a facilidade que também a ria nos proporciona é também esta proximidade, a gente estaciona, vai e mesmo num dia muito ocupado, muitas vezes consegue-se ir à praia (E22, homem, 42 anos)</i></p>
Lar	<p><i>Quando os meus clientes me perguntam se gosto de estar aqui, respondo: - Então? Isto é o meu jardim (E12, homem, 33 anos)</i></p> <p><i>Mas a ria é a minha casa (E21, homem, 50 anos)</i></p> <p><i>Aqui estamos em casa [...] Acho que não conseguia viver sem isso, é um cantinho que não se encontra em mais lado (E24, mulher, 19 anos)</i></p>

## Apêndice 6 – Exemplos dos tipos de apego ao lugar (2/2)

Social	<p><i>Desde pequenino fui habituado a isto [a viver na ria e da ria] e quero passar isto aos meus filhos e é esse ponto de vista que eu tenho. Fiz força para continuar a fazer o que os meus pais fizeram comigo. Maneira que usufruímos deste espaço que é maravilhoso e que eles [filhos] tenham uma ideia diferente na natureza (E8, homem, 45 anos)</i></p> <p><i>Aquilo [acampar na barra velha] é o paraíso [...] Aquilo é um convívio que a gente já não passa sem aquilo (E9, mulher, 43 anos)</i></p> <p><i>No fundo é o genuíno que a gente tem é acampar na praia, que é uma coisa espectacular que a gente tem, [...] ver as famílias unidas a montar as tendas, a fazer a comida, ir à maré, os pais a ensinarem os filhos a ir ao marisco, a ir ao polvo, acho isso espectacular. Porque no fundo, se não fizermos isso o que é que se passa? Não se passa nada, a nossa cultura vai-se perder (E12, homem, 33 anos).</i></p>
Nascimento e crescimento	<p><i>Esta ria representa também muito para mim no sentido em que eu cresci ali, eu pesquei ali, corri ali, andei na lama, mergulhei, fiz tudo (E1, homem, 72 anos)</i></p> <p><i>Depois toda a minha ligação foi ali, cresci ali na praia, na lama, apanhar casulo, à pesca, foi tudo ali (E12, homem, 33 anos)</i></p> <p><i>É incrível... é a minha paixão, é a zona da ria [...] É onde eu nasci, praticamente, desde a idade dos 5, 6 anos a tomar banho na ria pois aquilo já está dentro do corpo [ri]. A água já está infiltrada [ri] (E17, homem, 64 anos)</i></p> <p><i>Representa muito [...] um passado de recordações das vivências de miúdo até hoje (E22, homem, 42 anos)</i></p>
Pertença	<p><i>Eu já tenho 20 e tal anos de trabalhar na ria [nos viveiros], mas a ria faz parte de mim porque eu vivo na Fuzeta e estou a 100 metros da ria (E11, homem, 61 anos)</i></p> <p><i>A ria faz parte de mim. Acho que a ria faz parte de todos os filhos da Fuzeta, é um membro (E26, homem, 48 anos)</i></p>
Propriedade	<p><i>Que eles não dêem mais concessões, porque acho que os daqui da terra têm direito a usufruir da nossa natureza, somos os que estamos aqui há mais anos, acho que temos direito a não privatizarem a praia toda, não é? (E3, homem, 55 anos)</i></p> <p><i>Porque aquela é que é a paisagem que estamos habituados, aquela é que é a nossa. A outra, há-de ser de alguém, mas esta é que é a nossa, que nós estamos habituados a ver todos os dias e sabemos que temos aquela percepção de ser nosso, de conhecermos as coisas que se passam ao nosso redor (E13, mulher, 46 anos)</i></p> <p><i>Não [mudava], acho que apesar de tudo é nossa e é calma, as outras têm mais confusão (E24, mulher, 19 anos)</i></p>
Expetativas	<p><i>Gostava de... tenho uma ideia de futuro de viver na ria, dentro de um barco. Não é num futuro já próximo mas ando a pensar muito seriamente viver num barco com a família. [...] Era um barco a fazer de casa, um viveiro para eu trabalhar e o barquinho das redes que está lá encostado. Ou seja, com estas três coisas não precisava de mais nada (E8, masculino, 45 anos)</i></p> <p><i>Num futuro próximo vou abrir outro negócio onde estão a fazer os apartamentos novos. Mas também é na ria (E15, mulher, 62 anos)</i></p> <p><i>Agora eu sair daqui, nunca. Os meus dias são para acabar aqui. Não à volta a dar (E10, homem, 76 anos)</i></p>

**Apêndice 7 – Impactos dos fatores disruptivos do apego ao lugar mencionados pelos entrevistados e emoções e sentimentos envolvidos (1/2)**

	<b>Fatores</b>	<b>Emoções e sentimentos</b>	<b>Impactos</b>
<b>Meio físico e natural</b>	Assoreamento e dragagens do estuário da ria	Revolta, indignação	Dificulta o acesso aos lugares favoritos, ao mar e à praia da ilha da Fuzeta Prejudica a quantidade de peixe e marisco disponível para captura e os viveiros Diminui a segurança para a prática de desportos náuticos
	Manutenção ineficaz e inexistência de certas infra-estruturas portuárias	Tristeza	Dificulta o acesso a aceder aos barcos e à ria
	Recolha insuficiente do lixo	Tristeza	Prejudica a prática de fazer praia, passear na praia e caminhar nas ecovias
	Degradação do edifício (emblemático) do “Salvas-vidas”	Tristeza, pena	Origina sentimentos negativos
	Demasiadas concessões de praia e viveiros	Injustiça	Prejudica o fazer praia, mariscar, pesca e a prática de desportos náuticos
	Degradação da Ecovia	Tristeza	Prejudica as caminhadas na ecovia
	Inexistência de infra-estruturas de praia	Tristeza	Prejudica o fazer praia e o turismo
	Destruição natural da ilha da Fuzeta em 2010 e posterior remoção das casas pelas autoridades	Muita tristeza Dor Injustiça	Dificuldade em assistir e aceitar Quebra de apego ao lugar
	Proibição de captura de marisco pelas autoridades devido à presença de toxinas	Injustiça, indignação, desconfiança	Prejudica a atividade profissional de mariscar na ria e a captura de conquilha
<b>Elementos socioculturais</b>	As pessoas jogam o lixo para a ria e para as praias	Irritação, incomodo,	Origina sentimentos negativos para com residentes, especialmente os pescadores e os viveiristas e os caravanistas que jogam lixo para a ria
	Praia lotada e condutas desajustadas		Prejudica e impede a atividade de fazer praia, passear na “Praia dos Tesos” e a prática de desportos náuticos
	Presença de cães na praia e na ecovia	Revolta, Irritação	Prejudica a atividade de fazer praia, passear na “Praia dos Tesos” e caminhar na ecovia
	Excesso de captura ou captura inadequada de marisco	Irritação	Prejudica a atividade de mariscar
	Excesso de barcos e motos de água a navegar na ria	Irritação	Prejudica a navegabilidade, a pesca e o fazer praia nas ilhas barreira

**Apêndice 7 – Impactos dos fatores disruptivos do apego ao lugar mencionados pelos entrevistados e emoções e sentimentos envolvidos (2/2)**

<b>Intervenções legislativas/fiscalização</b>	Proibições de navegar com embarcações a motor nos canais secundários	Injustiça	Prejudica os passeios pela Ria Formosa e o acesso aos lugares preferidos
	Restringimentos à captura de marisco	Medo, Injustiça, dor, tristeza	Prejudica e impede a atividade de mariscar
	Excesso de burocracia		Prejudica a ostricultura e os estabelecimentos de restauração na praia
	Fiscalização insuficiente ou inadequada na captura de marisco	Revolta, tristeza, vergonha	Prejudica a atividade de mariscar
	Pesca com redes ou com aparelhos e a utilização de chalavares	Revolta, perplexidade	Prejudica muito o ecossistema e as atividades da pesca e de mariscar
<b>Transformações individuais</b>	Problemas físicos relacionados com o avançar da idade	Cansaço, medo, diminuição de capacidades físicas	Prejudica e impede a atividade de mariscar e praticar desportos náuticos
<b>Expetativas</b>	Deficiente manutenção da ria		Impede o acesso às ilhas barreira, ao mar, à Ilha da Fuzeta e ao canal para Tavira Comprometer a fauna e flora existentes Desaparecimento da praia da ilha da Fuzeta
	Receio de transformações na zona devido ao desenvolvimento turístico	Revolta, aborrecimento, perda, medo	Prejudica o acesso dos residentes à “Praia dos Tesos” e à ria Prejudica a autenticidade da Fuzeta
	Diminuição da disponibilidade de marisco e peixe	Pessimismo	Prejudica as atividades de mariscar e pescar